

INBALI ISERLES



FOX
CRAFT

O MAGO



ROCCO
JOVENS LEITORES

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

INBALI ISERLES

FOX
CRAFT

O MAGO



ROCCO
MOVENS LETTORES

» LIVRO TRÊS «
O MAGO

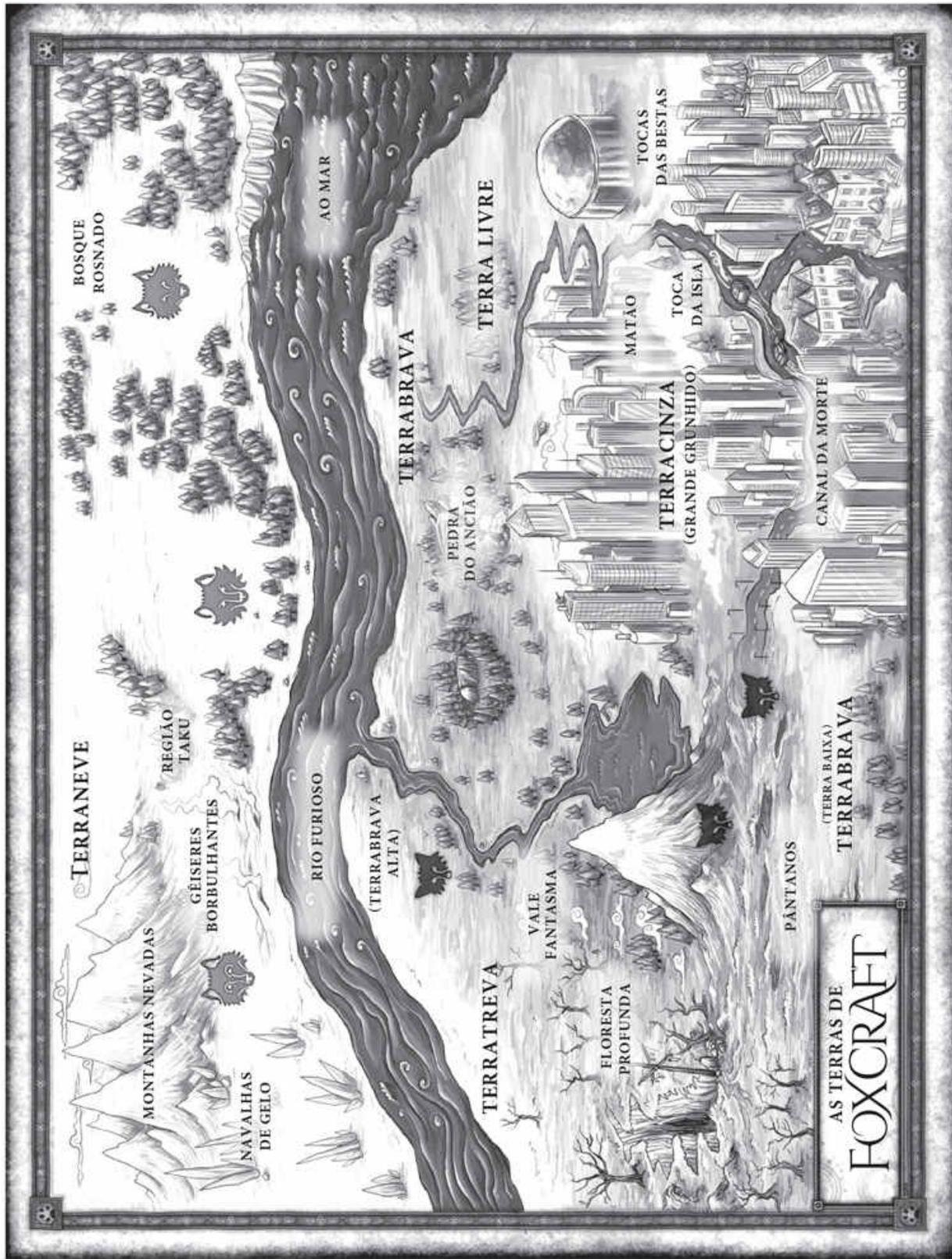
FOXCRRAFT

INBALI ISERLES

Tradução
Débora Isidoro

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Peter Fraser – da Terracina à Terrabrava, apesar da Terraneve e de volta



TERRANEVE

BOSQUE ROSNADO

MONTANHAS NEVADAS

NAVALHAS DE GELO

GÉISERES BORBULHANTES

REGIÃO TAKU

RIO FURIOSO

(TERRABRAVA ALTA)

TERRABRAVA

TERRATREVA

VALE FANTASMA

FLORESTA PROFUNDA

PEDRA DO ANCIÃO

TERRA LIVRE

MATAO

TERRACINZA (GRANDE GRUNHIDO)

TOCA DA ISLA

TOCAS DAS BESTAS

PÂNTANOS

(TERRA BAIXA)

TERRABRAVA

AS TERRAS DE
FOXCRAFT

Blendo



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Glossário](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)



1

Raposa louca, raposa boboca, só mais uma raposa morta.

Eu não conseguia tirar as palavras da cabeça. Costumava cantar esses versos com Pirie quando vivíamos no Grande Grunhido.

Parece que faz muito tempo, outra era. Antes de os Dominados chegarem e meu irmão desaparecer. Quando a vida era mais simples, quando os dias eram curtos e o crepúsculo era cheio de aventura.

Quando mamãe, papai e vovó ainda estavam vivos.

Antes de tudo mudar.

Minhas patas afundavam na neve densa. O vento gritava sobre a tundra. Nuvens cinzentas se moviam encobrindo as estrelas, inundando a noite com um brilho ameaçador. Fios desciam do céu, desenhando curvas e correndo como ratinhos em pânico. Uma nevasca se formava sobre a Terraneve.

O clamor do Rio Furioso se dissolvia no vento uivante. Minhas pegadas me seguiam feito uma sombra. Olhei para o céu tenebroso.

Conseguia ver uma floresta de abetos. Troncos altos contra um fundo de montanhas de picos nevados. Embaixo dos galhos, eu encontraria abrigo na tempestade.

Ouvi um grito e virei a cabeça para olhar em volta, enquanto meu coração tremia entre as costelas. Foi só o vento, ou tinha mais alguma coisa?

Mais alguém?

A Terraneve se estendia diante de mim em todas as direções, um mundo hostil de flocos em movimento e ar congelante.

O reino dos lobos da neve.

O vento barulhento disfarçava seus uivos. A neve que caía confundia a terra com seu pelo cintilante. Os lobos eram ativos durante o dia, como os cachorros? Ou, como as raposas, eram capazes de caçar à

noite? Eu sabia muito pouco sobre nossos selvagens e distantes primos.

Pisquei com força. Se os lobos estavam à espreita, eu não conseguia vê-los.

Não conseguia ver muita coisa no meio da nevasca. Agora, mal podia enxergar os abetos, só uma confusão distante de grossos troncos marrons.

Tentei farejar o cheiro de Pirie. O ar gelado não revelava pistas.

Eu estava sozinha na imensidão. Inclinei a cabeça, minhas orelhas apontando para a frente. Aves... coelhos... insetos. Tinham que estar próximos. Mesmo no Grunhido, sempre havia pombos e ratos, besouros e moscas. Eram muitos barulhos diferentes. O tagarelar dos sem-pelo, os rugidos do canal da morte.

Flocos de neve congelantes grudavam nos meus cílios e deixavam meu pelo pesado. Que criatura escolheria ficar ao ar livre no meio disso?

Eu me sacudi. As almofadas das minhas patas estavam entorpecidas de frio. Onde eu estava com a cabeça? Acreditava que chegaria aqui e, de algum jeito, saberia aonde ir? Siffrin estava certo, eu não devia ter vindo. Instintivamente, olhei para trás. Ele estava muito longe de mim, na distante margem do rio. Longe da Terrabrava e da Floresta do Ancião. Minha torcida era para que ele tivesse escapado dos Dominados.

Ele vai ficar bem, tentei me convencer. Ele tem Foxcraft.

A dúvida me corroía. Havia *muitos* Dominados. Pior ainda, eu tinha visto a Narral, os assassinos do Mago. Diferente dos

Dominados, eles agiam por conta própria, com liberdade. Eram mestres de Foxcraft e reconheceriam os truques de Siffrin.

Respirei fundo. Precisava acreditar que ele estava em segurança.

De cabeça baixa contra o vento, fiz um esforço maior, determinada a alcançar o abrigo das árvores. O vento gelado soprava meu pelo e roçava na pele. Por quanto tempo eu sobreviveria ao ar livre nesse frio profundo? O maa dos anciãos havia se esgotado. Desperdicei esse poder prateado quando me transformei na grande ave. Por alguns momentos, eu tinha voado sobre a Terrabrava, uma criatura feita de asas e penas. Atordoada, eu me lembrei da euforia de voar, o ar envolvendo meu corpo e me erguendo bem alto sobre o mundo.

Então o wa'akkir falhou e me derrubou.

Caí depressa, mergulhando fundo na água congelante.

Depois do tumulto, a margem. A terra do vento cortante, um lugar além do alcance do malinta.

Minha pata escorregou no gelo. Cambaleei para a frente, rolei na neve e bati o focinho no solo congelado. A brancura me envolveu e fechei os olhos.

Raposa louca, raposa boboca...

Louca de entrar sozinha na Terraneve. Eu não havia pensado nisso direito... não havia pensado de jeito nenhum. Foi loucura imaginar que simplesmente *encontraria* meu irmão na tundra infinita.

Eu, uma estranha nos caminhos de gelo.

Boboca por abandonar as raposas da Terrabrava, quando elas estavam sob ataque. Os anciãos estavam enfraquecidos, a Terratrevra crescia. Mas o que eu poderia fazer? A culpa se acumulava na base da minha cauda. Eu os havia deixado para lutar sozinhos contra o Mago.

Levantei-me com um ganido. Meus flancos tremiam de frio. Os tremores balançavam meu pelo, e o vento guinchava em minhas

orelhas. Tentei resistir a tudo isso mantendo a cabeça quase encostada na neve densa. Meu coração ficou apertado: eu não

conseguia mais ver as árvores. Tudo havia desaparecido embaixo de mais neve. Até as montanhas de picos nevados tinham se perdido no céu carregado.

Confusa, olhei em volta. Minhas pegadas desapareciam, apagando o caminho que eu havia percorrido desde a margem do rio.

Logo eu também vou desaparecer.

Eu tinha acabado de chegar à Terraneve, e o território brutal já estava me derrotando.

Não, pensei, sentindo uma onda de raiva. Ela se espalhou por meus membros, aquecendo minhas patas. Comecei de novo através da neve. Mas não sabia mais em que direção andar.

O vento assobiava estridente feito um grito de raposa.

Por aqui.

Minhas orelhas ficaram em pé. Alguém tinha falado? Comecei a andar na direção do assobio. Depois de alguns passos, bati contra uma parede de neve. Flocos se desprenderam e deixaram à mostra uma caverna baixa. Ofegando de alívio, entrei e enrolei a cauda de um lado do corpo. Fora da ventania cortante, o frio era suportável.

Eu esperaria a nevasca seguir seu caminho. Depois começaria a procurar meu irmão. Não sabia onde nem como. Mas encontraria um jeito.

Caí em um sono profundo, e nele a tempestade de neve se erguia à minha volta, me levantava do chão e me carregava por cima das nuvens. Como o grande pássaro, eu voava alto no céu, observava a Terrabrava e flutuava sobre o Grunhido. A tempestade me deixou em uma pradaria tranquila. Pássaros piavam e trinavam nas árvores.

Insetos faziam ruídos na grama alta. O sol fazia cócegas em meu nariz e cintilava em meus bigodes. Eu tinha a estranha sensação de já ter estado ali antes, mas não era a pradaria onde vivia o bando da Terrabrava. Não muito distante da tranquilidade da

relva alta, eu ouvia o canal da morte. Tocas de sem-pelo amontoadas ao longe, cinzentas e imponentes.

Faz muito tempo, Isla. Vovó surgiu do meio da grama.

Meu coração deu um pulo, e corri para ela.

Vovó apoiou o focinho manchado no meu.

– Queria que nunca tivesse ido embora, vovó.

Eu também. Às vezes acontecem coisas que não planejamos.

– Você disse que podíamos ficar perto da toca, disse que estava tudo bem. Você falou para mim e para Pirie. Você prometeu.

Mas você não ficou perto da toca, ficou, Isla? Ela se afastou um pouco de mim. Seus olhos mergulharam nos meus, e a ponta da minha cauda tremeu.

– Só fui ao matão. Não era para ficar muito tempo. Não pensei que fosse sentir minha falta...

E Pirie?

Olhei para ela e pisquei.

– Ele não estava comigo.

– Mas também não voltou para a toca. Como você, ele se afastou.

Baixei o focinho.

– Desculpa – choraminguei. – Desapontamos você. Mesmo com todos os seus avisos, não obedecemos. Saímos de perto da toca sem você.

Que bom que foram.

Olhei para ela.

É claro que estou contente, disse vovó. Isso salvou a vida de vocês.

Abaixei o focinho. Eu deveria estar lá quando os Dominados chegaram. Devia ter feito alguma coisa para ajudar minha família.

Você não tem culpa de nada disso, afirmou vovó, como se lesse meus pensamentos. Não foi você quem trouxe os Dominados.

– Por que alguém os traria? – perguntei com tristeza.

Percebi uma quietude repentina. Os rugidos do canal da morte desapareceram. Os pios e trinados dos passarinhos da pradaria

sumiram. Estendi as patas, como se pretendesse me agarrar ao sonho à força.

– Vovó?

Senti um frio me percorrer. Meus olhos se abriram e estremeci. Os músculos doíam sobre o chão duro da caverna. Olhei em volta, tentando lembrar como tinha chegado ali. Meio dura, rolei o corpo e fiquei em pé. Andei até a boca da caverna. A nevasca tinha ido embora durante a noite. Uma luz dourada rasgava o horizonte escuro. Nada se movia, nem mesmo um floco de neve.

Minhas orelhas se ergueram quando olhei para a tundra.

O silêncio tinha uma cor. Era um arco infinito e perfeitamente branco. Espalhava-se pelas montanhas distantes, cobria com seu pelo as flores de abeto. Eu podia sentir seus dentes afiados e quietos em meu pelo úmido.

A luz do amanhecer era ofuscante na neve. Cristais pairavam no ar gelado. Minha respiração flutuava como névoa, único movimento até onde a vista podia alcançar. Pelo menos a tempestade havia passado. O vento não era mais tão forte.

O barulho de patas esmagando a neve. O baque do peso sobre a terra. Com cuidado, espiei pela entrada da caverna. No início, só consegui sentir os passos. Momentos depois, eles apareceram na neve que cobria tudo. Três lobos gigantescos com mandíbulas furiosas se movendo pela tundra. Notei o balanço do pelo desgrenhado, a contração dos músculos nos quadris fortes. O

tamanho deles me impressionava. O lobo nas tocas das bestas era assim tão grande? Ele era esguio, tinha um pelo longo e fino. Esses três lobos eram largos e encorpados, tinham olhos claros e brilhantes e focinhos limpos.

Recuei para o interior da caverna.

Eles não podem me ver!

Pelo menos a nevasca havia apagado minhas pegadas. Com o coração palpitando, eu me lembrei do túnel que cortava a montanha na Terrabrava. Tinha que ter outra saída. Mas farejei a caverna, e só

encontrei uma parede de pedra. Estendi uma pata preta dianteira. A rocha cintilava por causa do gelo, e era congelante ao toque.

Eu não podia me arriscar atravessando a tundra, não com lobos por perto. Meu pelo dourado me fazia vulnerável na imensidão branca. Aqui, ao menos tinha um esconderijo. Ficaria esperando e manteria as orelhas em pé, caso os lobos se aproximassem. Três feras gigantescas não conseguiriam passar por ali em silêncio.

Observe! Espere! Escute!

Fiquei tensa, aguicei os sentidos.

Patas esmagando a neve. Uma sombra saltou sobre a pedra.

Eu me virei.

Os lobos estavam na entrada da caverna. Eu me abaixei sobre as patas traseiras e comecei a recitar.

– O que foi visto é desvisto; o que foi sentido agora é insensibilidade. O que era osso se dobra; o que era pelo é ar.

Não aconteceu nada. Olhei aflita para minhas patas. Eram pretas e visíveis sobre o chão da caverna.

Não tenho maa suficiente!

Corri para a parede de gelo, meu pelo se arrepiou, ficando em pé como se fosse de espetos. Os lobos bloqueavam a saída. Era tarde demais para correr.

O do centro era branco como a neve.

– O que é *isso*?

Os outros dois que o acompanhavam chegaram mais perto, a cabeça baixa e as orelhas apontando para trás. Seus movimentos projetavam formas escuras pela caverna.

Um deles tinha o pelo cinza e branco. Ele me encarou.

– Um invasor.

O lobo de pelo branco no centro do trio franziu o focinho.

– Como ela se atreve a vir aqui? No *nosso* território?

– Não estou fazendo mal nenhum – arfei. – Eu não sabia que estava no seu território, não sou da Terraneve.

– E ainda *me* enfrenta, espertinha? – grunhiu o lobo branco. –

Não se contém diante de um lorde? – Os cantos de sua boca enorme se curvaram para baixo em sinal de desgosto. – Isto aqui não é só a *Terraneve*, este é o Bishar dos Claw, o maior Bishar dos reinos congelados. Nosso código está gravado no ar e na terra. E

ocê... – Ele me examinou com os olhos gelados. – *Você* é uma invasora. Quem invade nossas terras é castigado.

A fêmea ao lado dele deu um passo em minha direção. Só as pontas prateadas das orelhas e da cauda diferiam da brancura do pelo. Os olhos grandes eram azuis como o céu.

– É para matar, Lorde Mirraclaw? – Os lábios se ergueram sobre as grandes presas.

O lobo branco virou-se para o outro lado, como se já estivesse entediado.

– Arraste para a neve – rosnou. – O sangue dela vai servir de aviso para os outros.



2

A loba de olhos azuis como o céu me pegou pelo pescoço e me jogou na neve. Derrapei até bater contra o lobo cinza e branco.

– A espertinha é rápida – rosnou ele. – Lorde Mirraclaw, podemos brincar um pouco antes de a deixarmos para os corvos? – E bateu com a pata em meu flanco, me fazendo girar.

A loba de olhos azuis abocanhou meu pescoço e me imobilizou.

Meu corpo ficou paralisado, e ofeguei.

– Não é muito boa de luta. Olha essas pernas finas. Não serve nem para treino dos filhotes.

O macho cinza e branco parou ao lado da fêmea. Ele se debruçou sobre mim mostrando as presas.

– Não sei bem o que ela é – grunhiu o macho. – Algum tipo de rato gigante, talvez. Lordessa Cattisclaw, você sabe?

A fêmea apertou meu pescoço com mais força entre os dentes.

– Não é um rato. Uma coruja esquisita e sem asas? Uma lebre de pernas finas?

O lobo branco, o que eles haviam chamado de Lorde Mirraclaw, empurrou seu focinho largo entre os dois e olhou para mim com uma careta de repulsa.

– Idiotas – rosnou. – Ela entende. Deve ser um dos filhotes da Rainha Canista. Uma raça inferior que deveria ter perecido na batalha por supremacia. Vejam como ela implora pela vida patética que tem.

– E abaixou o focinho, retraindo os lábios sobre os dentes

pontiagudos. – Não está com medo, criatura miserável? Sozinha aqui sem seus amigos? – Quando o lobo branco se aproximou, os outros recuaram. – Não vai implorar para pouparmos sua vida?

Consegui me soltar, mas estava cercada. Meu coração urrava entre as costelas.

Opressores! Nunca vão me ver implorar.

Encarei o lobo branco, Mirraclaw. Apesar do pavor, minha voz era firme.

– Não tenho medo. Não tenho amigos. Sou uma *raposa*.

– Ela tem coragem. – A fêmea sacudiu a cauda prateada como se estivesse se divertindo. – Gosto dela. O que acha, Norralclaw?

O lobo cinza e branco saltou para a frente e bateu com a pata em meu peito. Rolei na neve, tentando não perder o fôlego. No momento em que consegui ficar em pé, a fêmea me deu um empurrão com seu ombro grande e me jogou longe. Rolei pelo solo branco e bati em alguma coisa dura – a perna grossa de um lobo.

Mirraclaw olhava para mim.

– Chega! – rosnou. – É hora de voltar ao Bishar dos Claw.

Acabem com a raposa-ka!

A fêmea saltou para a frente com os lábios tão retraídos que as gengivas rosadas ficaram à mostra.

O terror me invadiu.

O Bishar dos Claw.

Pensei no lobo das tocas das bestas. Qual era o nome dele?

– Farraclaw! – gani.

Os lobos pararam e arregalaram os olhos. Notei que eles se entreolharam.

– O que foi que disse? – perguntou Mirraclaw.

Eles o conhecem!

– Vim procurar Farracław – anunciei, pensando depressa. – Tenho um recado para ele.

– De quem? – A fêmea quis saber.

Eu precisava manter a calma.

– Não tenho permissão para revelar.

– Que tipo de recado? – indagou o lobo branco. Seus olhos amarelos e frios falavam de morte.

– Uma mensagem secreta. Só posso revelar a Farracław.

Pensei que Mirracław me atacaria, mas ele continuou parado.

Uma orelha branca girou. Por um instante, ninguém disse nada.

Encorajada, pigarreei.

– Preciso encontrar Farracław. É questão de vida ou morte.

Mirracław me olhava de cara feia. O sol se erguia sobre a Terraneve, projetando uma luz fraca sobre seus ombros largos, criando um halo de chamas frias. Ele se virou com o pelo eriçado.

– Por aqui – grunhiu. – Lordessa Cattisclaw, faça-a andar depressa.

A fêmea me empurrou na frente dela. Os lobos saltavam sem esforço. Para mim, era mais difícil. Eu tinha que pular sobre a neve, e cada pulo terminava em uma aterrissagem desajeitada. Apesar dos empurrões e das cutucadas, eu não conseguia acompanhá-los.

No fim, Lordessa Cattisclaw fechou a boca em torno do meu pescoço e me levou como se eu fosse um filhote. Sua mordida não era muito

suave. Eu sentia os dentes perfurando minha pele e cada solavanco provocado pelo contato das patas dela com o chão.

Forcei os olhos a permanecerem abertos, decidida a ver para onde íamos.

Em meio aos saltos desconfortáveis, via lampejos da paisagem.

Mirraclaw ia à frente do grupo, abrindo caminho pela tundra. O outro macho saltava ao lado de Cattisclaw. Lá na frente, eu via abetos salpicados de branco. Era a floresta que eu tinha notado na noite anterior, a que desapareceu na nevasca. Os lobos não demoraram a alcançar as árvores. E mesmo assim continuavam correndo, como se nunca se cansassem. Por onde passavam, pássaros guinchavam e voavam para longe. Uma criatura levantou a cabeça peluda e mergulhou na neve.

Os lobos não paravam.

Corriam encosta acima. Vi lagos congelados e pedras formando arcos. Montanhas distantes eram envoltas em nuvens, mas lá em cima o céu era azul. O sol se erguia e fazia a neve brilhar, mas não trazia nenhum calor.

Os lobos continuavam correndo. A fêmea me mantinha presa entre os dentes. Eu sentia dor no pescoço, mas continuei quieta, me esforçando para manter a cauda recolhida embaixo do corpo. Tinha que me concentrar, pensar em um plano. Eu realmente encontraria Farraclaw? Ele se lembraria de mim? O lobo enjaulado não era nada parecido com esses três animais musculosos. Não tinha essa confiança e esse poder. Eu me lembrei das costelas salientes embaixo do pelo ralo e do bigode que havia perdido muitos fios.

Mesmo que ele decidisse me ajudar, o que Farraclaw faria contra o poder do Bishar?

Agora que os lobos andavam mais devagar, eu tinha uma visão melhor do mundo à minha volta. Um círculo de pedras atravessava a neve, como se estivéssemos passando por mandíbulas gigantes.

Vapor se erguia do chão. Estiquei o pescoço e vi uma cintilante poça azul, e me espantei ao sentir seu calor. Como essa poça permanecia quente, se estava cercada de neve? Por que a água não congelava?

Um fio de água brotava da poça. Senti o calor diminuindo quando a água passou por um dente de pedra. Mirraclaw abaixou a cabeça, murmurou algumas palavras e bebeu com avidez. Cattisclaw me soltou sobre a neve compacta. Respirei fundo, tonta da viagem. Vi a loba e o outro macho bebendo da água corrente.

– Lorde Mirraclaw – chamou Cattisclaw. – Posso deixar a raposa beber?

– Da água sagrada? – respondeu ele com desdém, sem se dignar a olhar em volta. – É claro que não. Raposa-ka está aqui contra minha vontade. Por mim, raposa-ka pode morrer de sede.

Pensei que isso, pelo menos, era improvável, considerando toda a neve que nos cercava. Mas, quando olhei para o fino córrego

transparente, quis muito sentir o gosto daquela água doce.

Os lobos logo retomaram a caminhada, mas agora iam mais devagar, atentos aos próprios passos. Cattisclaw me empurrava para a frente. Eu andava entre ela e o macho cinza e branco, com Mirraclaw ainda na dianteira. Uma rocha dourada brilhava diante de nós. Quando a alcançou, Mirraclaw olhou para Norralclaw.

– Convoque uma reunião do senado – ordenou.

– Sim, milorde.

Mirraclaw abaixou a cabeça diante da pedra dourada. Os dois lobos atrás dele se mantinham rígidos.

Minhas orelhas se voltaram para a frente.

Mirraclaw falou com tom solene:

– Nobre Rei Serren do Bichar dos Claw, que guarda este reino e nos mantém em paz. Deixe passar os que são honrados de propósito e puros de coração. – Ele levantou o focinho e seguiu em frente. O macho cinza e branco o seguiu, parou diante da pedra dourada e repetiu as palavras de Mirraclaw.

Olhei para Cattisclaw.

– Você tem que pedir permissão para entrar no Forte Congelado – explicou ela.

Senti os pelos se arrepiarem em meu pescoço. *O Forte Congelado*. Eu não sabia se queria entrar.

– Pedir permissão a quem?

Os olhos azuis de Cattisclaw penetraram os meus.

– Ao espírito ancestral que protege a entrada.

Olhei para a pedra dourada. Além dela, Mirraclaw e o lobo cinza e branco já estavam longe. Lambi os lábios e olhei novamente para Cattisclaw.

– Não sei o que dizer.

A loba suspirou.

– Saia da frente, raposa. – Ela parou diante da pedra e me encarou com um olhar firme. – Abaixei a cabeça.

Fiz o que ela mandava.

Cattisclaw repetiu as palavras de Mirraclaw.

– Nobre Rei Serren do Bishar dos Claw, que guarda este reino e nos mantém em paz. Deixe passar os que são honrados de propósito e puros de coração. – E ela se inclinou para mim. – Agora vai, raposa.

Notei que ela não me chamava de raposa-ka, como Mirraclaw.

Passei na frente dela mais uma vez e seguimos andando, ultrapassando a pedra dourada entre os dois dentes de rocha.

Enquanto andávamos, vi as marcas deixadas recentemente por patas na neve. Já conseguia sentir o cheiro no ar gelado; sete, oito... perdi a conta. Eram muito mais do que havia em um bando de raposas. Farraclaw estava entre eles?

Pontas salientes de gelo marcavam os dois lados do caminho que percorríamos para o interior do território dos lobos. A luz dançava refletida nelas, perolada e cintilante. O gelo descrevia uma curva sobre minha cabeça em uma passagem fechada – uma caverna gelada. Fragmentos de reflexos se moviam à nossa volta. Percebi o brilho distorcido das costas claras de Mirraclaw no teto de gelo enquanto ele andava à nossa frente. Olhei para trás. Agora havia outro lobo perto da rocha dourada. Ele observava com as orelhas em pé.

– Depressa, raposa-ka! – Mirraclaw e o lobo cinza e branco tinham parado lá na frente. O lobo branco baixou o focinho e cochichou com urgência: – Mantenha a cabeça abaixada o tempo todo. Dirija-se à corte com respeito. Não fale, a menos que seja convidada a falar.

Enrolei a cauda de um lado do corpo.

– Por aqui – grunhiu ele. E voltou a andar.

Cattisclaw me deu um empurrãozinho.

– Faça o que Lorde Mirraclaw disse.

Olhei para ela com desespero.

– Por favor, só quero falar com Farraclaw. Por que me trouxeram aqui?

– Você tem que se curvar para o príncipe e a corte dos Claw. É assim. Só depois vai poder falar.

– Depois, vocês vão me matar – lembrei com tom sombrio.

– Talvez – disse ela com os olhos azuis brilhando.

O cheiro de lobos ficava mais forte na medida em que seguíamos Mirraclaw pela passagem. Logo o caminho à minha frente ficou mais largo, subindo até se abrir em uma grande câmara de gelo acima da minha cabeça. O sol batia na cúpula congelada. O gelo vibrava com a luz, com tons de verde, azul, roxo e vermelho. Olhei para cima e me senti meio tonta, atordoada com as cores.

Engoli em seco, minha garganta tão seca quanto poeira.

Pensei na água cristalina do córrego. Empurrei o pensamento para longe.

Foco, Isla.

Foxcraft poderia me ajudar? Eu devia reduzir? Usar karak?

Também tinha wa'akkir... Os anciãos me ensinaram a mudar de forma, mas eu estava exausta da viagem. Teria maa suficiente para transformar minha aparência?

Eu precisava preservar o maa que me restava, tinha que me controlar.

Respirei fundo e olhei para a frente. Sabia que eles eram muitos, tinha sentido o cheiro forte, mas ver tantos lobos me fez quase

desmaiar de pavor. Eles estavam distribuídos em fileiras. Tinham deixado um espaço no meio, por onde Mirraclaw passava agora, carrancudo e mostrando os dentes. Quando o lobo branco passou entre as fileiras, os outros ficaram tensos. Olharam para mim projetando o focinho para o alto.

Tremendo, passei entre os lobos e evitei os olhares selvagens.

Tentei não prestar atenção às garras irregulares. Tentei não pensar nos dentes enormes.

– Continue andando – cochichou Cattisclaw. – Faça como Lorde Mirraclaw disse. – Ela se afastou e ocupou um lugar na primeira fileira de lobos. Lá na frente, o macho cinza e branco se acomodou na fileira atrás dela. Sem alternativa senão seguir o lobo branco, quase lamentei ver os dois se afastarem.

Mirraclaw não olhou para mim. Continuou andando entre os lobos até chegar ao outro lado da câmara. Seu sentimento de superioridade era evidente em tudo que fazia – na cauda erguida, na boca firme, em como os outros lobos recuavam para deixá-lo passar. Examinei todos rapidamente, procurando a besta desgrenhada que havia conhecido no Grande Grunhido. Mas quase não podia distinguir um do outro. Os lobos eram uma grande massa de músculos tensos, ombros largos e pelos abundantes. Todos pareciam estar em melhor forma do que estava Farraclaw.

Quando Mirraclaw se aproximou da parede de gelo no fundo da câmara, ele se virou e falou ao grupo:

– Todas as honras ao príncipe!

– Todas as honras ao príncipe! – responderam os lobos. As vozes eram como um estrondo, e minhas orelhas apontaram para trás.

Como se fossem um só, os lobos se inclinaram até o chão e abaixaram a cabeça. Até Mirraclaw se deitou sobre a barriga.

O silêncio invadiu a câmara. Os lobos se mantinham imóveis.

Uma sombra surgiu entre eles.

– Curve-se, raposa-ka! – rosnou Mirraclaw.

Ele bateu em minhas costas com sua grande pata, e desabei no chão. Mas não abaixei a cabeça. Se a morte vinha em minha direção, eu queria olhar nos olhos dela.

Estiquei o pescoço. Sobre o mar de cabeças baixas do Bishar, avistei o senhor dos lobos. Ele se movia entre os outros demonstrando domínio. Seu pelo branco cobria os ombros entremeado de um cinza prateado. Ele andava sobre patas fortes, com a cauda esticada. Beleza e poder o cercavam como almíscar.

O lobo baixou o olhar. Seus olhos eram como a lua. Vi fogo neles, um raio de intensa violência vermelha.

– Salve o Príncipe Farraclaw Mandíbula-Valente! – latiu Mirraclaw.

– Salve! – responderam os lobos.

– Farraclaw? – arfei. Sua barriga, antes sarnenta e careca, agora estava coberta de pelos claros e lisos. O pelo desgrenhado de antes era agora como um manto brilhante cobrindo seus ombros. Todo o seu corpo vibrava com maa.

As orelhas do lobo rodaram e ele olhou para mim. Com uma postura mais relaxada, disse:

– Isla da Terracinza.

– Conhece essa raposa? – balbuciou Mirraclaw, surpreso.

Os olhos de Farraclaw não se desviavam de mim.

– Como poderia esquecê-la? Ela me libertou das tocas das bestas. Devo a ela minha liberdade. – O lobo inclinou a cabeça e balançou a cauda uma vez. – Então, Isla – disse ele. – Você está muito longe da Terracinza. Veio cobrar sua dívida?



3

A luz cintilava no teto da câmara de gelo. Embaixo dela, os lobos se mantinham abaixados, com a barriga encostada no chão. Mas levantaram a cabeça e assistiram a tudo com curiosidade.

Farraclaw sentou-se na minha frente. Admirei seu tamanho.

Mesmo que eu me levantasse sobre as patas traseiras, não alcançaria seus ombros.

– Isla da Terracinza! Você veio de longe! – A voz dele era profunda. – Onde a encontrou, Lorde Mirraclaw?

– Eu estava protegendo o Vale da Tempestade com a Lordessa Cattisclaw Feroz-Raa e o Guerreiro Norralclaw Raa – respondeu Mirraclaw. – A raposinha estava escondida na Caverna de Nirrabar.

E nem se desculpou. Quase a executamos pela insolência.

Farraclaw olhou para mim, não para Mirraclaw.

– É verdade?

O medo sussurrava em minha nuca. Eu esperava que Farraclaw me protegesse, depois da promessa que fez na Terracinza, mas isso tinha sido há muito tempo. Naquela época, eu nem imaginava que posição ele ocupava. Como agiria na presença de seu Bishar?

Mirraclaw se curvou profundamente.

– Só a poupamos porque ela pronunciou seu nome, Príncipe Farraclaw. Disse que tinha um recado.

– É mesmo? – Farraclaw continuava olhando para mim.

– Eu... – Minha voz soou esganiçada na câmara silenciosa. Senti os lobos da neve se esforçando para me ouvir. – Ainda estou procurando meu irmão.

Farraclaw inclinou o focinho.

– O que desapareceu? Você nunca o encontrou?

Passei a língua pelo focinho.

– Procurei na Terrabrava. Fui falar com as Raposas Anciãs; dizem que elas são as mais sábias da minha espécie. Um bando da região me ajudou, mas eles foram atacados. Um dos anciãos se tornou mau, está escravizando as raposas e as obriga a se voltarem contra seus antigos bandos. – As palavras saíam apressadas, desordenadas. Minha cauda estava no chão.

Mirraclaw bufou.

– Problemas entre as raposas. Parece sério – debochou.

– Silêncio! – latiu Farraclaw, e a reação dele me pegou desprevenida. Dei um pulo para trás e meus pelos ficaram em pé.

Mas a fúria do príncipe não tinha a ver comigo. Ele encarava Mirraclaw. O lobo branco deitou-se no chão, as orelhas apontando para os lados, para fora. A tensão era como uma onda se movendo entre os lobos, palpável no ar frio. Ninguém se mexia.

A voz de Farraclaw readquiriu a suavidade, tornando-se quase um ronronado.

– Isla, o que estava dizendo?

Olhei nervosa para Mirraclaw. O lobo branco estava de cabeça baixa, encarando o chão.

– Não consegui encontrar Pirie. Os anciãos me disseram para procurar na Terraneve. – Olhei nos olhos de Farraclaw. – Tem que ser um lobo. Nenhum filhote de Canista é maior!

O príncipe me encarou admirado.

– Veio até aqui sozinha?

– O que mais eu podia fazer? – perguntei em voz baixa. – Siffrin deveria ter me encontrado, mas não conseguiu atravessar o Rio Furioso.

O lobo da neve bufou animado. Depois, abaixou o grande focinho, e eu me encolhi. Mas ele não me machucou – não, ele me cutucou de um jeito amigável. Senti seu cheiro almiscarado.

– Você é bem corajosa, não é, Isla? – Sua cauda balançava. –

Não sei como posso ajudar, mas ajudo, se puder. Um lobo da neve nunca esquece uma dívida. – Ele ergueu a cabeça para se dirigir ao Bishar. – Todos em pé – ordenou.

Os lobos obedeceram à ordem e olharam para ele atentos. Pelo canto do olho, vi Mirraclaw se levantar e sacudir o pelo.

Farraclaw me deu um empurrãozinho.

– Esta jovem raposa é Isla. Ela é nossa hóspede, é amiga do Bishar dos Claw. Como sabem, os sem-pelo me pegaram e me prenderam em suas horríveis tocas de exposição, onde muitos iam me admirar. No fundo do meu coração, morri muitas vezes ali, tão longe da Terraneve. Eu não teria sobrevivido por muito mais tempo.

Gemidos e ganidos solidários se ergueram no Bishar.

– Isla me soltou, arriscou a própria vida por minha liberdade. Ela é digna do maior respeito. Pode andar por nosso reino, pode comer da nossa caça. Sejam amigos dela e a protejam como se ela fosse um de nós. – Farraclaw levantou o focinho. – Um Bishar, unido sob as Luzes da Rainha Canista. Pela amizade. Pela honra. Para sempre.

– Pela amizade. Pela honra. Para sempre! – repetiram os lobos.

Suas vozes ecoaram na câmara de gelo, e eu me encolhi.

Farraclaw sacudiu o pelo salpicado de cinza.

– Venham cumprimentar nossa hóspede!

O Bishar abandonou a ordem rígida. Os lobos se aproximaram de nós. Respirei fundo. Ver tantos lobos fazia minha barriga se contrair.

Mas percebi pelas caudas em movimento que eles eram amigos. Os lobos se reuniram à minha volta latindo, farejando, com as orelhas apontando para os lados.

– Bem-vinda, Isla – diziam.

Cattisclaw abriu caminho entre eles.

– Amiga do Príncipe Farraclaw é amiga de todos nós.

Balancei a cauda uma vez.

– Parece que não vão me matar, afinal.

Cattisclaw latiu de um jeito divertido.

– Hoje não – confirmou ela com os olhos brilhantes.

Os lobos chegaram mais perto, balançaram a cauda e inclinaram o pescoço. Eles me cercavam, formavam um mar de pelos claros acima da minha cabeça.

– Deixem a pobre raposa respirar! – pediu Farraclaw. – Todos vocês terão uma chance de conhecê-la melhor. – Os lobos recuaram, mas ainda balançavam a cauda. Farraclaw inclinou a cabeça. – Vai ficar aqui por enquanto, não vai, Isla?

Minha cauda tremeu, esperançosa.

– Se não tiver problema.

– Vou mostrar o Bishar para você saber onde está e, enquanto isso, pode me contar mais sobre sua busca. – Ele começou a andar em direção à saída da câmara, e os lobos se afastaram para abrir caminho.

– Até mais tarde, Isla – disse Cattisclaw. Ela me deu um empurrão amigável com o focinho molhado.

Fui atrás do príncipe lobo, trotando para conseguir acompanhá-lo.

A luz mudava no interior da câmara. Olhei para os lobos da neve, que ganiem e rosnavam baixinho em sinal de boas-vindas. Agora havia vida e movimento entre eles. Não era só o balançar de caudas; eles pulavam e se jogavam uns contra os outros, se lambiam e se empurravam.

Era uma alegria que parecia com a dos filhotes, e era contagiante.

Comecei a me sentir mais animada. A Terraneve era brutal, mas eu estava segura com Farraclaw, pelo menos. Talvez os lobos pudessem me ajudar a encontrar Pirie.

Quando comecei a me afastar, notei Mirraclaw. Ele estava no fundo da câmara, e seus olhos amarelos refletiam a luz. As orelhas em pé se inclinavam ligeiramente para a frente, a cauda estava

tensa, dura. Seu focinho franzido deixava ver uma longa presa branca.

Farraclaw parou na entrada da câmara e me esperou. Ele olhou para mim com a cabeça inclinada. Seus olhos dourados não eram mais ferozes – havia afeto neles também.

– Bem, bem – disse ele em voz baixa, agora que os outros lobos não podiam mais nos ouvir. – Você é uma criatura pequena, quase do tamanho dos nossos filhotes. Pequena, mas poderosa. – A voz me dizia que ele estava brincando comigo, mas não era só provocação. Também havia admiração.

– E tem filhotes no Bishar neste momento? – perguntei.

– Ah, sim – respondeu Farraclaw. – Quatro belos filhotes. – E a cauda se ergueu orgulhosa. – Quer conhecê-los?

Eu não sabia se gostava muito da ideia de filhotes gigantes.

Podiam não ser tão obedientes às ordens do príncipe, não como os adultos tinham sido. Mas seria grosseiro dizer que não.

– Tudo bem – murmurei. – Sua companheira está no Bishar?

– Minha companheira? – Farraclaw me olhou de lado. Depois, a compreensão mudou sua expressão, e ele balançou a cauda. – Ah, não são meus!

– Não são?

– É claro que não! Só o rei e a rainha têm filhotes. Mas todos nós adoramos os pequenos, tanto que é quase como se fossem nossos também. – Farraclaw voltou a andar. Corri para acompanhá-lo. Ele me levou pela passagem de gelo e virou em uma curva que eu não havia notado antes. Senti o cheiro forte de lobos da neve marcando a trilha, mas o almíscar de Farraclaw era mais forte que os outros aromas. Seu domínio era gravado na terra sob suas patas e nas paredes frias, silenciosas. Eu não sentia nenhum lobo maior, nenhum maa mais forte.

– Pensei... – Eu estava intrigada, lembrando como Farraclaw havia comandado todo o Bishar. – Você não é o líder?

Ele ficou sério, e senti seu maa mais tenso. O lobo permaneceu em silêncio por um instante, enquanto me levava para fora, para uma floresta de álamos. Os troncos prateados cintilavam em meio à neve fresca. Ele parou ao alcançar a primeira árvore e se inclinou, murmurando algumas palavras que não entendi. Depois, andou entre elas farejando intensamente.

– Este é o Bosque Claw. Ele contorna a região norte do nosso território.

Ouvi um ganido estridente, o grito alarmado de uma criatura pequena. Olhei para os galhos e vi pelos e olhinhos escuros. A criatura estava pendurada no tronco da árvore, guinchando.

Minha barriga roncou.

– É aqui que vocês caçam? – perguntei.

– Aqui? – estranhou Farraclaw. – Não... nossa presa não se atreveria a chegar tão perto. Temos que viajar para encontrar a melhor caça.

– Mas tem caça aqui – comentei, confusa.

O lobo da neve seguiu meu olhar e viu a criatura guinchando no álamo. Ele bufou, e notei o vapor saindo de seu focinho preto.

– Não caçamos ratos das árvores! – Sua cauda começou a balançar. – Ah, Raposa, como somos diferentes.

Eu me lembrei de que ele havia debochado de mim no Grande Grunhido. Estufei o peito com orgulho.

– Não tem nada de errado com eles!

– Melhor que se fartar com o lixo dos sem-pelo, eu acho –

respondeu Farraclaw. Ao ver minha expressão, ele ficou mais sério.

– Não se ofenda com minhas brincadeiras, jovem raposa. O Bishar morreria de fome em pouco tempo se tentássemos encher a barriga com essas coisinhas que correm. Há lugar para muitas criaturas em nosso belo mundo. – Ele me empurrou com o focinho, e eu o empurrei de volta, mais relaxada.

Ainda tinha muito que aprender sobre os lobos. Eu me lembrei do matão perto de nossa antiga toca, onde mamãe, papai e vovó

encontravam a maior parte do que comíamos.

– Onde vocês caçam?

– Onde houver presa para ser caçada. – Farraclaw fez uma pausa. – Desde que seja no Bishar dos Claw. Venha comigo, vou explicar.

Ele foi andando por entre os álamos, deixando grandes pegadas na neve. Depois de um tempo, o espaço entre as árvores ficou maior. A terra se inclinou sob nossas patas. Estávamos subindo em direção a um aglomerado de grandes pedras pretas.

– Daqui de cima, consigo ver o Bishar. Venho aqui para pensar.

– Sozinho? – perguntei.

– Normalmente, sim. O restante do Bishar só pode vir se eu mandar, ou por ordem do rei ou da rainha.

Parei.

– O rei e a rainha estavam no Forte Congelado?

Farraclaw olhou além de mim, para os álamos prateados.

– Não. – Ele subiu na plataforma de pedras. Comecei a segui-lo, passando por cima das pedras espalhadas por ali. Elas eram cobertas por uma camada brilhante de gelo, e minhas patas escorregavam quando eu tentava me equilibrar.

O lobo já tinha saltado para o topo da plataforma e me olhava lá de cima. Sozinho sobre as rochas escuras, ele parecia ainda mais majestoso, o pelo salpicado de cinza se destacando contra o céu.

– Precisa de ajuda? – latiu.

– Não, tudo bem – respondi depressa, decidida a subir sozinha na plataforma. Pelo menos o lobo teve a bondade de olhar para o outro lado enquanto eu escorregava nas pedras. Finalmente, cheguei ao topo e pude descansar ao lado de Farraclaw. Dali, era possível ver as fronteiras do Bosque Claw, o Forte Congelado e a pedra dourada onde Mirraclaw, Cattisclaw e Norralclaw haviam pedido permissão para passar. A tundra se estendia em trechos brancos.

Farraclaw olhava nessa direção, e pude recuperar o fôlego.

– Você está procurando seu irmão. Conheço a terrível dor da perda. Fui arrancado dessa terra pelos sem-pelo, jogado em uma jaula para servir de diversão para eles. Eu teria morrido lá. – Ele me encarou com os olhos brilhando. – Uma raposa corajosa me salvou.

Isla, saiba que não há nada que eu não faria para ajudar você.

Mudei de posição sob seu olhar intenso.

– Você se lembra do que eu disse no Grunhido? “Uma raposa se perdeu para os anciãos, além do pelo e da força do maior dos filhotes de Canista.” Essa é a única pista que tenho.

As orelhas dele giraram.

– O que significa?

Puxei minha cauda para perto do corpo.

– Eu queria saber. – *Por que não pedi uma explicação aos anciãos quando tive chance?*

– Você mencionou um bando da Terrabrava. Mas veio até aqui sozinha.

Suspirei, puxando a cauda para mais perto.

– Eles foram bons para mim; me acolheram, e também receberam Siffrin e Haiki.

– Outras raposas?

Abaixei a cabeça para responder que sim.

– Conheci Siffrin no Grande Grunhido. Ele é mensageiro dos anciãos. No começo, eu não confiava nele... mas estava enganada.

Farraclaw inclinou a cabeça para olhar para mim.

– O que aconteceu com ele?

– Ainda está na Terrabrava. Em segurança... espero. Tem muitos Dominados por lá.

As orelhas de Farraclaw giraram.

– Dominados?

– Raposas de olhos mortos, escravas do Mago, um Ancião que se distanciou dos outros e usa Foxcraft para fins maldosos. Ele está formando um exército de raposas, sugando a vontade delas.

Drenando seu maa.

O lobo estava intrigado.

– Isso é o mesmo que maha?

– O que é isso? – perguntei.

– É a essência de todas as coisas. É a água que corre no Rio Furioso, a força que faz a nevasca se formar, a grama crescer, a chuva cair. É a luz que brilha nas estrelas. Um grande guerreiro transborda maha. Quando ele ou ela morre, essa força se dissolve.

Volta a ser parte do grande todo, reúne-se à terra e ao ar.

– Parece que é igual ao maa – falei, embora nunca tivesse pensado na origem do maa, de onde vinha ou para onde ia quando alguém morria.

Ele inclinou a cabeça.

– Você falou sobre duas raposas. Siffrin e outra. Um amigo?

– Haiki. – Minhas orelhas se moveram. Alguma coisa na atitude franca e firme de Farraclaw exigia franqueza em retribuição. – Eu achava que sim, mas ele me enganou. Estava me espionando em nome do Mago, me usando para chegar aos anciãos. – Minha cauda arrepiou-se, e eu a sacudi. Uma sombra passou por meus pensamentos e olhei para a tundra, embora não a visse mais. Eu não queria falar sobre Haiki.

Farraclaw parecia entender. Ele também olhou para a paisagem.

– A maior parte do que vê agora fica no Bishar dos Claw. Os lobos são territoriais. Para nós, tudo tem a ver com família. Na verdade, o que é um Bishar, senão irmãos e irmãs, primos, nossos idosos e filhotes?

Sua voz rouca era tranquilizadora. Relaxei e ouvi.

– A vida no reino congelado não é fácil. Estamos à mercê de vento e gelo, submissos à vontade de nossos ancestrais. Cuidamos uns dos outros.

Estiquei o pescoço e tentei enxergar o Rio Furioso. Só conseguia ver uma mancha azul.

– Tem outras famílias na Terraneve? Outros Bishars?

– Ah, sim – confirmou Farraclaw, sério. – Olhe na direção do sol nascente e vai encontrar o Bosque Rosnado. Lá termina nosso território e começa o reinado do Bishar dos Growl. Ele é governado pela Rainha Ravengrowl. As terras dela são modestas, mas têm seus benefícios. O Bishar está perto do mar, os filhotes podem treinar caçando aves marinhas e se banquetear com ovos todos os dias. Nossos filhotes não são mimados desse jeito. – Ele virou a cabeça. – Agora olhe para o outro lado. – As orelhas de Farraclaw apontaram para a frente, e seus bigodes balançaram. – Além daquelas árvores baixas fica o Bishar dos Fang. Nossos antigos inimigos. Se um membro de nosso Bishar encontra um membro do deles, só um sai vivo.

O pelo que cobria minha nuca tremeu.

Farraclaw continuou:

– O território deles é cheio de poças de água doce, e é atravessado por bisões em busca de pasto. Mas a maior parte é inóspita. Nem um lobo da neve pensaria em se aventurar nas Montanhas Nevadas ou nas Navalhas de Gelo no extremo oeste. Há poucas árvores no Bishar

dos Fang, poucos lugares onde se esconder ou buscar abrigo. Isso torna a caça muito mais difícil.

Como surpreender a presa, se ela vê você chegando?

Olhei além das árvores baixas. Vi nuvens azuis subindo no ar em espirais.

– Que fumaça é aquela?

– Lá a terra é dividida, e o calor sangra das rachaduras.

Olhei para ele e pisquei. Nunca tinha ouvido falar de nada parecido com isso. Voltei a olhar para o vasto horizonte. O sol estava alto, um globo pulsante e alaranjado.

Fiquei pensando em como seria essa terra quente e rasgada vista de perto.

– Você já esteve lá?

– Não entramos no território deles, e eles não entram no nosso. O

Bishar dos Claw é o mais forte da Terraneve. Respeitamos nossos ancestrais e as leis antigas que governam os lobos. Entrar no Fang sem razão ou provocação seria um desafio. É quase certo que isso terminaria em derramamento de sangue. E poderia levar à guerra.

Um confronto entre tantos lobos da neve era um pensamento assustador.

– Você os derrotaria, não é? – Eu não conseguia imaginar nenhum lobo mais feroz que Farraclaw.

– A fruta não fala da própria doçura – respondeu ele com um intrigante sacudir dos bigodes. – E talvez não.

– Mas os Claw não são os mais fortes?

– As coisas mudaram quando eu estava nas tocas das bestas. O

Rei Birronclaw adoeceu... – Farraclaw baixou a voz. – Isso nunca deve chegar ao Fang ou ao Growl. O Rei Orrùfang é brutal e cruel, mas, no fundo, é um covarde. Ele nunca desafiaria um lobo saudável. Mas se algum dia ficar sabendo sobre nosso rei... Nossas terras têm os melhores locais para a caça, há muito tempo eles nos olham com inveja. De acordo com as leis antigas que governam os Bishars, um rei pode se apoderar de terras inimigas... pode exigir que o rei vizinho lute. Se o desafio resultar em vitória, ou se o rival não puder lutar, o Bishar cai. – Farraclaw franziu o focinho. – Sabe qual seria a primeira coisa que eles fariam se tomassem nosso território? – E olhou para mim com os olhos queimando. – Matariam os filhotes. Encerrariam a linhagem.

Senti minha barriga tremer. Isso era muito bárbaro.

– Mas você não faria a mesma coisa com eles, faria, Farraclaw?

Ele me encarou por um instante.

– Faria o que tivesse que fazer. – Suas orelhas se empertigaram, e ele se levantou de repente. – Está vendo aquela mancha escura?

É um bisão.

Eu nunca tinha ouvido falar em bisão e não sabia ao certo o que estava procurando. Vi um grande grupo de criaturas caminhando pela neve em direção a uma área de arbustos no limite do Bosque Rosnado.

Farraclaw se ergueu sobre as patas.

– Venha. Prometi que você conheceria os filhotes. Depois vou reunir o Bishar novamente. Os bisões estão em movimento. Amarog precisa consultar as estrelas hoje à noite.

Eu não entendia o que isso queria dizer.

– Não é você quem toma as decisões? – perguntei, já seguindo Farraclaw pelas pedras geladas.

– Eu tomo *algumas* decisões – respondeu ele, cauteloso.

Quando cheguei à base da elevação rochosa, olhei pela última vez para o Bishar dos Fang. O vapor azul era uma espiral distante.

– O que aconteceu entre os Claw e os Fang para se tornarem inimigos?

Farraclaw suspirou.

– Nosso rei matou o deles quando os dois eram jovens e disputavam uma carcaça de veado. Eles dizem que o espírito do Rei Garrùfang assombra seus reinos, que amaldiçoou os lobos do Claw.

– Farraclaw abaixou a cabeça. – Que o derrotado descanse na paz da floresta.

– Onde está o rei dos Claw? Onde está a rainha? – perguntei.

– A Rainha Sableclaw está com os filhotes. Ela era nossa melhor caçadora, mas perdeu o interesse no Bishar. A mudança do rei...

não tem sido fácil para ela. – O lobo começou a andar pela neve, e eu o segui.

Eu sabia que não era da minha conta, mas a curiosidade puxava meus bigodes.

– O que ele tem?

Farraclaw parou.

– O Rei Birronclaw foi o maior lobo da Terraneve: enorme, poderoso, o maha era muito forte. O maior lobo de todos os reinos congelados.
– Farraclaw suspirou. – Não quero falar mal de nosso líder. Eu o reverencio e honro. – Sua expressão era perturbada. –

Às vezes, o maha enfraquece e some, mesmo nos vivos. Uma doença aparece, a mente enfraquece... O rei não é mais como era antes.

– Como isso aconteceu? – perguntei, tentando entender o que Farraclaw queria dizer.

Ele não respondeu diretamente.

– Tive uma sensação horrível quando estava nas tocas das bestas. Senti que o Bishar estava em perigo.

– Mas agora você está aqui – lembrei. – Se virasse rei, o Bishar estaria a salvo do ataque.

Farraclaw voltou os olhos amarelos para mim. O contorno escuro dava a ele uma aparência ameaçadora outra vez. Sua voz era baixa, quase um rosnado.

– Você não pode deixar ninguém ouvir isso. Todo lobo jurou lealdade ao Rei Birronclaw. Enquanto ele estiver vivo, não o desafiarei. Todas as honras ao Rei Birronclaw Uivo-Valente, Lorde Protetor do Bishar dos Claw, Supremo Comandante da Terraneve. –

Ele concluiu erguendo o queixo, olhando para longe. – O Bishar vem em primeiro lugar sob o sol e a lua. Pela amizade. Pela honra. Para sempre.



4

Voltamos caminhando em silêncio pelo Bosque Claw, desviando para o oeste e acompanhando o sol. Eu ouvia uivos de lobos à nossa frente, e minha cauda reagiu com uma tensão instintiva.

Farraclaw olhou para mim.

– Não precisa ter medo.

Ele havia pedido aos lobos para me tratar como amiga. Tinha realmente tanta certeza de que todos obedeceriam às suas ordens?

Estudei seu perfil e o ângulo do queixo. A confiança emanava de seu pelo.

Ele não tem nenhuma dúvida quanto a isso.

Os uivos e rosnados estavam mais próximos. Um momento depois, chegamos a uma clareira. Dois lobos lutavam na neve entre outros que formavam um círculo. Os espectadores estavam agitados, tomados pelo entusiasmo. Devia haver uns oito ou nove lobos ali, nem a metade do Bishar. Com algum desconforto, eu me lembrei do confronto entre Siffrin e o chefe dos coiotes na Terrabrava. Os lobos não pareciam muito diferentes. Eram como coiotes enormes e magníficos. Seus olhos brilhavam, a boca aberta.

Mas, dessa vez, a luta era de brincadeira.

Reconheci um deles, Norralclaw, o lobo cinza e branco que tinha me encontrado com Mirraclaw e Cattisclaw. O outro era um guerreiro chamado Rattisclaw. Seu pelo era marrom e a barriga era bege.

– Rato preguiçoso, não consegue me pegar! – rosnou Norralclaw, provocando o lobo marrom.

O oponente saltou sobre ele, e Norralclaw se esquivou rolando em uma nuvem de neve branca.

– Lento demais, Ratty. – Ele se deitou sobre a barriga e levantou uma pata dianteira. Começou a roer uma unha quebrada, como se não estivesse nem um pouco preocupado.

Rattisclaw sentou-se.

– Vai pagar por me tratar desse jeito! – grunhiu. O lobo marrom notou minha presença e a de Farraclaw. Ele abaixou o focinho em sinal de respeito, e sua postura se tornou mais rígida, enquanto recuperava o foco. Os outros lobos se curvaram brevemente antes de voltarem a acompanhar a luta.

Farraclaw se juntou ao grupo e se acomodou para assistir à disputa. Fiquei alguns passos para trás. Rattisclaw já investia contra Norralclaw. O lobo marrom derrubou o branco com um baque e segurou seu pescoço entre os dentes enormes.

– Quem você chamou de rato?

Norralclaw fechou os olhos, contraiu-se formando uma bola apertada e reagiu, afastando o outro lobo.

Os lobos em torno deles latiam apoiando um dos lados, balançando a cauda.

– Chuta ele, Norralclaw!

– Cuidado com a pata, Rattisclaw!

Farraclaw olhou para mim.

– Venha, Isla!

Relutante, eu o acompanhei e me sentei ao seu lado.

– Essas lutas de brincadeira são importantes para manter nossas habilidades de caça. Quando os filhotes ficarem um pouco mais velhos, assistirão a essas lutas todos os dias. Depois, eles mesmos terão que lutar. – Suas orelhas apontaram para a frente. – Todo o Bishar estará aqui para a primeira luta dos filhotes. Ninguém quer perder essa ocasião.

Pensei em Pirie. No Grande Grunhido, estávamos sempre correndo atrás um do outro, embora nossas brincadeiras tivessem mais a ver com medir forças e trocar uma ou outra mordida mais forte. Observei os lobos, a força e o poder de cada confronto. A força nas patas e nas musculosas pernas dianteiras, o poder da boca imensa. Eu sabia que eles podiam machucar o oponente de verdade.

Norralclaw imobilizou Rattisclaw no chão, vencendo a disputa. Os dois se afastaram em meio aos uivos e latidos dos lobos espectadores. Lamberam o focinho um do outro e bateram os ombros com bom humor. Sem nenhum ferimento, ambos se viraram para Farraclaw e se curvaram rapidamente. Depois mudaram de posição e se inclinaram mais uma vez. Surpresa, percebi que era a mim que cumprimentavam.

– Boa luta – comentou Farraclaw, satisfeito. Depois se levantou. –

Vem, Isla. A toca dos filhotes fica perto do riacho.

– Mande recomendações nossas aos filhotes! – disse Norralclaw.

– Diga que vamos pegar um banquete para eles. Vão comer um lombinho suculento.

Quando começamos a nos afastar, ouvi Norralclaw rosnar.

– Cachorro, venha aqui um minuto.

Olhei para trás. O cinza e branco mostrava os dentes para um lobo que eu não havia notado. Era branco feito a neve, como Mirraclaw, mas tinha pernas e cauda finas, diferente das dele. Era menor que os outros, não ultrapassava a altura dos ombros de Norralclaw. Mas a característica que mais impressionava nele eram as orelhas, que caíam flácidas dos dois lados da cabeça, em vez de apontar para cima.

Norralclaw encarava esse lobo de aparência estranha.

– Talvez eu lute com *você*, na próxima vez.

Rattisclaw se aproximou de Norralclaw.

– O que acha, Cachorro? – E arrastou as unhas na neve. – Não gostaria de enfrentar um guerreiro?

Dois outros lobos começaram a rosnar.

– Lute! – latiu o lobo de focinho preto. – Vá, Cachorro-ka, vamos ver você lutar!

– Lute! – repetiram os outros.

O lobo de orelhas caídas se abaixou.

– Acho que não seria grande diversão. – E bateu com as patas dianteiras na neve em uma reverência debochada. – Talvez outro tipo de jogo. – Ele começou a andar, descrevendo um pequeno círculo em volta dos lobos. Todos latiam e ganiam como se estivessem se divertindo.

– Que bobo – disparou Rattisclaw, mas sua cauda balançava.

– Tem frutas nas árvores! – latiu o lobo de orelhas caídas. –

Aposto que não conseguem chegar lá antes de mim!

– Besteira! – respondeu Norralclaw. – Qualquer um aqui consegue correr mais que você!

O lobo de orelhas caídas começou a pular e dançar, escorregando desajeitado na neve. Os outros lobos latiam com bom humor. De repente, ele se apoiou sobre as patas e correu em direção aos álamos. Era muito mais veloz do que eu imaginava que fosse. Os lobos o perseguiram. Eu os vi ziguezaguear entre as árvores.

– Isla? – Farraclaw esperava alguns passos na minha frente. –

Você não vem?

Hesitei.

– Quem é o lobo de orelhas caídas?

– Ah. – Farraclaw parecia entediado, e já começava a caminhar em direção ao riacho. – Aquele é só Lop-ka.

– Por que todos o chamam de “Cachorro”?

– Por causa daquelas orelhas feias, deformadas.

– Foram todos atrás dele.

– É brincadeira – afirmou Farraclaw com desinteresse. – Não se preocupe com Lop. Ele é um ninguém, o lobo-servo.

– *Lobo-servo?* – Minhas orelhas giraram quando olhei para trás, para o meio dos álamos. Não havia mais nenhum sinal de lobos. Os latidos desapareceram no ar frio. – Como assim?

– Ele não é guerreiro – Farraclaw explicou com um tom que sugeria repulsa. Depois andou mais depressa, e corri para acompanhá-lo. Era evidente que o assunto estava encerrado.

Farraclaw acompanhava uma fronteira de pedras que contornava um lago. A margem estava congelada, era uma casca dura de gelo branco se projetando sobre a água. Porém, mais adiante, vi ondinhas e muitas aves de pescoço comprido.

Tive a impressão de que estava ficando mais frio na medida em que o dia passava. Uma camada de gelo ia recobrando a neve.

– Nunca esquenta por aqui? – perguntei.

– Frio demais para o seu gosto? – A cauda de Farraclaw se moveu uma vez. – Até a Véspera do Maha, uma parte da neve terá derretido. Flores e frutos cobrirão a terra, pelo menos aqui. O Vale da Tempestade é imprevisível. Mas preferimos a neve. Os bisões ficam com fome e cansados... a caça é melhor.

– Véspera do Maha? – indaguei, e inclinei a cabeça.

O príncipe tinha um olhar pensativo.

– Um tempo especial, quando o Bishar pensa sobre aqueles que já partiram. Nossos ancestrais guerreiros, os heróis, os vencidos... –

Sua voz perdeu força. – Acontece no dia mais longo do ano, e chega ao auge quando a luz se apaga.

– É a aurora! Também é importante para as raposas. – Sabia disso pelos anciãos, embora não soubesse realmente *por que* era tão importante.

Chegamos perto dos dois lobos que protegiam a pedra.

– Guerreiro Briarclaw, Guerreiro Thistleclaw – cumprimentou Farraclaw. Eles se curvaram.

Quando passamos pelos guardas, minhas orelhas apontaram para a frente. Tinha ouvido um guincho agudo.

Farraclaw também havia escutado o barulho.

– Os filhotes! – Sua cauda balançou com animação. Ele me levou por cima da pedra até um pequeno vale onde havia árvores baixas.

Eu já conseguia ver movimento por ali, manchas de pelo bege.

Farraclaw olhou para mim com uma expressão séria. – A rainha pode estar por perto – murmurou. – Ela ainda é nossa líder, embora tenha perdido a vontade de governar. Você deve demonstrar respeito.

Eu não sabia o que isso significava. Devia me curvar? Ficar em silêncio enquanto Farraclaw me apresentava? Eu não tinha tempo para perguntar. Farraclaw já estava a caminho das arvorezinhas.

Os filhotes devem ter sentido nosso cheiro. Saíram correndo do meio das árvores, latindo e ganindo.

– Príncipe Farraclaw! Príncipe Farraclaw! – gritavam, correndo na direção dele. Pularam sobre suas patas mordendo e farejando, saltando para alcançar sua cauda. Ele lambeu os focinhos fofos. –

Quem é essa, Príncipe Farraclaw? – Os lobinhos voltaram os olhos azul-escuros para mim.

– Essa é minha amiga, Isla. Ela é uma raposa da Terracinza.

Os filhotes me estudavam, interessados. Um deles, que era cinza, teve o atrevimento de me bater com uma pata. Era quase tão alto quanto eu.

– Isla, tem neve no lugar de onde você veio?

Pensei no dia em que o céu tinha derramado floquinhos e a terra havia engolido o sol embaixo do gelo.

– Um pouco. – Olhei em volta. A tundra se estendia em todas as direções como um grande pelo branco. – Mas não desse jeito.

– É quente? – perguntou outro filhote, soltando a cauda de Farraclaw.

– Não... ou não era, quando saí de lá. Mas era mais quente do que este lugar, embora isso não queira dizer muita coisa.

Farraclaw apontou cada filhote com gestos de cabeça.

– Esses são Gallin, Dorrel, Lupin. – E olhou para o lobinho atrevido de focinho cinza. – E essa aqui é Jaspin. São muito jovens

para títulos completos.

Jaspin aproximou o focinho pontudo do meu.

– O que é uma raposa?

– Ela não parece muito forte – latiu Dorrel.

– Não é forte como nós – concordou Lupin, contraindo as perninhas curtas.

Farraclaw atraiu meu olhar.

– Raposas são fortes de jeitos diferentes.

– É preciso ter músculos para pegar a presa! – latiu Gallin. –

Como eu! – Ele derrubou Jaspin com um empurrão, e ela mordeu sua pata. – Ai!

Não faz muito tempo que eu brincava com Pirie desse jeito no Grunhido. Senti o maa correndo em meu sangue. Talvez estivesse recuperada da exaustão.

– Tenho outras habilidades – respondi com tom calmo. Comecei a cantar. – O que foi visto é desvisto; o que foi sentido agora é insensibilidade...

– O que ela está fazendo? – murmurou Jaspin, levantando-se sobre as patas.

– Não sei – respondeu Farraclaw. – Deve ser coisa de raposa.

Pelo tom, percebi que ele achava que eu estava brincando. Sabia que Farraclaw gostava de mim – eu havia conquistado seu respeito.

Mas ele não respeitava muito minha espécie.

– Vocês estão me vendo – murmurei –, e agora... – Prendi a respiração.

Os filhotes ganharam.

– A raposa... sumiu!

Pelo canto do olho, vi Farraclaw ficar tenso.

– Isla!

Era mais fácil que antes me concentrar durante a redução, mais fácil mantê-la. Eu me afastei de Farraclaw e dos filhotes, silenciosa como o ar, e me escondi no meio de uma folhagem irregular.

– A grama se mexeu! – arfou Dorrel, esticando o pescoço e olhando em minha direção.

Soltei o ar e me tornei visível novamente.

Farraclaw olhava para mim.

– Pela Rainha Canista – murmurou.

Os filhotes latiam e pulavam agitados.

– Ela estava aqui o tempo todo!

– Ficou invisível!

– Pode ensinar isso para nós, Isla? Pode? *Por favor?*

O bom humor era contagiante.

– Talvez – respondi, inclinando a cabeça na direção deles.

Todos me cercaram. Deviam ser muito novos, apesar de terem quase o meu tamanho. Jaspin, o filhote de focinho cinzento, me bateu com uma pata dianteira num gesto brincalhão, e eu perdi o equilíbrio. Os lobinhos eram pequenos, mas já eram mais fortes que eu.

– Cuidado! – advertiu Farraclaw.

– Tudo bem – reagi depressa enquanto me sacudia.

Jaspin arfava alegre e balançava a cauda curta.

– Desculpa. Nunca tinha visto uma raposa. Você é incrível! – Os filhotes se aglomeraram, uns empurrando os outros, todos de orelhas em pé. Senti o peito apertado de saudade ao pensar em Pirie. Agora me sentia mais velha, mais pesada depois de tudo que tinha visto desde o desaparecimento de minha família.

– Como vocês estão? – perguntou Farraclaw. – Dorrel, você parece magro. Precisa se alimentar!

– Sim, por favor! – latiu Dorrel, e os outros filhotes o imitaram. –

Estamos com fome!

Vi um movimento além das arvorezinhas. Uma loba magra e branca apareceu. Seus olhos de contorno escuro eram redondos.

– Meu Príncipe Farraclaw – disse ela com voz mansa, abaixando o focinho.

Farraclaw se curvou.

- Estava apresentando minha amiga raposa, Isla, para os filhotes.
- Ele acenou para mim com a cabeça, claramente disposto a dizer mais alguma coisa, mas a rainha nem olhava para ele. Ela também me ignorava completamente. Sua atenção estava em Dorrel.
- É hora de entrar, pequenos – disse a rainha. – Descansem. Já brincaram bastante.
- Mas o Príncipe Farraclaw chegou! – ganiu Jaspin, e os outros fizeram coro. – Ele trouxe Isla, e ela acabou de ficar invisível! Não acha que ela devia ensinar isso para nós?
- Para dentro, filhotes – repetiu a rainha. Sua voz estava cansada, sem a autoridade de mãe. Os lobinhos nem pareciam ouvir. Ela esticou o pescoço, olhando para a tundra além de nós. – É perigoso aqui fora.

Eu me lembrei do que Farraclaw havia dito. Se os Bishars vizinhos atacassem, matariam os filhotes primeiro.

- Quanto tempo vai ficar aqui, Isla? – Jaspin quis saber.

Lupin arregalou os olhos.

- Vai fazer parte do Bishar?
- Vai voltar para ver a gente?

– Vocês ouviram a rainha – interferiu Farraclaw, olhando para os filhotes com firmeza.

Relutantes, os lobinhos se afastaram. Eu os vi passar por entre as árvores e entrar em uma toca cavada sob um arbusto. A rainha os observou enquanto entravam.

– Você parece bem – comentou Farracław. Não era verdade. A Rainha Sableclaw estava muito magra. Seus olhos estavam afundados no rosto alongado.

– Para você, não tem problema nenhum em vir e ir embora quando quiser, agitar e cansar os pequenos. – Era a primeira vez que eu ouvia um lobo tratando Farracław de maneira desrespeitosa.

A rainha loba parecia exausta. – Os filhotes estão com fome. Meu leite não os sustenta mais. Precisam de carne.

– E terão – garantiu Farracław, moderado. Ele abriu a boca para continuar falando, mas a rainha já voltava para a toca, e vi as omoplatas salientes embaixo do pelo. Farracław olhou para mim.

Seus olhos dourados estavam perturbados. – Preciso reunir o Bishar – ele me avisou, já se afastando da toca dos filhotes. – O que fez antes... – começou.

– É um tipo de Foxcraft – expliquei. – Redução.

Farracław não respondeu. Fomos subindo a fronteira de pedra em silêncio. Quando chegamos ao topo, ele levantou a cabeça e uivou.

A tundra vibrou com o chamado poderoso.

O sol se punha sobre a neve quando voltamos à câmara de gelo.

Um tom profundo de laranja tingia a parede ocidental, e os lobos se moviam lá dentro. O medo familiar arrepiou minhas costas, mas os lobos eram amistosos, me cumprimentaram com movimentos da cauda antes de assumir suas posições. Só Mirracław me olhou com frieza quando parei ao lado de Farracław.

– Príncipe Farracław – murmurou, curvando-se. Ele não reconheceu minha presença.

Farracław me empurrou com o grande focinho.

– Sente-se ao lado de Lordessa Cattisclaw – disse. – Preciso falar ao Bishar. – Obedeci e fui me juntar a Cattisclaw na primeira fileira de lobos. Ela deu uma lambida amigável em minha orelha.

Farraclaw abaixou a cabeça para Mirraclaw em um cumprimento rápido, depois ficou de frente para o Bishar.

– Amigos, chamei vocês aqui porque o bisão está em movimento.

O degelo pode ter começado no Bishar dos Grawl, mas ainda não chegou ao nosso território. Logo o bisão vai seguir para o oeste em busca de pastos. Quando eles entrarem no Bishar dos Fang, estarão perdidos para nós. Não podemos demorar.

Os outros lobos concordaram com murmúrios.

– Não neva desde hoje de manhã. As montanhas nos protegem do vento... nosso cheiro não será levado para longe. As condições são perfeitas. É hora da caçada!

Um rugido explodiu na câmara.

Farraclaw ergueu o focinho, convocando os lobos.

– Amarog, a Sábia, o que diz?

Os lobos ficaram em silêncio, com as orelhas se movendo, e eu ouvia o som das patas raspando no chão e a tensão que endurecia suas caudas. Esperei, sem saber o que ia acontecer. Então ouvi o som áspero de unhas irregulares na pedra. Meu pelo se arrepiou e olhei em volta. O barulho ficava cada vez mais alto, se aproximava.

Então, eu a vi.

Amarog tinha um pelo muito longo e uma crina emaranhada e cinza. O pelo caía sobre seu rosto em nós desgrenhados. Desses nós pendiam bagas secas, folhinhas verdes e gravetos irregulares, como se ela tivesse rolado nos arbustos. Suas unhas eram longas feito

garras, sujas e malcuidadas. Um odor picante a envolvia, uma mistura de ervas e plantas estranhas. Eu não conseguia saber nem se ela era uma loba... era quase como se a floresta ganhasse vida, entrasse na câmara.

Senti um arrepio e me apoiei em Cattisclaw quando o estranho lobo se aproximou, e ouvi as folhinhas e bagas tilintando em sua crina.

– Príncipe Farraclaw Mandíbula-Valente – ela o cumprimentou com uma reverência. Havia gravetos prateados em sua cauda. –

Durante três dias e noites, andei com os mortos. Três dias e noites de jejum, sem água ou comida. – Os lobos a observavam atentos.

Silenciosos. Reverentes. – Os ancestrais falaram. – Seu corpo estremeceu ligeiramente, como se ela tivesse febre. – Espíritos circulam pelas nuvens; vigiam a noite. Devemos deixá-los com sua dor. Quando amanhecer, vou até a fronteira da Região Taku. Vou esperar uma resposta, mas não suplicarei a eles. Porque tudo na vida e na morte tem seu tempo, e só eles sabem do que falam.

Nenhum sangue será derramado até que a lua seja um pingente de gelo no rio do céu!

Ela ergueu a cabeça, e seus olhos se reviraram por um instante, exibindo a área branca. Depois, baixou o focinho e se virou de repente para olhar para mim. Um de seus olhos era verde e brilhante; o outro era castanho.

– Quem é você? – A crina embaraçada se mexia enquanto ela falava. O tremor nas patas se tornou mais pronunciado, talvez de agitação ou medo, eu não saberia dizer. – Vi uma sombra atormentada correndo sobre as colinas. Era você que vigiava como o moleiro de olho preto? Que perfuraria a carne sagrada?

Meu sangue se transformou em gelo.

Farraclaw deu um passo na direção dela, mas parou pouco antes de tocar o pelo emaranhado.

– Amarog, a Sábia – começou. – Os filhotes têm fome. O leite da rainha não os sustenta mais.

A estranha loba respondeu sem desviar o olhar do meu rosto.

– Nossos ancestrais falaram. Até o rio do céu! *Não* vai haver caça esta noite.



5

O sono me envolveu com seu manto. Lembranças emergiram na correnteza dos meus pensamentos. Vi minha antiga toca no Grande Grunhido. O buraco embaixo da cerca coberto de gravetos. Eu me espreguicei confortavelmente e me levantei. Vovó estava encolhida ao nosso lado, ainda dormindo. Mamãe e papai estavam fora, caçando. Tomando cuidado para pisar leve e não acordar a vovó, saí da toca.

O ar estava úmido e escuro. Ouvi o tagarelar dos sem-pelo no canal da morte e o rugido incessante dos esmagadores. Os bolabrilhos não brilhavam na toca dos sem-pelo que ficava sobre o nosso território. O gato amarelo estava perto da cerca de madeira que cercava o quintal. Seus olhos brilhavam desconfiados.

Eu precisava ser rápido. Se vovó acordasse ou mamãe e papai voltassem para casa, ficariam bravos por eu estar fora da toca.

Eles se preocupam demais.

Eu não planejava *ir* a lugar nenhum. Não ia nem sair do nosso território.

Olhei para trás, para a toca, e minha cauda tremeu com a culpa.

Irmãos e irmãs deviam dividir tudo, e normalmente dividíamos. Mas isso era só meu. Pelo menos por enquanto, até eu melhorar.

Precisava treinar sem ninguém me olhando. Então, estaria pronto para dividir o que tivesse aprendido.

O segredo era não ter pressa. Se eu corresse, não ia dar certo –

eu sabia disso por experiência própria. Inspirei bem devagar. Fechei os olhos na noite. Os esmagadores nunca ficavam em silêncio, estavam sempre resmungando no canal da morte. Eu ouvia o pulsar de canções dos sem-pelo. Soltei o ar, e os sons se dissiparam. Um pulsar fraco se erguia do solo, vibrava nas almofadas das minhas patas. Meu coração começou a bater no ritmo dessa pulsação.

Também havia outros sons, como o tilintar de água em um riacho.

Abri os olhos e o mundo tinha voltado. Minhas patas eram como gaze, tinham quase desaparecido. A toca dos sem-pelo era um borrão roxo e curvo. O quintal era uma confusão de espirais verdes.

Um brilho dourado pairava sobre minha cabeça.

Meus olhos se voltaram para a cerca onde o gato continuava atento. Só os olhos dele eram visíveis. Um miado brotou de sua garganta e ele correu, fugindo para o quintal vizinho.

Uma calma profunda me inundou. O céu havia clareado sobre nosso território. As Luzes de Canista eram brancas contra o negro.

O segredo se escondia dentro de mim desde o início. Vibrava em meus músculos. Fazia cócegas em meus bigodes e corria pela cauda.

Eu estava diferente.

As cores, as vozes. O pulsar da terra.

O poder.

– O que está fazendo?

Eu me virei de repente. As cores sumiram em um instante. O

pulsar desapareceu de minhas patas. Vovó olhava para mim com o focinho franzido. Ela olhou além de mim para o caminho escuro. Vi em seu rosto algo que não tinha visto antes.

Medo.

– Entre na toca – ordenou.

Seu olhar me deixava nervoso.

– Eu só estava brincando. – Tentava decidir quanto devia contar para ela, quanto ela havia visto. – Consigo fazer coisas –

resmunguei. – Ficar invisível. Ouvir a terra falar. Ver o ar mudar.

A cauda da vovó tocou um lado do corpo.

– Isla está dormindo, e você também deveria estar. – Vovó saiu da toca e se aproximou de mim. – Pirie – sussurrou –, eu me preocupo com você. Eu me preocupo com todos nós.

– Mas por quê? – Ela estava começando a me assustar.

Vovó balançou a cabeça.

– Seu maa – disse.

Olhei novamente para a toca. Imaginei Isla com a cabeça sobre as patas dianteiras, a cauda envolvendo o corpo. De repente, tudo o que eu queria era voltar lá para dentro, me encolher ao lado dela e dormir.

Passei a língua pelo focinho.

– Do que está falando, vovó? – perguntei, relutante.

– Do seu dom – sussurrou ela. – Temo por seu dom.

Acordei com um desconforto profundo. Tinha sido um sonho, ou algo mais? Uma lembrança... *uma memória de Pirie*. Ele realmente poderia ter guardado algum segredo de mim? Meu único irmão, que conseguia falar através dos meus pensamentos. Aquele cujo coração batia com o meu.

Pisquei na escuridão e olhei para os lobos espalhados por ali.

Esperava que Farraclaw tivesse sua própria toca, já que era o líder do Bishar. Em vez disso, ele dormia em uma trincheira rasa na fronteira do Bosque Claw. Os outros lobos o cercavam, mas sem se tocarem.

Encolhida junto da barriga de Farraclaw, eu me sentia aconchegada e aquecida. Seu pelo era muito grosso, diferente do pelo macio de Pirie, com sua mistura de amarelo, branco e cinza.

Pirie tinha o pelo mais macio de todos.

Olhei para o Bishar adormecido. Tinha a sensação de observar mais que uma confusão de lobos. Era quase como se fossem uma só criatura. Um grande lobo.

Uma raposa se perdeu para os anciãos, além do pelo e da força do maior dos filhotes de Canista.

Minhas orelhas apontaram para trás com o sobressalto. Era isso que os anciãos queriam dizer? Eu estava procurando mais que um lobo?

Levantei o corpo para enxergar melhor. Farraclaw se espreguiçou, ainda de olhos fechados. Olhei para os corpos adormecidos.

Cattisclaw estava a uma cauda de distância. Mirraclaw dormia do outro lado de Farraclaw. Norraclaw e Rattisclaw estavam mais afastados do centro do grupo, com Lop na beirada, onde havia menos proteção contra o vento. O pelo branco tremulava em suas costas. Compreendi que os lobos de posições mais elevadas ficavam mais perto do centro, onde era mais quente.

O manto negro do céu exibia inúmeras estrelas. Demorei muito tempo para separar as Luzes de Canista, aninhadas entre elas.

Quando consegui, senti um estranho aperto no peito. Queria muito fazer contato com Pirie por gerra-sharm. Certamente seria seguro aqui, tão longe do Mago e de seu exército de Dominados. No entanto...

Um arrepio gelado correu por baixo do meu pelo.

Observei os lobos com mais atenção. Amarog não estava por ali.

Lembrando como Farraclaw tinha evitado tocá-la, deduzi que a estranha loba dormia sozinha. A lembrança daquele olhar fez meu coração bater mais depressa. Ela havia falado como se me conhecesse.

Vi uma sombra atormentada correndo sobre as colinas. Era você que vigiava como o moleiro de olho preto?

Parecia louca, mas os outros lobos lhe obedeciam.

A rainha também não estava ali. Devia estar na toca com os filhotes. Havia muitos lobos, mas de repente percebi quem mais estava faltando.

Minhas orelhas apontaram para trás. Onde estava o rei? Se estava doente, não devia ficar cercado pelos seus, protegido do

vento? Seguro no centro do grupo?

O rei era o maior lobo de todos os reinos congelados – foi o que Farracław disse.

O maior dos filhotes de Canista.

Abaixei a cabeça e vi Farracław me observando com um olho amarelo.

– Não consegue dormir? – sussurrou.

– Você precisa fazer uma coisa por mim – respondi. – É importante.

– Qualquer coisa – disse o príncipe dos Claw.

– Preciso falar com o rei. Você pode me levar até ele?

Farracław abriu a boca, surpreso. Olhou para os outros lobos. À luz pálida das estrelas, vi uma sombra passar por seu rosto.

– Amanhã – respondeu, finalmente. Depois, abaixou a cabeça e voltou a dormir.

Um floco de neve tocou meu focinho. Abri os olhos. Uma névoa cinzenta e distante sugeria o amanhecer. Os lobos já se levantavam e sacudiam o pelo.

Minha barriga roncou – eu não comia desde que tinha saído da Terrabrava. Queria saber quando os lobos se alimentaram pela última vez. Quanto tempo levava entre uma refeição e outra? Mas nenhum deles questionou Amarog quando ela disse que não iriam caçar. Nem mesmo Farracław.

Os lobos se espreguiçavam e bocejavam em silêncio.

– Ah, não, neve de novo! – A voz de Lop ecoou entre os lobos.

Eles viraram a cabeça, olharam para ele como se estivessem se divertindo. O lobo de orelhas caídas passou entre os outros, desviando dos flocos de neve. Era impossível escapar deles, é claro

– a neve caía muito depressa –, mas era engraçado como ele corria e pulava. Balançando a cauda, fiquei vendo quando ele deu um pulo para o lado, caiu no chão e virou-se de costas.

Os outros lobos começaram a latir.

– Assim! – ladrou Cattisclaw, esticando as longas pernas dianteiras e correndo atrás de Lop.

– Não, não, é mais desse jeito – interferiu Norralclaw. Ele se ergueu sobre as patas traseiras e se lançou pela toca, balançando muito até bater em Rattisclaw. O lobo de pelo marrom bateu em sua pata, e os dois lutaram por alguns instantes, antes de Norralclaw apoiar a cabeça no ombro de Rattisclaw e lambeu seu focinho.

O Bishar se encheu de energia, olhos brilhantes e caudas em movimento.

Farraclaw arfava alegre. O ânimo na toca crescia.

Ouvi um grunhido. Mirraclaw olhava para Lop.

– Que bobagem – rosnou. Quando o lobo de orelhas caídas passou por ele saltitante, o lobo branco o mordeu.

Lop recuou, ainda balançando a cauda.

– Desculpe, Lorde Mirraclaw.

Mirraclaw estufou o peito, superando a altura do lobo de orelhas caídas.

– Fique longe do meu caminho, *Cachorro*.

Olhei para Farraclaw. Ele mordida uma pata dianteira. De repente, os outros lobos encontravam outras coisas para fazer.

Ninguém defendia Lop.

Lobo-servo.

Farraclaw chamou um dos cinzentos.

– Guerreira Lyrinclaw, vá substituir o Guerreiro Briarclaw na toca dos filhotes.

A loba abaixou a cabeça.

– Sim, Príncipe Farraclaw.

Depois virou-se e saiu apressada.

– Lorde Mirraclaw, leve o Guerreiro Thistleclaw e o Guerreiro Rattisclaw para patrulhar o oeste. Se o bisão entrar novamente no Rosnado, quero ser informado.

– É claro, Príncipe Farraclaw – respondeu Mirraclaw, curvando-se.

Cattisclaw se aproximou de Farraclaw quando Mirraclaw se afastava.

– Príncipe Farraclaw, devo vigiar a fronteira leste?

– Sim. Leve o Guerreiro Norralclaw. Fiquem atentos a qualquer invasão. Não confio no Bishar dos Fang nem em seu rei invejoso.

– Sim, senhor. – Cattisclaw ergueu o focinho e encarou Farraclaw.

Vi alguma coisa no olhar que trocaram, antes de ela virar o rosto.

Os outros lobos começaram a sair. Passaram correndo por Lop sem ao menos olhar para ele.

– Por aqui, Isla – Farracław me chamou. Quando chegamos perto de Lop, vi o local onde Mirracław o tinha mordido. O lobo branco havia tirado sangue.

Quando nos aproximamos da toca dos filhotes, a rainha já estava esperando.

Seus olhos vermelhos me fizeram pensar que talvez não tivesse dormido.

– Os filhotes estão com fome – disse ela.

– Eu sei – respondeu Farracław em voz baixa. – Amarog consultou os ancestrais.

A rainha passou a língua pelo focinho.

– Dorrel mal conseguiu se levantar hoje de manhã.

Ouvi um choramingo na toca.

– É o Príncipe Farracław? – O latido era agudo, alto. – Isla veio com ele?

Jaspin, Gallin e Lupin saíram correndo da toca. Dorrel os seguiu balançando a cauda. Eles se aproximaram de mim e de Farracław.

A rainha recuou com uma expressão severa.

– Príncipe Farracław, vocês vão caçar em breve?

– Isla também vai?

– Ela pode ensinar a gente a reduzir?

Os lobinhos tropeçavam em mim, me mordiam e me lambiam.

Eram mais fortes que raposas, mais desajeitados no contato físico.

Mas me fizeram me lembrar de Pirie.

– Isla, estávamos esperando você. Vai mostrar como fez aquele truque?

Eu os empurrei de volta.

– Talvez ensine karak primeiro.

– O que é isso?

– É Foxcraft?

– Ah, sim – confirmei. – Querem aprender a crocitar como um pássaro? Ou... latir como um cachorro?

– Um cachorro? – ganiu um dos filhotes.

– Não tem cachorro aqui!

– Eles são ferozes?

– Eles são assustadores?

Eu me lembrei dos cachorros magros que havia encontrado na Terrabrava.

– Não são, comparados aos lobos. Mas, para uma raposa, todos vocês são assustadores!

– Mas nós não somos – ganiu Jaspin. – Não tem medo de nós?

Balancei a cauda. Parecia ridiculamente comprida em comparação à cauda curta e fina de um lobo.

– É claro que não! Bem, não até vocês crescerem! – Tentei imaginá-los grandes e ferozes como Mirraclaw. O pensamento me perturbou. Jaspin, Gallin e Lupin pulavam à minha volta animados.

Só Dorrel se continha. Ela se abaixou atrás dos outros. Seus olhos grandes pareciam afundados. Os ossos em suas costas estavam salientes.

Farraclaw também a observava.

A rainha se levantou sobre as patas.

- Está vendo a situação.
- Estou fazendo o que posso.
- O que *pode* – repetiu a rainha.
- Amarog se pronunciou.

A rainha suspirou.

– Desculpa – disse. – Você tem razão. Se eles forem tirados de mim, será a vontade dos ancestrais. – E inclinou a cabeça para encarar Farraclaw. – Perdi muita coisa... mas isso não importa. Eu me curvo diante de uma vontade maior. – E virou-se devagar para voltar à toca. Sua cauda estava caída.

Não ficamos na toca dos filhotes por muito tempo. Neve fresca ainda caía de mansinho, encobrendo a tundra e os grandes abetos.

Eu corria perto de Farraclaw, acompanhando a fronteira de pedra.

- Quando planeja caçar?
- Sei o que está pensando. – E olhou para mim por um instante. – Sua desaprovação é óbvia.
- Os filhotes estão com fome. Precisam de carne.

– Eu sei. – A voz dele tinha uma nota irritada. – Amarog andou pela morte. Falou com os ancestrais.

Estremeci ao pensar naquela loba estranha de olhos transtornados.

– Quem é ela?

– É nossa oradora da verdade, a nossa xamã. Quando era filhote, ela teve uma febre que durou uma rotação inteira da lua. Andou entre os mortos e fez amizade com eles. Ela é nosso elo com o passado, nosso caminho para o futuro. Só podemos caçar quando ela autoriza, quando diz que é seguro.

Nunca tinha ouvido falar de nada parecido com isso. Minha cauda se moveu com impaciência. Eu não conseguia tirar da cabeça a imagem de Dorrel atrás dos outros filhotes. A lobinha quase não tinha forças para se levantar. Sobreviveria àquela noite?

– Mas você é o príncipe. Não pode simplesmente...?

– Não, Isla. Seja o que for, não. Não posso caçar. Não enquanto os ancestrais não permitirem. – Ele ergueu o queixo. A neve grudava em seu pelo grosso, suavizando as beiradas das orelhas pontudas. – Amarog não me governa, ela é só um condutor. Os ancestrais veem tudo, sabem de tudo. Agir contra eles é uma falsidade. A carne seria amaldiçoada. – Ele andava mais depressa.

Eu corria para acompanhá-lo. Minha pata escorregou na neve, mas recuperei o equilíbrio.

– Eu ia preferir comer carne amaldiçoada a morrer de fome. –

Pensei um pouco. – Se o problema é você caçar, por que não me deixa pegar alguma coisa para eles? Nada grande... uma ave, talvez um esquilo.

– Você não entende. Ninguém pode caçar, não enquanto os ancestrais não permitirem.

Minhas orelhas colaram na cabeça.

– O que Amarog disse foi... – Tentei lembrar. – Nenhum sangue será tirado... ou “derramado”. Alguma coisa assim. Mas você não se incomodou quando Mirraclaw fez Lop sangrar.

– Lop? – Farraclaw murmurou. – Estamos falando do futuro do Bishar, não de um *lobo-servo*.

– Ele também é membro do Bishar – comentei.

A cauda de Farraclaw ficou tensa, e ele abaixou a cabeça.

– Isso não tem nada a ver com Lop. Não tem a ver nem com os filhotes. Não tem a ver com *nenhum* lobo.

Eu sabia que devia morder a língua. Afinal, era sua hóspede. Mas o sangue corria quente por meus membros.

– Com o que tem a ver, então?

Ele parou de repente e me encarou.

– Tem a ver com o Bishar. Lobos vêm e vão. Somos flocos de neve em um céu infinito. A neve vai derreter, mas o céu permanece.

Ele é tudo que importa.

Recuei sob aquele olhar. Respirei fundo. Ele não me amedrontava.

– Mas Dorrel pode morrer.

– Filhotes já morreram antes – respondeu Farraclaw. – E morrerão outra vez.

Minha voz estava cada vez mais alta.

– E você não se importa?

Farraclaw olhou para a tundra.

– É claro que me importo. – Sua cauda tocou o chão. Quando ele falou de novo, sua voz era um sussurro. – Eu tenho um dever com o Bishar. Não importa o preço para mim, ou para a rainha. O Bishar vem em primeiro lugar. Ele *sempre* vem em primeiro lugar.

Esgancei de raiva. Não acreditava no que estava ouvindo. Os lobos estavam dispostos a sacrificar os próprios filhotes em nome do quê? De um capricho maluco?

Eu mal prestava atenção aonde ia. Olhei em volta e vi arbustos baixos emergindo da neve. Um lobo de expressão carrancuda estava de guarda. Ele abaixou a cabeça quando passamos.

Sem dizer nada, entramos em uma caverna. Pingentes de gelo desciam do teto, salpicados de luz. O restante da caverna era dominado pela escuridão. Uma enorme silhueta se apoiava contra uma parede. Quando nos aproximamos, ela ganhou vida. Ombros largos, cauda curta e duas orelhas pontudas.

Um arrepio de medo percorreu meu pescoço.

Farraclaw andava na minha frente. Seus movimentos não tinham a habitual confiança, e ele se aproximou da silhueta com cautela.

– Rei Birronclaw Uivo-Valente – disse. – Lorde Protetor do Bishar dos Claw, Supremo Comandante da Terraneve. Grande guerreiro, sábio líder, eu o reverencio.

– Saia de perto de mim! – A voz era surpreendentemente aguda para um animal tão grande. E retumbava pela caverna escura. –

Quem é você? Preciso ficar sozinho. Toque em mim, lobo, e arranco seus olhos!

O príncipe estendeu as patas dianteiras e abaixou o focinho até o chão.

– Meu rei, sou eu. Farraclaw, seu filho.



6

Farraclaw se curvou ainda mais.

– Pai, me perdoe pela intromissão. – Ele se levantou e deu um passo adiante.

O rei lobo mudou de posição. Eu não conseguia ver seus traços na caverna escura. Só tinha certeza de sua altura e do porte físico.

– Para trás! – rosnou o rei.

– Mas pai...

Sem aviso prévio, o Rei Birronclaw saltou para a frente, um lampejo de dentes amarelos e olhos brancos e úmidos. O velho rei podia estar doente, mas ainda era o maior lobo que eu já tinha visto.

Ele bateu em Farraclaw com o ombro enorme. Pulei para o lado quando o príncipe caiu.

O rei voltou para as sombras.

– Já disse para me deixar em paz. – Sua voz agora era baixa, quase um ganido.

Farraclaw arfou. Ele se encolheu e rolou para se erguer sobre as patas. Olhou para mim, as orelhas apontando para os lados.

Ele não queria me trazer ao rei. Tentou me convencer a desistir disso.

Se eu tivesse percebido que Rei Birronclaw era o pai dele. Se eu tivesse entendido a loucura que apodrecia sua mente. Olhei para Farraclaw, e a piedade fez meus bigodes formigarem. Ele deu mais alguns passos adiante, mas parou um pouco afastado do rei.

– Peço desculpas se o incomodo, senhor.

O rei começou a resmungar:

– De manhã, o melro canta. Gorjeia nas árvores, e eu caço...

Sempre, o zumbido dos besouros. Crepúsculo, os corvos. Preto sobre o céu. Asas de corvo, trovão prateado. Rastejadores noturnos, eles atormentam minha paz. Silêncio, preciso encontrar silêncio. Eu não sou eu.

Minha cauda abaixou. O velho lobo não poderia me ajudar. Sua mente estava arruinada.

– Pai... Meu rei...? – A voz de Farraclaw era relaxante. – Diga o que posso fazer. Quer que eu traga neve para matar sua sede?

O rei não estava ouvindo.

– Os falcões de rabo vermelho estão chamando. Rasgando meus pensamentos.

Farraclaw olhou para mim.

– Ele sempre fala de falcões de rabo vermelho, mas nunca vi um deles no extremo norte.

O rei ficou em silêncio. Eu o vi inclinar o pescoço e tive medo de que avançasse outra vez sobre Farraclaw. Ele se arrastou para a frente, um movimento estranho para uma criatura tão grande.

– Quem está aí? – perguntou. – Mostre-se. – Um raio de luz caiu sobre seu rosto. O focinho podia ter sido branco no passado, mas agora estava preto de sujeira. Os olhos eram turvos, lacrimejantes.

Sob a luz, o centro escuro se reduzia a uma fresta. Um cheiro forte emanava de seu pelo, como o de carne estragada.

Recuei com os pelos eriçados.

– Pai, eu trouxe uma amiga para conhecer você. Essa é Isla. Ela é uma raposa da Terracinza.

– Uma raposa? – O lobo batia os dentes. Ele espiou mais de perto com os olhos turvos. Seu queixo caído revelava a ponta dos caninos longos, mas ele não rosnava. A esperança reluziu em seu rosto. –

Muito frio, muito longe. Mas você veio. Finalmente, você chegou.

Eu o encarei.

– Você me conhece?

O Rei Birronclaw piscou com intensidade.

– Conheci sua espécie.

Ele era o maior lobo da Terraneve: enorme, poderoso, repleto da força do maha. O maior lobo em todos os reinos congelados.

Meu coração batia forte.

– Uma raposa se perdeu para os anciãos – recitei –, além do pelo e da força do maior dos filhotes de Canista. – Notei a inclinação de seus ombros, os membros grossos. – Não existe lobo maior do que você.

Os olhos brancos se arregalaram.

– Os anciãos? É quase aurora?

Minha cauda se ergueu. Como ele sabia sobre os anciãos?

Conheci sua espécie.

Observei o rei com atenção.

– Viu meu irmão Pirie?

– Pirie. – O rei pronunciou a palavra como um sopro prolongado.

– *Piirreee.*

Eu me aproximei um passo, parando ao lado de Farraclaw.

– Onde ele está?

O rei virou a cabeça depressa, olhou para a parede escura da caverna. Fechou os olhos com força, como se tentasse se concentrar.

– Tome muito cuidado, Raposa – grunhiu. – Você não sabe do que sou capaz. Não quero machucar você. – Ele rosou por entre os dentes. – Uma doença está apodrecendo minha mente.

O príncipe assistia a tudo em silêncio, incapaz de falar.

Meu coração batia acelerado.

– Meu irmão Pirie não está aqui, está?

O rei abaixou a enorme cabeça.

– Lugares escuros induzem a atos sombrios. – Seus olhos se abriram de repente. – Só eu estou aqui. Mas nunca sozinho. – E

olhou para o teto da caverna. A luz tremulava nos pingentes de gelo.

– Esperando, esperando... – Sem aviso, o Rei Birronclaw saltou para a frente mais uma vez. Recuei e gritei, e Farraclaw pulou na minha frente, impedindo a aproximação do pai. Mas o rei estava determinado, olhando diretamente para mim.

– Escute, Raposa, escute bem! – Ele estendeu as patas dianteiras, tentando me acertar além de Farraclaw. – Eu posso te ajudar, mas você tem que fazer exatamente o que eu disser.

– Vai me ajudar a encontrar Pirie? Sabe onde ele está?

– Faça *exatamente* o que eu digo, Raposa! Cada detalhe! Não questione nada em nenhum momento. – O grande lobo fez uma careta de dor. – Meu gerra está agitado, mal consigo pensar. Ele me ataca todos os dias, esgota meu maa, até meu coração.

– Pai, por favor! – implorou Farraclaw.

Eu lati.

– Diga o que eu tenho que fazer!

O rei fechou os olhos de novo, e seu corpo todo tremia. Ele parecia quase incapaz de falar.

– O esconderijo – gemeu. – O esconderijo está enterrado longe daqui, em meio a fogos borbulhantes que têm cheiro de podre, cercados por farpas congeladas que são maiores que lobos e mais afiadas que dentes. Eu mesmo enterrei. É doloroso confiar em uma estranha, mas que alternativa eu tenho? Solte o que está escondido, reverta o encanto. Eu imploro, me liberte!

– O que tem no esconderijo? O que eu vou encontrar?

Saliva se acumulava na boca do rei e escorria pelo focinho.

– Não há tempo para explicar nada. Desenterre o que está escondido. Faça o que tem que ser feito. Os anciãos a mandaram,

não foi?

– Sim, mas...

O rei estava ofegante.

– Não pare por nada.

Cheguei mais perto.

– Tome cuidado – cochichou Farraclaw. – Ele é imprevisível.

– Preciso saber. – Passei por ele, me coloquei ao alcance do grande lobo. Nossos olhos se encontraram.

– Se eu fizer isso... se encontrar seu esconderijo... vai me levar até Pirie?

Ele levantou a grande cabeça.

– Seu irmão Pirie tem um maa forte como o seu?

O entusiasmo me invadiu.

– Sabe onde ele está?

O lobo abaixou a cabeça em um gesto de concordância.

– Posso imaginar.

– Vai me mostrar?

– Eu mesmo levarei você até lá, mesmo que isso me mate. Tem minha palavra. Mas só se encontrar o tesouro. Não posso te ajudar antes disso. *Não posso.*

– Onde ele está? Aonde vai me levar? Por favor, me diga!

– Primeiro, o esconderijo. Você precisa correr! Não tenho muito tempo. Se eu morrer, não vou poder ajudar ninguém. – Balançando a enorme cabeça, ele recuou e saiu da área iluminada. Começou a gemer. – Os falcões de rabo vermelho voltaram. Por que eles me atormentam? O que querem? Só preciso de paz.

– Pai, não quer sair dessa caverna? – pigarreou Farraclaw. – O ar fresco pode ser a cura. Faremos sacrifícios para os ancestrais.

Amarog vai interferir. Vamos acabar com esse tormento.

– Só tem um fim. O caminho da escuridão.

– Pai, por favor. Não quer sair?

– Sempre, os besouros de dia, de noite. Sempre os gritos. – O velho lobo se encolheu em uma bola tensa. Resmungava sozinho.

Eu não conseguia mais entender suas palavras.

– Pai...? – Farraclaw ficou ali por alguns momentos, observando o rei em silêncio. Depois virou-se e saiu da caverna.

Ainda nevava. Grandes flocos brancos encobriam a terra. O lobo que guardava a caverna se levantou mantendo uma distância respeitosa.

Farraclaw olhou para mim.

– O Rei Birronclaw já teve uma inteligência feroz. É difícil aceitar a mudança. – E desviou o olhar para os flocos que caíam.

– Sinto muito – murmurei. Pensei no meu pai. Pela primeira vez, me perguntei se a morte era uma misericórdia... se havia caminhos mais cruéis.

Farraclaw balançou a cabeça.

– As coisas que ele estava dizendo não faziam sentido.

– Mas ele esperava a chegada de uma raposa. E me disse o que devo fazer.

Farraclaw me encarou com uma expressão dura.

– Ele está delirando. Você não pode levar a sério nada do que ele diz.

– Ele sabia sobre os anciãos. Sobre Pirie.

– Pode ter deduzido sobre Pirie, pode ter dito o que achou que você queria ouvir.

– Mas por quê? – Minha cauda tremeu. Farraclaw não tinha escutado? – Ele sabia que Pirie tem um maa forte.

– Maha. É assim que chamamos.

– Não importa que nome usam. Significa a mesma coisa –

apontei. Eu lamentava por Farraclaw, mas não podia desistir de meu irmão. O rei me levaria a Pirie se eu encontrasse seu esconderijo.

Ele tinha prometido. – Só preciso achar os fogos borbulhantes e as farpas afiadas... queria saber onde estão.

– Eu sei exatamente onde estão. Os fogos fazem parte do Caldeirão, um círculo de lagos ferventes. As farpas são as Navalhas de Gelo.

Minha cauda começou a balançar com força.

– Mas isso é ótimo! Só precisa me dizer aonde tenho que ir, e eu acho o esconderijo!

Farraclaw estava sério, solene.

– Você não entende. O Caldeirão e as Navalhas de Gelo são territórios perigosos. Um lobo dificilmente iria lá por vontade própria, e uma raposa nunca conseguiria sobreviver. Mas é pior que isso. Os dois ficam longe do coração do Bishar, e a viagem pela tundra é exaustiva. Esses lugares ficam nas áreas mais isoladas da Terraneve, dentro do Bishar dos Fang.

– Príncipe Farraclaw! – Cattisclaw corria sobre a neve acumulada.

Eu invejava sua força e elegância. Ela nos encontrou e se curvou. –

Senhor, Amarog, a Sábia, voltou da Região Taku.

Farraclaw assentiu.

– Temos que ir.

– Mas o esconderijo – comecei.

– Conversamos sobre isso mais tarde.

Vi a tensão em seu focinho e não insisti.

Cattisclaw nos conduziu de volta à toca, onde a maioria do Bishar já estava reunida. Amarog esperava sozinha sentada sobre uma colina escarpada. Seus olhos estavam abertos, mas ela não se movia. Parecia olhar para a tundra por cima das cabeças do Bishar.

Cattisclaw percebeu meu olhar intrigado.

– Ela está em transe.

Isso não explicava nada, na verdade. Eu assistia a tudo me sentindo desconfortável. Depois de Amarog e do Rei Birronclaw, minha cota de lobos esquisitos estava esgotada.

Farraclaw parecia perturbado.

– Preciso ficar sozinho – disse.

Cattisclaw me empurrou. Eu a segui e contornamos um aglomerado de arbustos a caminho da toca, enquanto Farraclaw ficava sentado sozinho embaixo de uma árvore.

Os lobos nos cumprimentaram com focinhos molhados e caudas balançando. Vários corriam e perseguiam uns aos outros, trocando a toca pela neve lá fora.

Amarog se mantinha imóvel, com os flocos dançando à sua volta.

– Ela está comungando com os ancestrais – explicou Cattisclaw. –

Ontem à noite, dormiu na fronteira da Região Taku, e hoje a percorreu desde o amanhecer.

Minhas orelhas apontaram para trás.

– Taku?

Cattisclaw estava séria.

– Proibido. A terra onde os ancestrais repousam é sagrada. Nem Amarog ultrapassa as fronteiras. Ninguém pode entrar na Região Taku.

Norralclaw me cutucou.

– Você está bem, Isla? Deve estar com fome.

Minha barriga respondeu com um ronco.

Ele olhou para Amarog e baixou a voz.

– Estamos todos esperando que ela dê permissão para a caça.

Não é por nós, na verdade, podemos ficar sem comida, se for necessário. Mas os filhotes estão sofrendo.

Pensei em Dorrel. O dia passava. Como ela estaria? Os filhotes eram irmãos e irmãs de Farraclaw. Devia ser doloroso, para eles, ver os pequenos sofrendo.

– Tem... – Tentei não ofender as crenças dos lobos. – Tem alguma coisa que se possa fazer? Talvez uma caçada pequena?

O choque deixou Norralclaw de queixo caído.

– Não! – reagiu Cattisclaw. – É claro que não, a menos que os ancestrais permitam.

Seus ancestrais não parecem se importar muito com vocês, pensei, mas não disse nada.

Norralclaw estufou o peito.

– Quando chegar a hora, faremos o que é nossa obrigação. Em nome do Bishar, com a coragem de nossos ancestrais.

Eu me lembrei da primeira vez que reduzi para pegar um rato no Grande Grunhido. Tinha sido empolgante, e uma conquista saborosa, mas achava estranho falar de dever e coragem.

– Todos os lobos do Bishar caçam?

Cattisclaw se espreguiçou.

– Não se estiver doente. E a rainha está ocupada cuidando dos filhotes, mas já foi a melhor caçadora do Bishar.

– É claro que Amarog não caça – acrescentou Norralclaw, baixando a cabeça com respeito. – Ela jurou não matar.

– Mas ela come o que é caçado? – perguntei.

Norralclaw me olhou com ar desaprovador.

– Não é esse o ponto.

Para mim, era esse o ponto.

– Vocês sempre caçam juntos?

A ideia era muito estranha. Raposas de um bando compartilham a caça com os filhotes, mas sempre caçam sozinhas.

Cattisclaw bufou.

– Não podemos caçar o bisão sem os outros.

– Uma raposa é muito veloz? – latiu Lyrinclaw, o lobo cinza. –

Acha que consegue correr mais que eu? – E pulou à nossa volta, correndo em torno de mim, Norralclaw e Cattisclaw, balançando a cauda.

– É isso mesmo. – Fiquei onde estava.

Lyrinclaw olhou para Cattisclaw.

– Acho que é verdade o que dizem.

Minhas orelhas ficaram em pé.

– Do que está falando?

Os olhos de Lyrinclaw cintilaram.

– Raposas são preguiçosas.

Pulei para me levantar.

– *Não* somos!

– Prove! – Ela andou à minha volta outra vez, tão perto que sua cauda quase tocava meus bigodes.

Levantei uma das patas da frente e lambi com uma atitude casual, como um gato.

– Não tenho que provar nada. – Mas quando Lyrinclaw deu mais uma volta pulei e mordi sua cauda, arrancando alguns pelos.

Lyrinclaw latiu empolgada e saiu correndo da toca. Fui atrás dela, com Norralclaw e Cattisclaw correndo ao meu lado. A loba cinzenta corria pela neve, fazendo pausas para me deixar alcançá-la, depois voltando a correr. Os lobos pararam para nos observar. Alguns começaram a latir meu nome.

– Pega ela, Isla! Você consegue!

Era como uma descarga de maa. Senti as patas mais confiantes na neve e corri mais rápido, me aproximando da loba cinzenta. Eu sabia que nunca conseguiria alcançá-la em uma corrida de longa distância – ainda me lembrava de como os lobos tinham caminhado pela tundra sem se cansar. Eu precisava me concentrar e ser rápida. Para tirar proveito da minha situação.

Foxcraft, Isla.

Inspirei e karakei, projetando a voz adiante de Lyrinclaw, estridente como um gato furioso. Ela parou de repente, levantando uma nuvem de neve, e seu pelo se arrepiou.

Os outros lobos latiam meu nome.

– Isla! Isla!

– O que foi isso? – arfou Lyrinclaw. Ela voltou a andar, mas avancei sobre a loba com um impulso vigoroso e mergulhei na direção de sua cauda. Segurei-a por um momento e a sacudi no ar, depois a soltei.

Os lobos explodiram em latidos e uivos.

– Isla conseguiu! Ela pegou Lyrinclaw!

– Ela me enganou! – reagiu a loba cinzenta, mas se virou de frente para mim e se curvou. – Estou impressionada, Raposa.

Os lobos nos cercaram, nos cutucando com o focinho. Eu tinha que me esforçar para manter as patas no chão. Precisava admitir que a sensação era boa. O vigor brincalhão dos lobos me enchia de energia; quase esqueci que estava de barriga vazia. Quando eles se afastaram, sentei na neve plana.

– Nem pense nisso – disse Lyrinclaw. – Agora é minha vez!

Os lobos latiram em sinal de aprovação, as caudas balançando com vigor. As orelhas de Lyrinclaw se moviam reforçando a pergunta. Eu podia correr mais que um lobo? Duvidava disso. Mas sabia alguma coisa que eles não sabiam. Estiquei as pernas, senti a cauda arrastando na neve. Apesar de não ter comido, sentia meu maa forte.

– Tudo bem – respondi. – Pode me perseguir.

Mas vai ter que me encontrar primeiro.

Respirei fundo, alcançando a quietude além dos meus pensamentos.

*O que foi visto é desvisto; o que foi sentido agora é insensibilidade.
O que era osso se dobra; o que era pelo é ar.*

As almofadas das minhas patas sumiram. Eu sabia que impressão os lobos teriam: a de que eu havia desaparecido diante de seus olhos. Ouvi um gemido coletivo de espanto.

– A última a chegar na toca é um pé de rato – provoquei. Não consegui me conter.

– Raposinha cheia de truques! – gritou Lyrinclaw.

– Onde ela está? – perguntou Cattisclaw.

Norrallclaw andava em volta dela.

– Sumiu!

Comecei a correr pela neve. Recorrendo ao maa, karakei um latido de raposa entre dois abetos altos. Através da névoa da redução, vi os lobos olhando em volta. Lyrinclaw correu para as árvores, e os outros a seguiram. Enquanto eles estavam de costas, dei mais alguns passos, e depois corri por outro caminho na direção de um aglomerado de arbustos.

Os lobos latiam, farejavam de um jeito frenético.

– Ela não veio para cá!

– Não deixa a raposa chegar à toca antes de você, Lyrinclaw!

Acelerei o passo, correndo entre os arbustos.

– Corre – aconselhou Cattisclaw à loba cinza. – Ela não pode ganhar de você na velocidade. Passa na frente dela antes que ela

chegue lá!

Pelo canto do olho, vi Lyrinclaw correndo para a toca. A frustração fez meu pelo tremer. Esperava que ela tentasse me farejar, mas a loba não perdia tempo.

– Por aqui – uma voz cochichou. Minhas orelhas caíram para trás.

Ainda em redução, inclinei a cabeça. Em meio à névoa, consegui ver a silhueta de um lobo. Ele tinha orelhas caídas. – Vi suas pegadas na neve. Vem comigo. É um atalho.

Lop se virou e passou por baixo de um arbusto. Eu o segui. Do outro lado do arbusto, a neve mergulhava em uma espécie de túnel.

Lop seguiu por ele enquanto cortava entre duas pedras prateadas.

Um momento depois, estávamos na toca.

– Está invisível! Eles não conseguiram te ver! – comentou Lop, arfante.

Suspendi a redução e olhei para ele.

– É um tipo de Foxcraft. Eles também não viram você!

Os olhos de Lop brilharam.

– Talvez eu tenha Foxcraft!

Entendi o que ele queria dizer: ninguém via o lobo-servo.

Lyrinclaw entrou correndo na toca e me encontrou deitada de lado, limpando as patas casualmente.

– Impossível! – latiu a loba. – Como conseguiu isso?

Os outros lobos a cercaram, ofegantes. Lop recuou balançando a cauda.

– Conta para nós, Isla! – pediram os lobos.

– Por favor, conta, estamos desesperados para saber!

Um uivo os interrompeu. Os lobos ficaram em silêncio e se curvaram, abaixando a cabeça. Amarog se levantava sobre a colina.

O sol baixo inundava o horizonte com uma luminosidade rosada.

Recortada contra essa luz, Amarog parecia preta.

– Eu convoco o Bishar dos Claw. Convoco o Príncipe Farraclaw Mandíbula-Valente.

Farraclaw caminhou na direção dela, subindo a encosta até o topo da colina. Ela se curvou diante dele, e ele retribuiu o gesto. Os outros lobos assistiam a tudo em silêncio. O ar estava carregado.

Era como se uma tempestade se formasse no meio de seus pelos.

Farraclaw abaixou a cabeça.

– O que tem a dizer, Amarog, a Sábia?

– Percorri a Região Taku e comunguei com os ancestrais. Ofereci gratidão. – Amarog baixou o focinho. De longe, era difícil saber o que ela estava olhando, mas senti seus olhos em mim. Um arrepio percorreu meu corpo. – A noite lambe os limites da tundra. A neve derrete assim que cai. Os bisões estão no Pico Branco.

Olhei para cima. Ela estava certa: a neve tinha se transformado em chuva gelada. Eu estivera ocupada demais brincando com os lobos para notar.

– Quer dizer... – A cauda de Farraclaw se ergueu.

– Olhe para o céu!

Todos nós olhamos para cima. Embora ainda não estivesse escuro, a lua estava nascendo, uma lasca branca.

Nenhum sangue será derramado até que a lua seja um pingente de gelo no rio do céu!

– A hora chegou – anunciou Amarog. – Os ancestrais olham pelo Bishar.

– Obrigado, reverenciada Amarog – agradeceu Farraclaw, curvando-se. Depois, levantou os ombros e respirou profundamente.

– Um Bishar, unido.

– Um Bishar, unido! – repetiram os lobos.

Notei a chama nos olhos de Farraclaw.

– Juntos nos levantamos, juntos caímos!

– O Bishar dos Claw é o mais forte de todos! – responderam os lobos em uníssono, a voz retumbante.

– Que a Terraneve trema com aquilo de que somos feitos! –
bradou Farraclaw.

– Os lobos do Claw nunca têm medo.

O príncipe ergueu o focinho com orgulho.

– Pela amizade. Pela honra. Para sempre.

– Pela amizade. Pela honra. Para sempre! – Os lobos latiram de volta. As caudas balançavam, as orelhas apontavam para a frente.

Todos olhavam para Farraclaw no topo da colina.

Ele ergueu a cabeça e uivou. Os lobos uivaram em resposta, uma melodia de chamados entusiasmados. A luz passou por mim, uma injeção de maa.

Eles não explicaram por que estavam uivando – não era necessário. Eu tinha visto o suficiente para entender.

A caçada ia começar.



7

Uma onda de uivos se levantou sobre a tundra.

Os lobos me cercavam, todos olhando para o alto, apontando o focinho para a luz que se erguia no céu. Olhei para Farracław no alto da colina. A ponta de seu pelo era dourada à luz cada vez mais fraca. Ele desceu a encosta, correu na direção da toca. A maioria dos lobos ficou em silêncio. Estavam atentos, prontos para segui-lo.

Mantinham a cauda erguida, as orelhas em posição de alerta. Dois ainda uivavam, desafinavam alternando gritos e ganidos aleatórios.

Farracław caminhou para a frente do Bishar, guiando-se pela neve. Ele passou por um aglomerado de pedras e começou a subir uma encosta bem inclinada. Mirracław e Cattisclaw o acompanhavam. Os outros lobos se posicionaram atrás do trio.

Todos os lobos participam.

Até Lop, que estava na retaguarda.

Só faltavam a rainha e seus filhotes, e o rei louco na caverna.

Talvez a rainha voltasse a caçar quando os filhotes ficassem mais fortes. Vi o restante do Bishar formar um arco na neve. Seus latidos abafados se erguiam sobre a tundra, com um ou outro uivo pairando no ar.

A curiosidade puxava meus bigodes. Comecei a seguir o grupo.

Quando alcancei o aglomerado de rochas, parei. Tinha esquecido alguém. Amarog continuava sobre a colina, absolutamente imóvel, como se fosse esculpida em pedra.

Os lobos seguiam em um ritmo constante, abrindo caminho entre os álamos. Mesmo que não corressem, eu me esforçava muito para acompanhá-los. De algum jeito, os uivos isolados me mantinham em movimento enquanto eles andavam entre as árvores, a caminho das colinas. Corvos decolavam dos galhos, as asas negras aplaudindo contra o vento. Eu me lembrei de minha experiência como uma grande ave sobrevoando o Rio Furioso. A onda de euforia quando olhei para a Terrabrava, o Mago envolto em uma névoa amarela. O horror quando o wa'akkir falhou, e a queda vertiginosa.

Eu não estava com pressa para tentar wa'akkir de novo.

Os álamos se estendiam diante de nós, me lembrando do que Farraclaw havia dito. O Bosque Claw era maior do que parecia. Os troncos brancos se enfileiravam em todas as direções até onde os olhos podiam alcançar. Os lobos passavam entre eles, iam com as orelhas apontadas para a frente. Vi Farraclaw guiando o grupo. A determinação emanava de seus ombros largos. Pela primeira vez, me perguntei o que os lobos iam caçar, que tipo de criatura era um *bisão*? Eu só os tinha visto como manchas distantes. Sabia que não era um esquilo nem um rato, tinha que ser alguma coisa maior. O

que podia ser tão grande a ponto de ser necessário um Bishar de lobos para ser capturado?

Depois de um tempo, os álamos foram ficando para trás. Os uivos e latidos dos lobos desapareceram no silêncio da noite. Olhei para trás. O último rastro vermelho brilhava sobre a tundra. Estrelas cintilavam em um céu impiedoso.

Os lobos reduziram a velocidade. Começaram a andar devagar, de cauda baixa. Longe da toca ou dos filhotes amigáveis, eu tinha plena consciência de ser diferente, uma raposa cercada por primos mortais. *Lobos matam raposas por diversão*. Meu pai disse isso uma vez. A lembrança me fez parar onde estava. Na retaguarda do Bishar, Lop caminhou na minha direção balançando as orelhas caídas. Ele lambeu meu focinho uma vez. Olhei para ele agradecida, superando o momento de medo. Agora era uma deles;

estava segura. Vi os lobos arranharem a neve, vi suas narinas pulsando. Eles procuravam a presa.

Farraclaw girou em torno de si mesmo, a barriga próxima do solo coberto de neve, e me viu. Ele me encarou, depois levantou a cabeça.

– Por aqui.

Os lobos subiam uma encosta, passavam sobre pedras pontiagudas que brotavam da neve. Não era fácil acompanhá-los.

Eu não conseguia saltar sobre as pedras como eles faziam. Lop ficou para trás para me empurrar.

Subimos uma colina. O ar lá em cima era frio e limpo. Parei para recuperar o fôlego, enquanto os lobos se aproximavam de tufos de ramos finos e escuros.

Lop olhou para mim.

– Artemísia. O bisão gosta.

Senti uma mudança entre os lobos. As caudas davam pequenas sacudidas. As orelhas giravam, os ganidos ecoavam.

Farejei a neve. Era difícil sentir cheiros no gelo, mas eu começava a me acostumar com o ambiente. Percebi um odor familiar acima e

adiante: picante, intenso, com uma nota de terra. Minha barriga roncou, e passei a língua pelo focinho. Lop olhou para mim como se compreendesse minha reação.

– É isso mesmo – sussurrou.

Farraclaw parou perto da artemísia, aproximando o focinho dos caules finos como gravetos. Os outros lobos se enfileiraram ao lado dele, quietos feito sombras. Espiei entre os arbustos e vi enormes pedras pretas. Fiquei intrigada. O que os lobos estavam olhando?

Então, uma das pedras se mexeu.

Farraclaw se virou e olhou para mim.

– Fica longe – avisou.

Abaixei a cabeça para indicar que tinha entendido a ordem.

Ele se inclinou para a frente, já se levantando, as omoplatas salientes. Foi manobrando pelo meio dos arbustos. Sem dizer nada,

os lobos se dividiram. Rattisclaw, Briarclaw e Lyrinclaw foram por um lado do campo de tufos. Thistleclaw e vários outros guerreiros seguiram pelo outro lado, enquanto Mirraclaw, Cattisclaw e Norralclaw seguiram Farraclaw. Lop ficava para trás, esperando sua vez.

Um lobo branco e forte com uma pata cinza correu atrás de Lyrinclaw. Lop o seguiu.

– Fique atrás de nós – ele me avisou.

Os arbustos eram como explosões escuras no meio da neve, talvez a uma cauda de raposa de distância um do outro. Os lobos ziguezagueavam entre eles, mantendo-se abaixados. A excitação pairava no ar, aderida ao pelo dos lobos. Mas seus passos eram

cautelosos. Uma fila de lobos seguia por um lado, outra fila avançava pelo outro. Percebi que eles se aproximavam do bisão. As enormes criaturas que eu tinha confundido com pedras estavam juntas. Havia dezenas delas, duas ou três para cada lobo.

Eu corria atrás de Lop quando, finalmente, consegui vê-los por inteiro. Eram os maiores animais que eu já tinha visto. O corpo enorme era coberto de pelo desganhado. A cabeça era tão pesada que me surpreendia que conseguissem levantá-la. Os animais arrancavam a artemísia e mastigavam de um jeito preguiçoso. Um levantou a cabeça e se assustou. A folha comprida pendia da boca.

Seus olhos escuros brilharam arregalados e transtornados. Sobre sua cabeça havia dois chifres curvos. As pontas afiadas reluziam.

Eu não conseguia imaginar como alguma criatura era capaz de matar um bisão... mesmo um lobo.

Mas não era um lobo caçando um bisão. Era o Bishar.

Quando os bisões levantaram a cabeça e bufaram, os lobos pararam de se aproximar. Ficaram parados, mantendo uma distância cautelosa da presa. Um bisão ameaçou atacar Rattisclaw, mas parou antes de começar a correr. Outro fez um barulho alto, um gemido longo, e espirais de fumaça brotaram de seu focinho. Os bisões se empurravam recuando, a cauda de cada um apontando

para o centro do círculo, criando uma parede de cabeças largas e chifres afiados.

Fiquei para trás como havia prometido. Farraclaw era o lobo mais próximo do rebanho. Ele estava de frente para um dos maiores animais, com as orelhas coladas à cabeça e a cauda esticada. Por um tempo, ninguém se moveu. Os lobos e os bisões pareciam estar congelados, presos ao solo coberto de neve. Cattisclaw mudou ligeiramente de posição, raspando a neve com as unhas. Tremores

de medo percorriam os bisões. De algum jeito, eles sabiam que tinham que ser corajosos, precisavam continuar encarando os lobos.

As patas de Farraclaw estavam presas ao chão, mas vi seus olhos se movendo, percorrendo todo o rebanho. Tive a impressão de que ele viu alguma coisa em um dos animais e se aproximou um pouco mais. Era uma criatura enorme cuja cauda se movia. O

animal já batia o casco no chão e grunhia furioso.

Farraclaw deu um passo na direção do bisão nervoso. Seus lábios se retraíram, e um rosnado brotou da garganta.

A maior parte do rebanho se mantinha onde estava, mas o bisão nervoso da cauda em movimento mexia as patas e inclinou o corpo para trás, chocando-se com outro animal. A massa escura de corpos se moveu, e senti a tensão dos lobos. Farraclaw deu mais um passo à frente. Sem avisar, o bisão nervoso se adiantou e atacou Farraclaw, sua cabeça baixa, os chifres apontados para a frente. Farraclaw saltou, saiu do caminho do animal e foi parar ao lado do rebanho. Mirraclaw e Cattisclaw encaravam o bisão nervoso que, confuso, se virou com a cauda balançando.

O rebanho começou a se mexer. Os olhos escuros estudavam os lobos, os cascos castigavam o chão. Outro bisão avançou contra Norraclaw, que desviou dos chifres pontudos.

O impasse chegou ao fim: os bisões começaram a correr.

Os lobos foram atrás deles, correndo dos dois lados do rebanho.

Eu continuava atrás com Lop. Quando os animais se espalharam pela artemísia, vi Farraclaw, Mirraclaw e Cattisclaw indo e voltando,

perseguindo um bisão atrás do outro. Minhas orelhas giraram, minha respiração ficou mais rápida. O que estavam fazendo? Os bisões

estavam ficando bravos. Cattisclaw passou correndo na frente de Lop, alcançou uma das criaturas e mordeu sua pata. O

bisão se virou na direção dela sacudindo a cabeça chifruda. Ele gemeu alto, com ferocidade. Mas, quando se moveu, percebi que estava mancando. Uma de suas patas traseiras estava machucada.

Entendi o que Farraclaw e seus nobres estavam fazendo.

Estão testando os bisões. Procurando sinais de fraqueza.

O rebanho galopava com velocidade surpreendente. Tinham a vantagem do tamanho na corrida pela artemísia. Os lobos eram forçados a desviar dos arbustos pontiagudos no esforço para acompanhar suas presas.

Eu corria com os lobos. O vento varria a artemísia, jogando neve em nossos olhos. Pisquei e sacudi a cabeça. Vi Cattisclaw correndo na direção de Farraclaw. Mirraclaw e Norralclaw corriam perto deles.

Por um momento, todos olharam em volta procurando o bisão com a pata machucada. Então, Mirraclaw e Norralclaw se adiantaram, ultrapassaram o bisão ferido, assustando o rebanho para fazê-lo correr ainda mais. Farraclaw acompanhava a criatura quando Cattisclaw se aproximou, adequando o ritmo ao dele.

O bisão machucado abaixou a cabeça e aumentou a velocidade, diminuindo a distância entre ele e o rebanho. O suor escorria de suas costas e cobria as ancas, brilhando ao luar. Em um grande campo de artemísias, ele se afastou dos lobos, que tinham que desviar dos arbustos. Mirraclaw se colocou no caminho do enorme animal, e o bisão abaixou a cabeça e correu para o lobo branco, que saiu do caminho no último instante.

Quando o rebanho saiu do campo de artemísias, os lobos aceleraram e eu caí ofegante na neve. Não conseguia mais acompanhá-los. Caí deitada e fiquei observando a ação por entre os arbustos altos.

Na tundra aberta, a vantagem mudou de lado. Os bisões abriam caminho pela neve espessa. Mesmo para criaturas daquele tamanho, devia ser exaustivo. Era mais fácil para os lobos, que seguiam a trilha criada pelo rebanho. Mesmo assim, eles ficavam para trás. Os bisões estavam conseguindo escapar.

Pensei nos filhotes na toca. Dorrel não aguentaria mais um dia sem comida. Mas como os lobos conseguiriam pegar criaturas tão poderosas? O bisão ferido corria muito, acompanhando os outros.

Era impossível passar por aqueles chifres pontudos.

Suspirei e olhei para o céu. Inúmeras estrelas cintilavam no veludo da noite. Entre elas, vi as Luzes de Canista. Eram maiores, mais brilhantes do que jamais as tinha visto antes. Um grito agudo atraiu a minha atenção para a caçada. Farraclaw tinha parado na tundra e uivava olhando para o céu. Reconheci o chamado intenso, puro.

Os outros lobos se reuniram em torno dele. Também começaram a uivar, erguendo a voz em harmonia. Os uivos foram ficando mais fortes, muito altos, como se fossem emitidos pela voz de centenas de lobos.

Os lobos avançaram.

Correr como um Bishar... é isso que significa caçar de verdade.

Farraclaw dissera isso no Grunhido.

Correr pelos reinos congelados, uma centena de patas batendo na neve ao mesmo tempo, feito uma nevasca na cara e o frio na garganta, com o espírito de seus ancestrais como incentivo para continuar.

A terra vibrou, como vibrava na malinta. Os lobos não uivavam mais, mas o eco das vozes ainda tremia no ar congelado. Vi os bisões

hesitarem, intrigados com os sons em torno deles. Era quase como se os lobos usassem karak, mas não... isso era outra coisa.

Olhei com mais atenção, dei uma sacudida no corpo.

Na escuridão da noite, uma névoa de prata cercava os bisões. As silhuetas de muitos lobos. *Os ancestrais do Bishar dos Claw.* Suas

patas tocavam a neve, enquanto uivos fantasmagóricos se erguiam sobre o horizonte escuro.

Uma única besta, um só coração, e os cascos da presa abrindo caminho como um trovão.

A voz da terra: *cá-tump, cá-tump.*

Eu assistia a tudo admirada. Os lobos prateados se transformavam. Estavam se fundindo, juntando-se a Farraclaw e ao Bishar. O formato das patas, das orelhas e das caudas desapareceu. Por um instante, o que eu via não eram os lobos do Bishar, nem as inúmeras silhuetas prateadas de seus ancestrais. O

que corria pela tundra era uma forma solitária.

Um lobo gigantesco e destemido.

Uma só criatura, um só coração.

O rebanho explodiu em pânico. Os bisões corriam de forma caótica pela neve. O lobo prateado se misturou aos corpos do Bishar. Os predadores correram para o bisão machucado. A criatura cambaleava entre os abetos e tomava o caminho das artemísias.

Balançava a cabeça sem saber para onde ir.

Cá-tump, cá-tump.

Nesse momento, Farraclaw atacou, saltando sobre o flanco do animal. Cattisclaw atacou o rabo, enquanto Mirraclaw cravava os dentes em uma pata traseira. A criatura caiu em meio a uivos triunfantes. O Bishar cercou o bisão caído. Sua morte foi rápida e misericordiosa sob as Luzes de Canista.

– Que os mortos descansem na paz da floresta – Farraclaw decretou, provocando uma rajada de uivos.

O restante do rebanho de bisões já se reagrupava na neve. Eles fugiram correndo, olhando para trás com tristeza. Mas seus movimentos tinham perdido o ritmo frenético. Por ora, estavam seguros.

Os lobos tinham capturado sua presa.



8

A carne succulenta era suficiente para ser dividida entre todos os lobos, os filhotes, o rei e a rainha. Era o bastante também para Amarog, embora ela quase não comesse.

Os restos do bisão foram deixados na neve, onde águias e corvos se reuniram. Um coiole solitário assistia a tudo de longe. Eu esperava os lobos irem embora. Ele me lembrou o chefe dos coioles na Terrabrava, e isso me fez pensar em Siffrin.

Queria que a raposa de pelo vermelho estivesse aqui comigo.

Queria que tivesse visto a caçada. Eu nunca conseguiria descrever a beleza e o poder de tantos lobos agindo como um só.

Não sabia quanto tempo havia durado, ou por quanto tempo ficamos nos banqueteados do bisão morto. Quando Farraclaw se levantou ao lado dos restos, ainda estava escuro.

O Bishar começou a descer a encosta congelada. Os lobos não marchavam mais em formação. Havia uma leveza em seus movimentos. Lá em cima, Rattisclaw e Norralclaw se empurravam rosnando baixinho.

Cattisclaw se aproximou de mim.

– O que achou de sua primeira caçada?

Eu me lembrei de quando peguei meu primeiro rato, reduzindo para surpreendê-lo. Um bisão era muito diferente de um rato.

– Incrível – respondi. Era verdade. O grande lobo prateado ainda tremulava em meus pensamentos. – Você foi muito corajosa.

– É fácil, com um líder como Farraclaw para nos inspirar. – Os olhos dela transbordavam devoção.

– Era o rei quem liderava a caçada?

– Sim. Antes de adoecer, o Rei Birronclaw Uivo-Valente era feroz.

O Bishar era forte sob seu governo. – Ela olhou para trás e chegou mais perto de mim. – Mas ele era diferente de Farraclaw.

Inclinei a cabeça.

– Diferente como?

– Não cuidava dos lobos do mesmo jeito. Exigia muito do Bishar.

A irmã de Farraclaw, Hessaclaw, era forçada a correr na frente do grupo com os nobres. Para o rei, isso era uma questão de orgulho.

Ela era pequena para a idade. Não estava preparada.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Ela foi pisoteada em um estouro de rebanho. – Cattisclaw olhou para o outro lado. – O rei nem parou, não permitiu que ninguém parasse. Amarog comandou o luto naquela noite, quando a caçada acabou... mas devia ter sido o rei.

– Isso é horrível – murmurei.

– É claro que todos nós queremos que o rei se recupere. No entanto... – Sua voz sumiu. Ela se sacudiu. A voz ganhou uma nota animada. – Você correu com a gente. Agora é uma loba honorária, Isla.

Minha cauda caiu.

– Mas eu nem ajudei.

– É claro que ajudou. – Era a voz de Farraclaw. Eu não tinha percebido que ele estava atrás de nós. Esperava que não tivesse ouvido o que Cattisclaw disse sobre seu pai. – Você veio, compartilhou seu maha. Não tem a ver com o individual.

Pensei mais uma vez no grande lobo prateado.

– Isso eu sei.

Quando voltamos à área de álamos, partículas de luz suave surgiam sobre o Bosque Rosnado. Os lobos triunfantes seguiam em

frente pela neve. A maioria se dirigia à toca dos filhotes, ansiosa para oferecer carne aos pequenos famintos.

Farraclaw ficou para trás. Com uma inclinação do focinho, ele me chamou para baixo de um álamo.

– Ainda está decidida a se aventurar no oeste e entrar no Bishar dos Fang? – Seus olhos de lua amarela mergulhavam nos meus.

– Eu tenho que ir – respondi. – Se existe uma chance de encontrar meu irmão...

Ele inspirou profundamente.

– Então você tem um longo caminho pela frente.

– Um longo caminho – repeti. Foi assim que os anciãos se referiram à minha jornada à Terraneve. Minha cauda se moveu com nervosismo. Pensei em Jana e nos outros, os misteriosos guardiões da Foxlore. Lembrei com inveja o incrível domínio que tinham da Foxcraft. Como essas habilidades seriam úteis para encontrar Pirie!

– Você não pode ir sozinha, é muito perigoso. Eu vou com você.

– Não posso pedir que me acompanhe. Você lidera o Bishar!

– Você não pediu, eu me ofereci. Você me deu a liberdade, e não posso desampará-la, não depois de descobrir como é ser afastado da família.

O calor me invadiu, e apoiei a cabeça no peito de Farraclaw. Seu pelo era grosso embaixo da minha orelha.

– Partiremos quando anoitecer. Primeiro, precisamos descansar muito. Caçar cansa, e o que nos espera no território dos Fang pode ser ainda mais cansativo. Vamos levar mais um lobo. Tem segurança em um trio. – Farraclaw me empurrou com o focinho. –

Você passou um tempo aqui e aprendeu um pouco do nosso jeito.

Pode escolher um guerreiro para se juntar a nós.

Afastei a cabeça de seu pelo denso e pensei um pouco. Olhei além de Farraclaw, para o Bishar que se afastava e já desaparecia entre os álamos.

– Queria levar Lop.

– *Lop?* Ele é o lobo-servo! – O príncipe não disfarçava o desgosto.

– Pensei que todos os membros do Bishar fossem importantes.

– E são, mas... Como Lop vai poder ajudar, se tivermos problemas sérios? Ele não sabe lutar. Não é capaz de liderar.

Encarei Farraclaw.

– Há outras qualidades.

Por um momento, ele olhou para mim sem dizer nada. Depois, abaixou a cabeça para demonstrar aceitação.

– Quando o sol estiver sobre os álamos, começaremos nossa jornada. Ela vai ser longa e, para você, especialmente cansativa.

Você vai determinar o ritmo.

– Obrigada! – arfei, me jogando contra seu peito mais uma vez.

Por um instante, Pirie tremulou na minha frente. Sua respiração se misturou à minha. *Esse caminho ainda não terminou.*

Estava apenas começando.

Os lobos ainda dormiam à minha volta, roncando baixinho, a cauda enrolada nas patas. Um manto azul-escuro cobria o céu. O

crepúsculo. Pisquei, e meus bigodes balançaram. Havíamos dormido o dia todo. Eu me lembrei de como tinha me sentido exausta depois do maa-sharm na Terrabrava; como Siffrin dormira depois de salvar

minha vida. A caçada também devia esgotar o maa. Fazia sentido: a tensão do impasse, a energia da perseguição.

O grande lobo dançando no meu campo de visão.

O que é isso que procura?

Virei a cabeça. Os lobos ainda dormiam. Menos um: Amarog estava sentada longe do grupo, olhando para mim com os olhos de duas cores. Minhas orelhas colaram na cabeça. Ela falava sem usar palavras. Tinha entrado em meus pensamentos!

– Como fez isso? – gaguejei. O pelo estava em pé nas minhas costas.

Você consegue me ouvir... imaginei que pudesse. Seus lábios não se moviam.

Eu tinha receio dessa loba estranha. Não me sentia segura diante de seu poder. Porém, olhei dentro daqueles olhos e me ouvi dizer:

– Estou procurando meu irmão. Ele desapareceu.

Senti um invasor. Uma raposa.

– Pirie? – Ergui a voz, mas os lobos continuavam dormindo.

Não sei o nome dele. O vento tocou o pelo desgrenhado e as folhinhas tilintaram. Até onde irá para encontrá-lo?

– A qualquer lugar – respondi. – Até o fim da terra. – Embora eu me comunicasse com palavras, os lobos Claw permaneciam imóveis, como se um manto de sono pairasse sobre eles.

E o que está disposta a fazer?

– Faria qualquer coisa para ter meu irmão comigo.

Qualquer coisa?

Com um sobressalto incômodo, eu me lembrei do que Haiki dissera. *Eu faria qualquer coisa para ter minha família de volta.*

Uma sombra passou pelos olhos da xamã. *Preste atenção a quem serve. Seu caminho não é solitário. Outros a vigiam. E*

também se interessam por como esse caminho termina.

Os pelos na minha nuca se arrepiaram.

– O que você quer dizer?

Ela inclinou o focinho. *Você tem o maha de uma guerreira. Tem o estômago de uma também? Vai levar na boca o sangue dos mortos?*

– Não pretendo matar ninguém – afirmei com tom defensivo.

Amarog não respondeu. Continuou olhando para mim. Depois se levantou e se afastou pela neve entre os álamos. Quando ela foi embora, os lobos começaram a acordar. A respiração profunda do sono se tornou mais curta. Pálpebras tremiam e olhos se abriam. Os lobos começaram a bocejar e se espreguiçar. Alguns murmuravam animados sobre a caçada da noite anterior.

Farraclaw ficou em pé e limpou a garganta.

– Lobos do Bishar dos Claw, tenho uma coisa a dizer – anunciou.

Um a um, todos olharam para o príncipe. – Isla precisa nos deixar; ela tem que ir às Navalhas de Gelo. Está em uma jornada pessoal para encontrar o irmão, Pirie. Eu respeito essa necessidade de estar com os de sua espécie.

Lyrinclaw ganiu desapontada.

– Você não vai, não é, Isla?

– Ela precisa ir – disse Farracław. – E eu vou com ela.

Caudas ficaram tensas. Cattisclaw deixou escapar um ganido.

– Vai *partir*, senhor?

Ele inclinou a cabeça.

– Não por muito tempo. Enquanto estiver fora, peço a Lorde Mirracław Feroz-Raa para liderar o Bishar guiado por Amarog, a Sábua.

O lobo branco inclinou a cabeça.

– Será uma grande honra servir – disse. Seus olhos frios se voltaram para mim.

Norralclaw se levantou.

– As Navalhas de Gelo ficam no fundo do Reino dos Fang.

– Eu sei onde ficam – respondeu Farracław, pacífico.

– Mas é território do Rei Orrùfang! – A cauda de Cattisclaw permanecia abaixada. – Por que tem que ir *lá*?

Farracław olhou para mim.

– Isla procura alguma coisa que está enterrada lá. Sei que agora não faz muito sentido... Talvez eu possa explicar melhor quando voltar.

Norralclaw se levantou.

– Se o pegarem, senhor...

– Nesse caso, invocarei o antigo Tratado de Serren, no qual o Rei Serrenclaw e o Rei Fironfang concordaram com a livre passagem por

uma causa nobre. Não vamos entrar para roubar ou dominar, mas para ajudar nossa amiga. O Tratado de Serren se aplica a esse caso.

Queria saber para onde tinha ido a xamã. Eu ainda estava perturbada com suas palavras.

– Quando vão partir? – perguntou Briarclaw.

As orelhas de Farraclaw apontaram para a frente.

– Agora. Imediatamente.

– Só vocês dois? – indagou Cattisclaw. – E se encontrarem o Bishar dos Fang?

– Seremos três. – Farraclaw olhou entre os lobos, e sua cauda se estendeu atrás dele. – Lop também vai.

Na periferia do grupo, o lobo de orelhas caídas levantou a cabeça numa reação surpresa.

– *Eu?*

Os outros se agitaram sem esconder o espanto.

– Por que Lop? – questionou Rattisclaw.

As orelhas de Farraclaw vibraram.

– Isla o escolheu.

Lop se levantou desconfiado e caminhou em minha direção.

Andava como sempre, sem muito vigor, a cauda perto do flanco. Ele se curvou na minha frente.

– Será um privilégio ir com vocês. Se acha que sou digno dessa missão. – E olhou para Farraclaw. – Senhor, eu me sinto honrado.

– Foi escolha de Isla – repetiu o príncipe com tom seco.

Os lobos nos cercaram para as despedidas, cutucando e lambendo nosso focinho.

– Tomem cuidado – disseram. – Voltem logo.

– Voltem logo – repetiu Mirraclaw. Ele mantinha o queixo erguido e os olhos frios voltados para os distantes picos dos Fang. Encostou o focinho no de Farraclaw, mas parou antes de se despedir de mim.

O pelo das minhas costas arrepiou-se.

Olhei para Cattisclaw.

– Por favor, diga adeus aos filhotes por mim. – Esperava que os pequenos entendessem.

– Eu direi. Até breve, Isla.

Os lobos deram adeus.

– Corram depressa, fiquem seguros, vivam livres! – disse a eles, lembrando como os anciãos se despediram na Pedra.

– É isso que dizem as raposas? – perguntou Cattisclaw.

Hesitei.

– Sim – respondi. – É o que nós dizemos.

– Corra depressa, fique segura, viva livre! – repetiu ela. Os lobos uivaram, balançaram a cauda e apontaram o focinho molhado para mim. Senti a vibração de seu maa.

– Vamos, Isla. É hora de ir. – Farraclaw levantou a cauda. – Pela amizade. Pela honra. Para sempre.

– Pela amizade. Pela honra. Para sempre! – repetiram os lobos.

Amarog surgiu entre os álamos. Ficou parada em silêncio, com as orelhas pontudas virando para lá e para cá. Os olhos bicolores estavam cravados em mim.

Farraclaw nos guiava pelos álamos, andando pela floresta curva enquanto a escuridão ia cobrindo tudo. Eu o seguia andando na neve, com Lop atrás de mim. Quando olhei para trás, o lobo de orelhas caídas piscou para me incentivar.

Não foi um erro convidá-lo para vir.

A Terraneve era muito silenciosa, não tinha o ruído constante da Terracinza, nem o chilrear da Terrabrava. Quando as árvores deram lugar à tundra aberta, a lua estava alta no céu.

Farraclaw parou para me esperar.

– Vamos atravessar a fronteira sul da Região Taku. Está vendo aquela área escura de árvores a oeste? Vamos entrar por lá.

Era uma rota estranha que nos obrigava a dar uma volta imensa pelo Bishar dos Claw.

– Por que não vamos em linha reta?

Senti Lop ficar tenso.

Os olhos amarelos de Farraclaw cintilaram.

– Não vamos ofender os ancestrais profanando o território onde eles repousam.

Pensei em mamãe, papai e vovó.

– Eles partiram. Que diferença isso faz? – As palavras saíram mais duras do que eu pretendia.

Farraclaw não parecia ofendido.

– A carne pode perecer, mas o maha nunca morre. Ele sobe, paira no ar e se mistura ao solo.

Abri e fechei a boca. Ele se recusara a caçar, porque Amarog dissera que os ancestrais não estavam preparados. Eu sabia que o príncipe lobo não cederia.

Estava quase amanhecendo quando chegamos à pequena floresta na fronteira do Bishar. Tínhamos descansado um pouco na tundra e bebido de um lago gelado. Estava pensando se poderíamos descansar de novo, mas Farraclaw parecia disposto a seguir em frente.

– O sol está nascendo. Vamos continuar até onde for possível, enquanto tivermos a proteção das árvores. É uma pena não podermos esperar o degelo. Isla, seu pelo vai nos fazer aparecer muito na neve.

Minha cauda caiu numa reação de culpa.

– As árvores continuam até o Rio Furioso. Já é alguma coisa –

disse Farraclaw. – Vamos ter que prestar atenção nas poças ferventes. – Eu me lembrei da fumaça azul que tinha visto das pedras pretas. Olhando para trás, para o Bishar dos Claw, pensei no que o príncipe dissera a Norralclaw. – E o “Serren”? Temos mesmo que nos esconder? Os lobos do Fang não vão nos deixar passar?

– Não duvido de que esse antigo tratado seja conhecido pelos lobos do Fang. Mas nunca testei sua eficiência. – Farraclaw inclinou a cabeça, e a cauda se moveu uma vez. – Se não se importa, prefiro não fazer o teste hoje. O Rei Orrùfang é filho do Rei Garrùfang, que foi assassinado. Ele nunca perdoou meu pai. Espero que seja razoável, mas...

Eu não ia discutir.

Quando atravessamos o limite do Bishar dos Fang e passamos pelas árvores baixas e escuras, Farraclaw olhou para trás.

– Lamento tirar você de sua casa.

– Tudo bem – murmurou ele. – Já fui tirado do Bishar dos Claw pelos sem-pelo. Agora saio por vontade própria. Meu coração me diz que voltarei.

As linhas entre os Bishars pareciam invisíveis. Onde os sem-pelo da Terracina teriam construído muros, os lobos deixavam cheiros que eu não conseguia interpretar. Tudo que via era uma fileira de salgueiros secos. Mas percebi a mudança em Farraclaw e Lop. Eles tinham o corpo tenso e andavam abaixados, com a barriga perto do chão e as orelhas se movendo. Eu não me atrevia a interromper a concentração.

Eu me lembrei do sonho que tive, aquele em que eu era Pirie, e Pirie praticava Foxcraft. As cores e os barulhos eram muito intensos, muito mais fortes que tudo que já senti. Aquilo me deixou incomodada. Era mais que um sonho? Tive a sensação de que era muito *real*.

Continuamos pelo Bishar dos Fang. A luz entre as árvores se tornou mais brilhante. Aves chilreavam nos galhos. Uma lebre passou correndo pela relva irregular e desapareceu na folhagem.

Senti o cheiro fraco de pétalas no ar frio. Mas o calor da malinta ainda não havia chegado à Terraneve. Uma camada de neve cobria os galhos das árvores e rangia sob nossas patas.

Depois de um tempo, senti outro odor. Azedo, como de alguma coisa podre. Meus bigodes se arrepiaram, o cheiro me fez lembrar o aroma horrível dos Dominados. Mas esse era diferente, úmido... Um momento depois, vi uma fumaça azul se movendo sob as árvores.

Farraclaw olhou para mim.

– Estamos perto de uma das poças ferventes. Tome cuidado; elas são mortais. Não toque nelas.

Eu a vi entre os troncos de árvore. A água tinha um tom profundo e metálico de azul. As pedrinhas que marcavam a beirada da poça eram cor de laranja, queimadas. O calor se projetava no ar em explosões de vapor. A água gorgolejava e borbulhava.

Eu me lembrei das palavras do Rei Birronclaw.

O esconderijo está enterrado longe daqui, em meio a fogos borbulhantes que têm cheiro de podre, cercados por farpas congeladas que são maiores que lobos e mais afiadas que dentes.

Senti o entusiasmo em meus bigodes. Estávamos chegando perto. Inclinei a cabeça e olhei dentro da poça.

– Por que é quente? – Estávamos cercados de neve, de ar congelante... não fazia sentido. A Terraneve tinha uma magia própria, algo que parecia desafiar as leis da terra.

– Não chegue perto – avisou Farraclaw.

Lop falou em voz baixa, como se temesse despertar a fúria da poça:

– Tem um fogo inquieto embaixo da terra. Alguns dizem que ele é a origem de boa parte do nosso maha, como as Luzes da Rainha Canista. Onde o fogo lambe a poça, faz a água ferver com o calor.

Inclinei a cabeça com interesse.

Farraclaw suspirou impaciente.

– Não estamos longe do Rio Furioso. Vamos ultrapassar a proteção das árvores antes do anoitecer. Por que não descansa agora, Isla, enquanto damos uma olhada por aí? – E olhou de um jeito assertivo

para o lobo de orelhas caídas. – Lop, siga a trilha das árvores e descubra onde elas acabam.

– Sim, senhor. – Lop abaixou a cabeça.

– Vou explorar a margem do rio. Não demoro. Isla, fique perto do tronco dessa árvore. Aqui vai estar segura. Se acontecer alguma coisa, me chame.

Eu sentia os membros pesados depois de um dia inteiro andando no frio congelante. Não conseguia manter esse ritmo, não como os lobos. Eu me acomodei apoiada ao tronco e recolhi a cauda. Meu

focinho se acostumou com o cheiro da poça. O ar quente era relaxante. Logo meus olhos ficaram pesados, e cochilei.

Acordei com o crocitar de um corvo. Ele bicava um galho sobre minha cabeça. A ave abriu as asas reluzentes e voou. Eu me levantei farejando. O corvo tinha construído seu ninho ali, um trabalho complexo de gravetos entrelaçados. Com as patas dianteiras apoiadas no tronco da árvore, eu quase conseguia alcançar o ninho. Tinha alguma coisa ali... estiquei o pescoço. Vi o contorno da casca verde-clara salpicada de marrom e cinza.

Ovos!

Papai tinha contado tudo sobre eles. Quando era filhote na Terrabrava, ele procurava ovos com seus irmãos e irmãs. Eram a melhor refeição, intensos e deliciosos.

Lambi os bigodes.

Estendi uma pata dianteira para o ninho, tentando alcançar um dos ovos brilhantes. Um grito agudo me assustou e eu me virei de repente, perdendo o equilíbrio e caindo contra o tronco da árvore.

Um corvo voou na minha direção, seu bico afiado roçando o topo da minha cabeça. Lati, surpresa, e me encolhi junto da árvore.

O corvo deu uma volta e me atacou novamente, uma confusão de raiva e penas. Outro corvo vinha em minha direção. A escuridão me envolveu quando os pássaros bateram as asas na frente do meu focinho, apontando o bico para os meus olhos. Caí de costas, mas eles não me atacaram. Um borrão de escuridão e fúria girava à minha volta. Eles mergulharam outras vezes, sempre com gritos ensurdecedores. Seus bicos perfuravam minha pele e me faziam sangrar.

Falei para mim mesma com autoridade: *Não entre em pânico! São apenas pássaros!*

Mas eu não podia evitar, os corvos continuavam atacando.

Comecei a correr. Eles guinchavam e me perseguiram, bicando furiosamente. Minha pata escorregou, e senti uma dor intensa. Eu tinha encostado nas pedrinhas cor de laranja. Desequilibrada,

balançava com grande perigo, e os pássaros atacavam com mais violência. Uma bicada na orelha me fez gritar. Estava caindo.

Cambaleei para trás, e a água borbulhante lambeu minhas patas.



Uma nuvem branca explodiu no meio das árvores. Dentes seguraram minha nuca e me jogaram em um trecho de relva.

Olhei para cima e vi Farraclaw. Seus olhos eram luminosos, os círculos negros pequenos contra a luz do sol. Isso só o fazia parecer ainda mais feroz. A poça borbulhava atrás dele, cuspidando água fervente.

– O que estava fazendo? – rosnou ele. – Acha que sobreviveria a um mergulho nesse buraco?

Minhas orelhas baixaram e encostaram na cabeça.

– Desculpa... – Olhei em volta, mas os corvos tinham voado ao ver o lobo. Vi Lop correndo entre os troncos.

Farraclaw soltou o ar lentamente.

– Tudo bem. Foi um acidente.

Lop se aproximou de mim e farejou minhas patas.

– Isla, você se machucou?

Examinei as almofadas queimadas. Isso não era nada comparado ao que poderia ter acontecido.

– Nada sério – resmunguei. Levantei-me e me encolhi ao apoiar o peso nas patas.

– Posso ajudar? – ofereceu Lop. Ele se aproximou rastejando e lambeu minha pata dianteira. Era relaxante. O lobo cuidou de uma pata de cada vez e, quando terminou, eu já me sentia bem melhor.

– Obrigada – murmurei, e mexi as patas. Olhei em volta.

Farraclaw havia se afastado. Estava andando entre as árvores.

Ele voltou correndo.

– Acho que tem lobos perto daqui. Talvez tenham escutado nossos movimentos.

Meus pelos se arrepiaram. Segui Farraclaw, e Lop veio logo atrás de mim. Caminhávamos entre as árvores meio abaixados. Um tufo grande de folhagem surgiu na nossa frente, e desviamos dele.

Quando alcançou a árvore seguinte, Farraclaw parou. Um momento depois, eu ouvi: vozes de lobos.

– Plano ambicioso – dizia um deles. – Com ou sem um rei, não vai ser fácil.

– É fácil – respondeu outro. – Você ouviu o que ele disse, o Bishar é fraco. Todo lobo sabe disso, daqui até o mar profundo. Fomos cautelosos por muito tempo. Por que temos que esperar enquanto o bisão está no território deles? Por que nossos filhotes precisam ficar com fome?

– Lorde Raùfang – chamou outra voz. Percebi que os dois lobos não estavam sozinhos. Vi entre as árvores as silhuetas de mais dois.

– Agora não, Bravo Sneeglefang – grunhiu o primeiro lobo. – Não percebeu que dois lordes estão conversando?

– Peço perdão, Lorde Raùfang. Pensei ter ouvido...

– Eu disse *agora não*. – O lobo se virou para o companheiro. –

Nossos filhotes sofreram, e isso não é certo.

O primeiro lobo concordou rapidamente.

– Só por isso eu os mataria enquanto estivessem dormindo. A primeira ninhada do Rei Orrùfang, toda perdida. Temos o dever de vingá-los.

Ouvi os lobos arranhando a terra. Toquei Farraclaw com a pata.

Não era seguro ficarmos ali. Comecei a recuar e tropecei em Lop.

Mas Farraclaw se mantinha imóvel.

– Exatamente – respondeu o segundo lobo. – Não há espaço para misericórdia.

O primeiro lobo, aquele chamado Raùfang, virou-se para o que tinha falado.

– Agora, Guerreiro Sneeglefang, o que queria dizer?

Vi o lobo se curvar até o chão.

– Peço perdão, Lorde Raùfang, Lordessa Bezilfang. Não queria interromper a conversa. Mas ouvi um barulho atrás daquelas folhas.

Meu coração pulou para a garganta.

– Farraclaw – sussurrei com desespero. – Temos que ir. Eles são quatro, vão dar o alarme.

O príncipe lobo assentiu uma vez e se abaixou, afastando-se por entre as árvores. Em silêncio, corremos no meio das pedras. Eu não ouvia mais os lobos. Em vez disso, havia um suspiro nebuloso, o movimento de água. O barulho ficava mais alto na medida em que íamos andando, era água em movimento.

O Rio Furioso.

Quando as árvores se tornaram mais escassas, ele surgiu. À luz do dia, parecia ainda maior. A água passava sobre pedras brancas, castigando o cascalho. A terra do outro lado se perdia em uma nuvem de névoa e espuma.

A Terrabrava, os anciãos. Siffrin estava em segurança? Simmi e Tao chegaram à Terra Livre? Olhei para o oeste e me lembrei do Mago com seus olhos ácidos. Era aquela névoa que eu tinha visto pairando sobre a Terratreva?

Seu anseio era tomar forma física... e, nessa tentativa, só poderia destruir e escravizar os vivos. Ela começou a tomar forma, um ser fantasmagórico, construído de cinzas e pó... por isso a chamamos de Raposa Branca.

Queria saber o que Jana e os anciãos estavam fazendo. Eles se preparavam para enfrentar o Mago? Como poderiam derrotar a Raposa Branca? Ela nem estava *viva*. Não como uma raposa de verdade.

Farraclaw interrompeu meus pensamentos:

– Aqueles lobos estavam falando de nós.

Olhei para ele. A preocupação estava estampada em seus traços.

– Não mencionaram os Claw – apontei.

– Isso não importa. “Com ou sem um rei”, eles disseram. Já sabem sobre a doença de meu pai. O rei não é visto há luas. É claro que desconfiam... e falaram sobre a raiva do Rei Orrùfang. Só podem ser os Claw.

Farraclaw tinha razão.

– Quem você acha que contou a eles? – perguntou Lop.

Farraclaw o encarou com um olhar duro.

– Como assim?

Lop abaixou a cabeça.

– “Você ouviu o que *e/le* disse, o Bishar é fraco.” Foi o que um deles falou.

– Acha que tem um espião entre nós? – Os olhos de Farracław ardiam. Um grunhido baixo penetrou sua voz. – Nunca.

Tentei acalmá-lo.

– Talvez seja só conversa boba.

– Só tem um jeito de descobrir – decidiu Farracław enquanto se levantava. – Vou invocar o Tratado de Serren.

Revirei os olhos.

– Você ouviu aqueles lobos? Eles não vão permitir uma passagem pacífica.

– Eles não têm escolha. Essa é a tradição.

– E daí? – Tradição não *significava* nada. Não era ar. Não era terra nem chuva. Podia ser ignorada.

Farracław roeu a unha com impaciência.

– Você é uma raposa. Não entende. Eles vão respeitar nossos antigos costumes; é uma questão de honra.

– Mas você mesmo disse...

– Eu só estava sendo cauteloso. – Farracław me encarou aborrecido. O príncipe não estava acostumado a ser contrariado.

Ele começou a se virar. – Quero descobrir o que estão planejando.

Lop arregalou os olhos.

– Mas eles podem te ouvir. E se for capturado? O Bishar precisa de você.

Farraclaw olhou para ele irritado, e Lop se calou.

O príncipe ia acabar se matando. Senti a irritação tocando minha cauda.

– Faça o que quiser – disparei. – Eu vou para as Navalhas de Gelo. Sigo a margem do rio, certo? – Comecei a me afastar ignorando a dor em minhas patas.

Ouvi o suspiro alto de Farraclaw.

– Muito bem – respondeu ele. – Não vou perseguir os lordes do Fang. Ainda não, pelo menos. Prometi que levaria você até as Navalhas de Gelo. Depois disso, veremos o que acontece.

Minha cauda começou a balançar. Farraclaw era corajoso e forte, mas estávamos em território inimigo. Nem ele conseguiria derrotar um Bishar inteiro.

Assim que esse pensamento passou pela minha cabeça, um uivo ecoou em meio ao barulho do Rio Furioso.

– Inimigos por perto! – anunciou uma voz de lobo.

Trocamos olhares amedrontados. Meu coração batia acelerado.

Farraclaw começou a correr pela margem do rio. Lop foi atrás dele. As pernas longas se moviam na neve. Ao longe, o abeto formava um bosque na tundra, mas teríamos que atravessar um vale aberto para chegar lá. *Os lobos do Fang vão nos ver!*, percebi horrorizada.

Lop olhou para trás.

– Consegue correr um pouco mais?

– Depressa, Isla! – sibilou Farraclaw, fazendo uma pausa.

Tentei fazer minhas pernas se moverem mais depressa, mas era inútil. Os uivos ficavam mais altos. Os lobos deviam estar se aproximando do limite da floresta. Em alguns instantes, eles nos veriam.

Pensei em reduzir.

Mas e Farraclaw e Lop? Os lobos do Fang vão dar o alarme. Mais cedo ou mais tarde, eles serão capturados!

Outro uivo ecoou no meio das árvores.

– Continuem! – eu disse a eles. – Vejo vocês no bosque de abeto.

Lop e Farraclaw olharam para mim, mas não correram.

– Vão! – lati. Eu me virei e corri de volta para a floresta. Quando olhei para trás, eles corriam pela tundra. *Bom*, pensei. Pelo menos tinham me ouvido. *Eu vou conseguir*. Pensei em usar karak. No passado, eu havia subestimado a Foxcraft. Ela era muito mais que um simples truque, um crocitar de corvo projetado no ar.

Corvos... As aves raivosas embaixo das árvores quase me jogaram no buraco fervente. Talvez eu também não devesse subestimá-las.

Minhas patas estalavam nas pedrinhas. Parei de repente, desajeitada, e mergulhei atrás do tronco de uma árvore no limite da pequena floresta. Agora conseguia ouvir os lobos claramente. Um deles uivou tão perto que meu pelo se arrepiou. O instinto me mandava correr, mas para onde?

Eles vão me ver.

Melhor fazer com que *eles* corram...

Mas como? Lobos não têm medo de corvos. Eles não têm medo de nada.

Percebi meu erro. Eu esperava afastar os lobos. Em vez disso, devia tentar atraí-los. Andei com cuidado pelo limite do bosque, inspirando grandes quantidades de ar. Pensei em Kolo, a Raposa Anciã que era mestre em karak. Eu me lembrei de como ele inclinava a cabeça para trás e sacudia a copa das árvores com a força de sua voz. Não tinha esperança de imitá-lo, mas havia uma coisa que talvez eu *pudesse* fazer.

Inspirei pela última vez e levantei o focinho. Imaginando o bisão de pelo grosso, projetei minha voz o mais longe que pude através

da floresta. O que produzi foi um gemido suave que flutuou sobre as árvores sem folhas.

Perigosamente perto, ouvi a voz de um lobo.

– Bisão! Tenho certeza de que isso foi um bisão! – Patas se moveram pelo chão da floresta quando ela se afastou de mim.

– Bisão? – estranhou outro lobo. – Não pode ser! Estamos perdendo tempo. Sinto *cheiro* de lobos estranhos. Por aqui, para o rio.

Meu coração batia forte no peito. Eu quase nem me atrevia a respirar, com os lobos tão próximos. Tentei acalmar meu pânico, invocar a força das estrelas. Não conseguia vê-las além do brilho do sol, mas sabia que estavam lá, as Luzes de Canista. Todos os pelos e cada bigode em meu corpo tremeram com o maa. Inspirei e o cuspi através das árvores. Dessa vez o som retumbou, um grunhido forte e profundo. O inconfundível grito de guerra do bisão.

– Tem razão, *foi* um bisão! – arfou um dos lobos.

Eles começaram a correr. Ouvi os gravetos estalando sob suas patas e senti o baque do peso dos animais na terra. Eles corriam para

longe de mim, para o interior da floresta, perseguindo o misterioso bisão.

Eu mal conseguia acreditar no que tinha feito. Deixei a cauda balançar uma vez antes de me virar para correr na direção oposta, ao longo da margem do rio, pela tundra.

Atravessei a tundra segura, certa de que os lobos do Fang perseguiriam o bisão invisível. Minhas pernas estavam cansadas quando alcancei os abetos, mas minha cauda não parava de balançar.

Lop e Farraclaw saltaram sobre mim, me lambendo e mordendo com delicadeza.

– Foi você que fez aquele barulho? – perguntou Farraclaw. –

Rugiu feito um bisão!

– É karak! – expliquei. – Uma Foxcraft.

– Ela deve ter muito maha – comentou Lop.

Farraclaw recuou e me estudou com os olhos amarelos.

– Raposas são criaturas incríveis. Nunca tinha percebido...

Minha cauda balançou ainda mais quando ouvi isso.

– Mas não conheço o caminho para as Navalhas de Gelo.

– Bem, então ainda servimos para alguma coisa. – Farraclaw começou a andar entre os abetos.

Durante vários dias, andamos e andamos. Éramos mais ativos à noite, quando a escuridão escondia meu pelo. Os dias pareciam durar para sempre na Terraneve, com o crepúsculo demorando

muito para chegar. As noites eram curtas, e a luz era turva nas extremidades.

Os lobos se revezavam para vigiar, insistindo para eu dormir sempre que podia. Era uma longa jornada... Quando era possível, contornávamos as pedras, atravessávamos florestas ou seguíamos o caminho do Rio Furioso. Farraclaw estava sempre tenso, pronto para lutar, mas não encontramos nenhum problema, nenhum outro lobo. Passamos sem ser vistos por poças borbulhantes, onde cataratas ferventes saltavam e cuspiam. Bebemos gelo derretido na beira do rio. A terra seguia para o norte por montanhas muito altas, desaparecendo nas nuvens.

Quando uma noite lenta finalmente se fechou sobre nós, brilhos verdes de luz dançaram sobre a tundra.

– O que é aquilo? – perguntei espantada.

Farraclaw e Lop abaixaram a cabeça ao mesmo tempo.

– As cores prenunciam a chegada da Rainha Canista – respondeu o príncipe com voz solene. – Elas vão se fortalecer dia a dia até a Véspera do Maha, quando nossa rainha fica diretamente sobre nós mais uma vez.

Eu me lembrei do que Rupus dissera: *Os lobos acreditam que as luzes representavam um grande canino, a rainha dos espíritos de seus guerreiros ancestrais. Nas histórias de seus Bishars, a Rainha Canista existiu em nosso mundo.*

– O que é a Véspera de Maha? – perguntei, olhando para as luzes verdes. Elas cintilavam sobre a tundra, espalhando cor sobre as planícies nevadas.

– É a noite em que lembramos a rainha dos lobos. A noite em que homenageamos nossos ancestrais. – Farraclaw inclinou a cabeça,

pensativo. – Uivamos em memória, agradecemos os que já se foram. Porque só com a lembrança do passado podemos avançar com coragem para o futuro. Somos todos de maha. Todos do mesmo couro mágico. É o jeito dos lobos.

O pelo arrepiou-se em minhas costas.

– As Luzes de Canista também são importantes para as raposas.

Talvez até para os cachorros e os coiotes. O Mago está controlando as raposas da Terrabrava. Restam poucas para lutar contra eles. Se pudéssemos usar o poder das luzes... Se pudéssemos resistir de algum jeito...

Farraclaw inclinou a cabeça.

– O que está querendo dizer?

– Não sei. – Olhei na direção do Rio Furioso. A névoa da Terrabrava havia sumido. Mas a lembrança do Mago ainda existia em mim. Aqueles olhos ácidos...

Foi Lop quem interrompeu meus pensamentos sombrios.

– Lebres – sussurrou.

Olhei para a neve. Elas pareciam coelhos grandes, mas eram mais altas. O pelo era branco, exceto na ponta das orelhas, onde era preto. À luz da lua, vi duas perto de uma faixa de pedra, e outra correndo pela grama. Lop já se aproximava delas sorrateiro.

Farraclaw começou a se aproximar pelo outro lado.

– Pensei que só caçassem criaturas grandes como o bisão.

Farraclaw me olhou incomodado.

– Fazemos o que temos que fazer.

Era quase a resposta de uma raposa. Vi quando eles se aproximaram da pedra e foram chegando mais perto das duas lebres que saltavam sobre a neve.

A terceira lebre parou. Parecia sentir que havia alguma coisa errada. Estava a favor do vento em relação a Lop e Farraclaw, talvez tivesse sentido o cheiro dos lobos. Ou tinha escutado o som abafado das patas se movendo na neve. Eu me abaixei quando ela começou a saltar na minha direção.

*O que foi visto é desvisto; o que foi sentido agora é insensibilidade.
O que era osso se dobra; o que era pelo é ar.*

A lebre era um borrão de luz lá na frente. A luz ficou mais forte, enchendo meu campo de visão. Mantive a redução. Mais perto, mais perto... Meu focinho captou o cheiro intenso da lebre. Incapaz de me controlar, saltei. A lebre deu um grito estranho e pulou no ar.

Corri atrás dela. Ela era rápida, passou por mim correndo na neve, mas tropeçou no próprio pânico, e eu bati com a pata em suas costas. Ofegante, immobilizei a lebre. Ela se debateu; era quase tão forte quanto eu. Reuni meu maa, tentando envolvê-la com as patas, procurando sua garganta. Mordi com força e depressa. Ela se contraiu embaixo das minhas patas, depois relaxou. Um chiado no ar. Um brilho de luz brotou de seu corpo e desapareceu rapidamente na escuridão. Algumas gotas de sangue coloriram a neve.

O maa da lebre enfraquecia.

Eu a soltei, lambendo-a algumas vezes. Seus olhos estavam abertos, mas vazios. Levantei a cabeça e vi Lop e Farraclaw, cada um com uma lebre na boca. Eles notaram minha presa e balançaram a cauda.

– É isso. Uma raposa é boa para algumas coisas – disse, orgulhosa.

Fomos nos acomodar atrás de rochas escuras, onde podíamos comer sem que ninguém nos visse.

– Que os mortos descansem na paz da floresta – murmurou Farraclaw antes de morder a carne macia.

Olhei para a tundra. Iluminado pela lua, o sangue na neve parecia olhar para mim.



10

Não gostei de como vovó estava olhando para mim, com a preocupação estampada no focinho. Queria passar por ela e entrar na toca, onde Isla dormia. Ela me levou até a folhagem que descia pela cerca no fundo do nosso território. Lá, me conduziu até uma parte onde as folhas eram mais densas.

Eu me sentei e fiquei olhando para a toca.

– Eu só estava brincando. – Minhas palavras soaram frágeis.

Vovó deitou-se ao meu lado.

– Nem todas as brincadeiras são adequadas a jovens raposas. –

E passou a língua pelo focinho. – Nem todos os jogos são seguros.

Eu não queria encará-la.

– Como assim?

Vovó suspirou.

– Você nasceu cedo, antes da malinta. Você e Isla. Às vezes, quando isso acontece, é como se um nó de maa se formasse no coração do filhote. Ele se espalha na medida em que o pequeno cresce. Alguns filhotes são raros, sabe? Têm mais fonte de vida que uma raposa adulta. Conseguem fazer coisas que outros não podem fazer.

Minha cauda se moveu e olhei para ela, lembrando o arrepio de poder que tinha percorrido meus membros.

– Que tipo de coisas?

– Os talentos variam. Talvez sejam mais velozes, subam mais alto que os outros. Alguns podem ser mais fortes. Outros descobrem que seus dons se encontram em histórias desconhecidas. Não são ensinados, mas, por instinto, acabam descobrindo a Foxcraft.

O pelo ficou em pé na minha nuca.

– O que é isso?

O olhar da vovó era penetrante.

– Acho que você sabe.

– O que acabou de ver, sabe... era só brincadeira. Consigo desaparecer, se me esforçar muito. Sinto uma ligação com a terra e o ar. Sou *conectado* de algum jeito. – Eu temia a desaprovação da vovó, mas tinha que admitir que era bom compartilhar o que estava sentindo. Mais que tudo, queria contar à minha irmã. Não sabia ao certo por que não havia contado. *Vou fazer uma surpresa para ela*, disse a mim mesmo. *Quando for bom de verdade, vou ensinar para ela o que sei*. Mas, na verdade, não era isso. Eu gostava de ter um segredo.

– Por que Isla não é como eu? – perguntei. – Nascermos no mesmo dia.

– Não subestime sua irmã. Ela tem um maa forte. Embora não seja como o seu... Você tem o toque de Canista nos olhos. Eu vi. –

E vovó olhou cautelosa por baixo das folhas que nos escondiam. –

Outros também podem ver.

– Que importância tem, se virem? É inofensivo. Eu fico invisível.

Faço cores pularem no céu. Às vezes, acho que consigo sentir as bordas dos pensamentos. Os de Isla, não os meus.

Vovó ficou tensa.

– Você sente os pensamentos dela? E ainda diz que isso é inofensivo?

– Eu não faria nada de mau. Não *escuto* os pensamentos dela, se é disso que está falando. – Eu estava ofendido. – Jamais faria isso!

Vovó ficou me olhando por um bom tempo. Sustentei seu olhar.

No fim, suas orelhas relaxaram, apontando para os lados. Ela

estendeu uma pata dianteira, amarela, preta e dourada, as mesmas cores que eu tinha.

– Não, não faria. Você tem um bom coração, Pirie. Não percebe como o mundo pode ser lá fora... Acha que todos são como você.

– Do que está falando, vovó?

– Não pode saber como os outros vão reagir aos seus dons. O

que podem pensar. O que podem fazer. Precisa ser cuidadoso. Não quero mais que fique por aí brincando com seu maa. Não quero ver nenhuma Foxcraft, e nada de cores estranhas. – A voz dela tinha uma nota nervosa. – Entendeu, Pirie?

Ah, entendi. Entendi que ela estava tentando negar meu dom.

Tentando impedir que eu me divertisse.

– Você não entende – gani. – Eu *preciso* disso. É parte de mim.

Não posso simplesmente ignorar quem sou.

– Não é isso que estou pedindo. Só... tenha cuidado. Sabe que havia uma luz sobre você quando estava brincando com Foxcraft?

Uma luz estranha, âmbar... Qualquer um poderia ter visto do outro lado da Terracinza. Nunca se sabe quem está observando.

Como ela podia tirar isso de mim?

– Sou apenas um filhote. Ninguém vai se importar com o que eu faço.

– Você é jovem, é verdade. Jovem demais para entender a realidade desse mundo brutal. Seu maa vai ser visto com inveja.

Você precisa parar com essas brincadeiras, Pirie. Chega de Foxcraft.

A raiva subiu por minha garganta. Por que eu devia parar?

Projetei meu maa nos pensamentos, uma confusão de tons de âmbar e vermelho. As cores começaram a se entrelaçar na folhagem, iluminando as folhas verdes.

– Você não sabe como é ser diferente. Ter esse poder, e depois ser proibido de usá-lo. Você não sabe!

Vovó arregalou os olhos.

– Ah, eu não sei, Raposinha? – Uma luz estranha vibrava neles, branca e pulsante. A ponta de sua cauda ficou prateada.

Fiquei de pé, assustado. Faíscas brotavam do pelo malhado de minha avó, enroscando-se no âmbar dos meus pensamentos. A voz dela ecoava à minha volta.

Eu era como você, Raposinha. Também era diferente. Mas aprendi a esconder para proteger minha família. Foxcraft é perigoso: foi isso que minha avó me falou. Tome cuidado, Pirie. Você não sabe nem o que tem. Não entende o que isso pode fazer.

Arfei assustado, recuando contra a folhagem. As cores sumiram.

A luz desapareceu dos olhos de vovó. Ela se aproximou de mim e tocou meu ombro com o focinho. Cheguei mais perto dela, relaxando no calor de seu pelo.

– Você é como eu – murmurei.

– Sim... – sussurrou vovó. – E escondo isso há muito tempo.

Escondo para garantir a segurança de vocês. Vocês são tudo o que importa, você, Isla, sua mãe e seu pai. – E começou a lavar minhas orelhas com muita delicadeza.

De repente, eu me sentia exausto. Só queria dormir ao lado de minha irmã. Relaxei quando vovó me envolveu com sua cauda e me levou de volta à toca.

– Ninguém deve saber do nosso dom. Nem sua mãe e seu pai.

Nem mesmo Isla. Esse vai ser nosso segredo.

Eu estava sentada entre Lop e Farraclaw no vão embaixo de um abeto. Dali, conseguia ver o contorno escuro da tundra.

Abaixei o focinho. Eu me sentia mais próxima de meu irmão – mais próxima do que tinha me sentido desde que ele desapareceu –, mas o entendia menos. Durante todo esse tempo, ele havia escondido seus talentos de mim, confiado na vovó... e me excluído.

Eu pensava nele como meu duplo, minha sombra; eu realmente conhecia Pirie tão bem?

Se me esforçasse, conseguia enxergar a fumaça que brotava das poças. Como Lop as tinha explicado? Um fogo inquieto embaixo da terra. Ainda não fazia muito sentido para mim, esse calor todo ali no frio congelante.

Batuquei com as patas numa reação frustrada.

Muitas coisas não fazem sentido.

O que eu estava fazendo aqui? Procurando um esconderijo enterrado para um rei lobo maluco. Como pude confiar que ele me levaria a Pirie? Um lobo que já havia sido o maior de sua espécie, mas que agora resmungava sobre besouros e corvos e também falcões que nem existiam na Terraneve.

Meu gerra está agitado, mal consigo pensar. Ele me ataca todos os dias, esgota meu maa, até meu coração... Não sou eu mesmo.

Qual era o problema com o rei, exatamente? Ele sabia sobre os anciãos, tinha falado da malinta. Mexi uma pata dianteira. Havia algo de familiar no rei.

Alguma coisa que eu não conseguia identificar.

Quase por vontade própria, meus pensamentos voltaram a Pirie.

Eu já sabia que ele estava na Terraneve. Não foi isso que os anciãos me disseram?

Eu me lembrei da expressão perturbada de Mika, uma orelha apontada para a frente, a outra caída para trás. Seus bigodes tremendo como grama ao vento. *Os ventos falaram. Ele vive.*

Vive, mas onde?

O Rei Birronclaw sabia que meu irmão tinha um maa forte.

– Maha. – Farraclaw havia corrigido. – É assim que chamamos.

– Não importa que nome usem – eu tinha respondido.

Mas eu estava errada.

Importa. Um lobo jamais falaria em "maa"...

O alvorecer de uma ideia sombria. Pirie brincando com maa, explorando um poder que não entendia. Vovó exigindo que ele parasse. *E se ele não parou? Até onde ele iria?*

Por um momento, voltei à Terrabrava, estava novamente na toca de Karo e Flint antes do ataque. Eles falavam sobre os Dominados, especulavam sobre como era possível roubar a vontade de uma raposa viva. Karo havia escutado que precisava ter fogo.

Não acredito nisso, tinha dito uma das velhas raposas. Raposas não queimam seus dons.

Isso era verdade. Raposas não queimam coisas valiosas. *Nós as enterramos.* Como o esconderijo do rei, enterrado além das Navalhas de Gelo.

Fiquei em pé num pulo. Faíscas de prata cintilavam na neve endurecida.

Uma raposa se perdeu para os anciãos, além do pelo e da força do maior dos filhotes de Canista.

Um ganido brotou da minha garganta.

– Isla, você está bem? – Farraclaw olhava para mim. Os círculos pretos de seus olhos eram enormes na escuridão. Diferentes de como eu os tinha visto sob a luz do sol. Com a luz forte, eles haviam diminuído, transformando-se em pontos pequeninos.

Abri a boca, mas não produzi nenhum som. Raposas tinham olhos como os dos gatos. Sob os raios de luz, os círculos se contraíam e se tornavam frestas negras. Meu coração batia mais forte.

Alarmada, eu me lembrei do rei saltando em minha direção na caverna. Seus olhos eram turvos, lacrimejantes.

Sob a luz, o centro escuro se reduzia a uma fresta.

Olhos de raposa.

Lembrei o que Amarog tinha me falado.

Era você que vigiava como o moleiro de olho preto? Que perfuraria a carne sagrada?

– O que é um moleiro? – perguntei.

Farraclaw olhou para mim de um jeito estranho.

– É um pássaro. – Como uma reflexão tardia, ele acrescentou: –

Ele rouba comida de outras aves. Mesmo entre os da mesma espécie, isso é desonra. Ele é um impostor, um ladrão.

Um arrepio me percorreu. Pensei naquela Foxcraft rara e perigosa... Devia ser executada apenas pelos anciãos. Mas o Mago a conhecia e dominava. Como a Narral, sua leal guarda pessoal. E

se meu irmão descobriu o segredo? E se quis tentar executar a magia?

Pirie realmente faria algo assim?

Olhando para a tundra, tive que admitir que não sabia mais.

– Você parece perturbada. – Farraclaw me observava atento.

Passei a língua pelo focinho.

– Acho que sei o que aconteceu com seu pai.

Senti Lop se mexer do outro lado.

– Ele adoeceu – respondeu Farraclaw com tristeza. – Foi de repente.

– Não é uma doença. Foi um... – Parei para pensar na palavra certa.

– Um acidente... um jogo que não deu certo. A fusão de gerra entre lobo e raposa. Uma Foxcraft rara e perigosa que une a mente de um à do outro. Pode ser usada para controlar a vontade de outra criatura. Eles devem ter lutado pela supremacia, nenhum dos dois conseguiu impor sua vontade, os dois ficaram fracos e confusos.

Não podia ter dado certo, é claro. Raposas e lobos são muito diferentes.

– O que está dizendo? – perguntou Farraclaw.

Engoli em seco.

– Acho que o rei foi subjugado.

Lembrei o que ele disse na caverna.

Só eu estou aqui. Mas nunca sozinho.

Farraclaw continuava me olhando de um jeito estranho.

– Não sei o que é isso.

Lop inclinou a cabeça.

– Isla está dizendo que uma raposa conseguiu, de algum jeito, juntar seus pensamentos aos do Rei Birronclaw Uivo-Valente. E os dois ficaram presos, duas presenças disputando o controle.

As orelhas de Farraclaw abaixaram.

– Sério, Isla? Isso pode ser verdade?

O aviso de minha avó para Pirie ecoou em minha cabeça.

– Receio que sim – admiti, olhando para minhas patas. – Seu pai ficou doente quando meu irmão desapareceu. Pirie era bom com Foxcraft, mas não conhecia a Foxlore, nunca aprendeu nada sobre os riscos.

Farraclaw me encarou.

– Então, meu pai era o lobo no seu enigma, afinal... o maior dos filhotes da Rainha Canista?

– Acho que sim – confirmei em voz baixa. – Acredito que a mente do rei pode estar presa à de meu irmão. Foi Pirie quem me mandou às Navalhas de Gelo. Ele usou palavras que só uma raposa poderia ter usado, como maa e malinta. Coisas que ele ouviu dos anciãos.

Silêncio, preciso encontrar silêncio. Eu não sou eu...

As orelhas de Farraclaw continuavam baixas.

– O rei resmunga coisas confusas. Age como se nem soubesse quem eu sou. Mas, de vez em quando, há momentos de lucidez.

Eu não conseguia olhar nos olhos dele.

– Imagine como é ouvir duas vozes, pensamentos conflitantes.

– Não é surpreendente que isso o tenha enlouquecido – disse Farraclaw.

Eu não sabia o que responder. *E se isso também enlouqueceu Pirie?* Eu não suportava pensar nisso. Devagar, levantei a cabeça para olhar para Farraclaw. Temia que o príncipe estivesse furioso.

Tinha medo de que minha confissão o enchesse de repulsa... que ele se recusasse a ajudar, que pudesse até tentar atacar meu irmão.

Mas o que vi em seus olhos foi só tristeza.

– Meu pai não foi um rei popular. Sua liderança era... implacável.

Lembrei o que Cattisclaw contou sobre a irmã de Farraclaw.

O príncipe olhou para Lop, que abaixou a cabeça.

– Mas ele era forte e corajoso. E era... ainda é meu pai.

– Sinto muito – murmurei, e me estiquei para lambar seu focinho.

– Lamento que meu irmão tenha sido tão ingênuo, e que eu tenha

demorado tanto para perceber onde ele estava. Mas agora estamos perto, e tudo vai ficar bem. Vou descobrir o segredo do subjugo. Vou libertá-los.



– Lá na frente! – gritou ele, e começou a correr. – Acho que são as Navalhas de Gelo!

Era tarde da noite. Andávamos pela tundra congelada, protegidos pela escuridão, enquanto a lua se punha em um céu de veludo.

Finalmente, um brilho de prata surgiu no horizonte. As Navalhas de Gelo cintilavam como dentes gigantes, irregulares e mortais.

Estendiam-se diante de nós para a escuridão, reluzindo contra o céu da noite. Farraclaw se aproximou delas balançando a cauda.

– Parecem afiadas – comentou Lop, desconfiado.

Farraclaw andou para o outro lado. Ele encaixou uma pata da frente no espaço entre duas Navalhas de Gelo.

– Não entendo. Meu pai disse que o esconderijo é aqui. Ele mesmo o enterrou. Deve ter encontrado um caminho.

A voz de Lop era mansa.

– O rei nunca saiu do Bishar.

Farraclaw abriu a boca, mas hesitou. Quando falou, ele se dirigiu a mim:

– A raposa, seu irmão... ele veio aqui enterrar alguma coisa no território do Rei Orrùfang? Não consigo entender como um lobo seria capaz disso. Na verdade, ele deve ter vindo aqui justamente porque sabia que os lobos não conseguiriam ter acesso ao esconderijo. – Farraclaw batucou com a pata sobre um trecho de

neve congelada. – Por isso meu pai precisava da sua ajuda para encontrá-lo.

– Faz sentido, eu acho. – Mas ainda parecia algo extremo. Uma jornada tão longa, só para ter certeza de que o esconderijo estava

seguro.

– O que acha que tem lá?

– Saberei quando encontrar. – Esperava que isso fosse verdade.

Pus as patas no gelo.

– Cuidado, Isla! – pediu Lop.

Um pulinho, e fui parar entre duas colunas. Além delas, vi outras estruturas de gelo. Até onde isso se estendia?

– Não tem alternativa – avisei. – Vou ter que ir sozinha.

Foi difícil me separar de Farraclaw e Lop. Eu havia me acostumado com a companhia deles, com a presença sólida e reconfortante dos lobos. Eles prometeram que ficariam escondidos pelo tempo que fosse necessário em um pequeno bosque de abetos perto dali. Pelo menos os lobos do Fang não conseguiriam passar por onde eu estava indo.

Eu andava com cuidado sobre o gelo, tentando evitar escorregões. As navalhas eram suficientemente afiadas para cortar a carne. As colunas se dispunham pela terra em um labirinto congelado. Onde eu encontraria o esconderijo?

O que Pirie havia enterrado?

Ainda doía pensar em tudo que ele escondeu de mim. *Éramos tão próximos.*

Depois de um tempo, as colunas de gelo ficaram mais baixas.

Algumas se abriam em flores pontiagudas, mortais, brilhando à luz das estrelas. Outras formavam degraus que desciam até a terra.

Desci esses degraus, aliviada por estar fora das Navalhas de Gelo.

A terra era granulosa como areia. A neve dava lugar ao gelo no chão.

Olhei em volta. A fumaça subia em nuvens, escondia o céu.

Poças ferventes salpicavam a terra, contornadas por margens quase invisíveis naquele tom queimado de laranja. Espuma branca subia à superfície das poças que, do nada, cuspiam água derretida.

Soube imediatamente que esses eram os fogos borbulhantes. O

esconderijo devia estar perto. Franzi o focinho. Precisava prestar atenção para não cair em uma das poças espumantes. Tinha o chiado do vapor, o gorgolejo da água. Mas, quando o gorgolejo parava, o silêncio era sinistro. Não via sinais de vida. Nenhuma criatura vivia na imensidão deserta além das Navalhas de Gelo.

Atenta, fui andando com cuidado através do Caldeirão. Senti o calor embaixo da terra congelada e desviei dele, avançando entre as poças escaldantes. Pedras claras brotavam do chão entre elas.

Farejei uma vez com medo de queimar a pata, mas a pedra era gelada nos meus bigodes. Subi nela para enxergar melhor. A fumaça dos fogos borbulhantes fazia os olhos arderem. Pisquei com o coração apertado. Vi pedras e poças em todas as direções. Por onde eu começaria a procurar o esconderijo nesse lugar imenso e estéril?

Por que Pirie escolheu um lugar tão hostil? Ele realmente veio tão longe só para esconder alguma coisa dos lobos?

Um vento soprou entre as Navalhas de Gelo. Recolheu a areia grossa e a movimentou em padrões próximos do chão. Por um instante, a fumaça foi soprada para longe, revelando o céu da noite.

Sob as Luzes de Canista, vi uma árvore solitária. Era imensa, escura, encurvada em uma clareira entre duas poças ardentes.

Seus galhos baixos pendiam como membros caídos. Não era como o álamo de casca branca, nem como o abeto de folhas verdes. Seu tronco era corado, quase vermelho.

Era uma imagem estranha ali, tão ao norte, mas eu soube imediatamente.

Uma árvore casca de sangue.

Uma luminosidade gelada pairava em torno da árvore. Um pulsar de maa. *Por isso o esconderijo foi enterrado aqui.* Eu encontraria o tesouro escondido embaixo daqueles galhos.

Meu coração batia forte quando pulei de cima da pedra. Comecei a correr entre as poças ferventes, desviando da água que respingava e queimava a terra.

Estou indo, Pirie!

Parei derrapando embaixo da árvore casca de sangue. Sem recuperar o fôlego, comecei a cavar. O solo arenoso estava congelado. Deslizava entre minhas unhas, e eu grunhia com o esforço.

Jogava terra para trás, não achava nada e mudava de lugar, repetindo esse padrão muitas vezes embaixo dos galhos da árvore.

De repente, minhas patas sentiram uma mudança na terra. Tinha ficado mais macia, mais fofa. Um instante depois, uma das patas tocou um tufo de longos pelos brancos.

Respirei fundo. *Pelo de raposa.* A pontinha da cauda.

Nada era mais valioso para uma raposa que sua cauda. Ela era equilíbrio, calor, conforto. Era a essência de nossa espécie. Eu tinha visto como a ponta da cauda dos anciãos brilhava prateada quando

seus pensamentos se uniam, quando eles falavam com uma só voz... quando praticavam Foxcraft.

Então soube que o Mago *havia* realmente arrancado a própria cauda com os dentes, ou pelo menos a ponta. Ele não podia correr o risco de ter seus pensamentos invadidos. Como especialista em subjugar a vontade de uma raposa, ele devia ter medo de enfrentar o mesmo destino.

Farejei, mas o cheiro ruim das poças disfarçava outros aromas mais sutis. Puxei todos os pelos brancos com as unhas, depositando-os com cuidado sobre a terra. Tinha encontrado o esconderijo, como o rei dissera.

Sentei e esperei uma mudança. Uma mudança no ar, um murmúrio da terra. Examinei o território irregular procurando meu

irmão. Onde ele apareceria? Como estaria?

Um pensamento sombrio rastejou no fundo da minha mente. *Se o subjugo destruiu um grande lobo, o que não fez com uma jovem raposa?*

Minha cauda bateu de leve no chão. Minhas orelhas viraram para trás e para a frente.

Nada aconteceu.

A fumaça ainda subia das poças. O gelo cobria a terra. A bola de pelo branco se mexeu com um sopro da brisa. Mas, além das poças ferventes, tudo era silêncio.

Bati a pata dianteira no chão arenoso, levantando grãos de terra.

Por que não estava funcionando? A frustração borbulhava dentro de mim como a água fedida das poças.

Eu me deitei no chão e uivei.

– Onde você está, Pirie? Por que está se escondendo de mim?

Mentiu para mim sobre seu dom! Você me fez pensar que éramos iguais. Não é verdade. Você é melhor que eu! Sempre foi melhor. –

Minhas orelhas estavam abaixadas, a voz esganiçava como o vento.

– Confiei em você! Nunca guardei segredos. Mas você... você e vovó... – Balancei a cabeça violentamente, como se quisesse me livrar da lembrança dessa conspiração. No fundo, sabia que eles não fizeram por mal. Mas isso não ajudava muito a aplacar o fogo que queimava dentro de mim.

Arranhei a terra. Sentia falta dele. Sentia saudade de *todos...*

minha família.

Com um longo suspiro, superei a raiva. Além dela, senti um grande vazio que era pior que raiva, muito pior. Quando voltei a falar, minha voz era um ganido:

– Por que subjugar um lobo? Será que não sabia que nunca seria capaz de controlar essa criatura? Alguns pelos nunca se misturam.

Eu me sentei de repente. Olhei para a bola de pelo branco. *Pelo de raposa*. E onde estava o pelo do lobo? Para um subjugo, os dois não seriam necessários?

Rastejei para perto do buraco de onde havia tirado os pelos brancos. Comecei a cavar com as patas dianteiras, fazendo o possível para ter mais cuidado dessa vez, ir mais devagar, apesar do coração disparado. Chutava a terra para longe e só sentia terra.

Até que alguma coisa macia fez cócegas nas almofadas das minhas patas. Recuei e vi... um tufo de pelo prateado. Pelos da cauda do

lobo rei.

Eu mal podia acreditar... tinha descoberto o segredo do subjugo.

Os pelos estavam enterrados juntos, um sobre o outro. Minha cauda começou a balançar. Olhei em volta, animada. Não me interessava o que meu irmão havia feito. Não me importava se tinha guardado segredos. Eu só queria vê-lo de novo.

Andei sob a árvore casca de sangue. Lati o nome de Pirie algumas vezes. Corri entre as poças. Por que não conseguia vê-lo?

A luz tocava a base das Navalhas de Gelo, subindo lentamente pelas colunas. A noite se desfazia.

Ele não apareceu.

Cansada, voltei para perto do buraco. Farejei os pelos de lobo e raposa, mas não descobri nada. Bati a pata na terra. O que eu não estava enxergando?

Pensei em Siffrin, que sabia tanto sobre Foxcraft. Não que ele tivesse me ensinado wa'akkir. Nem quando eu sabia o cântico, nem assim ele deixava de relutar em me ajudar. Minhas orelhas ficaram em pé. Era isso! Um cântico... devia ter um cântico. Havia um para todas as artes superiores. Os anciãos tinham deduzido que Pirie havia subjugado o lobo? O que mais podia significar o enigma? Por que eles não me disseram o que fazer?

Tentei lembrar o que sabia sobre subjugo. Siffrin me dissera que não podia ser desfeito.

Não é fácil, ele havia explicado. A coisa que foi roubada deve ser liberada.

Perguntei se ele estava falando da vontade da raposa. É claro, ele se referia ao pelo... mas não disse. Em vez disso, sussurrou as

mesmas palavras que os anciãos recitaram ao partir. *Corra depressa, fique seguro, viva livre.*

Se Siffrin estivesse aqui, se pudesse me ajudar... A despedida dos anciãos era agri-doce.

– Que adianta estar segura, ser livre, se estou sozinha?

Eu já tinha me despedido muitas vezes. Minha coluna endureceu.

Não desistiria de Pirie. Agora estava perto, sabia que estava.

Siffrin parecia muito culpado quando falava sobre Foxcraft.

Dividido entre me ajudar e permanecer leal a Jana. Fechei os olhos.

O borbulhar das poças ficou mais barulhento.

Um pensamento entrou em minha cabeça lentamente. *Siffrin sabia que não devia revelar os segredos do subjugo. Mas queria me ajudar. E se tivesse falado de um jeito que não era óbvio?*

Quando abri os olhos, a luz nas Navalhas de Gelo estava mais forte. Um brilho rosado se espalhava pela terra arenosa. Fiquei em pé ao lado dos pelos de raposa e lobo e ergui os olhos para a árvore casca de sangue. Embora estivesse sozinha, falei em voz alta:

– Corra depressa, fique seguro, viva livre.

Senti um tremor sob as patas, um movimento. Um chiado de espuma branca se ergueu das poças. A luz rosada pulsou vermelha.

Está acontecendo alguma coisa! Puxei a cauda para um lado do corpo.

A ponta branca estava prateada.

Meu coração batia forte. Comecei a correr entre as poças, corri para as Navalhas de Gelo. As grandes colunas cintilantes mudavam com a cor. Minhas unhas arranhavam o gelo, mas eu não conseguia parar de correr. Escorreguei e derrapei entre as colunas, batendo em barras de gelo que esfriavam meu pelo. Eu não me importava...

agora estava perto.

Podia sentir a mudança no ar. Quando saí do outro lado das colunas na tundra, a luz era tão brilhante e baixa que eu quase não conseguia enxergar. Parei e pisquei. Sabia aonde ir... para o pé das colinas, onde o sol nascente pintava os penhascos.

– Isla? – Era Lop trotando na neve.

Farraclaw corria atrás dele.

– Você voltou! – E parou. – Está sozinha.

– Não por muito tempo. – Inclinei a cabeça para apontar as colinas.
– Agora eles estão livres. O subjugo foi revertido. – Não esperei para ouvir a resposta do lobo. Corri pela neve olhando para o sol. Procurei sinais de movimento.

Minha respiração enroscou na garganta e eu parei de repente.

Havia uma silhueta recortada contra o sol nascente... uma sombra escura com um focinho fino e uma cauda longa e felpuda... a forma inconfundível de uma raposa.

– Pirie! – chamei, e comecei a correr de novo. Saltava sobre a tundra, minhas pernas se moviam com vigor, as patas mal tocavam o chão. Quando o sol se ergueu sobre a terra congelada, cheguei à base das colinas. Pisquei furiosamente, ofuscada pela luz. – Pirie, é você?

A voz que respondeu tinha a aridez da idade.

– Está enganada – respondeu a raposa. – Meu nome é Métis.

Eles me chamam de Raposa Negra.



12

Era uma raposa pequena. De perto, pude ver que era velha. As pernas eram finas, as patas, espalhadas. A cauda era longa e grossa. A ponta branca brilhava flutuando sobre o solo à luz da manhã. Pelos prateados salpicavam a testa e os ombros. O restante tinha o mesmo brilho negro de um corvo.

A Raposa Negra.

Parei onde estava.

– Pensei... – Fiquei sem palavras, e Farraclaw e Lop se aproximaram de mim.

Métis recuou ao ver os lobos. Os pelos prateados sobre seus ombros ficaram em pé.

– Mais um passo e vocês morrem – chiou.

Farraclaw parecia se divertir.

– Conhece essa raposa? – ele me perguntou.

Não é Pirie. Nunca foi Pirie.

Fiz um esforço para responder:

– É um Ancião.

– Não um Ancião *qualquer* – replicou ele. – E você, quem é?

Não gostei do tom, nem do focinho franzido quando ele olhou para mim.

– Meu nome é Isla. Sou do Grande Grunhido... da *Terracinza*. –

Continuei olhando para ele, ainda tentando entender. – Quem estava esperando? Jana?

– Ela mandou *você?* – A raposa me encarava, mas de vez em quando olhava nervosa para Lop e Farraclaw. E piscava muito, como se lhe faltasse foco.

Pensei na pergunta dele, refleti sobre quanto tinha me enganado ao pensar que encontraria Pirie aqui. Fui boba. *Uma raposa se perdeu para os anciãos...* Não era meu irmão. Era Métis que eles queriam o tempo todo. Lembrei o desconforto de Brin, as palavras de alerta de Shaya. Eles não concordavam com o plano de Jana.

Mas Jana conspirou com outros anciãos para me mandar aqui. Para procurar e libertar a raposa subjugada. Ela sempre soube que eu não encontraria Pirie na Terraneve.

Um arrepio correu por baixo do meu pelo.

Ela me usou.

Finalmente falei, e minha voz era fria como a terra gelada.

– Os anciãos me mandaram. Mas só percebi isso agora.

Farraclaw estranhou.

– Onde está seu irmão, Isla?

Meus ombros caíram.

– Duvido que tenha vindo até aqui, tão ao norte. Os anciãos me enganaram. Eles me mandaram até aqui para encontrar Métis. –

Hesitei. – Bem, não sei se eles sabiam que o subjugado com o lobo era Métis. Outro Ancião também desapareceu.

A velha raposa olhou para mim.

– Keevney. – Métis não parecia surpreso.

Ondas de decepção me inundavam.

– Sabe alguma coisa sobre meu irmão, Pirie? Ele desapareceu do Grunhido. Um membro da Narral estava lá, e os Dominados. Eles pegaram o restante da minha família, mas acho que meu irmão fugiu. Onde ele pode estar?

– Seu irmão? – As orelhas dele apontaram para trás. – Uma raposinha da Terracinza... Por que eu deveria saber?

Minha garganta secou. Eu não tinha resposta.

– O que você é? – latiu Farracław.

Métis recuou, assustado.

– Para trás, Lobo. Já avisei.

– Você *me* avisou? – bufou Farracław. E saltou sobre Métis.

A Raposa Negra pulou para trás entoando um cântico:

– Sinta meu gerra, olhe nos meus olhos... acalme seu terror, entre em transe.

Farraclaw abriu a boca, depois a fechou devagar. Ele abaixou o focinho e olhou nos olhos da Raposa Negra. A calma o envolveu.

Ele se deitou sobre a barriga, como se fosse tirar um cochilo, mas seus olhos permaneceram abertos, vazios e voltados para a frente.

– O que fez com o Príncipe Farraclaw? – rosnou Lop.

Métis se virou para encará-lo. Vi a ponta de sua cauda cintilar prateada, depois se apagar. Ele tentava manter a Foxcraft, mas não estava dando certo. Rangeu os dentes. Tremendo, caiu na neve.

– Qual é o problema da raposa? – Lop quis saber.

Eu me aproximei de Métis.

– Ele está machucado. – Farejei seu pelo e senti um profundo cansaço. Olhei para Farraclaw. Ele continuava deitado, respirando lentamente. – Não sei o que você fez, mas desfaça imediatamente!

– E vou deixar essa fera me matar? – ofegou Métis. – É só pakkara, um estado de transe. Não vai fazer mal ao lobo. Mas, se eu o libertar, ele vai me matar.

– Não vai. – Olhei para Lop, e ele assentiu tenso.

Métis suspirou e levantou a cabeça para olhar para Farraclaw.

– Quando sentir minha unha gentil, não estará mais em transe. –

Hesitante, ele estendeu uma pata dianteira para tocar o focinho do lobo.

Farraclaw piscou, depois se levantou e se sacudiu.

– O que você fez? – rosnou o príncipe.

– Não está machucado – explicou Métis depressa. Ele tentou se levantar, cambaleou para trás e caiu. Suas pernas pareciam não poder sustentá-lo. Ele já estava ofegante.

Estudei a velha raposa.

– Você subjugou o Rei Birronclaw. – Era uma afirmação, não uma pergunta. – E ficou preso.

Métis ofegou.

– Só queria ver o que podia fazer com o poder do lobo. – Ele desviou o olhar para as Montanhas Nevadas. – Eu não devia ter tentado. A vontade de um lobo não pode ser domada. – E esfregou os olhos com uma pata furiosa. – Contrariei a Foxlore. Um Ancião não tem o direito de subjugar outra criatura. Eu me desviei da Foxlore, e sofri as consequências.

Senti a exaustão que dominava os membros da raposa.

– Seu maa...

– Foi drenado, esgotado de forma irrecuperável. Meu gerra está em frangalhos.

– O Rei Birronclaw Uivo-Valente é meu pai – rosnou Farraclaw. –

Ele enlouqueceu.

Toquei a pata dianteira do lobo com a minha.

– Prometi a Métis que você não o machucaria.

A Raposa Negra encarou Farraclaw.

– Peço perdão – murmurou. – Eu não queria fazer mal ao lobo. É

verdade, eu teria usado sua força em nossa causa. E depois o teria libertado. Fui inconsequente. Foi um ato de desespero. – Ele inspirou com dificuldade. – Keevney fica ainda mais poderoso.

Pensei... – Sua voz se tornou um sussurro. – Pensei que seria importante ter um lobo lutando ao nosso lado.

Meus bigodes ficaram tensos.

– Então Keevney é o Mago?

Métis abaixou a cabeça em uma resposta afirmativa. Seu rosto se contorceu com o esforço, e ele ficou em pé.

– Raposa trapaceira, má! Você arriscou a vida de meu pai!

Pensou que se apoderaria da força dele com seu... sua *Foxcraft*. –

Os olhos de Farraclaw brilhavam de raiva. – Não se preocupe –

rosnou, olhando para mim. – Não vou machucá-lo. Não daria a esse vigarista o gostinho de tocar nele.

Lop inclinou a cabeça.

– Isla disse que o Mago está controlando raposas na Terrabrava.

Restam poucas para lutar contra ele.

– É verdade – confirmou Métis em voz baixa. – Em tempos de perigo, sacrifícios devem ser feitos. Lamento que o rei lobo tenha sido prejudicado. Você precisa saber que arrisquei minha vida da mesma maneira que arrisquei a dele. – E olhou de Lop para Farraclaw.

O príncipe estava de cabeça baixa.

– Meu pai não vai se recuperar.

Cheguei mais perto dele e lambi seu focinho.

Métis gaguejou, atônito.

– Esses lobos... são seus amigos?

Olhei para a velha raposa.

– Eu não teria conseguido vir às Navalhas de Gelo sem eles.

Farraclaw e Lop pertencem ao Bishar dos Claw.

Métis ficou tenso. Suas orelhas viraram para a frente.

– Você trouxe outros?

Farraclaw ficou intrigado.

– O resto do Bishar ficou em nosso território. Por quê?

Segui o olhar da Raposa Negra. Havia um lampejo de movimento entre os abetos mais distantes. Demorei um momento para entender o que ele estava vendo.

– Lobos do Fang – arfei, e meu pelo se arrepiou. Eles corriam em formação, e as caudas brancas saltitavam enquanto eles ziguezagueavam entre as grandes árvores.

– Depressa – sussurrou Métis. – Por aqui. – A raposa saltava desajeitada pelas pedras que contornavam a base das colinas. A raiva iluminava a expressão de Farraclaw. Ele não gostava de ser guiado por uma raposa que tinha acabado de conhecer, uma raposa que havia tentado se apoderar da mente de seu pai. Olhei para ele buscando convencê-lo a nos seguir. Com a mandíbula tensa, ele me

acompanhou quando fui para trás das pedras. Lop imitou Farraclaw, escondendo-se bem quando os lobos do Fang apareceram na tundra.

Métis se encolhia contra a pedra cinzenta. Lop estava ao meu lado, e Farraclaw espiava além das rochas.

– É um grupo de patrulha – cochichou. – Uma lordessa, guerreiros e um lobo-servo.

Eu não sabia como Farraclaw via tudo isso de longe. Havia códigos de aparência e conduta que eram claros apenas aos olhos de um lobo.

As orelhas de Farraclaw estavam abaixadas.

– Vamos ter que esperar eles passarem – sussurrou. – O sol está alto. Não vamos conseguir atravessar em direção às árvores sem sermos vistos.

Cheguei mais perto dele e vi os lobos correndo na neve. Eles se aproximavam. Sabiam que estávamos ali?

– Tudo bem – disse Farraclaw. – Eles estão parando.

O príncipe tinha razão. A fêmea na liderança do grupo reduzia a velocidade, e os outros a acompanhavam. Atrás do grupo havia um lobo tão inclinado que mal alcançava a metade da estatura da líder.

Ele se mantinha afastado dos outros, com o rabo entre as pernas.

Até eu podia ver o que Farraclaw já havia apontado: aquele era, obviamente, um lobo-servo.

A fêmea olhou em volta. Os outros a observavam, atentos.

Consegui ouvir o que ela dizia.

– E as Navalhas de Gelo também. É ordem do Rei Orrufang Rosnado-Valente.

– Ninguém vem aqui, Lordessa Bezilfang – comentou um macho branco com uma pata cinza. *Bezilfang*. Não era um dos lobos de que desviamos mais cedo?

– Eu sei – respondeu a lordessa. – Mas, tão perto do ataque, todo cuidado é pouco. – E franziu o focinho. – Ratok, limpe uma área.

O lobo-servo correu para um monte de neve e cavou rapidamente uma trincheira rasa. Os outros o ignoravam.

– Tem que ser antes da Véspera do Maha – continuou a fêmea. –

Os ancestrais deles são poderosos. Eles dominam aquele território há gerações. Não vamos conseguir atravessar a terra se os espíritos deles despertarem de novo.

O lobo de pata cinza sacudiu o pelo.

– É verdade que o rei deles está morto?

– Não, ainda não morreu... está doente – explicou a fêmea. – É a hora perfeita para atacar. Ninguém daquele Bishar vai fazer o desafio enquanto ele estiver vivo, e o rei está fraco demais para nos derrotar.

Agachado ao meu lado, Farraclaw deixou escapar um grunhido baixo.

Cutuquei seu ombro com o focinho.

– É só conversa.

– Não. – A voz de Farraclaw estava sufocada. – Ela tem razão.

Estamos vulneráveis. Eles se sentem livres para atacar.

Tentei lembrar o que ele tinha falado no Bishar dos Claw. Naquela ocasião, fazia pouco tempo que eu estava entre eles, e tudo era

meio confuso.

– Pensei que... Os lobos do Claw não são mais fortes? Podem ganhar deles em uma batalha.

– Silêncio – sibilou Métis. – Eles vão ouvir. – E se moveu junto das pedras.

Farraclaw olhou para a Raposa Negra com ar de superioridade.

Depois, falou comigo em voz baixa:

– Acho que você não entende. O líder de um Bishar pode desafiar um rei rival para uma luta. Se o outro rei recusa o desafio... se está fraco demais, ou com muito medo... se não é encontrado, a luta está encerrada.

Agora eu lembrava.

– Então...

– Então – continuou Farraclaw, esforçando-se para controlar o pânico na voz –, os lobos do Fang descobriram que nosso rei está doente. O rei deles vai desafiar meu pai para um combate. Você viu o que a raposa fez com ele... meu pai não vai conseguir lutar. O

Bishar dos Fang vai tomar nosso território, e ninguém será capaz de impedir.

Senti um arrepio frio. Pensei nos filhotes na toca.

A loba se dirigia aos outros.

– Eu era só um filhote quando o Rei Birronclaw matou o Rei Garrùfang.

– Uma coisa horrível – resmungou o macho de pata cinza, e os outros concordaram.

O lobo-servo terminou de cavar. Ele se aproximou da fêmea, inclinado, com a barriga quase arrastando no chão. E se curvou diante dela.

– Lordessa Bezilfang, cavei um espaço.

A loba continuou falando como se ele fosse invisível.

– Nossa vingança já demorou muito – disse aos outros lobos. –

Não fosse pelo desertor útil, teríamos sido enganados. O rei deles teria morrido, e o príncipe teria sido conduzido ao trono antes que tivéssemos tempo para atacar. Mas a sorte brilha sobre o Bishar dos Fang.

O lobo-servo recuou. Finalmente, a lordessa se dirigiu à trincheira baixa. Quando passou por ele, a líder falou distraída:

– Ratok, vasculhe a área. – O lobo-servo inclinou a cabeça.

Começou a farejar em torno das Navalhas de Gelo, enfiando a cabeça entre elas e recuando.

A lordessa se acomodou confortavelmente, e o macho de pata cinza, outro que era perfeitamente branco e mais uma fêmea de focinho escuro sentaram-se ao lado dela. Os quatro lobos se ajeitaram na trincheira e continuaram conversando, mas eu não conseguia mais ouvir o que diziam.

O lobo-servo farejava em torno das colunas de gelo, mas não podia passar entre elas. Ele acabou voltando para a área de abetos e desapareceu.

Os olhos de Farraclaw sugeriam trovões. Ele começou a se levantar.

– Senhor, o que está fazendo? – murmurou Lop.

– *Desertor útil* – repetiu Farraclaw com desdém. – Você estava certo, Lop. Alguém do nosso Bishar contou aos lobos do Fang sobre meu pai. Se eu não tivesse escutado com meus próprios ouvidos, nunca acreditaria nisso. – E balançou a cabeça. – Preciso descobrir o que eles planejam. Preciso saber quem nos traiu. – E começou a contornar as pedras pela parte de trás.

– Lobo, você é insano? – Métis se irritou. – Vai nos levar à morte!

Farraclaw o encarou furioso.

– Para você, eu sou Príncipe Farraclaw Mandíbula-Valente, primogênito da Rainha Sableclaw Mandíbula-Valente e do Rei Birronclaw Uivo-Valente. É ele quem está insano, e por *sua* culpa.

Por sua culpa ele não pode defender nossos domínios. Por sua culpa o Bishar dos Claw vai cair.

Métis se encolheu e baixou os olhos. Sua cauda longa se curvou em torno de um flanco.

Farraclaw o empurrou ao passar.

– Pare, isso não é seguro! – Mordi sua cauda com delicadeza, tentando puxá-lo de volta.

Ele se soltou.

– Vou tomar cuidado.

Corri na frente dele para impedir que continuasse.

– Eu posso ir – implorei. – Posso reduzir. Eles não vão me ver! Eu descubro o que estão planejando.

– Mais Foxcraft? – O olhar dele me gelou até os ossos. – Acho que não.

Mas alguém correu na frente de Farraclaw e já contornava as pedras com cuidado.

Lop.

O lobo-servo corria pelas rochas. Para minha surpresa, ele desceu das pedras totalmente visível para o grupo de patrulha. Suas orelhas estavam em pé, não havia nada de incomum nelas à primeira vista. O rabo seguia curvado entre as pernas.

Ele farejava em torno da base das Navalhas de Gelo, exatamente como o outro lobo-servo havia feito. Eu o vi parar, inclinar um pouco a cabeça e, em seguida, dar mais um passo à frente, aproximando o focinho das colunas congeladas.

Os olhos de Farraclaw acompanhavam Lop, mas ele continuava ao meu lado, escondido atrás das pedras.

Descobri que ele prendia a respiração. Quanto tempo a sorte de Lop duraria? Mas a lordessa o ignorava, como os outros lobos, enquanto ele continuava ocupado nas Navalhas de Gelo.

Ninguém vê o lobo-servo.

Lop seguia as colunas, vindo em nossa direção. Depois de olhar para trás rapidamente, correu para as pedras e desapareceu entre elas. Um momento depois, ele estava entre nós.

Farraclaw encarava o pequeno lobo.

– Isso foi corajoso – sussurrou. Havia um novo respeito em sua expressão.

– Estava apenas cumprindo meu dever, senhor. – Lop respirou fundo. – As notícias não são boas. Eles pretendem atacar. Todo o Bishar estará presente. Acreditam que vão poder contar com o

elemento surpresa. O Rei Orrùfang vai desafiar seu pai. Eles sabem que o rei não pode reagir e lutar.

– Que demônios – cuspiu Farracław.

– Não vai demorar. Eles não disseram quando vai ser exatamente.

– De onde vai partir o ataque?

– Não sei – murmurou Lop.

– Disseram quem é o traidor? – insistiu Farracław.

– Não.

– Preciso saber mais. – Farracław passou por mim.

– Senhor, por favor, não vá – suplicou Lop. – Eles vão notar sua presença!

– Vou tomar cuidado – resmungou o príncipe.

Ameacei ir atrás dele, mas senti uma pata em meu flanco.

– Você não pode fazer nada – Métis me avisou. – O idiota vai matar todos nós.

Impotente, vi Farracław se afastar de nós a caminho das Navalhas de Gelo. Se os lobos do Fang se virassem, eles o veriam.

Com sua postura altiva e o pelo denso, não era nada parecido com o lobo-servo deles.

Recuei atrás das pedras e troquei um olhar nervoso com Lop. Ele lambeu minha cabeça para me confortar. Estiquei o pescoço.

Conseguia ver que a fêmea branca ainda estava falando. Só entendia uma ou outra palavra.

– Claw... Ruína...

Farraclaw apareceu atrás do grupo de lobos. *Ele está muito perto.*

Mas os lobos do Fang não olhavam na direção dele. Vi suas orelhas apontarem para a frente e o focinho se franzir em uma expressão sombria. Ele devia ter ouvido mais sobre os planos. Eu esperava que ele se contentasse com isso e voltasse.

Os lobos uivaram, sons agudos na brisa matinal. Estavam rindo do Bishar dos Claw? Comentando com orgulho o que fariam com os rivais?

Horrorizada, vi Farraclaw se aproximando deles, acompanhando os fragmentos de gelo. *Aí não! Você não cabe entre as colunas.*

De repente, a fêmea sentou-se e rosou. O lobo de pata cinzenta levantou o focinho, depois parou. Olhou direto para as Navalhas de Gelo.

– Invasor! – latiu com um *staccato* agudo.

Todos viraram a cabeça e olharam para Farraclaw. O pânico me rasgou por dentro. Ele não tinha para onde correr.

Os lobos do Fang correram na direção dele com os dentes à mostra, os lábios retraídos expondo as gengivas sobre as presas gigantescas. Eles cercaram Farraclaw, enquanto Lop e eu assistíamos a tudo com horror.

– Ora, ora – rosou a fêmea branca. – Um invasor. Se deseja continuar vivo, é bom falar rápido.

Farraclaw se mantinha ereto. Seu corpo não traía o medo que devia estar sentindo.

– Sou o Príncipe Farracław Mandíbula-Valente. Quero passar em paz por suas terras. Pelo espírito do Nobre Rei Serrenclaw, invoco o Tratado de Serren.

Os lobos da neve estavam perplexos.

– Você ouviu isso? – latiu o macho de pata cinza. – O Príncipe Farracław! Aqui no nosso território. Como ele conseguiu vir tão longe?

A lordessa bufou.

– Passar em paz? Tratado de Serren? Acho que não. – Ela saltou e mordeu a pata traseira de Farracław. Seus dentes rasgaram a carne, e eu me encolhi contra Lop. Para minha surpresa, Farracław não reagiu.

O lobo de pata cinza imitou a fêmea, atacando Farracław e cravando os dentes em seu pescoço.

– Estava espionando, não é? Vai pagar por isso!

– Temos que ajudá-lo – gani.

A pata de Lop era tensa em meu ombro.

– Agora não podemos fazer nada.

Vi os lobos do Fang cercarem e atormentarem Farraclaw, mordendo, avançando e ameaçando.

– O Rei Orrùfang vai gostar de ver você – grunhiu a fêmea branca. – Uma honra para todos que te pegaram. – E olhou em volta. – Tem outros aqui? Com certeza, um príncipe do Claw não viajaria sem serviçais.

– Estou sozinho – respondeu Farraclaw em voz alta e clara. – Não preciso de ninguém cuidando de mim.

– É mentira dele – rosnou a outra fêmea, avançando e segurando a pata de Farraclaw entre os dentes. – Onde estão os outros?

– Já disse que estou sozinho.

– Mentiroso! – Outra mordida, e Farraclaw perdeu o equilíbrio.

Mas não gritou, nem reagiu.

– Onde estão? – insistiu a lordessa branca com um chiado.

– Já disse. Estou sozinho. Invoquei o Tratado de Serren. Não tenho mais nada a declarar.

A loba branca se jogou contra ele. Farraclaw caiu, mas levantou-se depressa.

– Bem, é uma pena para você. Um lobo corajoso, sem dúvida, e arrogante. Mas nem você pode derrotar todos nós. Embora eu gostaria de vê-lo tentar. – As orelhas dela apontaram para trás durante a provocação. Mais um pulo, outra mordida feroz no flanco do príncipe, enquanto a fêmea de focinho escuro o empurrava.

Os lobos recuaram rosnando. As mordidas nos ombros e flancos do príncipe transbordavam sangue vermelho. Era um contraste gritante contra seu pelo branco. Ele levantou o focinho.

– Vocês estão desrespeitando os costumes antigos que nos conectam como vizinhos e iguais.

– Ah, ele não vai lutar – disse a lordessa aos outros. – Ainda não, pelo menos... – E passou a língua pelos dentes sujos de sangue. –

O Rei Orrùfang vai saber o que fazer com ele. Normalmente, ele não é misericordioso.

– Seria um prazer falar com seu rei – disse Farracław.

– Então, demonstre respeito por sua lordessa! – rugiu o macho de pata cinza, batendo com a cabeça no focinho do lobo. Os lobos cercaram Farracław novamente, ameaçando mordê-lo enquanto o empurravam para os álamos. Por um momento, eu o vi de perfil. Ele olhava para a tundra. Não gritava, nem pedia ajuda. Não olhou para

trás nenhuma vez, para as pedras onde eu tremia de pavor, onde Lop gania e Métis assistia à cena em silêncio.

Embora eles o ameaçassem e agredissem, provocassem e debochassem dele, Farracław não nos traiu.



13

Métis se alongou e ficou em pé.

– Adeus, lobo – disse a Lop. – Venha, raposinha. Temos que voltar para a Terrabrava. Já passei muito tempo longe de lá.

Franzi o focinho.

– Não vou com *você*.

A expressão da velha raposa ficou carregada.

– Você tem que ir. Tem bom maa, não tem? Podemos precisar dele. Por que acha que os anciãos mandaram você? – Ele sacudiu a cauda uma vez. – Uma raposinha. Ainda não consigo acreditar –

resmungou. – Eles podiam ter mandado Siffrin, pelo menos.

Meu coração ficou apertado.

– Siffrin está na Terrabrava. Jana não o deixou vir. – A raposa vermelha sabia sobre o truque de Jana? Por um instante, preendi a respiração e pensei. Siffrin tinha se oposto à minha jornada à Terraneve, e depois se ofereceu para vir comigo. Eu não acreditava que ele soubesse mais sobre isso que eu. Deixei o ar sair devagar.

– Não vou com você. Vou procurar Farraclaw. Não podemos simplesmente deixar que o matem!

Lop olhava para a tundra.

– Vamos ter que seguir os lobos de longe. Não sabemos para onde o estão levando.

– Bobagem. – Métis se irritou. – Como os lobos são bobos. Sei exatamente para onde eles estão indo. – E estendeu uma pata

negra. Talvez tenha sido reluzente um dia, mas o pelo agora era desgrenhado, emaranhado em nós sujos em torno da pata.

Lop olhou para ele.

– Como assim? – Havia um brilho de alerta em seus olhos, uma luminosidade que eu nunca tinha visto antes. Ele podia ser o lobo-servo, mas era enorme se comparado a Métis.

A Raposa Negra engoliu em seco. Depois, baixou a pata.

– A lordessa disse que iam levar seu senhor para o rei deles. Ele comanda o Palácio de Gelo no coração do Bishar. O palácio é cercado por uma fonte escaldante. Embaixo dele, os lobos cavaram uma masmorra, uma caverna congelada onde os inimigos são torturados e mortos. É lá que você vai encontrar seu príncipe lobo.

Comecei a andar.

– Temos que ir lá.

– Para fazer o quê? – Senti a profundidade do julgamento nos olhos verdes de Métis. – Pense um pouco. Todo o Bishar vai estar lá. Seu príncipe do Claw é um prisioneiro importante. Guardas vão vigiar cada movimento dele. – Suas orelhas compridas se moveram para a frente. – Você não pode salvar o príncipe. E por que ia querer? Ainda não entendeu o perigo que enfrentamos na Terrabrava? Está mais preocupada com esses lobos do que com os de sua espécie? – Seu

focinho enrugou, mas seus olhos se voltaram desconfiados para Lop. Por trás do desdém, havia medo.

Minha voz era um grunhido.

– Já disse, eles me ajudaram a atravessar o Bishar dos Fang.

Não fosse por Lop e Farraclaw, eu não teria conseguido chegar às Navalhas de Gelo. Não teria libertado *você*.

Métis mancou até o limite das pedras.

– Considere-me grato – disse, embora o tom não sugerisse gratidão. Ele parou, e sua pata tremeu. Com um gemido de dor, virou-se de frente para mim. A exaustão estava estampada em seu rosto. – Você vai me dar maa – acrescentou de repente.

Pisquei surpresa.

Lop se movia com cuidado além das pedras.

– Eles estão quase desaparecendo. Temos que começar a segui-los.

Métis falou ao mesmo tempo:

– Depressa, Raposinha. Preciso ir para casa. – E olhou para Lop.

– Não adianta ir atrás deles, só vai conseguir ser capturado também. Já disse para onde vão levar seu príncipe. Não vai conseguir libertá-lo, desista.

– Nós *vamos* libertá-lo – anunciei. – Vamos, Lop.

Começamos a correr pela neve.

– Pare! – latiu Métis. – Preciso de maa. Não vou sobreviver sem isso. Elas precisam de mim... as raposas na Terrabrava. Não posso abandoná-las.

Parei onde estava. Flint e Karo tinham sido subjugados. Simmi e Tao fugiram para a Terra Livre... outros como Rupus e Mox foram mortos pelo bando do Mago.

– Eu ajudo – ofereceu em voz baixa. – Se me der maa, ajudo vocês a libertarem o lobo.

Lop o encarou.

– O que *você* pode fazer?

Métis engoliu em seco.

– Foxcraft. Se eu tiver maa suficiente.

Eu hesitava. A Raposa Negra era, supostamente, a raposa mais sábia de todas. Farraclaw estava com problemas. Eu não tinha chegado perto do Palácio de Gelo, mas, se era parecido com o Forte Congelado, seria muito bem guardado. Como entraríamos sem sermos vistos? Como tiraríamos Farraclaw de lá, apesar dos guardas?

Balancei a cabeça e voltei para perto de Métis.

– Se eu te der maa, promete que vai ajudar? Sem truques.

– Sem truques – concordou ele.

Lop tinha virado, e suas orelhas flácidas balançavam ao vento.

Métis piscou os olhos verdes.

– Por que parou, Lobo?

– Você disse... – Lop estudou a tundra, onde o grupo de patrulha havia desaparecido levando Farraclaw. – Disse que não havia pressa, que já sabemos para onde eles vão.

– Para o Palácio de Gelo. – Métis olhava para Lop como se ele fosse um idiota. – Mas você não vai lá. Não conseguiria chegar perto do palácio sem ser capturado. – Métis o olhou com uma expressão séria. – Você não é da realeza. Não é nem um guerreiro.

O que você é, o lobo-servo do Claw? – Como ele sabia? – Que valor tem para os lobos do Fang? Eles matariam você antes que pudesse uivar.

– Como se atreve! – chiei. – Lop é o lobo mais esperto e mais rápido da Terraneve.

As orelhas de Lop caíram ainda mais.

– Não posso deixar meu príncipe à mercê daqueles lobos –
grunhiu.

– Nem deve – concordou Métis, cansado. – Não percebe? Agora você é mais necessário que nunca. Essa raposinha diz que você é rápido. É rápido o suficiente para avisar seu Bishar antes da chegada dos Fang? Você é perfeitamente branco, e a neve ainda não derreteu. Tem a vantagem da camuflagem. Consegue correr ao longo das colinas sem ser visto? – Métis falava com propósito. Eu me inclinei para a frente, e vi que Lop fazia a mesma coisa. – Deixe a raposinha, ela só vai te atrasar. Os lobos do Fang não sabem que vocês esperam o ataque. Não vão perder tempo dando voltas, contornando seus domínios. Vai ser um ataque direto, e vai acontecer na fronteira entre os territórios. Seu Bishar precisa estar preparado. Todos devem estar lá para demonstrar força, ou os Fang vão pensar que vocês são fracos. Precisam convocar seu rei para estar presente na fronteira entre os Bishars. Se ele não comparecer, suas terras estarão perdidas.

A verdade do que ele disse era inegável.

Lop assentiu devagar.

– E vocês vão libertar o Príncipe Farraclaw?

– Vamos – respondi, embora nem imaginasse como.

O lobo-servo levantou o focinho.

– Um Bishar, unido sob as Luzes da Rainha Canista. Pela amizade. Pela honra. Para sempre. – Ele se virou de repente, sem ao menos se despedir. Correu pela terra gelada, um rastro de pelo branco ao pé das colinas.

Métis se deitou.

– Maa – pediu. – Depressa.

Embora tivesse recebido maa dos anciãos, eu só havia compartilhado o meu com Siffrin. Isso era diferente... Eu mal conhecia Métis, e não gostava do que sabia.

– Não temos tempo para suas dúvidas – irritou-se, como se estivesse lendo meus pensamentos. – Não vou pegar muito. Você precisa estar forte. Só o suficiente para continuar... Olhe para mim.

Eu me virei para a Raposa Negra. Seus olhos verdes brilharam iluminados. Comecei a entoar um cântico:

– Com meu toque, eu te sinto; com meus olhos, eu te curo. Pelas Luzes de Canista, compartilho o que tenho; estamos entrelaçados e você está inteiro.

Com um solavanco, fui absorvida por aquele olhar. Caí no verde iridescente. A terra se abriu, e despenquei na escuridão. Caí esperneando. O vento sacudiu meu pelo. Minha cauda tremulava.

Aterrissei em uma cama de musgo. Luz verde girava sobre a minha cabeça. Olhei em volta atordoada: estava na Floresta do Ancião. As árvores antigas me cercavam com seus galhos repletos de folhas.

Pássaros cantavam, o calor tocava meus bigodes. Eu corria ao lado de um riacho. Os troncos grossos deram lugar a finas árvores frutíferas. Ramos espinhosos entrelaçavam-se entre elas e tufo de trepadeiras com folhas verdes e brancas. O poder percorria meus membros. Um cheiro forte invadiu meu olfato. Mais adiante, vi chamas subindo além das árvores. A fumaça formava espirais, e ouvi o barulho de madeira rachando. Corri para lá sem medo. O ar

enchia meu peito. Corri sobre o solo úmido, rápido, mais rápido, quase voando...

Métis piscou.

Desabei na neve. Esperei a exaustão me invadir, como havia acontecido depois do maa-sharm com Siffrin.

Eu me sentia bem. Como sempre. A única diferença era um brilho de maa reluzindo na ponta da cauda. Fiquei em pé e senti um tremor.

Métis examinava suas patas. Levantou uma por vez, mordeu as unhas. Depois, puxou a cauda para perto do corpo e farejou.

Batuquei com a pata demonstrando impaciência.

– Vamos? Você viu o que estavam fazendo com Farraclaw. – Os pelos se arrepiaram em minhas costas. E se ele se recusasse a ir?

Métis levantou a cabeça. Seus olhos astutos agora estavam mais alerta.

– Muito bem. – Ele olhou para a ponta da minha cauda. – Você não ficou sem maa. Talvez eu a tenha subestimado. – Sua voz não era conciliadora. – Vamos precisar dele, para o que temos que fazer.

Vou guiar você até a entrada do Palácio de Gelo. De lá, vai seguir sozinha. Não vou ter energia para ajudar... eu seria só um fardo para você, um risco que poderia provocar sua captura.

O pânico me invadiu.

– Mas como vou libertar Farraclaw sozinha?

– Sabe reduzir, não sabe?

– Mas Farraclaw não sabe – respondi. – Mesmo que eu chegue à masmorra sem ser vista, como vou tirar o príncipe de lá?

Métis deu a volta nas pedras e saiu do outro lado, na tundra aberta. O sol já estava alto no céu. Imaginei Lop correndo pela neve. Ele conseguiria passar pelos grupos de patrulha? Chegaria ao Bishar a tempo?

– Venha, Isla – chamou a Raposa Negra. – Fiz uma promessa, e não pretendo quebrá-la. Vamos logo para o Palácio de Gelo. Eu explico no caminho.

A jornada foi dolorosamente lenta. Mesmo com meu maa, Métis enfrentava dificuldades. Andávamos pelas sombras e por baixo das árvores, escondendo nosso pelo colorido de algum olhar atento.

Métis parava frequentemente. Enquanto descansávamos, consegui pegar outra lebre. Métis comeu sem entusiasmo. No fim, comi quase tudo sozinha.

O crepúsculo já estava ali quando chegamos a um trecho de pinheiros nos limites do Palácio de Gelo. Eu o vi surgindo em meio à neblina em uma cintilante plataforma de pedra.

– É uma geleira – explicou Métis. – Um bloco de gelo.

– Não derrete no calor?

O jeito como ele olhou para mim demonstrava que me achava boba.

– O calor nunca chega aqui, no extremo norte.

Quando nos aproximamos mais andando entre os pinheiros, vimos o vapor se erguendo da terra. Um riacho corria em torno da base da geleira, vomitando água escaldante. Caminhos estreitos cortavam o riacho, e lobos brancos andavam por eles.

Métis levantou o focinho.

– Você vai ter que passar pelos guardas para chegar à masmorra.

Sinta o caminho.

Olhei para Métis. Nem imaginava como fazer o que ele sugeria.

– Eu espero aqui. Você vai ter que me encontrar. Preciso de você para a jornada de volta para casa. Não esqueça sua promessa. –

Uma orelha preta apontou para a frente. – Posso te ajudar a levar o lobo de volta ao território dele sem que ninguém veja. Não vai ser fácil.

Assenti com ar solene. *Se eu sair*, pensei.

– Confie em seu maa. Não corra, porque isso vai fazer seu coração bater mais depressa, e a Foxcraft vai ser interrompida. Mas também não demore, porque uma inspiração mais forte te faz visível de novo. – Seus olhos verdes eram frios, mas ele acrescentou com tom quase bondoso: – Senti seu maa. Você é capaz disso e muito

mais. Mergulhe fundo dentro de si mesma... encontre sua quietude interior.

Abri a boca para responder, mas ele bufou com impaciência.

– Agora vá. A noite não vai esperar.

Andei até a beirada da cobertura formada pelas árvores. Lobos andavam pelas passagens entre o vapor, guardando a entrada do Palácio de Gelo. Um uivo ecoou na neve, e meu pelo ficou em pé.

Eu o abaixei. Tinha que manter a calma... minha sobrevivência dependia disso. Fechei os olhos. Imaginei Lop correndo na neve e minha respiração ficou presa na garganta.

– Calma – aconselhou Métis. Eu me virei e olhei para trás. Como ele sabia? – O cântico vai ajudar.

Respirei fundo.

– O que foi visto é desvisto; o que foi sentido agora é insensibilidade. O que era osso se dobra; o que era pelo é ar. –

Meus bigodes formigaram. Fechei os olhos. O mundo em meus pensamentos era verde. Uma floresta verdejante se expandiu em minha mente. Abri os olhos. O palácio na geleira era um borrão de contornos frios e água borbulhante. Olhei para minhas patas. Elas tinham desaparecido.

Saí do meio das árvores. Devagar, muito devagar, minhas patas pisaram a neve. Caminhei até o pé da imensa geleira. Com passos cuidadosos, me aproximei de uma das vias de entrada.

Olhei para trás. Tinha deixado pegadas... Os lobos poderiam encontrá-las; poderiam me seguir até a geleira. Um guarda passava lá na frente, suas patas grossas batiam no chão. O pânico rastejou por minhas costas. Minha pata dianteira, que estava levantada, tremulou visível.

Repeti o cântico em pensamento.

O que foi visto é desvisto; o que foi sentido agora é insensibilidade.

O lobo estava mais perto, virando em minha direção. Seus ombros eram quadrados. Através da névoa da redução, vi seu

focinho se mover. Talvez tivesse sentido meu cheiro. A cabeça enorme virou para um lado, depois para o outro. Ele bufou e seguiu

em frente, passou por mim e seguiu para a tundra. Agora estava escuro. Minha esperança era que minhas pegadas se perdessem na noite.

Andei pelo caminho sobre o riacho ardente. Meus sentidos se expandiam à minha volta. Eu quase não enxergava, mas os pelos longos na parte de trás de minhas patas dianteiras me avisavam da água fervente. Minhas orelhas se moviam e captavam até o menor movimento. Minha cauda longa pairava no ar, mantendo o equilíbrio.

No ponto onde o calor do riacho se dissipava, um arco surgia... a entrada de uma caverna de gelo. Ainda entoando o cântico, passei por sua boca branca.

O que era osso se dobra; o que era pelo é ar.

Assim que entrei, senti a presença de lobos. *Muitos lobos.*

Estavam em todos os lugares, quase perto o bastante para tocar, aquecendo o ar com sua respiração. Ouvi o murmúrio das vozes.

Túneis apareciam e sumiam, estendendo-se em todas as direções.

Para onde eu devia ir? Duas silhuetas claras se aproximaram.

Guardas!

O pânico apertava minha nuca.

Mergulhe fundo dentro de si mesma... encontre sua quietude interior.

Entoei o cântico mais para mim mesma, senti as palavras penetrando em meus pensamentos.

O que foi visto é desvisto...

Minha visão tremulou. Os pensamentos se recolheram, voltaram à floresta verdejante que eu tinha visto em maa-sharm. Senti cheiro de seiva, abetos e solo rico. Ouvi o canto dos pássaros. Comecei a andar. Sem enxergar – quase sem pensar –, devo ter passado entre os lobos. Estava atravessando o túnel central. Minhas patas invisíveis quase nem tocavam o chão. Embora caminhasse sobre gelo compactado, sentia a maciez da grama. Passei por outro lobo,

que não era mais que uma brancura flutuante. Uma tensão fraca nas pernas me avisou que eu estava descendo. O caminho se inclinava repentinamente para baixo do Palácio de Gelo. A luz desaparecia.

Mas a escuridão não me assustava. Eu não precisava dos olhos.

Os outros sentidos exploravam as sombras. Meus bigodes se arrepriaram e se expandiram. A cauda tocou o limite do túnel. Meu focinho se ergueu. Entre os cheiros variados de lobos, detectei um que eu conhecia.

Por aqui, Isla. Sim, isso mesmo. Continue. Está quase chegando.

Senti duas presenças um pouco à frente.

Passe entre os guardas. Não pare nem por um momento.

Continuei andando. Minha calda roçou em pelos. Senti que um dos lobos mudou de posição. Sua grande cabeça virou na minha direção.

Continue andando, Isla. Não pare!

Segui em frente. Os lobos ficaram para trás. Eu continuava descendo, indo mais fundo, entrando na escuridão. Mas, o tempo todo, andava em meio ao verde.

Minhas patas tocavam de leve o solo congelado. Segui pelo caminho que mergulhava sob o Palácio de Gelo. O ar ficou úmido.

Só agora eu percebia o desconforto. Uma coceira na garganta que ia ficando mais insistente. *Scratch, scratch*. Na escuridão, a necessidade de respirar me dominou. Engoli a tosse, o verde desapareceu de meus pensamentos. Não conseguia mais sustentar a redução! O terror explodiu dentro de mim. Estava sem ar. Quase sufocando, caí. Ofegando com desespero, olhei para cima. Em meio à escuridão, percebi um tremor de movimento. Havia um lobo parado ao meu lado.

Minha mente rodou, uma confusão de pensamentos apavorados.

A redução tinha sido interrompida! Eles me pegariam!

– Fique longe de mim! – rosnei. Minha voz era aguda, ricocheteava nas paredes. Em algum lugar lá em cima, ouvi o ruído

de água pingando no gelo. *Ping, ping, ping*.

– Isla, é você?

Meu coração pulou dentro do peito.

– Farraclaw?

Eu me joguei contra ele, sentindo o calor reconfortante de seu pelo. Confiei no meu maa... e o encontrei.



Farraclaw lambeu minhas orelhas, e enterrei o focinho no calor de seu pelo. Recuei bruscamente. Senti cheiro de sangue.

– Você está machucado! – Eu me lembrei de como os lobos o haviam mordido e atormentado.

– Não é nada – respondeu Farraclaw. – Mal posso acreditar que você conseguiu chegar aqui sem ser vista. Foxcraft, certo?

– Certo. Eu reduzi. Métis me ensinou uma técnica nova. Consegui prender a respiração por mais tempo, desaparecer mais. Se é que isso faz sentido.

– Foi bobagem eu me aproximar do grupo de patrulha. É como eu temia. Todo o Bishar vai invadir nossa fronteira oeste. O Rei Orrùfang vai desafiar meu pai. Quando o desafio não for aceito... –

Farraclaw engoliu em seco. Depois de um tempo, ele voltou a falar:

– Não sei reduzir, Isla. Não posso sair daqui.

– Vou te ajudar.

– Eu sei que quer me ajudar – suspirou Farraclaw. – Mas o que pode fazer?

– Vi isso uma vez no Grande Grunhido. Siffrin jogou um manto de redução sobre mim. Vou fazer a mesma coisa com você. – Não expliquei que Siffrin era muito mais experiente que eu em Foxcraft.

Não confessei que ele havia reduzido enquanto estava parado em um lugar... e eu teria que encontrar um jeito de fazer a magia quando estivéssemos fugindo.

Métis me orientou durante a jornada para o Palácio de Gelo.

Fique perto do lobo, instruiu com tom grave. Vocês precisam se mover como se fossem um só. Deixe a redução se espalhar à sua

volta para cobri-lo completamente.

Lembrei que Farraclaw tinha passos muito maiores que os meus.

A Raposa Negra respondeu pensativa: *Nunca reduzi com uma criatura que não fosse uma raposa. Nunca tive essa necessidade...*

Mas, se quer sobreviver, vai ter que encontrar um jeito.

– Acha que consegue? – perguntou Farraclaw. Ouvi a insegurança em sua voz. Não, era mais que isso... *desconfiança.*

Ele não gostava da ideia de Foxcraft, especialmente por conhecer os efeitos em seu pai.

Não tive chance de responder. Ouvi barulhos de patas no túnel.

– Com quem está falando, *invasor?* – A voz ecoou nas paredes finas.

– Estava repetindo os juramentos para meus ancestrais.

O guarda bufou.

– Seus ancestrais não podem ajudar. Fale baixo!

Farraclaw não respondeu. Esperamos o barulho das patas do guarda seguir pelo corredor até desaparecer.

Quando tive certeza de que era seguro, eu me virei para o príncipe.

– Lop foi na frente – sussurrei. – Ele vai alertar o Bishar, assim seu pai vai poder estar presente para repelir o ataque.

Farraclaw ficou quieto. Provavelmente, estávamos pensando a mesma coisa, imaginando o rei louco e questionando como ele poderia lutar.

Empurrei esse pensamento para longe.

– Temos que ir. Vamos passar bem perto dos guardas. Ande devagar. Não corra. Eles não vão te ver, mas podem te sentir.

Quanto menos movimento fizer, menos eles vão captar.

– E você? – perguntou Farraclaw.

– Vou repetir o cântico em pensamento. – Lembrei o que Métis me disse. – Vou projetar a redução, deixar que ela se espalhe até te cobrir. Mas só vai funcionar se ficarmos bem próximos. Aconteça o que acontecer, fique do meu lado. Assim que estivermos lá fora, corremos para os pinheiros. Métis está lá esperando. Vou fazer o possível para sustentar a redução.

Imaginei que Farraclaw tentava digerir a informação. Devia saber que não havia alternativa para ele. Mais cedo ou mais tarde, os lobos o matariam.

– Quando vamos sair?

– Agora. – Dúvidas clamavam por atenção. *Ficou maluca? Você mal consegue reduzir. Não é especialista em Foxcraft.*

Não é tão boa quanto Pirie.

Limpei a garganta e comecei a murmurar o canto.

– O que foi visto é desvisto; o que foi sentido agora é insensibilidade...

Estava tão escuro na masmorra que eu não conseguia verificar se a redução estava funcionando. Não enxergava nada. Mas senti uma mudança. Meus pensamentos ficaram leves e as dúvidas se afastaram. O chão sob minhas patas ficou macio feito musgo.

Eu me encostei em Farraclaw. Imaginei meu pelo e o dele entrelaçando. Mentalmente, vi a redução se espalhando. Ela

tremulou sobre um flanco do lobo, sobre seus ombros, mas parou, deixando uma luminosidade dourada sobre um lado.

Dei um passo à frente e senti que ele saía da área de alcance da Foxcraft. Ele moveu uma pata da frente, mas tropeçou em mim e recuou desajeitado. O brilho dourado se tornou mais abrangente.

Ele ficaria exposto.

Mergulhe fundo, Isla.

Murmurei as palavras do cântico de redução.

O que era osso se dobra; o que era pelo é ar.

A dúvida voltou, e meus pensamentos tropeçaram no cântico. A redução não se completava.

Encontre sua quietude interior.

Abaixei o focinho e relaxei contra o ombro de Farraclaw. Sentia seu calor. O mundo desapareceu mais uma vez em meio ao verde.

Eu me senti penetrar mais fundo entre as folhas dessa vegetação, das samambaias e do musgo, onde tudo era silêncio.

Mesmo na escuridão, notei a mudança. O silêncio se expandiu à nossa volta. Lentamente, levantei a pata dianteira e senti Farraclaw fazer o mesmo. Começamos a andar juntos num ritmo suave. De algum jeito, a grande diferença entre meu tamanho e o dele não importava, era como se nos fundíssemos em um só. Juntos, começamos a subir pelo caminho inclinado para fora da masmorra.

Eu quase não tinha consciência da pressão nas patas enquanto subíamos pelo túnel. Nossas unhas encontravam com facilidade as pequenas frestas que davam mais equilíbrio no gelo. Apesar de andarmos por solo congelado e duro, eu me imaginava na floresta.

A luz espiava entre as árvores. Lá na frente, vi a silhueta de um guarda andando em nossa direção. Como se fôssemos um só, desviamos para um lado do túnel, líquidos contra a parede estreita.

Passamos pelo guarda. Pouco depois, outro surgiu na nossa frente.

Só consegui ver o contorno do focinho comprido. Farraclaw seguiu meus movimentos e colamos na outra parede.

O que foi visto é desvisto...

Continuamos pelo túnel como se flutuássemos, ziguezagueando entre os guardas. A luz se tornava mais brilhante, mas o mundo permanecia vago, uma luz verde-musgo para um olho meio fechado.

Meu medo não se manifestava nem quando o cheiro dos lobos abria sulcos em meus pensamentos, nem quando os olhos amarelos se voltavam para nós e focinhos se franziam precedendo rosnados. Em algum lugar no fundo da minha consciência, eu sabia que os lobos latiam uns para os outros. Mas meus pensamentos permaneciam verdes. Eu ouvia minha voz cantando e o pulsar constante de um coração poderoso.

Meu coração de lobo.

Fora do Palácio de Gelo, passamos por uma ponte sobre o riacho borbulhante. Tons alaranjados tingiam as beiradas do meu campo de visão. O chiado vago da água. Dois lobos marchavam pelo caminho lá na frente. Eu conseguia ver o contorno das caudas. No fundo da minha garganta, o anseio por ar.

Continue andando. Está quase chegando.

Busquei as palavras do cântico. *O que foi sentido agora é insensibilidade.*

O ruído da água interrompeu minha concentração. O riacho respingou na minha pata e eu arfei, interrompendo a redução.

– Isla! – murmurou Farracław. De repente, ele estava visível. Os guardas na nossa frente viraram-se para trás.

Mergulhe de volta! Agora!

Inspirei profundamente e mergulhei de novo na floresta dos meus pensamentos. Estava, mais uma vez, unida a Farracław, ao cântico e ao ritmo da redução. Um guarda caminhava em nossa direção, mas não era mais que um halo de luz. Passamos com facilidade, deslizando sobre o gelo, e também pelo outro guarda. Logo pisávamos na neve, caminhando para a escuridão, para a segurança dos pinheiros, onde a Raposa Negra aguardava.

Caí no chão, arfando, sem ar.

– Isla, você está bem? – sussurrou Farracław.

– Ela vai estar em um momento. – Olhei para cima e vi os olhos verdes de Métis cravados em mim. – Raposinha, você foi muito bem. Tive medo de que não conseguisse.

A respiração ainda arranhava minha garganta. Eu estava ofegante demais para falar. *Você me ajudou, pensei. Ouvi uma voz enquanto estava em redução, uma voz que me incentivava. E me dizia o que fazer. Era você. Você me levou para a floresta. Era o lugar que vi em maa-sharm. Era sua casa...*

Métis olhou para trás, para o Palácio de Gelo. Se escutou meus pensamentos, não dava sinais disso.

– Agora entendo. Jana viu alguma coisa em você. Por isso a mandou. Por isso você é necessária.

Queria perguntar o que desejava dizer com isso, mas não tinha energia.

– E agora? – indagou Farraclaw.

As orelhas de Métis se moveram para a frente e para trás.

– A qualquer momento, os lobos vão perceber a fuga. Não vão descansar enquanto não caçarem você. Temos que levá-lo para o Bishar.

Farraclaw ficou tenso.

– Eles planejam atacar no amanhecer depois da lua cheia. – E

olhou para os pinheiros. – Vamos seguir o caminho das árvores sempre que possível, fazer a volta descendo pela margem do Rio Furioso. O caminho é mais longo, mas teremos como ficar escondidos, pelo menos.

– Não – protestou Métis. – Eles vão deduzir que você seguiria esse caminho. É claro que tentaria se esconder no meio das árvores. Vão varrer cada tronco e sombra até encontrá-lo.

– E que opção nós temos? – Havia um grunhido sufocado na garganta de Farraclaw.

Métis recuou e abaixou as orelhas. Mas sua voz transmitia autoridade.

– Temos que atravessar a tundra aberta e torcer para que não encontrem nosso rastro. É o único jeito de chegarmos ao Bishar a tempo.

Farraclaw arfou, perplexo.

– Ficou maluco? Eles vão ver.

– Não se reduzirmos. – Métis voltou os olhos verdes para mim. –

Venha, Raposinha. Seu trabalho não acabou. Juntos, temos que percorrer uma grande distância com esse lobo ingrato entre nós. Vai precisar do seu maa mais que nunca.

Levantei-me com esforço.

– Se me fizer mal, Lobo, vai fazer mal a si mesmo. – Hesitante, Métis deu a volta em Farraclaw para ficarmos cada um de um lado do príncipe. – Isla, quando eu der o sinal, nós dois vamos começar a entoar o cântico. Vamos entrelaçar nossos pensamentos e carregar o lobo na redução.

– Não vou conseguir manter por tanto tempo! – reagi, espantada.

Métis continuou:

– Vamos até os abetos mais distantes. Lá você vai poder descansar, mas só um pouco. Depois começamos de novo, e de novo e de novo, dia e noite. Quer ajudar o lobo ou não quer?

Olhei para Farraclaw. Seus olhos perturbados brilhavam como a lua.

– É claro que sim – respondi em voz baixa.

– Que bom. – Métis respirou fundo. – O que foi visto é devisto...

Comecei o cântico.

Andávamos pela noite, três corpos unidos em um, passando invisíveis pelo coração da tundra. Na periferia da minha percepção corriam grupos de lobos, uivando furiosos e procurando Farraclaw.

Mergulhada na segurança da redução, eu não me preocupava com a presença deles. Se sentia que minha percepção começava a mudar, Métis me puxava de volta repetindo o cântico em minha cabeça.

O que foi visto é desvisto...

Eu só compreendia a audácia de nossa fuga quando parávamos para descansar entre arbustos frondosos ou formações rochosas.

Passávamos pelos lobos em território aberto, sem esforço para nos escondermos. A redução era o único disfarce de que precisávamos.

Farraclaw se dissolvia sobre o manto que tecíamos em torno dele.

Na névoa da redução havia nesgas finas e brancas. As Luzes de Canista se destacavam em meio ao cenário colorido, iluminando a floresta em minha mente.

Não, não era bem isso: não era na *minha* mente.

Métis havia criado um mundo de segurança, seu próprio manto de redução. A floresta era dele. Eu entrava nela ao lado de Farraclaw.

Escondidos entre as árvores, os lobos hostis não conseguiam nos tocar.

Mas, mesmo assim, eles uivavam.

Lua nascendo.

Lua se pondo.

Suas vozes se distanciaram.

Apesar de não comprometer seu maa na redução, Farraclaw, que estava ferido, também sentia os efeitos da jornada. Ele mancava entre nós, evitava usar uma das patas dianteiras. Parávamos cada vez menos. Só quando o ar subia pela garganta, quando eu sabia que não conseguiria mais manter a redução, só então Métis permitia uma parada para descanso.

Outra noite dava luz a um céu cinzento, e fomos nos esconder entre algumas pedras. Respirei profundamente e me deitei de lado.

Meus membros tremiam de exaustão. Farraclaw estava em pé ao meu lado, lambendo meu focinho enquanto olhava por cima das pedras. A luz pálida do amanhecer se derramava sobre a tundra. Eu conseguia ver as manchas de sangue em seu pelo salpicado de prata.

Métis estava quieto, respirando mais devagar.

Quando voltei a respirar normalmente, consegui falar:

– Não sei se vou conseguir continuar por muito mais tempo.

– Não vai precisar – respondeu Farraclaw. Segui a direção de seu olhar e me apoiei sobre minhas patas trêmulas. Vi o salgueiro que marcava a fronteira do Bishar dos Claw.

Uma rajada de uivos explodiu sobre a tundra. Olhei para o outro lado. Os lobos do Fang ainda não estavam ali, mas se moviam com velocidade, investindo contra o Bishar dos Claw. Saímos do esconderijo para continuar em direção à casa de Farraclaw. Assim que entramos, Cattisclaw e Norralclaw correram para nós. O resto

do Bishar se mantinha em formação, de cabeça baixa em atitude ameaçadora, pronto para a batalha.

Cattisclaw cobriu o focinho de Farraclaw de lambidas.

– Senhor, está machucado! – ganiu. – Pequena Isla, o que aconteceu? Lop chegou aqui ontem à noite quase morto de tanto correr. Ele nos avisou sobre o ataque.

– Reunimos o Bishar, Príncipe Farraclaw – anunciou Norralclaw. –

Isso é verdade?

– Ele fez bem. Sim, é verdade. – O príncipe se mantinha ereto, apesar dos ferimentos. – Os lobos do Fang sabem que o rei está doente. Estão vindo para cá para tomar nosso território. Preciso de Mirraclaw aqui imediatamente. Onde ele está?

Olhei para as fileiras de lobos. Os guerreiros mostravam os dentes, todos com a cauda esticada e tensa. Entre eles estava Amarog, cuja expressão era sombria. Métis se encolheu ao meu lado, mas os lobos não estavam interessados nele.

– Mirraclaw não está aqui – murmurei.

Farraclaw ficou tenso.

– Senhor, receio falar – começou Norralclaw, baixando o focinho.

– Ele saiu logo depois de sua partida. Pensamos que tivesse ido atrás de você, mas ele não mandou notícia.

– Não pode ser... – O Bishar dos Fang agora estava perto, eram lobos demais para contar. Farraclaw engoliu em seco. – Preparem-se para defender o reino! – latiu.

Os lobos do Claw avançaram. Lordes e lordessas lideravam o Bishar, seguidos pelos guerreiros. Até os filhotes estavam ali, observando com medo e fascínio por trás da rainha.

Avistei Lop distante de tudo. Ele corria em nossa direção.

Mas faltava outro lobo.

– Onde está meu pai? – latiu Farraclaw com urgência.

Lop caiu deitado diante do príncipe. Seus flancos estavam pesados.

– Senhor, eu falhei. Não consegui levantar o Rei Birronclaw Uivo-Valente. Estive com ele desde que a lua nasceu. Ele mal se move, não fala.

- Lop não tem culpa – declarou Amarog, e se aproximou da cena.
- Eu comunguei com os ancestrais. Esperei na entrada da caverna.

O rei não tem salvação. Ele só anseia por paz.

Farraclaw olhou para a tundra. Silhuetas cintilavam sobre a neve.

Na frente delas vinha um grande lobo branco com uma faixa preta no focinho. Ele parou de repente, e o resto do Bishar perfilou-se atrás dele.

– Eu sou o Rei Orrùfang Rosnado-Valente – uivou. – Filho do Nobre Rei Garrùfang Olhar-Valente, morto pelo Rei Birronclaw Uivo-Valente. Em nome dos lordes do Fang que partiram para as terras das sombras, venho buscar minha vingança. Ou luto contra seu rei, ou tomo suas terras.

Farraclaw respirou fundo. Olhei em volta. O Rei Birronclaw não estava ali... nem Métis.



15

O silêncio caiu sobre os lobos. O Bishar dos Fang e o Bishar dos Claw se encaravam separados por uma pequena distância, um caminho aberto. Logo atrás do Rei Orrùfang, a Lordessa Bezilfang olhava para mim. Devia estar pensando o que uma raposa fazia ao lado do príncipe dos Claw.

Ao lado dela estava Mirraclaw.

Ele olhava para a frente com uma expressão dura, sem nenhum remorso. Cheguei mais perto do príncipe, pensando em Haiki.

Farraclaw encarava o Rei Orrùfang.

Uma expressão de astúcia passou pelos olhos do rei.

– Vejo que conseguiu escapar – rosnou. – Bem, jovem príncipe, não faz diferença. Seu lorde foi uma grande ajuda para nós. De agora em diante, pode chamá-lo de Lorde Mirrafang, porque ele rejeitou seu Bishar derrotado em favor de muitas recompensas que podemos oferecer. A lealdade que ele demonstrou aos Fang não será esquecida.

Farraclaw olhou para o velho amigo. O belo lobo branco ergueu o focinho com orgulho.

– Vou chamá-lo de Mirra, o Desertor – respondeu Farraclaw. – A tundra vai ficar coberta com seu sangue de traidor. – De repente, ele saltou para a frente, correndo para o Bishar dos Fang. Ignorando o rei, avançou diretamente contra Mirraclaw. Os lábios de Farraclaw estavam tão retraídos que era possível ver a gengiva sobre os

longos dentes. Os lobos que o cercavam recuaram ao vê-lo, e Mirraclaw arfou, pego de surpresa.

Farraclaw se atirou contra o lobo branco e o jogou no chão na frente do Rei Orrùfang. Mas Mirraclaw se recuperou depressa, contorceu-se e escapou das patas de Farraclaw, ficando em pé em seguida. Os dois grandes lobos se encaravam mostrando os dentes.

Os lobos do Fang e do Claw começaram a latir. Formaram um círculo em torno do príncipe e do lorde. Eu queria pedir para eles pararem. Feridas profundas marcavam o pelo de Farraclaw, manchas

vermelhas que não haviam cicatrizado. Ele já estava exausto, mas eu sabia que não iria parar.

Farraclaw se aproximava de Mirraclaw novamente, as orelhas apontando para os lados e a expressão contorcida de fúria.

– Traidor! – rosnou. – Rato desprezível! – Ele atacou, mas Mirraclaw se esquivou. Só a ponta da pata de Farraclaw raspou no corpo branco do lobo. Mirraclaw virou-se e mordeu com força o ombro de Farraclaw. Com um rugido de dor, o príncipe jogou todo o seu peso contra Mirraclaw, e eles rolaram pelo chão. Manchas vermelhas surgiram na neve.

Os lobos dos dois Bishars cantavam e uivavam. O cheiro metálico de sangue os levava à loucura.

Mantendo-se distante alguns passos, o Rei Orrùfang assistia à luta sozinho, com um olhar frio. Teria visto a exaustão no corpo de Farraclaw? Devia ter deduzido que a luta brutal não duraria muito tempo.

Ele não se importa com o resultado. Vai tomar o Bishar de qualquer jeito.

Os lobos entravam em frenesi, como havia acontecido com os coiotes na planície rochosa da Terrabrava. Pareciam os cachorros, com os olhos arregalados e inclinados à violência.

– Mate! – latiam os lobos do Claw.

– Reaja! Faça o príncipe se arrepender! – respondia o Bishar dos Fang.

Recuei com o coração disparado. Eu não conseguia olhar para eles, nem mesmo para meus amigos. Norralclaw, Cattisclaw... Eu via em seus olhos a sede de sangue.

– Parem! – uivei. – Farraclaw, por favor, não percebe que isso não vai ajudar? – Minhas palavras se perdiam em meio aos latidos furiosos.

Os lobos do Claw chegavam mais perto da luta, e eu permanecia atrás de Lop, vendo apenas lampejos de pelo e dentes. Mirraclaw tentava atacar Farraclaw, buscando as feridas abertas na nuca do príncipe. Procurava os pontos fracos, como o Bishar havia testado o bisão. O lobo branco lutava de um jeito cruel, mordendo e rasgando.

Horrorizada, vi quando ele imobilizou o príncipe no chão.

Mirraclaw vai matá-lo!

Se eu conseguisse compartilhar meu maa... Se pudesse fazer alguma coisa. Com o coração aos saltos, passei entre os lobos do Claw.

– Você sempre foi superior! – rosou Mirraclaw. – Mas veja só agora! Não é melhor que ninguém! Você não é *nada*.

O lobo branco aproximou os dentes da garganta de Farraclaw.

Comecei a empurrar os lobos do Bishar dos Claw. Mas, quando eu me aproximava, Lyrinlaw viu e me empurrou para trás com a pata.

– Ficou maluca? Eles vão te matar só por ser uma raposa!

– Por favor – implorei. – Me solte!

Um grito agudo, e todos nós olhamos para os lobos que se enfrentavam. Mirraclaw buscava a garganta de Farraclaw, que o empurrou para longe. Rápido feito um raio, Farraclaw cravou seus dentes no pelo branco e reluzente. De olhos fechados, mordeu com força. O movimento de patas, a confusão de pelos.

Um grito de dor.

Farraclaw se levantou com um rosnado vitorioso.

Mirraclaw caiu expondo a barriga. Percebi, apavorada, que ele havia perdido a orelha direita.

– Misericórdia! – gritou Mirraclaw. – Misericórdia, senhor, misericórdia!

Os olhos de Farraclaw brilhavam cheios de ódio. Ele cuspiu a orelha branca.

Desviei os olhos, tonta de pavor. À minha volta, os lobos do Claw uivavam.

– Mate ele, Príncipe Farraclaw! Mate! Mate!

Não... eu implorava em silêncio. *Chega... Não...*

Quando me atrevi a olhar, Farraclaw estava no mesmo lugar, coberto de sangue, mas orgulhoso no centro de um círculo de lobos.

Mirraclaw recuava rastejando, resmungando aterrorizado.

– Peço perdão, senhor... – Ele virou-se e correu pela tundra.

Cattisclaw correu para perto de Farraclaw.

– Príncipe Farraclaw, devemos caçar o covarde? – Norralclaw e Rattisclaw se aproximaram dela, prontos para perseguir, capturar e matar.

O príncipe fez um movimento discreto com o focinho.

– Deixem ir. A deformidade vai ser um anúncio eterno de sua traição. *Mirra, o Desertor*. Ele irá vagar pela Terraneve como um lobo solitário, desprezado e isolado até o fim de seus dias.

Rosnados e uivos ainda dominavam a tundra.

– Chega! – grunhiu o Rei Orrùfang. Imediatamente, seu Bishar entrou em alerta e se reuniu atrás dele.

Farraclaw o encarou.

– Espero que a luta tenha divertido um pouco os lobos do Claw.

Foi a última que eles viram. O destino de seu Lorde Mirra não é mais da nossa conta. Ele já serviu ao seu propósito. – Notei que ele havia excluído o “fang” do nome de Mirraclaw. Os dentes do rei brilhavam. – Não podem salvar seu Bishar. Só um rei pode lutar comigo, pelas leis que regem nossas terras. Leis que foram escritas com o sangue de nossos ancestrais.

– Como o Tratado de Serren? – rosnou Farraclaw.

– Um tratado não é uma lei – respondeu o rei, tranquilo. – Não somos obrigados a segui-lo.

– Os lobos respeitam o tratado há gerações.

– Mesmo assim. – Os lábios do Rei Orrùfang se retraíram sobre os dentes. – Não somos obrigados. Mas vocês *são*. Os dois Bishars são testemunhas disso. Nossos oradores da verdade podem atestar as antigas leis.

Pelo canto do olho, vi Amarog balançar a orelha. Ela não protestou.

Os lobos do Fang lambiam o focinho. A luta entre Farraclaw e Mirraclaw havia despertado a sede de sangue. Os filhotes ganiam, encolhidos perto da rainha.

O Rei Orrùfang farejava a vitória. Seu tom era de provocação.

– Vou perguntar agora, de uma vez por todas: onde está seu rei?

Farraclaw abriu a boca, mas não disse nada. Olhou para trás, para os lobos do Claw. Parada ao lado de Lyrinlaw, vi quando ele sufocou

um rugido de surpresa.

Um a um, todos os lobos do Claw iam se virando. E deitando no chão. Uma silhueta gigantesca andava entre eles.

Levei um momento para reconhecer o lobo. A última vez que o vi, ele estava delirando. A imundície e o cheiro de decomposição tinham desaparecido. A criatura que marchava em meio ao seu Bishar era branca e radiante. As patas enormes levantavam nuvens de poeira. As orelhas pontudas estavam em alerta.

Eu nunca tinha visto um lobo desse tamanho e com tanto poder.

O Rei Birronclaw passou entre mim e Lyrinclaw. Seus músculos estavam contraídos com a tensão. As presas longas brilhavam.

Apesar da minha amizade com os lobos do Claw, o medo de seu rei me dominou. Eu me encolhi quando ele passou.

Farraclaw inclinou a cabeça. Vi um momento de confusão em sua expressão. Depois, quando o pai se aproximou, ele se curvou.

O Rei Birronclaw parou na frente do príncipe, enfrentando o rei dos Fang.

O Rei Orrùfang tinha perdido a altivez. Seu rosnado arrogante se transformou em silêncio. Um leve tremor vibrou em suas patas dianteiras. Gemidos sufocados ecoavam entre os lobos do Fang.

– Rei Orrùfang Rosnado-Valente, você me chamou e estou aqui.

Sou o Rei Birronclaw Uivo-Valente, Lorde Protetor do Bishar dos Claw, Supremo Comandante da Terraneve. Você invadiu nosso território e ousou me desafiar. – A voz de Birronclaw retumbava sobre a tundra. Mas, aos meus ouvidos, ela soava estranha, e me fazia pensar em corvos, nos trovões de tempestades que nunca caíam.

Karak, é claro!

Virei a cabeça e olhei para o rei. Seu corpo estava imóvel, os olhos permaneciam fixos no desafiante, mas as orelhas pontudas se moviam para a frente e para trás. Ele olhou para seu Bishar por um instante. À luz da manhã, seus grandes olhos brilharam.

Verdes, não amarelos.

Com frestas no centro.

Métis.

A Raposa Negra tinha visto o rei antes do declínio. Conseguiu se transformar na imagem exata que ele um dia teve.

Mas o rei está muito doente.

Eu me lembrei do perigo que Siffrin enfrentou ao imitar o coioote moribundo na Terrabrava. Olhei para Métis transformado no Rei Birronclaw. Se o verdadeiro rei morresse, ele também morreria. A Raposa Negra conhecia o risco que enfrentava. Fiquei impressionada com sua coragem.

Os reis se encaravam. Os lobos do Fang faziam o mesmo com o Bishar dos Claw.

Ninguém se movia.

O Rei Orrùfang se pronunciou:

– Rei Birronclaw Uivo-Valente, minhas reverências. Lorde Mirra nos informou sobre sua morte iminente. Boatos maldosos... nada mais que mentiras. – Ele engoliu em seco. – Por favor, peço que nos

perdoe, Nobre Rei. Viemos proteger seu Bishar da ruína. Temíamos que, sem sua proteção sábia, o bisão escapasse ao controle,

destruísse os pastos e pisoteasse os riachos. Não queríamos ver um reino tão glorioso cair em desgraça.

O Rei Orrùfang deitou-se no chão, curvando-se diante de Métis na forma do Rei Birronclaw. Seu Bishar o imitou, apoiando o corpo sobre as patas dianteiras e abaixando a cabeça.

– Vá em paz, Meu Lorde do Claw – disse o rei do Fang. – Que seu reino seja longo em seus belos domínios.

O Rei Birronclaw se curvou elegante em resposta.

– Vá em paz, Meu Lorde do Fang.

Os lobos do Fang observam seu rei atentamente. Ele levantou o focinho com a faixa preta, recuou alguns passos, depois se virou e correu de volta à tundra. Seu Bishar o seguiu com o rabo entre as pernas. Não havia uivos triunfantes acompanhando a retirada. Só o bater das patas na neve ecoava no ar. Vi os pelos brancos se espalhando pela relva salpicada de neve. Eles contornaram uma colina e desapareceram do outro lado.

Os lobos do Claw permaneciam abaixados. Até Farraclaw continuava de cabeça baixa. Queria saber o que ele pensava que estava acontecendo... se suspeitava de alguma coisa.

O grande lobo branco deu alguns passos à frente. Ouvi quando ele murmurou:

– Eu sou o Rei Birronclaw. Estou mudando. Eu sou a Raposa Negra.
– E caiu deitado, depois de esgotar a energia que tinha.

Seus membros encolheram, a cauda curta cresceu. A cabeça que descansava na neve não era mais a de um lobo.

– Métis? – lati, e corri para ele. – Métis, está me ouvindo?

A Raposa Negra se mexeu de um jeito quase imperceptível. Abriu a boca, mas não consegui ouvir suas palavras. Eu me abaixei ao lado dele, aproximando minha orelha de seu focinho.

– A aurora – arfou. – Essa é a chave.

– O dia mais longo?

– O maa – ofegou ele, irritado. Seus olhos se abriram bem pouco.

– Temos que estar de volta à Pedra do Ancião quando a aurora chegar.

O entusiasmo explodia entre os lobos. O ataque havia sido evitado. O Bishar estava seguro. Cattisclaw se derrubou sobre Farraclaw, lambendo suas feridas. Outros lobos cercavam Métis.

– Para onde foi o Rei Birronclaw? – ganiu Jaspin.

– Não era o rei! Era Foxcraft!

– Isla fez alguma coisa?

– Não... foi a raposa de pelo negro que está logo ali.

Olhei para Métis. Quando era a aurora? Faltava pouco tempo!

– Não sei se vamos conseguir voltar a tempo – disse a ele. A Raposa Negra ainda conseguia me ouvir? Seus olhos tinham fechado e ele não falava mais.

Entrei em contato com Métis por meio dos pensamentos. *Não morra!* Implorei. *Os anciãos precisam de você.* Eu estava surpresa com quanto me importava com isso. Lembrei que Jana havia me enganado, que Métis tinha subjugado um lobo. Mas não conseguia pensar mal deles, não de verdade. Bandos caíam vítimas do Mago, raposas livres eram obrigadas a integrar seu exército de Dominados. Meu coração doeu quando me lembrei do pequeno Mox, morto por

não ser forte o bastante para lutar pelo Mago. Se Métis podia fazer alguma coisa para ajudar as raposas da Terrabrava...

Um uivo se ergueu sobre o Bishar. Amarog tinha a cabeça inclinada para trás. O silêncio se impôs entre os lobos.

– Amarog, a Sábia, o que é isso? – perguntou Farraclaw.

A xamã loba ganiu um lamento.

– Senti em meus bigodes. Senti em meus ossos. O Rei Birronclaw Uivo-Valente deu seu último suspiro. Ele anda nas sombras, mas nunca sozinho. Foi para a terra de nossos ancestrais, onde vai caçar e correr com o Bishar para sempre.

A rainha soltou um suspiro prolongado.

– Então, ele finalmente vai descansar.

Amarog abaixou a cabeça.

– Ele está em paz, Minha Rainha. – E olhou para Farraclaw. –

Meu príncipe, você retornou do fogo e do gelo. Enfrentou perigos e os superou. Está pronto.

As orelhas de Farraclaw apontaram para a frente.

– Eu não teria conseguido sem Isla – disse ele. – E Lop, que sempre deu bons conselhos e correu mais veloz que tudo e todos quando mais foi necessário. Ele nos encheu de orgulho. Lopclaw, devo dizer. Porque, se algum dia um lobo demonstrou lealdade ao nosso Bishar, esse lobo foi ele.

A cauda de Lop balançou em reação ao raro elogio. Os outros lobos olharam para ele com um respeito novo.

Amarog falou para os lobos atentos:

– Como filho mais velho do Rei Birronclaw Uivo-Valente e da Rainha Sableclaw

Mandíbula-Valente,

Príncipe

Farraclaw

Mandíbula-Valente é o herdeiro natural do Bishar dos Claw. Os ancestrais o julgaram apto à liderança. – Ela olhou para Farraclaw. –

Aceita o veredicto, meu príncipe?

A rainha se aproximou do príncipe e acenou com a cabeça para incentivá-lo. A cauda balançava atrás dela.

– Filho, é sua hora. – Havia tranquilidade em seus movimentos.

Talvez a morte do rei louco houvesse trazido algum alívio, afinal.

Os bigodes de Farraclaw tremeram. Ele não parecia preparado para a rapidez das notícias: a morte do pai e o que significava para ele. Mas sua voz era calma quando falou:

– Aceito a posição com gratidão. – E acenou com a cabeça para a xamã. – Aceito o veredicto de nossos ancestrais, Amarog, a Sábia.

Os lobos rugiram juntos.

Farraclaw jogou a cabeça para trás.

– O rei está morto! – uivou.

O Bishar uivou em resposta:

– Vida longa ao rei! Vida longa ao Rei Farraclaw Mandíbula-Valente!



16

A lua tinha minguado até virar só uma nesga branca, e inchado até parecer um olho amarelo sem pálpebra. Com o começo do degelo, a derrota do Fang e o reinado de Farraclaw, havia uma nova leveza no Bishar. Eu vivia entre os lobos desde que Farraclaw se tornou rei.

Durante o dia, brincava com os filhotes, reduzia ou praticava karak para eles. Os lobinhos já eram mais altos que eu, mas ainda corriam desajeitados. À noite, eu descansava ao lado de Farraclaw, ou assistia à caçada dos lobos.

O reinado de Farraclaw coincidia com o primeiro florescer do Bishar. Cones de sementes apareciam nos abetos. A neve derretia, revelando trechos de relva úmida. Florezinhas cor-de-rosa salpicavam a tundra. Um cheiro doce pairava no ar frio, e um novo som despertava, o zumbido de insetos.

Eu andava pelo Bishar desenterrando minhocas onde o solo aparecia entre áreas de neve. Isso divertia os lobos.

– Ainda está com fome? – provocou Lyrinclaw ao me ver engolir uma minhoca comprida e rosada. – Bisão fresco não basta para você? – Ela me bateu de leve, e mordeu a perna dela de brincadeira.

Lyrinclaw me deu um empurrão. – Raposas são criaturas estranhas

– disse com afeto.

Métis se recuperava devagar. Na maior parte do tempo, a velha raposa dormia em um oco de tronco de árvore revestido de musgo.

Fazia cara feia quando eu aparecia, desdenhando da minha

companhia. Mesmo assim, eu o visitava todos os dias, alimentando-o com pedaços de bisão que os lobos caçavam. Carrancudo, ele aceitava minha ajuda para ir até o riacho, onde bebia sem pressa.

Subjugar o lobo tinha destruído seu maa. A Foxcraft seguinte o enfraquecera ainda mais. Eu conseguia ver em seus membros cansados. Quanto tempo a Raposa Negra aguentaria? Mas seus olhos verdes brilhavam. Diferente do lobo, cujo gerra havia apodrecido até sua morte, Métis ainda estava forte.

Ele se deitou na margem do rio, pouco mais que pelo e ossos.

Seus olhos vagavam pela neve que persistia em alguns trechos.

– A aurora se aproxima – disse. – Temos que partir.

Olhei para ele, tomada pela dúvida. A raposa mal conseguia ficar em pé.

– Só quando você estiver mais forte. Nunca vai conseguir atravessar a tundra. A viagem daqui até o Rio Furioso é longa. E

você... você não está bem.

Ele me encarou.

– Não se atreva a falar comigo sobre minha saúde. – E levantou o focinho como um filhote teimoso. Mas devia ter sido tocado pela verdade das minhas palavras. Com um gemido, ele se levantou e mancou de volta ao oco no tronco da árvore. – A aurora não vai esperar por nós.

Eu sabia que ele estava decidido a encontrar os anciãos. Mas me perguntava que ajuda essa velha raposa poderia dar, na verdade.

– Não tem a ver só *comigo* – cuspiu.

Minhas orelhas apontaram para trás. Ele tinha uma habilidade assustadora de adivinhar meus pensamentos.

– Não se preocupa com nada além de seu conforto? –

acrescentou a raposa com tom duro. – Viveu entre os lobos por tanto tempo que esqueceu o que você é?

– Prometi que ajudaria, e vou ajudar – respondi, tensa. – Não precisa me ofender. Só estava pensando em você.

– Bobagem. Estava evitando o que tem que ser feito. – E puxou a longa cauda em torno do corpo. – O que acontece com os anciãos afeta todas as raposas – continuou, repetindo o que Siffrin dissera no Grande Grunhido. – O primeiro despertar da Raposa Branca foi abortado pelos anciãos, um grupo de raposas de excepcionais habilidades e destreza. Entre elas, a Raposa Negra assumia a liderança, como mestre de todas as artes. E assim a tradição foi passada por gerações.

Raspei as unhas por um trecho de neve fina, revelando grama nova.

– Jana disse que a Raposa Branca não é uma raposa de verdade, não é nem um filhote de Canista.

Ela não está viva... não de um jeito que faça diferença.

– Isso é verdade – confirmou Métis. – A Raposa Branca não pode tomar posse do nosso território. Não sozinha.

Minhas orelhas ficaram em pé.

– Como assim?

– Estou dizendo – explicou Métis por entre os dentes – que alguém tem que ajudar. Alguém com mais ambição que bom senso.

De repente, entendi.

– O Mago.

Métis franziu o focinho.

– É assim que ele se chama agora. Keevney da Terrabrava ocidental. Ele está sugando maa nesse esforço para despertar a Raposa Branca, oferecendo-se como o elo entre ela e nosso mundo. Ele chama isso de skree-maa, mas, na verdade, é tu-maa-sharm, uma reversão de tudo que é intenção da Foxcraft, tudo que é bom. Ele acredita que pode controlar essa *coisa* como um meio de poder jamais visto. Vai cair vítima da própria jornada por comida e crescimento. Keevney sempre foi um idiota.

Pensei na névoa amarela que tinha se levantado sobre a Terratreva. Visualizei a toca do bando da Terrabrava, destruída e

fumegando depois do ataque dos Dominados. Eles mataram as raposas velhas. Mataram Mox.

Minhas orelhas apontaram para os lados. Tanto sangue derramado...

E outra imagem – Pirie. Só então percebi que o havia afastado.

Tinha tentado esquecê-lo, apagá-lo do meu coração. Agora via seu rosto com o olhar da mente.

Minha cauda caiu. Métis estava certo. Na Terraneve, tão longe do Grunhido e dos perigos da Terrabrava, eu quase podia fingir que não havia nada de errado.

– Quando quer partir? – perguntei finalmente.

Métis não hesitou.

– Hoje à noite.

Passei por um grupo de guerreiros quando fui procurar Farraclaw.

Eles estavam reunidos em torno de Rattisclaw e Thistleclaw, que lutavam no centro do círculo.

– Isla, venha ver! – chamou Norralclaw.

Parei quando os lobos latiram, torcendo para outro lutador. Lop se aproximou do grupo e deitou-se de lado, lambendo as patas e assistindo à batalha de longe.

Ele ainda era o lobo-servo.

Em parte, eu esperava que a viagem tivesse mudado essa situação. Pelo menos os outros não o atormentavam mais, não depois de Farraclaw ter agradecido a ele diante de todo o Bishar.

Alguns, como Cattisclaw, faziam questão de chamá-lo de Lopclaw.

O lobo de orelhas caídas me cumprimentou com entusiasmo, balançando a cauda. Vimos a luta de mentira e notamos centelhas de ação entre os outros lobos. Thistleclaw parecia estar ganhando, usando sua força e velocidade superiores. Briarclaw ergueu a voz para incentivá-lo:

– Depressa! Ataque no flanco!

Mais um momento, e acabou. Thistleclaw saltou sobre Rattisclaw e o imobilizou no chão.

– Algum problema? – Lop estava olhando para mim. – Não está feliz aqui, Isla?

Eu continuava olhando para a frente. Rattisclaw e Thistleclaw trocavam reverências. Thistleclaw fez uma volta olímpica comemorando a vitória com os lobos, que latiam e uivavam.

Rattisclaw começou a lamber e arrumar o pelo.

– Meu irmão continua desaparecido.

Lop suspirou.

– E esta não é sua casa.

– Não... – Mas onde era? Meus primeiros dias na Terracinza pareciam muito distantes. Minha família não estava mais lá... –

Tenho que voltar com Métis e encontrar os anciãos.

Lop se levantou depressa.

– Vai falar com Farraclaw? Eu acompanho você.

Olhei para ele agradecida. O lobo de orelhas caídas sempre sabia qual era a melhor coisa a fazer.

Enquanto andávamos lado a lado pelo território, olhei para as terras do Bishar pela última vez. A vista era cativante. Flores cor-de-rosa desabrochando em cada pedacinho de relva úmida entre trechos de neve derretendo, embora mais ao sul, no Vale da Tempestade, o degelo ainda não tivesse chegado. Lá em cima, bandos de aves brancas voavam em formação.

Andamos em silêncio. Sabíamos onde Farraclaw estava. O

poderoso almíscar do rei lobo guiou nossos passos colina acima até a base das grandes rochas pretas.

Lop parou na primeira pedra.

– Espero você aqui.

Toquei o focinho dele com o meu antes de subir nas pedras.

Farraclaw estava no topo, olhando para o Bishar. Ele inclinou o focinho quando me aproximei e esperou pacientemente até eu parar diante dele. O vento soprava seu pelo prateado. Seus olhos

brilhavam como a lua. O poder que emanava dele era como ondas de luz cor de âmbar.

Farraclaw fechou os olhos e suspirou profundamente.

– Está indo embora. – Ele tinha visto na minha expressão.

– Precisamos chegar à Pedra do Ancião até a Véspera do Maha...
que nós chamamos de aurora.

Ele abaixou a cabeça em sinal de entendimento.

– Métis tem maha suficiente para a jornada? Você sabe que as terras baixas são inóspitas e frias. Mesmo agora, ainda pode acontecer uma nevasca nas montanhas. Os ventos ficam presos no Vale da Tempestade. Não é um bom lugar para uma raposa doente.

– Não tenho certeza – respondi honestamente. – E não sei como vamos atravessar o Rio Furioso.

Farraclaw falou de um jeito solene:

– Quando fui levado para a masmorra do Fang, não consegui pensar em um jeito de escapar. Estava cercado de inimigos, longe de casa... E não foi a primeira vez. – O rei olhou por cima do meu ombro, e lembrei como o vi pela primeira vez, preso nas tocas das bestas. – Recorri ao Nobre Rei Serrenclaw. Ele me disse para não temer a escuridão, disse que as sombras eram minhas amigas. E

disse que a ajuda estava a caminho. – Farraclaw deu as costas para mim. – Aqueles que se foram não esquecem. Eles cuidam de nós.

Eu me aproximei dele, e o lobo apoiou a cabeça em meu ombro.

– Olhe para a tundra. Está vendo o caminho estreito entre as bétulas?

Olhei na direção que ele apontava e vi as árvores de casca clara.

Ficavam à sombra de uma colina curva, ainda coberta de neve.

Eram quase invisíveis contra o fundo branco.

– Siga o caminho entre as bétulas. Há pedras onde as árvores encontram o rio. Pise com cuidado, e elas a levarão até a outra margem em segurança.

Olhei para ele. Não queria perguntar, mas as palavras transbordaram de minha boca.

– Não quer ir com a gente? A Raposa Branca está ascendendo.

Vai escravizar as raposas livres e arruinar nossas terras. – Havia uma nota de desespero em minha voz. Eu sentia minhas orelhas apontando para os lados. – Você disse que não havia nada que não faria para me ajudar.

Farraclaw levantou a cabeça. Olhou para a tundra, recusando-se a me encarar.

– Eu faria qualquer coisa, você sabe... até por Métis. Apesar do que fez com meu pai, ele salvou nosso Bishar de uma derrota sangrenta. Mas não me peça para abandonar o reino na Véspera do Maha. É a noite em que uivamos para nossos ancestrais. Nenhum lobo pode deixar o Bishar. Quando o amanhecer anunciar a chegada do dia mais longo, partiremos para a fronteira da Região Taku. Quando o crepúsculo chegar, começaremos nosso lamento.

Tenho um dever com os meus. É tradição. Está gravado na terra. –

A voz dele era quase um sussurro. – Sinto muito.

Não havia nada que eu pudesse fazer. Eu o segui na descida das pedras onde Lop esperava. Juntos, nós três atravessamos o Bishar.

O dia chegava ao fim. Era hora de dizer adeus.



17

O sol descia sobre o Bishar dos Fang. Inclinei a cabeça, imaginando as Navalhas de Gelo e a terra distante de poças ferventes. Métis andava ao meu lado. Tínhamos percorrido uma grande distância até a Terraneve. Era difícil acreditar que estávamos partindo.

Todo o Bishar estava ali para nos desejar o bem. Os lobos se reuniam à nossa volta, balançando a cauda. Tinham o cuidado de não tocar em Métis, sem saber como tratar a raposa carrancuda.

Mudavam de posição entre nós e andavam por ali, lambendo meu focinho e grunhindo baixinho. Até Amarog estava lá, embora permanecesse afastada dos outros, olhando para o sol poente.

Farraclaw ergueu a voz.

– Como todos vocês já sabem a essa altura, Isla está indo embora, e vai levar a Velha Raposa Métis com ela. A chegada das raposas ao nosso Bishar pressagiou muita mudança. – Ele olhou para mim, depois para Métis. – Nem todas foram ruins.

Cattisclaw abaixou a cabeça e olhou para ele com uma expressão significativa. Farraclaw piscou para ela. Fiquei pensando quanto

tempo ia demorar até ela se tornar rainha.

– Fins e começos – murmurou Amarog. – Fala com sabedoria, senhor. A mudança não deve ser temida. Da mesma forma que há escuridão, existe luz.

Cattisclaw me cutucou com o focinho.

– Vou sentir saudade, Isla. Você nos ensinou muito sobre sua espécie.

Os filhotes pularam em cima de mim, me jogaram no chão com as patas grandes.

– Não vá! – ganiu Jaspin.

– Fique mais um pouco – pediu Dorrel.

– Não posso – respondi com tristeza. – Fiz uma promessa para Métis, e outra para meu irmão, Pirie. É hora de cumprir o que prometi.

– Estão ouvindo isso? Ela fala de honra – apontou Rattisclaw, e sua cauda balançou com uma nota bem-humorada. – Filhotes de Canista não são tão diferentes, afinal.

Os últimos a chegar foram Lop e Farraclaw. O lobo de orelha caída lambeu meu focinho com delicadeza.

– Obrigado – murmurou.

– Por quê? – Lop tinha feito muito por mim e Métis. Era eu quem devia estar agradecendo a *e/e*.

Lop recuou, a cauda baixa.

– Vou sentir sua falta.

Farraclaw tocou meu focinho com o dele.

– Vá em segurança, Isla. Estaremos juntos em espírito. Vou olhar para as Luzes da Rainha Canista e pensar em você. Que você derrote seus inimigos e encontre seu irmão.

Minha boca estava seca. Eu queria implorar para ele ir junto.

Métis olhou para mim, depois para Farraclaw.

– Fiz mal a você quando subjuguei seu pai, mas você me perdoou. Espero que, de algum jeito bem pequeno, eu tenha conseguido compensar esse mal. – E inclinou a cabeça. – Você é um bom rei – acrescentou com afeto desconcertante.

– Mesmo sendo um lobo? – grunhiu Farraclaw com humor.

Os lobos uivaram e latiram quando viramos e começamos a andar pela tundra. A grama úmida revelada pela neve derretida era macia sob nossas patas. Olhei para trás, para os lobos. Lop olhava para

mim de cabeça baixa, triste. Farraclaw baixou o focinho com respeito.

Meu peito ficou apertado. Nunca mais veria meus amigos.

Notei Amarog. Tinha alguma coisa na postura da xamã que me incomodava. Enquanto os outros lobos ainda olhavam para nós, Amarog olhava para as Montanhas Nevadas. Segui a direção de seu olhar. Nuvens brancas passavam sobre as colinas mais baixas.

O que isso significava?

Senti um arrepio.

– Raposinha, você não vem? – chamou Métis. Fiquei surpresa por ver quanto ele havia se afastado, mesmo mancando. Desviei o olhar

dos lobos e o segui. Eles latiram e uivaram quando corremos pela grama úmida, mas não voltei a olhar para trás.

Descemos a encosta por um caminho bem marcado. Fizemos o possível para evitar os grandes blocos de neve que ainda cobriam o solo. Congelados havia muito tempo, eles tinham um verniz de sujeira.

– As bétulas ficam bem ao sul, na direção da margem do rio.

Métis grunhiu. Ele ofegava muito. Estava praticamente arrastando as patas, quase não as levantava do chão.

O sol tocava o Bishar dos Fang. Grandes nuvens de luz rosada flutuavam sobre a Terraneve. Brilhos verdes e azuis iluminavam o céu cada vez mais escuro. Além deles, estrelas infinitas piscavam para nós. Um murmúrio se ergueu da terra, fazendo-nos lembrar do ritmo da malinta. Esse brilho que nos chamava... seria o que os lobos denominavam de Véspera do Maha?

Métis parou lá na frente. Seu peito arfava.

– Precisa de maa? – perguntei com cautela. Não me sentia confortável compartilhando minha fonte de vida, mas duvidava de que ele pudesse chegar à Terrabrava sem ajuda.

– Fique com ele – respondeu Métis, tenso. – Você não tem o suficiente para dividir. – E deitou-se no chão, enrolando o corpo com a cauda. – Só preciso descansar um pouco.

Passei a língua pelo focinho.

– Prometi que levaria você de volta à Terrabrava.

Métis resmungou um xingamento e levantou-se com dificuldade.

– Já disse que não preciso disso!

Raposa velha teimosa.

Ele me olhou carrancudo.

Vi quando Métis retomou a caminhada entre as pilhas de neve espalhadas por ali. Admirava sua determinação. Andava alguns passos atrás dele. A neve rangia sob minhas patas. Senti minhas pernas cansadas da subida da encosta. Olhei lá na frente e pensei ter visto um lampejo das bétulas distantes. Aumentei a velocidade e passei por Métis. Enquanto eu conseguisse ver as árvores, estaríamos bem.

Mas...

Eu me sentiria melhor se os lobos tivessem vindo. Se ao menos Farraclaw estivesse aqui, ou mesmo Lop. Enquanto nós mal tínhamos coragem de andar mais depressa, eles corriam confiantes.

Os lobos eram muito ousados, muito seguros de seu poder.

Sacudi o pelo. Pensar desse jeito não ajudaria em nada.

Farraclaw tinha um dever com o Bishar. Os lobos já deviam estar a caminho do norte, para a fronteira da Região Taku. Lá eles esperariam até o amanhecer, e então começariam o dia de lamento por seus ancestrais.

Uma vibração fria tocou meu focinho. Olhei para cima. Estava começando a nevar. As cores tinham desaparecido do céu escuro.

Nuvens cinzentas escondiam as estrelas.

Foi isso que Amarog viu quando observava as montanhas. A neve se aproximando.

Pensei no que isso significava para nossa jornada. Eu me virei e percebi que Métis tinha ficado para trás. Voltei correndo. Ele estava

abaixado entre dois montes de neve congelada, com o focinho contorcido pelo esforço.

– Vou ficar bem – disse irritado quando me aproximei. Começou a levantar a pata, mas a deixou cair. Finalmente, ele me encarou. –

Tudo bem. Um pouco de maa, mas bem pouco. Não quero pegar o que você não tem para dar.

– Eu posso poupar.

Ele estreitou os olhos.

– Não se superestime.

Meus bigodes tremeram, mas continuei olhando para Métis.

Comecei a entoar o cântico.

– Com meu toque, eu te sinto; com meus olhos, eu te curo. Pelas Luzes de Canista, compartilho o que tenho; estamos entrelaçados e você está inteiro. – O verde apareceu quase imediatamente. Uma raposa corria pela floresta. Ele sentia o cheiro conhecido de seiva e abetos. A raposa parou, suas orelhas ficaram em pé. Tinha escutado um galho se partindo. Vozes baixas o alcançaram. Ele se escondeu atrás de um tronco de árvore e ouviu.

– Por aqui – sussurrou uma velha raposa. Ela conduzia um bando pela vegetação. Suas patas esmagavam o solo da floresta. Seus ombros largos abriam caminho entre galhos mortos. As orelhas pequenas se moviam para a frente e para trás.

Karka.

Ela estava no limite da floresta, onde as árvores altas se curvavam com os troncos escurecidos pela decomposição.

No meio de um bando de Dominados, uma voz de lamento se ergueu.

– Por favor, me soltem. Minha família vai ficar preocupada.

– Sua família tem sorte por estar viva – rosnou Karka. – O Mago recebe bem os novos recrutas de seu bando.

Isso silenciou a jovem raposa. Ele abaixou a cabeça marrom, e a cauda longa caiu.

Karka desapareceu entre as árvores. As outras raposas foram atrás dela. Corvos crocitavam lá no alto. Vários Dominados olharam para cima, observando as aves negras com desconfiança.

A raposa capturada aproveitou a oportunidade. Virou-se para um dos Dominados com um olhar de súplica.

– Por favor, não pode me deixar mandar notícias para minha família? Você deve ter um bando. Meu nome é Liro. Nunca fiz nada para você... Aonde estão me levando?

Karka voltou.

– O traidor se atreve a falar? – disse ela. Passou pelo meio da folhagem se aproximando do Dominado, que se encolheu. – Rato vil, vai aprender que é bobagem perder tempo com palavras vazias.

– E retraiu os lábios. Seu único olho cinza se voltou para a floresta.

– Os anciãos! – latiu, de repente. – Sinto um deles vigiando.

Depressa. – Eles empurraram a jovem raposa para onde as árvores estavam mortas e os longos cipós se fechavam em torno deles.

Pisquei e caí em um monte de neve. O poder da visão tinha despertado o terror em mim.

A Raposa Negra me observava.

- Tudo bem, Isla? Não consegui me afastar. Tentei... e não consegui.
- Ele abaixou a cabeça. – Por isso recusei seu maa.

Agora sou uma casca. Estou vazio, como uma velha vala onde antes corria um riacho. Pode despejar todo maa que quiser, e ele vai ser sugado pelo solo seco. Nunca será suficiente.

Eu me sacudi.

- A raposa capturada, aquela que eu vi em maa-sharm... – Tentei lembrar. – O nome dele era Liro. – Minha voz tremeu. O maa-sharm me cansou. A neve caía mais forte, formando montinhos. Grudava em meus bigodes.

- Uma jovem raposa da Terrabrava. – Métis inclinou a cabeça de lado. Sua cauda tremulou iluminada por um brilho prateado. – Você o conheceu?

- Conheci seu bando. Eles não sabiam para onde Liro tinha ido. –

Minhas orelhas baixaram. – Ele foi capturado, mas não foi subjugado?

- O Mago tinha outros planos para ele. – A velha raposa olhava pra o Vale da Tempestade. – Temos que continuar andando. Vem vindo uma ventania. A neve vai atrasar nossa jornada.

Comecei a andar.

- Liro tinha um maa forte. – Minhas pernas tremiam, minha cabeça estava atordoada. – Meu irmão tem maa forte – acrescentei em voz baixa.

- Ah, é? – resmungou Métis. Ele já se afastava. A neve salpicava seu pelo escuro.

Fui cambaleando atrás dele. O maa-sharm inverteu nossas posições, como se eu tivesse envelhecido rapidamente, e ele fosse a raposa mais nova. O dom de compartilhar a fonte da vida era uma Foxcraft altruísta. Os pelos nas minhas costas ficaram em pé. Como o subjugo, podia ser praticada contra a vontade de quem tinha o dom? Que nome tinha nesse caso? Skree-maa? *Tu-maa-sharm*. Um medo sombrio me invadiu.

Qualquer Foxcraft pode ser distorcida. Ainda não entendeu isso?

Por que acha que os anciãos existem? Para supervisionar a prática.

Sem Foxlore, as artes podem ser usadas para o mal.

Métis falava em meus pensamentos. Balancei a cabeça. Eu não tinha convidado a voz dele.

– Disse que o Mago estava sugando maa?

Métis acelerou o passo.

– Como assim?

– Hoje de manhã. O que quis dizer? De onde ele está sugando maa?

Métis virou-se para mim. Vi a luz em seus olhos através da neve mais densa. De repente, eu soube.

– Raposas – murmurei. – Raposas de maa excepcional. Elas não são subjugadas.

– Seria um desperdício – confirmou Métis. E olhou de novo para o caminho.

– Pirie não! Ele não morreu com o resto do meu bando! Ele não é um dos Dominados! Ele fugiu!

– Como sabe que ele fugiu? – perguntou Métis.

Minhas orelhas estavam coladas à cabeça.

– Em gerra-sharm, senti que ele fugia. Corria pelo Grunhido, seguia na direção da sem-pelo alada.

– Ele estava sozinho?

Tentei lembrar. Senti um borrão de movimento, raposas em perseguição. Pirie havia encontrado a sem-pelo alada. Foi lá que o bando de Karka o alcançou, enquanto as outras, lideradas por Tarr, iam atrás de mim?

– Talvez não... – respondi devagar. Depois lembrei como Karka continuou me seguindo, mesmo depois de eu encontrar a sem-pelo alada. Então, ela não podia ter encontrado Pirie, afinal. – Karka me seguiu pelo Grunhido até o limite da Terrabrava. Ela estava procurando Pirie. Isso prova que ele escapou! – Era nisso que eu depositava todas as minhas esperanças, de que meu irmão ainda estivesse seguro. Agora que falava as palavras em voz alta, percebia como soavam inseguras. – Por que mais ela estaria me seguindo? – perguntei baixinho.

Métis parou, ofegante.

– Precisa mesmo perguntar?

Meu maa...

– Imagino que esse era o plano original, prender você para ter seu maa. – Métis começou a andar novamente pelo solo escorregadio. –

Mas, depois que você chegou à Terrabrava e fez amizade com Siffrin, Keevney teve esperança de que você levasse Haiki até a Pedra.

– Como sabe disso? – perguntei desconfiada.

– Falei com os outros anciãos. Você conhece gerra-sharm: já usou. – Métis me olhou diretamente. – Mas Keevney é um Ancião. É

claro, não era a localização da Pedra que ele queria.

Minha cauda estava abaixada.

– Ele precisava dos anciãos para baixar o shan. Ele sabia que Jana me deixaria entrar, por isso fez Haiki ir comigo. – Eu estava furiosa. – Não devia ter confiado nele.

– Keevney teria aterrorizado Haiki para convencê-lo a fazer o que ele queria. Devia ter alguma coisa dele.

– A família. – Abaixei na neve.

Métis tossiu.

– Estive pensando em você, Isla, e no desaparecimento do seu irmão. Eu não conseguia entender por que o Mago ia se importar com uma raposinha da Terracinza. Mas a Narral pode ter ampliado a área de busca para alimentar a fome de poder de seu mestre.

Talvez o maa de seu irmão tenha compensado a jornada. – Métis fez uma pausa e respirou fundo, depois continuou andando. –

Suponho que Pirie seja especial.

– Ele é – respondi em voz baixa. Meu coração pulsava por ele, meu irmão carinhoso, brincalhão. Minhas patas caíam sobre a neve meio atordoadas. Eu havia corrido até a Terraneve sem pensar muito no que fazia, partido em uma missão que acabou me levando até Métis. Ideias incompletas se confundiam e mudavam de forma. –

Você não devia usar gerra-sharm – avisei. – O Mago pode estar ouvindo. Foi assim que ele me rastreou. Cada vez que eu falava com

Pirie em pensamentos, os Dominados apareciam. – Queria falar com meu irmão, mas nem aqui na Terraneve eu me atrevia.

Métis parou de repente. Havia uma expressão estranha em seus olhos verdes.

– Só se um for pego. Só se esses pensamentos forem interceptados.

Então eu soube... soube com certeza.

Pirie está no Covil do Mago. Era assim que o Mago conseguia nos espionar.

Minha garganta ficou tão apertada que era difícil respirar.

– Pirie esteve na Terrabrava o tempo todo.

– Não é mais assim que chamamos aquele território... não o trecho onde seu irmão deve estar.

Engoli em seco.

– A Terratreva.

Métis respirou fundo. Através da neve que caía, vi o movimento de suas orelhas, para a frente e para trás, para a frente e para trás.

A raiva arrepiou meu pelo.

– Foi por isso que me mostrou a captura de Liro. Você *queria* que eu visse o que a Narral está fazendo. Por que não me contou onde Pirie estava, simplesmente? Perdi muito tempo na Terraneve esperando você se recuperar. Eu devia ter partido imediatamente! –

Minhas orelhas se abaixaram. Gritei em meio ao vento. – Imagino que os outros anciãos também sabiam? Não podem ser honestos comigo? Eles sabiam que Pirie foi capturado pelo Mago, não sabiam?

– Não – disse Métis com firmeza. Ele se virou e olhou em meus olhos. – O que você testemunhou em maa-sharm é o que eu vi antes da última aurora. Eu estava sozinho na floresta de abetos, onde moro. A Terratreva se aproximava mais e mais. A Floresta Profunda sufoca folhas e vida com seus galhos de garras. Pensei em desafiar Karka, mas nem a Raposa Negra consegue lutar contra tantos Dominados quando eles estão com um membro da Narral.

Quando deduzi o que estavam fazendo com a raposinha, eu me senti doente. Precisava de mais força. Precisava de alguma coisa que Keevney não tinha... e fui à Terraneve procurar os lobos. Não contei a Jana, nem aos outros. Eles teriam tentado me impedir. – E

balançou a cabeça. – Eu devia ter mandado notícias. Eles devem ter temido por mim. Devem ter até imaginado se eu não era o Mago...

Depois que subjuguéi o lobo, não consegui mais entrar em contato com eles. Toda minha Foxcraft deixou de funcionar. – A voz de Métis era áspera. – Não entende? Eu os decepcionei. – Ele abaixou a cabeça e voltou a andar. – Decepcionei todo mundo.

Olhei para Métis. Era verdade, os anciãos não sabiam se ele ou Keevney era o Mago. O que significava que não foram incluídos em seu plano.

Métis se envolveu com a cauda longa. As patas escorregavam no gelo.

– Ainda não consigo ter certeza do que aconteceu com seu irmão.

Mostrei minha lembrança do Liro porque minha mente está esgotada pela fadiga. E a sua é mais rápida. Porque você vai perceber coisas que eu não...

Fiquei em silêncio, chocada com a franqueza da orgulhosa raposa.

– Tenho pensado se a Narral capturou seu irmão. É claro que sim... Mas alguma coisa nisso tudo me confunde. Keevney é da Terrabrava, como todas as raposas da Narral. Eles não suspeitariam de que poderia haver uma raposa de grande mãe morando na Terracinza. Não consigo imaginar o que os levou a Pirie. – Ele olhou para o céu e piscou. – Não devemos demorar... ou vamos congelar aqui. Venha, Isla.

Abri a boca para protestar, mas nenhuma palavra saiu dela.

Devagar, fui andando atrás de Métis. Caminhamos por um tempo sem falar, lutando contra o vento que chicoteava a neve. A prata na ponta da cauda de Métis empalideceu. Seu ritmo foi ficando cansado.

Eu também estava cansada. Meus membros eram como pedra.

Eu me concentrava em colocar uma pata na frente da outra. Não notei que a Raposa Negra tinha parado e tropecei nela.

– Que foi?

Ele se deitou de bruços.

– Preciso descansar.

Pisquei para tirar os flocos de neve dos cílios. Neve fresca cobria a tundra. Árvores, arbustos e pedras desapareciam sob seu toque branco.

– A bétula – arfei. Eu tinha perdido as árvores de vista completamente. – Métis, não consigo ver a bétula! Como vamos encontrar as pedras para atravessar o rio? – Olhei em volta. –

Métis?

A velha raposa tinha fechado os olhos. Não respondeu.

A exaustão me dominava.

– *Métis?* Não me deixe! Não posso fazer isso sozinha. – O maa que compartilhei com a velha raposa não era suficiente. Agora estávamos os dois esgotados, incapazes de prosseguir. Eu me deitei de bruços. O vento gelado despenteava meu pelo e flocos giravam no ar. A vasta Terraneve se estendia em todas as direções.

Eu tinha vindo até esse território brutal por nada. Agora Métis ia morrer. Os anciãos perderiam a batalha contra o Mago, e eu nunca mais veria Siffrin.

A Raposa Branca despertaria.

Pirie jamais escaparia...

A nevasca continuava à minha volta. Nessa amplitude brutal, a esperança desapareceu.

Minha cabeça caiu sobre a neve. Arrepios percorriam minhas costas. Queria minha família. Tentei visualizar mamãe e papai.

Tentei me lembrar da vovó com seu pelo manchado e sua expressão séria, bondosa. Ela era a raposa mais sábia que já conheci. Se ao menos eu pudesse sentir o calor de sua cauda me envolvendo...

Lembrei o que Farraclaw dissera sobre seus ancestrais.

Aqueles que se foram não esquecem. Eles cuidam de nós.

Eram só palavras. Vovó tinha partido... como todos os outros.

O vento uivava em minhas orelhas, o frio cortante enterrava as garras em meu pelo. Meu coração estava apertado, tomado por terror e tristeza. Fechei os olhos. *Vou dormir... Vou me distanciar e nunca mais voltar.*

O barulho de vento e neve. Meus dentes batendo. Tremores sacudindo meu corpo.

O medo é seu amigo, mas nunca deve ser seu senhor. Ele te acorrenta como os sem-pelo fazem com seus cachorros, e te arrasta para um destino ainda mais tenebroso.

O vento enfraqueceu. O calor me envolveu. Abri os olhos.

– Vovó...?

Pegadas frescas na neve. Eu me levantei, piscando com força. Vi um montinho de pelo escuro não muito longe de mim. Flocos caíam sobre suas costas, disfarçando a cor do pelo.

– Métis – chamei. – Métis, acorde! – E o empurrei. Ele gemeu e abriu os olhos.

As pegadas salpicavam o caminho na nossa frente. Mais neve caía, ameaçando encobri-las.

– Por aqui! – Comecei a seguir as marcas, e Métis mancava atrás de mim. Enfrentamos a nevasca. Meus olhos estavam cravados nas pegadas delicadas, que pareciam surgir do nada. Quando finalmente levantei a cabeça, me assustei ao ver troncos brancos e luminosos.

– As bétulas! – Com uma explosão de energia, corri para as árvores. Já ouvia o estrondo do rio. Onde a última árvore encontrava a margem alta, vi uma grande pedra plana. Mais pedras apareciam em meio à água. – Por aqui! – lati. Métis demorou uma eternidade para chegar à margem. Não tínhamos tempo para pensar na correnteza perigosa. Respirando fundo, pulei sobre a primeira pedra.

Métis rangeu os dentes e me seguiu.

Fomos saltando de pedra em pedra. A neve ficou mais fraca depois que deixamos a margem para trás. O céu estava clareando.

Em me concentrava em uma pedra de cada vez. Quando cheguei ao cascalho do outro lado, lati admirada. Estávamos na Terrabrava!

Métis parou ao meu lado.

– Como você fez isso? – perguntou, ofegante. – Como encontrou o caminho para a travessia? – Olhei para a margem distante. Uma silhueta esguia tremulou por um instante... uma velha raposa de

pelo manchado. Ela olhava para mim, um contorno fraco contra a neve.

Vovó! Eu chamei e você veio.

Eu a vi desaparecer na nevasca e no gelo.



18

Nuvens se moviam rápidas sobre o Rio Furioso. Eu mal conseguia ver a tundra do outro lado, além da correnteza rápida. As Montanhas Nevadas eram como orelhas de raposa perfurando as nuvens.

Eu me virei para o limite da Terrabrava. A Floresta do Ancião estava imersa na escuridão, apesar de uma névoa amarelada se erguer a oeste. Fios brancos se enrolavam no halo sinistro.

Métis sentou-se ao meu lado.

– Está acontecendo.

Meu coração ficou apertado.

– Você tem que chegar até a Pedra do Ancião. – Eu não sabia o que faria depois de levá-lo até lá, como poderia salvar meu irmão.

Mas a esperança tinha nascido dentro de mim no pior momento da nevasca, e eu sabia que nunca mais desistiria.

Obrigada, vovó.

As orelhas de Métis ficaram em pé, mas ele não falou, só começou a andar pelo cascalho na margem. Seus movimentos eram entrecortados. Seu focinho estava franzido de dor.

Meus membros congelados começavam a recuperar o calor. O

cascalho era um alívio depois da tundra gelada. Com a fluidez de movimentos, meus pensamentos ganharam velocidade. O que Métis acreditava que poderia fazer na Pedra do Ancião? Como ele poderia ajudar no estado em que estava?

– Pretende desafiar a Raposa Branca?

Os olhos verdes se voltaram para mim por um instante, depois para a frente de novo. Ele gemeu ao subir em um monte de pedrinhas.

– O Mago está sugando maa. Ele roubou um exército de Dominados. Só tem uma coisa que os anciãos podem fazer para competir com seu poder. – E olhou para mim de novo. Senti que ele estava pensando se podia ou não falar.

Fale. Preciso da verdade.

Ele suspirou.

– Podemos subjugar.

Meus pelos ficaram em pé.

– Mas foi assim que a vontade dos Dominados foi roubada! Foi isso que você fez com o rei lobo. E disse que era errado, que contrariava a Foxlore! – Senti o calor emanar de meus bigodes. –

Como pode pensar em fazer isso de novo? Não aprendeu nada com...

– Não – ele me interrompeu. – Raposinha, você entendeu errado.

Subjugo é uma Foxcraft perigosa. Sua prática é protegida pelos anciãos. Mas, como qualquer outra Foxcraft, *pode* ser uma força do bem.

Avancei sobre o cascalho e sacudi uma pata para tirar uma pedrinha presa entre as almofadas.

– Contra a vontade de outra criatura?

– Não. Isso é diferente. Isso é subjugo como *deveria* ser praticado. Pelos anciãos, juntos, por vontade própria.

Continuei andando em direção a um montinho de terra. Não sabia se tinha entendido.

– Então, vocês todos subjugam, e daí? O que acontece?

As orelhas inquietas de Métis apontaram para a frente.

– Nossas mentes irão se fundir. Pensamentos e maa fluirão livremente entre nós. Enquanto estamos em subjugo, não estamos sozinhos. Seremos seis raposas de grande poder em uma. – Ele

parou e embalou a pata dianteira ferida. – Com a força dos anciãos, partirei para procurar Keevney. Vou fazê-lo parar, custe o que custar.

A raposa doente mal conseguia andar. Com ou sem o maa dos anciãos, como poderia derrotar o Mago?

– Eu vou conseguir – disparou ele, como se eu tivesse falado em voz alta. – Só preciso descansar um momento. – E sentou-se pesadamente.

A luz viajava pela margem. Chegou ao centro do rio.

– O Mago não vai parar enquanto você descansa – aponteí.

Métis tentou se levantar. Suas pernas tremeram, e ele caiu.

– Tudo bem, tudo bem... – Ele tentou de novo. *Eu não era assim antes. Devia ter me visto. Eu era rápido e poderoso. Era prateado.* E

balançou a cabeça. Com determinação sombria, ele ficou em pé. Só conseguiu dar alguns passos antes de cair outra vez.

– Vamos, Métis. *Vamos* – incentivei, chamei e pressionei. Ele dava alguns passos e parava, ofegante. Minha cauda tremia. – Não podemos estar muito longe da Pedra do Anciã. Não desista agora.

– Não vou desistir – ele se irritou.

Eu conseguia ver quanto o esforço custava a ele.

– Vou te dar mais maa.

– Não! – ofegou ele. E continuou mais devagar. – Não faça isso.

Na última vez, quase matei você. Quase matei nós dois.

O sol se erguia ao longe, vi a parte de cima de um círculo cor de laranja. Havia um murmúrio estranho embaixo do cascalho. Pensei se devia deixar Métis ali e correr até os anciãos. E se acontecesse alguma coisa com ele? Prometi que o levaria até a Pedra.

Olhei na direção do sol nascente. Tinha alguma coisa se movendo sobre as pedrinhas? A silhueta parou. Uma raposa! E tinha nos visto.

Meu coração começou a bater mais forte. Agora estava ficando claro. Não podia ser um dos Dominados. Mas e se fosse um Narral?

– Métis – sussurrei. – Vem vindo alguém!

O recém-chegado começou a correr.

A Raposa Negra olhou para a margem. Depois se ergueu nas patas traseiras e mostrou os dentes.

– Fique atrás de mim.

Eu obedeci, mesmo sem saber o que a velha raposa poderia fazer. Contraí as patas. Pelo menos éramos duas, disse a mim mesma. Eu não desistiria sem uma boa luta.

A raposa se aproximava. Deslizava elegante e poderosa sobre as pedrinhas na margem. Sua longa cauda saltitava atrás dela. Alguma coisa no avanço fluido parecia familiar. O pelo vermelho brilhava à luz do amanhecer.

Meu coração deu um pulo.

– É Siffrin!

A raposa de pelo vermelho passou por Métis e parou de repente.

– Isla! – ofegou. – Pensei que tinha perdido você para sempre dessa vez. – Seus olhos grandes brilhavam. Nunca vi outra raposa mais bonita. – Vim à margem todos os dias. Andei por cada vala e rochedo procurando você. – Ele balançou a cabeça. – E olha só!

Você cresceu.

Corri para ele. Nossas caudas se entrelaçaram.

Senti o cheiro doce e intenso de seu pelo.

– Eu estava na Terraneve. Senti tanta saudade de você! – As palavras transbordavam de mim, incontroláveis. – Pirie não estava lá, afinal. Ele está na Terratreva. Foi capturado pelo Mago! Era Métis... Métis estava na Terraneve. Ele subjuguou um lobo e arruinou seu maa.

Siffrin arfou e olhou para a Raposa Negra.

– Métis... eu não reconheci você.

– Nem eu me reconheço – respondeu a Raposa Negra com amargura. – Siffrin, temos que chegar à Pedra do Ancião. É fundamental chegarmos lá antes da aurora.

Siffrin abaixou a cabeça em sinal de compreensão.

– Maa-sharm? – ofereceu.

Métis encarou Siffrin. Senti que avaliava a jovem raposa: o brilho em seus olhos, o poder da cauda. Métis suspirou.

– Sou um rio seco, uma vala esvaziada. Não tem maa que possa me salvar. Mas, por pouco tempo, talvez... – E assentiu. – Sim, maa-sharm. Apenas o suficiente para chegarmos à Pedra.

A Floresta do Ancião tinha mudado durante o tempo que passei na Terraneve. Frutas pendiam dos galhos cheios de folhas. Pássaros cantavam em seus ninhos. O pulsar da terra batia em nossas patas, mais forte no solo do que o senti no cascalho.

O shan cor de âmbar dançava em torno da Pedra, um anel de proteção tecido pelos anciãos para banir invasores. Quando entramos no círculo de árvores antigas, o âmbar se tingiu de escarlate.

Siffrin deu um passo à frente e limpou a garganta antes de falar:

– Anciãos, é seu mensageiro. Trago Isla e a Raposa Negra.

O shan começou a se dissipar. Ameacei seguir em frente, mas Métis me impediu com uma batida do focinho. A expressão em seus olhos me surpreendeu. Pesaroso, quase nervoso. Ele parecia muito mais jovem.

– Queria dizer uma coisa – sussurrou. – Tenho sido duro com você. No princípio, só vi uma raposinha ingênua da Terracinza. Eu estava enganado. Queria dizer... – Ele abaixou a cabeça. – Você é amiga dos anciãos. E tem sido uma amiga para mim. Eu não teria conseguido voltar sem você.

Fiquei sem palavras. Quando Métis ergueu o focinho, seus olhos verdes cintilavam. As orelhas pontudas balançavam para a frente e para trás, sempre alertas. Queria tê-lo conhecido antes, quando seu maa era radiante como o sol.

A névoa do shan se dissipou.

Os anciãos falaram com uma só voz.

Métis.

A Raposa Negra balançou a cabeça.

– Eu falhei – ganiu, amargurado. – Já deduziram que subjuguéi um lobo.

Vi Jana sobre a Pedra e os outros anciãos atrás dela.

No início não tínhamos certeza de que era você. Keevney é mestre do subjugo, foi atraído pela forte sedução dessa arte. Agora sabemos que ele é o Mago.

– Tenho que lutar contra ele – afirmou Métis.

Jana parecia intrigada.

Suba na Pedra.

Métis foi subindo com esforço. O maa de Siffrin já estava se esgotando. Lembrei o que a velha raposa tinha dito. *Sou um rio seco... Não tem maa que possa me salvar.*

Segui Métis, e Siffrin me seguiu. Quando ele pisou na Pedra, os anciãos entoavam um cântico.

Juntem-se, raios de luz; confortem-me na noite fatal... Teçam uma parede da mais densa névoa; resistente a cada demônio e inimigo.

O cântico era liderado por Shaya, a severa raposa avermelhada.

Os anciãos estudavam Métis, depois olharam para mim. Reconheci Jana e seu pelo cinzento, uma especialista em wa'akkir. E também Mika, a pequena raposa de pelo cor de gengibre e branco, senhora na arte do pashanda. Brin, a grande raposa da redução, piscou para mim com bondade. Ele e Shaya tinham discordado de Jana.

Eles não queriam me enganar.

Kolo inclinou a cabeça. Enquanto ele entoava o cântico, notei o vão onde faltava uma presa. Lembrei como seu karak cortava o ar e sacudia os galhos das velhas árvores.

Havia outras duas raposas na Pedra. Elas saltaram em minha direção abanando a cauda.

Eu mal podia acreditar no que via.

– Simmi! Tao! – Corri para eles. – Pensei que estivessem na Terra Livre.

Simmi mordeu meu ombro com carinho.

– Nós fomos lá. Espalhamos Foxcraft entre os bandos.

– Mas tivemos que voltar – acrescentou Tao, tocando meu focinho antes de olhar para Siffrin. – Vimos a poeira amarela se erguendo sobre a Terratreva.

– Não podíamos continuar longe – explicou Simmi. – O Mago matou e subjogou nossa família. Vamos lutar contra ele.

– O Mago está com Pirie – respondi. – Também vou lutar contra ele.

Os anciãos pararam de cantar. O shan envolveu a Pedra em uma névoa alaranjada. Jana olhou para nós.

– Todos teremos que lutar como pudermos.

Olhei diretamente para ela.

– Você me enganou. – Pelo canto do olho, notei que Brin olhava para Shaya.

– Sim – disse Jana. – Vimos esperança em você. Quem mais poderia ter resgatado nosso Ancião perdido? – Ela nem se desculpou. Em seguida, olhou para Métis. – Não sabíamos o que esperar. Métis, velho amigo, fico feliz por ser você. Nunca me convenci de verdade de que você fosse o Mago. Mas quando não apareceu aqui na malinta... – Rugas profundas surgiram entre suas orelhas. – Você está diferente.

– Não vou deixar que isso me detenha – respondeu Métis. – Hoje à noite parto para a Terratreva.

Os anciãos ficaram quietos por algum tempo.

Shaya o farejou, depois recuou.

– Não vai conseguir. Senti seu maa. Não tem como consertar o estrago. – Fiquei chocada com a franqueza brutal de suas palavras.

Métis assentiu.

– Preciso usar a força que me resta para enfrentar o Keevney.

– Sei que é isso que quer – disse Jana. – Mas não pode. Fique na Pedra, participe subjugado por nós. Seu dom para o gerra-sharm é incomparável. O maa que ainda tiver pode fazer toda a diferença.

Compartilhe seus talentos através do nosso círculo de sangue.

Assim, ainda vai participar dessa batalha final.

– Não é o suficiente – protestou Métis.

Jana levantou o focinho.

– Escute, Métis. Você não tem força suficiente para desafiar o Mago. Isso não tem a ver com velhas rivalidades.

– Acha que é isso? Que quero derrotar Keevney? – Para minha surpresa, Métis jogou a cabeça para trás com um grito. – Não vou permitir que nossa liberdade seja roubada! Tudo que sei e em que acredito, tudo que defendemos como anciãos. É *meu* dever lutar contra ele. Eu sou a Raposa Negra, a raposa da lenda. Só eu posso repelir o mal que se levanta em nossos territórios. – Ele caiu sobre a pedra cinza. A explosão emocionada o esgotou. – Eu sou a Raposa Negra – repetiu com voz áspera. – Eu falhei...

Meu coração se encheu de compaixão. Cheguei mais perto dele para lambe-lamber suas orelhas.

– Você não falhou. Você salvou Farraclaw. Protegeu o Bishar. Já fez muito.

Métis levantou a cabeça. A luz dançava em seus olhos verdes.

– Mas nossa espécie vai cair.

– Não. – Comprimi a mandíbula. – Não quando há raposas preparadas para defender os nossos.

– Não vamos deixar a Raposa Branca controlar nossa espécie –
concordou Simmi.

A cauda de Siffrin balançava.

– Vamos resistir, custe o que custar.

Jana nos observava. Vi a ponta de sua cauda brilhar. Uma a uma, as caudas dos outros anciãos também cintilaram. Estavam conversando entre eles em gerra-sharm, compartilhando pensamentos que não podíamos ouvir.

– Devia ser eu! – explodiu Métis.

Jana olhou para ele transmitindo uma mensagem. Sua cauda pulsou mais brilhante. Entrou no ritmo do pulsar da aurora. Depois, a luz se apagou e ela olhou para Siffrin.

– Você vai para a Terratreva. – E olhou para mim, para Simmi e Tao.
– Vocês quatro vão para lá. É uma missão perigosa, talvez não sobrevivam a ela. Mas não há mais ninguém para se encarregar dela, porque somos apenas seis e temos que ficar juntos para o subjugo. Sem o poder do nosso maa e a força do nosso gerra, vocês nunca chegarão ao Covil do Mago. – Ela inclinou a cabeça, e seus olhos cinzentos voltaram a mim. – Isla já sabe que o irmão dela está lá. Que os outros também foram capturados. O maa dessas raposas é a chave para o poder de Keevney.

Shaya falava em voz baixa, apesar da parede protetora do shan à nossa volta.

– Não basta libertar os jovens cativos. Um de vocês vai ter que matar Keevney. Ele é o elo da Raposa Branca com o mundo físico.

Destruam Keevney antes de a luz de fogo da aurora encontrar as pedras vermelhas. Se falharem, a Raposa Branca despertará.

Passei a língua pelo focinho. Pensar em matar outra raposa me deixava horrorizada. Mas foi o Mago quem invocou o demônio. Era ele que os Dominados chamavam de “Mestre”.

Brin inclinou a cabeça.

– Ele já foi um amigo.

– Faz muito tempo – lembrou Jana, melancólica.

O olhar de Shaya era intenso.

– Vocês vão enfrentar muitas raposas subjugadas, nem sabemos quantas. Podem encontrar a Narral... Agora há onze deles, desde que Karka morreu na Terracinza. Acreditem, onze são mais que suficientes. Eles consideram traidor qualquer um que resista ao Mago. Fugam deles como puderem. Não enfrentem a Narral, porque não podem vencer essa luta. – Ela lambeu o focinho. – Vão ter que entrar no covil de Keevney antes que o último sol do dia mais longo desapareça na escuridão. A luz de fogo da aurora é potente em maa. Seu poder é maior do que podemos imaginar. Ouçam bem, jovens raposas... a luz *não deve* tocar as pedras vermelhas. Isso é

suficiente para soprar fogo na Raposa Branca. Depois disso, não será mais possível detê-lo.

A voz de Kolo era dura.

– Matem Keevney, e vão impedir que a Raposa Branca desperte.

Ele fez parecer simples.

De repente, a pequena Mika falou:

– A ajuda vem de lugares inesperados. – E levantou o focinho delicado. – Usem pashanda onde for possível. “Olho de gerra, vem

de dentro esse olhar, através do meu transe, seus segredos vai compartilhar.”

Abaixei a cabeça e repeti o cântico em silêncio.

– Anciãos, chegou a hora. – Jana olhou para Métis. – Você não vai entrar na Terratreva como pretendia, mas pode fazer sua parte em subjugo.

– Não era para ser desse jeito – suspirou Métis.

Pensei em mamãe, papai e vovó. Pensei em nosso território, e em tudo que eu tinha perdido.

– Nada é como tinha que ser. Mas nem por isso é o fim. Não vamos desistir.

Brin olhou para Jana.

– Você estava certa sobre ela.

Jana deixou escapar um longo suspiro.

– Você vai ser muito importante na jornada, Isla. Mas, mais que todos, precisamos de Siffrin. Ele é forte e capaz em Foxcraft. Vai se juntar a nós em subjugo. A profundidade de nossa guerra e o calor de nossa fonte de vida vai correr no sangue dele enquanto o subjugo se mantiver. – Ela o encarou. – Você treinou para esse momento durante toda sua vida. Você vai entrar no covil. Vai ter que matar Keevney pelo bem de todos nós.

Siffrin inclinou a cabeça.

– Se é isso que quer que eu faça, é o que vou fazer. – Ele estava quieto e calmo. Só o movimento da ponta da cauda traía seu

nervosismo. Métis olhava para ele. Ao notar o olhar severo e direto, Siffrin encarou a Raposa Negra. – Mas você não, não é verdade?

Métis reagiu intrigado. Suas orelhas balançaram.

– Você é a escolha óbvia. Mas o instinto me diz que não é a escolha certa. – Ele olhou para mim. – Isla devia ser a escolhida.

Arregalei os olhos.

– Mas eu nem sei como.

– Ninguém sabe – respondeu Métis. – Quer honestidade? Precisa estar preparada para ouvir. Quando você é um filhote, pensa nos adultos e acredita que eles têm as respostas. Quando você cresce, descobre que não há respostas.

Besouros de desconforto andavam dentro da minha barriga.

– E por que eu, então?

– Sim, Métis – repetiu Jana com tom irritado. – Por que Isla? Ela é jovem e inexperiente.

– Andei com ela. Ouvi seus pensamentos. Compartilhei seu maa.

– Métis fez uma careta de dor e puxou a pata ferida para mais perto do corpo. Parecia exausto. – Se não posso ser eu, tem que ser ela.

As orelhas de Jana giraram para trás.

– Siffrin, o que acha disso?

Ele ergueu o focinho.

– Não quero mandar Isla para esse destino... mas a escolha é dela. Só posso dizer que... ela conseguiu sair da Terracinza.

Sobreviveu à Terraneve. Não consigo pensar em ninguém mais determinado que Isla. Se o irmão dela está no Covil do Mago, ela

deve ter uma chance de libertá-lo. – Siffrin olhou para mim com afeto. – Métis tem razão. Seu maa é impressionante.

Sob a luz, encontrei alguma coisa forte e poderosa como... como a água que retumba ao longo do Rio Furioso. Tem força dentro de você, Isla.

Olhei surpresa para Siffrin, tocada por suas palavras.

O silêncio dominou a área cercada pelo shan, um silêncio tão profundo que até os pássaros se calaram nas árvores em volta. O

shan se tingiu de um vermelho profundo. Depois, a luz âmbar voltou, e ouvi o canto de um pássaro.

Todos os anciãos olhavam para mim.

Foi Jana quem falou:

– Métis acredita que você deva ir no lugar dele. Está disposta a entrar no Covil do Mago? Fazer o que for possível para resistir à Raposa Branca?

Eu não podia pensar no Mago, em seu exército de Dominados ou na Narral... Não podia imaginar a Raposa Branca. Mas Pirie estava no covil. Havia outras raposas, livres, capturadas, drenadas de energia. Respirei fundo.

– Eu vou.



19

Era crepúsculo na Terrabrava. Tinha sido um longo dia de descanso e preparação. Comemos, conversamos e dormimos. Agora o shan se dispersava e nós descíamos das pedras frias em direção ao solo da floresta.

Os anciãos se reuniram na árvore casca de sangue. Métis liderava o grupo, abrindo uma trilha na terra macia com as patas cansadas. Siffrin descansava o focinho em meu ombro. O medo tremulava em meu coração, mas a presença dele me confortava.

Logo entraríamos na Terratreva. Logo eu veria Pirie.

Se conseguíssemos chegar lá.

Minhas orelhas se abaixaram.

– Vamos conseguir – falei em voz alta.

Simmi olhou para mim. Ao lado dela, Tao estava atento a Métis.

Quando ele terminou de cavar, os anciãos formaram um círculo em torno da trilha de terra. Um a um, eles levantavam a cauda e seguravam a ponta branca entre os dentes. De olhos fechados, arrancavam vários pelos brancos. Métis foi o primeiro a depositar os pelos de sua cauda na trincheira. Jana foi a próxima, seguida por Shaya e Brin. Kolo empurrou seus pelos sobre os outros. A pequena Mika foi a última. Ela pisou no montinho de pelos para compactar as camadas.

Métis olhou para mim.

– Sua vez, Isla.

Parei entre ele e Jana, onde os anciãos haviam se afastado para abrir espaço. Fechei os olhos, respirei fundo e arranquei alguns pelos

da ponta da minha cauda. Senti um arrepio.

– Agora ponha os pelos junto com os outros – instruiu Jana.

Abri os olhos. Os anciãos ficaram observando enquanto eu passava entre eles para jogar meu pelo no montinho. Voltei ao círculo e vi Métis cobrir os pelos com terra. Não muito longe de nós, Siffrin, Simmi e Tao assistiam a tudo em silêncio.

A vala fechada estava entre nós, embaixo dos galhos da árvore casca de sangue.

Métis começou a cantar:

– Seus pensamentos são meus, minha vontade é sua. Você é meus olhos, eu sou suas patas.

Os outros anciãos repetiam as palavras.

Seus pensamentos são meus, minha vontade é sua. Você é meus olhos, eu sou suas patas.

A ponta das caudas brilhava.

Com um arrepio, me juntei a eles.

– Seus pensamentos são meus...

O pulsar da terra ficou mais forte. Uma luz prateada brotou do buraco escondido. Cintilava como estrelas. Fiquei olhando, fascinada. Um anseio me dominava. Era como se toda beleza e todo desejo do mundo estivessem juntos naquele pulsante montinho prateado. Ele cresceu, levitou no meio dos anciãos como um sol prateado.

Métis olhou para mim.

– Isla, entre no círculo. Vamos canalizar para você nossos gerra e maa.

Os outros anciãos continuavam cantando.

Senti um tremor de medo. O que eu estava fazendo? Era tarde demais para desistir? Notei Siffrin pelo canto do olho. Ele me incentivava com um movimento de cabeça. Pensei em Pirie e comecei a andar.

Entrei no círculo de anciãos, na luz prateada. O calor me envolveu, subiu das patas até o focinho. A luz dançava dentro de mim. Cores teciam voltas em minha mente. Eu tinha a sensação de flutuar. Por um instante, eu era o grande pássaro sobrevoando a Terrabrava. A terra se estendia diante de mim. Vi o contorno da Floresta do Ancião, a fronteira de copas verdes. Embaixo dos penhascos havia um caminho que levava diretamente ao vale onde a grama não crescia mais. A partir dali, vi uma floresta tão retorcida que os galhos se projetavam por ela como grades de uma jaula.

Bem mais no fundo, tinha um túnel de pedra, um labirinto de cantos escuros e pedras escarlates.

O cântico desapareceu.

Levantei a cabeça e encontrei brilhantes olhos verdes.

– Você viu o caminho que deve seguir.

Assenti lentamente. Atrás de Métis, os galhos da árvore casca de sangue balançavam. Seiva vermelha corria pelo tronco nodoso.

A árvore chora. A Foxcraft se completou. Os anciãos falavam com uma só voz. Agora estamos subjugados. Somos um. Até o subjugo ser rompido, nosso gerra fluirá livremente. O círculo de nosso maa não desaparecerá. Até o fim da aurora, nosso maa correrá no sangue de Isla. Nossos pensamentos se juntarão aos seus. Apesar de entrar na Terratreva, você não andará sozinha.

– Ela não está sozinha – afirmou Siffrin.

Jana olhou para ele com olhos suaves. Mas a voz que respondeu veio de todas as raposas.

Corajoso Siffrin, você tem razão. Cuide dela, e de você mesmo.

Juntos, os anciãos se voltaram para Simmi e Tao. As jovens raposas os observavam, fascinadas e desconfiadas. *Agora todos vocês fazem parte disso. Sejam astutos. Tomem cuidado com os truques do Mago. Protejam uns aos outros.*

– É o que vamos fazer – respondeu Simmi, acanhada.

Os anciãos olharam para cima, erguendo a cabeça em um movimento harmonioso. Isso me fez lembrar o lobo cintilante na

tundra, quando o Bishar dos Claw se uniu na forma de uma grande criatura. *Está quase escuro*, disseram em uníssono. *Os Dominados vão percorrer a Terrabrava. Temos que levantar o shan pela última vez.*

Vimos os anciãos retornarem ao topo da Pedra. Brin, Kolo, Jana e Shaya. A pequena Miko dava grandes saltos para chegar à pedra cinza. Métis foi o último a subir na Pedra. Vi a luz âmbar o engolir.

A árvore casca de sangue ainda chorava, derramando sua seiva escura no chão do bosque. Onde ela tocava a terra, o pulsar da aurora parecia ficar mais forte. Minhas patas vibravam com essa intensidade. Eu quase não conseguia ficar quieta.

Meu corpo tremeu inundado de maa prateado.

– Temos que seguir o caminho embaixo dos penhascos.

– Eu conheço o caminho – disse Siffrin.

Olhei para Simmi e Tao.

– Prontos?

– Prontos – murmuraram eles.

– Que bom – respondi. Tínhamos um caminho pela frente.

Comecei a correr.

A luz tremulava entre as árvores. Cigarras cantavam, despertando a noite. Eu corria pelo bosque para o leste, e minhas patas quase nem tocavam o chão. Moviam-se com um impulso próprio. Só com algum esforço consegui reduzir a velocidade para deixar Siffrin passar na frente.

Seguimos a raposa de pelo vermelho em direção ao sul, correndo embaixo dos penhascos.

Ele conhecia as trilhas nunca percorridas entre os troncos inclinados, as passagens escondidas havia muito tempo pelas samambaias. Buquês de flores pendiam dos galhos, já cedendo espaço para as folhas e frutas. Pétalas salpicavam o chão, sedosas sob nossas patas. A terra vibrava com o pulsar da aurora.

Um calor úmido pairava sobre a Floresta do Ancião, como se os anciãos respirassem atrás de nós nos incentivando a continuar.

Eu tinha que me policiar para parar de correr e passar na frente.

Minhas patas mal tocavam a terra, era como se eu andasse no ar.

Dos bigodes até a ponta da cauda, sentia meu corpo flexível e forte.

Eu pulsava cheia de maa. Ele fervilhava em minhas costas e formigava nas orelhas. Cores saltavam diante de meus olhos. O

mundo era mais radiante. Sons eram mais intensos. Eu ouvia as minhocas se movendo embaixo da terra, o bater de asas de um inseto. Quando prestava atenção, tinha certeza de ouvir o ruído distante do Rio Furioso e dos pássaros pousando no cascalho. Seria possível?

Passamos por um túnel de samambaias no limite da Floresta do Ancião. As folhas curvas se fechavam à nossa volta. A terra era rica e úmida. Depois de um tempo, a samambaia deu lugar ao riacho, onde bebemos, sedentas. Em seguida, nadamos pela água refrescante até a outra margem.

Siffrin começou a se lavar, alisando os pelos da cauda brilhante.

Enquanto eu sacudia o pelo, Tao se aproximou de mim.

- Você conheceu lobos de verdade?
- Sim. Farraclaw lidera um Bishar na Terraneve.
- Não ficou com medo?
- No começo fiquei apavorada, mas ele me ajudou. Ele e outro lobo chamado Lopclaw foram comigo libertar Métis. Na época, eu acreditava que estava procurando Pirie.

Siffrin baixou a cauda. Seus olhos cor de âmbar estavam perturbados.

– Você deve achar que eu conhecia o plano de Jana, mas ela não me contou nada. Provavelmente, imaginou que eu não conseguiria guardar segredo de você.

– Eu sei. – Tinha perdido muito tempo ficando brava com Siffrin. –

Agora não importa. Eu não teria ido se soubesse que era Métis, mas fico feliz por ter ido.

– Mesmo tendo encontrado lobos? – perguntou Simmi.

– Principalmente por isso! – Balancei a cauda ao pensar em Farraclaw e Lop. – Existem muitos mal-entendidos entre nossa espécie e a deles. Só pensamos nas diferenças que nos dividem.

Mas também temos muita coisa em comum.

– Como o quê? – perguntou Tao.

Siffrin sacudiu o pelo e começou a andar entre as árvores.

Empurrei Tao com o focinho.

– Depois. Quando tudo isso acabar e estivermos em uma pradaria sob um raio de sol. Quando o mundo estiver em paz. – Corri atrás

de Siffrin.

– Isso quer dizer nunca – resmungou Tao.

As árvores sobre nós eram diferentes nessa margem. Em vez de troncos grossos, ali havia árvores esguias cobertas de hera. A respiração dos anciãos era mais mansa, mas eu ainda sentia a presença deles. Agora eram parte de mim, estavam em cada passo que eu dava, em cada movimento das minhas orelhas.

Os anciãos falavam juntos, mas uma voz se elevava sobre as outras. Métis, a Raposa Negra.

Mantenha-se alerta. Agora você está perto.

– Essa é sua casa. Onde você viu Liro.

Eu não pretendia falar em voz alta.

– Liro. Do nosso bando? – perguntou Simmi.

Olhei para ela.

– Acho que ele está no Covil do Mago com meu irmão.

– Por que ele estaria lá? – estranhou Tao.

Senti um cheiro forte e olhei para Siffrin. Ele havia parado mais adiante e farejava a terra. Seu pelo estava arrepiado nas costas. Eu me aproximei dele. Cogumelos amarelos com manchinhas roxas formavam pequenas colônias no chão da floresta.

Senti um arrepio.

Mais à frente, vi mais bulbos fedorentos brotando da terra.

– Ainda estamos longe da Floresta Profunda – sussurrou Siffrin.

Respirei fundo.

– Olho de gerra, vem de dentro esse olhar, através do meu transe, seus segredos vai compartilhar. – Por um instante, vi esse território como era antes, rico e abundante, explodindo com flores e frutas. A imagem derreteu e se tornou os restos apodrecidos do Vale Fantasma.

As palavras que saíram de minha boca eram de Métis.

– Nem tão longe quanto você pensa. Os domínios dele estão crescendo.

Andávamos devagar, mantendo o focinho perto do chão. O pulsar da aurora ainda se erguia do solo, mas parecia distorcido, abafado pela terra pegajosa. Cheguei perto da árvore mais próxima. Fungo marrom sugava seu tronco em decomposição. Várias outras estavam rachadas ou tinham caído de lado, como se tivessem sido castigadas por uma tempestade.

Não demorou muito para as árvores desaparecerem. Adiante, havia terra aberta que cheirava a podridão. Uma névoa baixa pairava sobre colônias de cogumelos amarelos.

– O Vale Fantasma – murmurou Tao. – Está muito maior do que era.

Olhei em volta. Tinha ouvido o ruído de unhas na terra, unhas compridas sob o peso de uma raposa? Espiei entre as árvores escuras. Já estava escurecendo. Os Dominados não teriam medo de andar por ali. Fiquei olhando por algum tempo, depois que os outros passaram por mim. Eles andavam com cuidado entre os cogumelos. O ruído de unhas cessou. Virei-me novamente para o vale e os segui.

Brotos mortos faziam silêncio sob nossas patas. Um espinho enganchou na minha cauda, e eu me soltei sacudindo o pelo.

– Cuidado – aconselhou Siffrin.

Andamos na direção das árvores pretas e quebradas da Floresta Profunda. Mas, quando chegamos perto, um gemido brotou dos troncos retorcidos. Minha boca se encheu de bile. Os cogumelos viraram sua cabeça amarela para nós.

Simmi e Tao tinham ficado para trás. Apenas Siffrin continuava andando, mas os passos incertos traíam sua confusão.

– O que está acontecendo? – resmungou ele.

Uma sensação sinistra me avisou que eu devia olhar para trás, para as árvores. Um momento depois, ouvi o regougar. Os guinchos dos Dominados atravessavam a Terrabrava. Eles não podiam estar longe... talvez no riacho. Logo estariam aqui.

Corra, Isla. Não demore no Vale Fantasma.

A voz dos anciãos ecoava em mim, mas minha cabeça parecia estar cheia de névoa. Parei e farejei o ar. O cheiro de cinzas fez meu focinho coçar. Um cipó se enrolou lentamente em uma das minhas patas dianteiras. Eu sabia que precisava me soltar, mas fiquei ali parada, confusa.

Os regougos ecoavam entre as árvores, mais próximos agora.

Minha visão ficou turva. Eu via cogumelos amarelos em todos os lugares. Olhei para trás, dominada pela confusão. O que eu tinha que fazer? Não conseguia lembrar.

Uma raposa apareceu do meio das árvores. Soube imediatamente que não era um dos Dominados. Ela se movia depressa, de cabeça baixa, mas torcendo as orelhas de um jeito nervoso.

Pode ser um dos membros da Narral, alertaram os anciãos. Saia daí, comece a correr!

Eu sentia a boca pegajosa, como se estivesse colada. Fiz um grande esforço para liberar a voz.

– Siffrin! – avisei enquanto a raposa se aproximava. Tentei recuar, mas minhas patas estavam presas no chão.

O pânico vibrava em meu peito, mas meu corpo estava paralisado.

– Pisque! – latiu a raposa ao chegar mais perto de mim. – Use seu maa! Respire fundo e devagar. É uma armadilha!

Cambaleei para trás em choque. Um cipó se enroscou em uma pata de trás. Haiki corria para nós balançando a cauda cinzenta. Eu não o via desde que ele fugiu da Pedra do Ancião... desde que me traiu. De repente, ele estava latindo na minha frente.

– acorde, Isla! Os Dominados vêm vindo! Se quer sobreviver, faça o que estou dizendo.



20

Olhei para Haiki, atordoada. Queria pular em cima dele, mas não conseguia me mexer.

– Sei que sou a última raposa que você quer ver – disse ele, depressa. – Mas estou aqui para ajudar. O que você está sentindo

não é real. O Mago chama isso de kia-sharm. Na verdade, é shan-sharm revertido, tu-shan-sharm. Ele está atraindo você para a armadilha!

Siffrin virou-se e viu a raposa de pelo cinza.

– Saia de perto de mim! – Tentei levantar a pata da frente, mas ela estava presa à terra pelos cipós. Comecei a entrar em pânico e puxar as patas. Os cipós me seguravam com mais força.

– Escute – implorou Haiki. – Respire fundo e devagar, como se fosse reduzir. Tente não entrar em pânico. Diga para si mesma que é um truque. – Haiki estava a bigodes de distância do meu focinho.

Os anciãos pareciam ouvir pelos meus ouvidos. Eles falaram mais alto. *A cinza está certa. É Foxcraft.*

Siffrin rosnou e se livrou dos cipós que envolviam suas patas. Ele correu para nós. Haiki se encolheu e abaixou as orelhas. Mas Siffrin não atacou a raposa cinza. Em vez disso, começou a tirar os cipós das minhas pernas, mordendo e puxando.

– Você não está presa – ele me disse. – Só *pensa* que está. É como Haiki falou, algum tipo de Foxcraft.

– Respire devagar, pisque bastante – orientou Haiki. – Não esqueça, não é de verdade.

– Faça o que ele está dizendo – Siffrin conseguiu falar por entre os dentes. Ele tirou os cipós.

– Mas Haiki mentiu – arfei. – Ele estava trabalhando para o Mago.

– Respire devagar, Isla. – Siffrin me deu um empurrão. Cambaleei e soltei as patas. *É Foxcraft. Não é de verdade. É Foxcraft.*

Minha visão recuperou o foco. Minha mente se acalmou. Olhei para Siffrin, mas ele já corria para ajudar Simmi e Tao.

Olhei nos olhos de Haiki.

– *Você.*

Ele enrolou a cauda de um lado do corpo.

– Por que está aqui? É muito perigoso. Esse é o último lugar onde você deveria estar. – Sua voz baixou para um sussurro. – Os Dominados vêm vindo. – Vi o branco de seus olhos.

Queria gritar *O que é isso para você?* Queria dizer que, por mim, ele podia apodrecer. Mas o que disse foi:

– Preciso chegar ao Covil do Mago.

Haiki abriu a boca em uma reação apavorada.

– Mas isso é no coração da Floresta Profunda.

Siffrin se aproximava de nós, seguido por Tao e Simmi. Os regougos dos Dominados cortavam o ar. Poeira amarela assobiava pelo vale, e comecei a ficar confusa outra vez.

– Conheço o caminho para o covil – disse Haiki, de repente. – Já estive lá. Posso mostrar a você. – A escuridão passou diante dos meus olhos. – Já estive lá – repetiu ele com a voz estrangulada.

– Esqueça! – reagi. – Deixe a gente em paz!

– Não seja precipitada, Isla – interferiu Siffrin.

Olhei para ele, surpresa.

– *Você nunca* confiou em Haiki.

Os bigodes de Siffrin se arrepiaram.

– Ele estava certo sobre a Foxcraft.

– De jeito nenhum! – gritou Tao. – Ele levou os Dominados até nosso bando!

– Eu não sabia que eles iam atacar – ganiu Haiki.

Por um instante, ficamos todos paralisados, como se os cipós tivessem se enrolado em nós outra vez. A indecisão me roía.

Regougos agudos percorreram o vale.

– Não vai encontrar o covil sem mim – disse Haiki apressado. –

Mas tem certeza de que quer ir? Os Dominados são como um enxame nas pedras vermelhas, e a Narral está sempre patrulhando.

Tem pântanos e...

– Vá na frente! – explodi.

Haiki assentiu depressa. Ele se virou e correu para a Floresta Profunda quando as raposas de olhos vermelhos chegaram ao vale.

Corremos atrás dele. Os galhos se curvavam sobre nós e a escuridão enchia o céu. O ar era uma neblina pesada, cheia de poeira amarela. Minhas patas escorregavam na terra viscosa.

Pirie esteve aqui, percebi. Os Dominados o arrastaram pela floresta a caminho do Covil do Mago.

Eu corria ao lado de Siffrin. Só conseguia enxergar alguns comprimentos de cauda à frente. O impulso de parar me atormentava.

Não é de verdade! Não é de verdade!

Tropeçávamos em galhos caídos. Atrás de nós, ouvi Tao xingar quando bateu em um tronco de árvore. Apenas Haiki corria com segurança, como se a Foxcraft não o afetasse.

Talvez não afete.

Lembrei minha primeira visita ao Vale Fantasma. Enquanto eu estava paralisada, perplexa, Haiki parecia intocado pelo poder do vale. Não conseguia reduzir, mas era o primeiro a identificar a Foxcraft nos outros. Nos penhascos do arco-íris, ele havia percebido o encantamento.

Estava usando essa habilidade para farejar Foxcraft e nos levar até o Mago? Eu ainda não havia esquecido sua traição. Lembrei

como o havia levado até a Pedra do Ancião, e minhas pernas perderam a força.

– Não pare – disse Siffrin –, os Dominados estão atrás de nós!

Aumentei a velocidade. Conseguia senti-los, ouvir o barulho de suas patas.

– Por aqui – sussurrou Haiki. E mudou de direção de repente, correndo entre dois troncos curvos. Arbustos cheios de espinhos impediam nossa passagem. Ele os contornou, farejando. Quando encontrou um vão, passou por baixo das plantas. Nós os seguimos.

Fomos arrastando a barriga no chão, enquanto espinhos enroscavam na cauda. Meus pensamentos corriam, mas me obriguei a respirar devagar. Haiki estava certo: isso ajudava a bloquear os encantamentos do Mago.

Saímos do meio dos arbustos e corremos para dentro do oco de um enorme tronco de árvore. No espaço frio, ficamos encolhidos na escuridão. Minhas orelhas balançaram para a frente e para trás. Eu

ainda conseguia ouvir os Dominados, mas agora o som dos passos era mais distante.

Durante um tempo, ninguém disse nada. Um gemido se movia pela floresta com a poeira. Não havia pássaros cantando nos galhos, nem insetos zumbindo no chão da floresta.

– Este lugar está morto – disse em voz baixa.

Siffrin se encolheu perto de mim. O cheiro almiscarado de seu pelo afastava o das árvores, mais azedo.

– Os Pântanos agora são assim. E é assim que a Terrabrava vai ser, se o Mago conseguir vencer.

– É verdade. – A voz de Haiki era baixa. – Deixei que ele me usasse. Queria minha família de volta... mas o que eu fiz...

– Espero que tenha valido a pena – cochichei.

Seus olhos brilharam no escuro, depois ele abaixou o focinho.

– Não – ganiu. – Não valeu. Durante todo o tempo que passei ajudando o Mago, minha família já estava morta. Não foram nem subjugados. Koch os matou.

Respirei fundo.

– Foi ele que atacou nosso bando – revelou Tao.

Haiki deitou-se sobre a barriga.

– Não consegui acreditar no que ele fez. Eu nunca devia ter me metido nisso. Fui covarde... tive medo de enfrentar todos eles sozinho. – Ele levantou os olhos e os abaixou em seguida. – Isla, por favor, não me odeie. O Mago me *obrigou* a espionar você. Disse que libertaria minha família. Prometeu que não machucaria você. –

E cruzou as patas sobre os olhos. – Sei que nenhum de vocês vai me perdoar, nunca. Eu não me perdoaria. – Sua voz não era mais alta que penas caindo sobre a grama. – Tudo que fiz... eu só queria minha família de volta.

Seu arrependimento me tocou. Eu não sabia o que dizer. Não sabia o que sentir. Era difícil ficar parada. Pensei nos Dominados, todos cativos do Mago... Raposas não eram melhores que os sem-pelo com suas tocas das bestas? Que os raptos que pegavam raposas para matar? A dor rasgou meu peito quando me lembrei das raposas naquelas jaulas. Eu havia escapado, mas as deixei lá.

Não podia ajudar, disse a mim mesma. *Não havia nada que eu pudesse fazer*. Meus pensamentos ecoaram as palavras de Haiki.

Meu corpo ainda vibrava com o maa. Fiquei em pé.

– Antes de enfrentarmos o Mago, precisamos libertar os Dominados.

– Libertar? – murmurou Haiki, incrédulo. Ele tirou as patas da frente dos olhos. – Isso não é possível. Eles nem querem liberdade.

Não são como nós.

– Já foram – respondi. – Podem ser de novo. – Senti Siffrin ficar tenso ao meu lado. Quando as palavras saíram de minha boca, eu soube que estavam certas. – Temos que encontrar uma árvore.

– Uma árvore? Estamos em uma floresta – apontou Haiki.

Siffrin se mexeu ao meu lado. Seu pelo grosso roçou meu ombro.

– Uma árvore vermelha – disse ele. – Enorme, antiga, com galhos pesados.

Olhei para ele, e ele me encarou. Seus olhos cor de âmbar brilharam. *Ele foi subjogado uma vez*.

– A árvore que chora – disse Haiki. – Como aquela perto da Pedra do Ancião?

– Exatamente. – O maa corria por meus membros. – Uma árvore casca de sangue. Sei que deve ter uma na Floresta Profunda.

Tao inclinou a cabeça.

– Por que quer essa árvore?

Eu olhava diretamente para Haiki.

– Sabe onde ela está?

Ele passou a língua pelo focinho.

– Venham comigo.

Passamos entre os espinhos afiados e seguimos mais para o interior da floresta. O chamado da aurora enfrentava com dificuldade a força sufocante da poeira amarela do Mago. A tristeza me invadiu.

Eram muitas raposas perdidas. *Mamãe, papai, vovó... Rupus, Flint, Karo, Mox...* Muito além da poeira e dos galhos retorcidos, as estrelas ainda brilhavam. A lua se erguia sobre a Terrabrava. Mas, embaixo, no chão da floresta, só havia sombras.

Parei várias vezes sob o olhar atento dos outros e murmurei o cântico do pashanda.

– Consegue ouvir os Dominados? – perguntou Siffrin.

Abaixei a cabeça numa resposta afirmativa. Conseguia ouvir mais, enxergar mais longe que os outros, agora que vibrava com o maa dos anciãos.

– São muitos, nem dá para contar. – Minha cauda tremeu nervosa. – A maioria está atrás de nós. Eles sabem que estamos na floresta,

mas ainda não sabem onde.

Tao suspirou.

– Odeio este lugar. Consegue sentir que ele meio que... sei lá, suga alguma coisa sua? – E abaixou a cabeça. – Nunca me senti tão triste.

Simmi olhou para ele.

– Não consigo parar de pensar em Mox.

Siffrin baixou o focinho.

– Sei bem o que quer dizer...

Os olhos de Haiki se voltaram para o espaço entre as árvores.

Espirais brancas se erguiam na poeira amarela.

– É a Raposa Branca.

Eu não gostava de admitir que sentia a mesma coisa. Uma tristeza silenciosa invadia meu coração. *Você nunca vai encontrar seu irmão, sussurrava ela. Não vai conseguir. O tempo da raposa livre passou.*

– Isla? – Haiki olhava para mim. Devia ter visto a aflição em minha expressão. – Não deixe que te domine.

Não é de verdade.

Andamos entre as árvores escuras. Cogumelos amarelos brotavam da terra podre. Seu aroma ácido fazia minha garganta arder.

Meu focinho enrugou. Senti cheiro de areia e terra doente.

– Tem alguma coisa lá na frente – avisei.

Haiki olhou para mim.

– Estamos chegando perto do Pântano Sem Fundo. É uma área que fazia parte dos Pântanos.

Olhei para Siffrin. Não foi lá que ele morou uma vez?

A raposa de pelo vermelho continuou andando de cabeça baixa.

Haiki prosseguiu:

– Quando entrarmos no pântano, andem devagar. Não parem, ou vão afundar. Aconteça o que acontecer, não corram.

– Não podemos contornar esse trecho? – sugeriu Simmi.

– O único caminho além desse atravessa a toca da Narral. – Suas orelhas estavam abaixadas. – Não tem como imaginar um grupo de raposas mais perigoso ou mais bem treinado em Foxcraft.

Inclinei a cabeça.

– Os anciãos. – Eles falavam por mim. *Somos mais perigosos.*

Somos os mestres da Foxcraft. Mas os anciãos estavam na Pedra.

Poderiam mesmo ajudar, mesmo aqui, tão longe de sua base de poder? O pelo nas minhas costas ficou em pé. – Não seria melhor atravessar o pântano correndo? Seria mais rápido.

Haiki virou-se e me encarou.

– *Não corra* – implorou. – Quanto mais você correr ou lutar, mais forte é o poder do lugar sobre seu gerra. Ele vai engolir você. O

pântano é como a barriga da Raposa Branca. Tem sede de você, do seu maa... Precisa confiar em mim agora, por favor.

– Como posso confiar em você? – As palavras escaparam como um ganido. *Pensei que fosse meu amigo.*

Os anciãos responderam: *Você não tem escolha.*

Minha cauda balançou com o desconforto. Minhas orelhas ficaram em pé. O estalo de um graveto, o barulho de patas.

– Os Dominados! Eles deram a volta. Estão vindo para cá... – Fiz um esforço para ouvir. Conseguia identificar os passos de seis raposas... sete... oito... Perdi a conta.

– Por aqui – disse Haiki.

Andamos depressa pela floresta até uma área onde havia menos árvores. O território adiante parecia comum. Pedrinhas cobriam o chão. Nuvens cinzentas escondiam o céu. Só o cheiro estranho de areia traía a proximidade do pântano.

– Não esqueçam – avisou Haiki. – Vocês têm que se mover devagar, mas não podem parar. Aconteça o que acontecer, não corram.

Olhamos uns para os outros.

Atravessar o pântano significava sair da área onde tínhamos cobertura.

– Venham atrás de mim – chamou Haiki. Pisamos no lodo. As patas dianteiras começaram a afundar, mas ele continuava em movimento, puxando cada pata com cuidado e colocando-a de novo na terra mole. A cauda pairava atrás dele. Passo a passo, Haiki avançava pelo pântano.

Siffrin foi atrás. O lodo grudou em suas patas, mas ele rangeu os dentes e foi em frente, mantendo as longas orelhas baixas, coladas à cabeça.

Simmi e Tao pararam ao meu lado e farejaram a lama.

Siffrin olhou para trás.

– Vocês não vêm?

Levantei as orelhas. Os passos dos Dominados se aproximavam.

– Vamos – cochichei. Simmi e Tao pisaram no pântano juntos.

Haiki e Siffrin foram os primeiros a chegar ao outro lado. Fiquei aliviada quando vi a raposa vermelha sair do lodo. Ele lambeu as patas com urgência, removendo a sujeira.

Simmi e Tao começaram a travessia, e pisei na lama com cuidado. A terra fria agarrou minhas patas. Senti que ela passava entre as almofadas. Era um toque ácido e, de perto, o cheiro era rançoso. Parecia queimar a pele embaixo do pelo.

Tive que fazer um esforço para não recuar. Fui em frente respirando devagar, avançando pelo pântano. Ia logo atrás de Simmi e Tao, sempre atenta aos Dominados. Ouvia o progresso do bando, suas patas pisando em gravetos no chão.

As raposas de olhos vermelhos surgiram entre as árvores.

Meu coração começou a bater mais depressa.

Não entre em pânico! Ande devagar.

– Atrás deles! – rosnou um dos Dominados.

Eles correram em nossa direção, uma muralha de raposas.

Não corra...

Eu me obriguei a ir devagar, mesmo quando os Dominados invadiram o pântano. Mesmo quando os dentes morderam o ar bem

perto da minha cauda.

– Tao, fique calmo! – implorou Simmi.

Olhei para a frente e vi a jovem raposa batendo com as patas dianteiras no lodo. Horrorizada, vi que ele começou a afundar.

– Respire devagar – falei. Lutando para manter a calma, fui me aproximando dele. A jovem raposa já mergulhava. Simmi puxava

seu pelo sem nenhum resultado, e o lodo já alcançava a altura de seu pescoço. Em um momento, ele seria engolido por inteiro.

– Olhe para mim! – ordenei.

Os olhos apavorados de Tao encontraram os meus. Olhei dentro deles, transferindo um raio de maa. Depois pisquei, e Tao arfou.

Respirou fundo e ergueu a cabeça. Movendo-se lentamente, levantou uma pata dianteira de cada vez e conseguiu apoiá-las na margem do pântano. Siffrin abocanhou a nuca da raposinha e o puxou como se fosse um filhote. Simmi saiu do lodo e parou ao lado do irmão.

– Por aqui, Isla – disse Haiki. Ele tentou me ajudar a sair, mas eu o empurrei, escorreguei de volta e perdi o equilíbrio. O abraço frio do pântano envolveu minha cauda. O pânico me invadiu. Soltei o ar bem devagar, lutando contra ele, e saí do pântano. Mas, antes de tirar completamente a cauda da lama mortal, senti que dentes rasgavam sua ponta. Com um latido assustado, eu a puxei para perto do corpo e olhei para o pântano. Um dos Dominados estava a bigodes de distância, movendo as patas no ar e tentando me alcançar. A lama ia envolvendo seu corpo. Uma raposa de olhos vermelhos avançava com dificuldade atrás dele.

– Não os deixe fugir! – latiu.

A raposa dominada que estava mais perto de nós começou a bater com as patas no lodo. Ele se aproximava da margem do pântano, mas não estava perto o suficiente para conseguir se apoiar.

– Não se agite – me ouvi dizer.

– Isla, temos que ir – disse Haiki. – Antes que um deles termine a travessia ou outros se aproximem. Por aqui, depressa!

Ouvi Haiki correndo na direção das árvores mortas e o barulho das patas dos outros, que já o seguiam.

Nem todos.

– Isla, você não pode ajudar essas raposas – disse Siffrin. Havia lodo em sua barriga e nos flancos. Uma gota respingou no brilhante

pelo vermelho embaixo de um olho. Ele ignorou, e continuou olhando para os Dominados no pântano. Sua expressão era de pavor. Eu me lembrei de como ele havia ficado em choque quando um dos Dominados caiu de um telhado no Grunhido. – Não pode ajudar – repetiu, dessa vez mais para si mesmo.

– Isla! Siffrin! – chamou Haiki lá na frente.

Nós nos viramos e corremos atrás dele. Não ficamos para ver o pântano engolindo suas vítimas.



As árvores do outro lado do pântano ficavam mais próximas umas das outras. Cipós finos desciam dos galhos sem folhas. Até o contato mais leve deixava um cheiro ácido no pelo.

Haiki avançava entre as árvores. Apesar de tudo, ele ainda andava com passos saltitantes. Tentei imaginar como ele era antes, quando estava com a família na Terra Baixa. *Despreocupado*.

Alguma coisa de sua antiga personalidade persistia na cauda em movimento.

– Como escapou? – perguntei de repente.

Haiki olhou para trás. Simmi, Tao e Siffrin pararam para olhar para nós.

Os olhos cinzentos estavam desconfiados.

– Como assim?

– Você estava espionando para o Mago. O que mudou? – Um arrepio de medo percorreu minhas costas. Minhas orelhas ficaram em pé. Mesmo agora, os Dominados estavam se aproximando? Isso era parte de uma armadilha?

Haiki recuou um passo.

– Na malinta, quando os Dominados invadiram a Pedra do Ancião...
– Ele abaixou a cabeça, balançando as orelhas. – Não consegui ficar para ver. Tentei fugir, mas Koch me alcançou. Ele debochou de mim. Disse que minha família estava morta havia

muito tempo. Então eu corri. Não sabia para onde estava indo ou o que faria. Só corri.

Simmi gritou de raiva e avançou nele. Pulou sobre suas costas e jogou Haiki no chão.

– Covarde! – disparou antes de cravar os dentes em seu pescoço.

Haiki se encolheu, sem fazer nada para reagir. – Você fugiu e deixou os Dominados atacarem. Deixou todos nós em perigo. Não avisou ninguém!

– Eu queria – choramingou ele. – Cheguei perto!

Simmi mordeu com força, e Haiki ganiu.

– Chega – interferiu Siffrin. Ele correu, jogou o corpo contra Simmi e a derrubou de cima de Haiki.

– Ele merece! – rosnou Simmi. – Merece coisa pior!

– Talvez – disse Siffrin. – Mas precisamos dele inteiro. Só ele sabe como encontrar o covil. – E encarou Haiki. – Mas, antes, tem algo que não entendo. Se você fugiu de Koch, por que está aqui de novo? Por que ficar na fronteira da Terratreva, onde pode ser pego?

Olhei diretamente para Haiki.

– Por que *está* aqui?

As orelhas de Haiki apontaram para os lados.

– Porque me senti muito mal com o que fiz. Queria ajudar de algum jeito. – E abaixou o focinho ao acrescentar: – E não tinha para onde ir.

A compaixão tremulou em meu pelo.

– Isso não é uma armadilha?

– Não. Não vou abandonar vocês. Não dessa vez... nunca mais. –

Ele abaixou a cabeça. – Pensei em me esconder para sempre. Mas os cogumelos amarelos estavam em todos os lugares, mais e mais a

cada dia. E percebi que não fazia diferença se você escolhia não lutar. Às vezes, você não tem escolha. Porque... porque raposas como o Mago não se importam com o que você quer fazer. – Ele ergueu a cabeça. Seus olhos estavam bem abertos. – Comecei a andar pela fronteira da Terratreva, esperando minha chance.

Siffrin ficou intrigado.

– Chance para quê?

– Para fazer alguma coisa certa – explicou Haiki em voz baixa.

Tao o encarava.

– Então, o Mago não sabe que você está aqui.

– Tenho certeza de que agora ele sabe – apontou Siffrin de um jeito ameaçador.

– Provavelmente... – A cauda de Haiki se aproximou de um lado do corpo. – Mas não estou trabalhando para ele. Não mais.

Movi uma pata. Se isso era verdade, o cinza estava assumindo um grande risco.

– Não tenho mais nada – declarou Haiki, baixinho. – Minha casa se foi, minha família está morta. Desapontei todo mundo...

Minhas orelhas se mexiam inquietas, para a frente e para trás, para a frente e para trás, como as de Métis. Eu tinha escutado alguma coisa? Minha cauda levantou-se de repente.

– Os Dominados estão por perto.

– Depressa – disse Haiki. – Pelo Bosque Petris. Não fica muito mais longe da árvore que chora.

– O que é o Bosque Petris? – perguntou Tao.

Haiki hesitou.

– As árvores são velhas, paralisadas pelo tempo em pedra marmorizada.

Siffrin ficou tenso.

– Já ouvi falar em árvores petrificadas. São mais velhas que a mais antiga toca de sem-pelos. Estavam aqui antes de a Raposa Branca tentar se apoderar do nosso mundo pela primeira vez.

Dizem que as sombras do passado permanecem entre os galhos como moscas em uma teia. Tem histórias de visões, aparições.

Haiki confirmou com um movimento de cabeça.

– Passei entre as árvores petrificadas sem sofrer nada, mas parece que encantamentos não me afetam. – Ele inclinou a cabeça. – Se virem alguma coisa estranha, é só lembrar que não é de verdade.

Minhas orelhas apontaram para trás.

– Ver o quê?

– Não sei, na verdade.

Eu queria ouvir mais, mas não tínhamos tempo. Já sentia os passos dos Dominados. Eles haviam farejado nosso cheiro.

Começamos a correr pela terra inclinada para baixo. A terra arenosa se espalhava embaixo de nossas patas. O cheiro de podridão invadia minhas narinas. O medo me inundava, e olhei em volta. Era tarde demais para fugir da Floresta Profunda?

Pensei em Pirie brincando no matão. Eu me lembrei de como corríamos um atrás do outro. Como ele reduzia... embora eu não tivesse nome para isso naquela época. Como eu praticava karak.

Não tinha como voltar atrás.

A escuridão ainda pairava sobre nós, descia dos galhos e dos cipós entrelaçados, mas, enquanto corremos encosta abaixo, eu via grandes objetos cinzentos. As árvores petrificadas apareceram altas e rígidas feitas de pedras. Mais de perto, consegui notar veios azuis riscando os troncos escuros.

O pelo arrepiou-se em minhas costas. Senti instantaneamente...

tinha algo estranho naquele lugar. Alguns passos adiante, vi Siffrin parar de repente e sua cauda eriçar. Simmi e Tao trocaram olhares receosos.

– Acho que é melhor escolher outro caminho – choramingou Tao.

Haiki já se movia por entre as árvores.

– É tarde demais para isso.

A poeira amarela flutuava em nossa direção. Eu ouvia o regougo dos Dominados.

Comecei a andar entre as árvores petrificadas.

Seus galhos eram quebrados e pontiagudos. Tudo era estagnado entre os troncos antigos. Abafado. Respirei fundo.

Farejei e olhei para cima. Nuvens cinzentas se moviam lá no alto.

Os outros haviam desaparecido. Eu estava sozinha.

– Siffrin? – chamei. Uma raposa se movia lá na frente. Consegui ver o contorno de seu corpo. – Haiki? – falei mais preocupada.

Um tremor de luz cinzenta. Uma cauda manchada de prata e ouro. Minha voz tremeu.

– Vovó? – Mas a raposa era pequena demais para ser adulta. –

Pirie...?

Ele olhou para mim de trás do tronco de veios azuis de uma árvore petrificada. Seus olhos eram dois globos de luz. Em seguida ele fugiu, correndo para a escuridão.

– Pirie, espere! – Comecei a correr. Ouvia seus movimentos em zigue-zague entre as árvores. Meus passos seguiam os dele. Cada pata caía instintivamente sobre a marca que a dele havia deixado no solo. Minha respiração era arfante. A grama alta puxava minhas pernas; olhei para trás e vi um lampejo da minha cauda manchada.

A cauda de Pirie.

Eu sou Pirie.

Isla estava escondida. Eu ouvia sua respiração, ela estava abaixada do outro lado da cerca. Farejei, passei a pata por baixo da madeira. Sentia o cheiro de seu pelo claro, percebia seu triunfo.

Imaginava a inclinação da cabeça, os bigodes distendidos.

Conhecia essa raposa como minha própria sombra.

Passei pela cerca provocando uma chuva de lascas de madeira.

Respirei fundo e estabilizei a mente. Em um instante, desapareci.

Fui me aproximando de Isla sem fazer barulho. Minha cauda tremia com a diversão. Mas, um momento depois, meu coração bateu nas costelas quando um pássaro guinchou lá em cima. O truque foi arruinado e perdi o equilíbrio.

O crocitar parou. Olhei para cima. Só então entendi. *Devia ter sido Isla.*

Ela estava ficando muito boa nisso! Corri, ganhando velocidade na direção dela.

– Chega! – pediu Isla.

– Não enquanto você não implorar misericórdia! – Pulei em cima dela. – Implore!

– Nunca! – reagiu ela.

– Fala! Fala, ou vai se arrepender!

– Vou me arrepender por quê?

– Por isso!

Cobri seus longos cílios com a língua. Lutamos e trocamos mordidas, depois ficamos deitados juntos até mamãe, papai e vovó voltarem ao matão. Quando eles saíram para mudar a caça de lugar, vovó olhou para mim. Ela não disse nada... nem precisava dizer.

Chega de Foxcraft. Era o que seus olhos escuros me diziam.

Fiz o possível para parecer inocente. *Foxcraft? Eu?*

Isla se afastou, foi mais para o fundo do matão. Vi sua cauda cor de gengibre flutuando sobre a relva. *Raposinha danada*, pensei, balançando a cauda. Bom, eu não podia criticá-la. Também não voltaria ao nosso território. Ainda não... Andei até a cerca quebrada onde havia corrido atrás de Isla. Sei que prometi à vovó, mas um pouco de treino não faria mal. Quando tive certeza de que estava sozinho, fechei os olhos. Respirei fundo, e meu coração bateu mais devagar. Minha mente ficou prateada. Um calor conhecido fluiu pelas patas. Abri os olhos e fiquei de queixo caído. Cores giravam sobre mim. Eu já as tinha visto antes, mas não desse jeito. Dourado em violeta e verde. Eu era o motivo dessas cores tão bonitas? Nem o pôr do sol era capaz de competir com elas.

Pensei no aviso de vovó.

Nunca se sabe quem está observando.

Culpado, soltei o ar. As cores se dissolveram, primeiro em arco-íris, depois em nuvens. Quando sumiram, senti uma mudança. Um frio intenso cobriu meus pelos.

O vento está ficando mais forte. E vem misturado com rio e gelo.

O cheiro amargo de ácido. Patas se movendo ao longo da cerca.

A silhueta escura de raposas contra o vermelho do pôr do sol. Elas andavam de cabeça baixa, com a mandíbula tensa. A raposa na frente era enorme. Suas pernas grossas a levavam para o galho caído que marcava a entrada do nosso território.

– As cores de seu maa estavam bem perto – rosnou a raposa. –

O território deve ser por aqui. Encontrem o filhote!

Vi horrorizado quando elas passaram por cima do galho e entraram no meu território. Mamãe, papai e vovó estavam lá? O que as raposas fariam? Olhei para o matão. Tinha que avisar Isla. Mas corri pela grama e não a encontrei.

Uma voz aguda me fez parar.

– Ali!

Eu me virei para trás. O macho que havia falado estava a poucos passos de mim. Outros o seguiam. Todos tinham os olhos cheios de veias contornados por um círculo vermelho. Um cheiro estranho se desprendia do pelo das raposas.

– O que vocês querem? – murmurei.

Elas não responderam. Retraíram os lábios, e vi uma espuma verde recobrendo seus dentes.

O terror me invadiu. Eu me virei e corri para a noite.

Corri às cegas, movendo-me entre as árvores de veios azuis até elas darem lugar a cipós negros que formavam um arco.

Karka e os Dominados vieram... e era culpa de Pirie!

Bati em alguma coisa sólida.

– Cuidado! – gritou Simmi.

Levantei a cabeça e pisquei. Poeira amarela pairava entre as árvores, vindo em nossa direção. Lá no alto, o céu nublado não traía o murmúrio das Luzes de Canista. Tentei respirar.

– A lembrança... uma lembrança de Pirie. Os Dominados chegando em nosso território. Ele fugiu. – Balancei a cabeça. – Mas eu sei que ele foi pego e trazido para cá.

– Pensei na primeira vez que nadamos no riacho – disse Simmi. –

Eu, Tao e Mox, que era tão pequeno... Dexa e Mips não queriam

que ele nadasse, mas Mox insistiu. Foi muito divertido. – Ela enrolou a cauda de um lado do corpo. – Tinha me esquecido disso.

Haiki se aproximou de nós.

– Está tudo bem? – Ele inclinou a cabeça. – Vocês se lembraram de coisas tristes?

– Tem sorte por não ser afetado por isso – falei em voz baixa, enquanto Tao saía do meio das árvores petrificadas e corria para Simmi.

– Eu me lembrei de coisas que tinha esquecido que aconteceram!

– ele contou apressado. – Nadar no riacho...

– O jeito como a água esfriava o pelo e o sol na margem –
completou Simmi.

Tao a encarou, fascinado.

– Tivemos a mesma lembrança!

Eu nem prestava atenção ao que eles diziam, porque estava revendo a lembrança de Pirie. Métis não havia entendido como a Narral sabia sobre os dons de Pirie. Vovó o avisou para não brincar com Foxcraft.

– Ah, Pirie... – suspirei. – Por que não ouviu a vovó?

Ele nunca teve a intenção de fazer mal a alguém. Nem imaginava.

Como um filhote pode entender as brutalidades deste mundo? Ele só queria aventura.

Métis... A voz dele era mais alta que a dos outros anciãos em meus pensamentos.

Não culpe Pirie. Ele não criou os Dominados. Nada disso é culpa dele.

Abaixei o focinho.

– Não sei o que fazer – sussurrei.

Não perca tempo... é isso que Keevney quer. Nesse momento, seu exército de raposas subjugadas se aproxima. Não consegue sentir? Logo vai ser tarde demais.

Levantei a cabeça, minhas orelhas balançavam para a frente e para trás, para a frente e para trás. Métis estava certo! Os

Dominados se aproximavam. Senti as patas batendo na terra lá na frente, e outras atrás de nós.

– Temos que ir. Onde está Siffrin?

– Aqui! – respondeu ele. Movia-se depressa pela poeira amarela, mas seu olhar estava perturbado.

– O que aconteceu?

Ele balançou a cabeça.

– Nada.

A ponta da minha cauda tremeu. Ele parecia atormentado.

– O que viu lá atrás?

– Nada – repetiu. – Busquei minhas lembranças, queria ver alguma coisa de minha mãe, dos meus irmãos. Só vi escuridão.

Eu queria confortá-lo, mas não tínhamos tempo.

– Os Dominados estão perto.

– A árvore que chora fica mais à frente – disse Haiki. – Não estamos longe.

Há Dominados lá na frente.

Eu sentia a presença deles, o cheiro azedo do pelo. Quase podia ver seus olhos mortos em mim. Mas o que mais podíamos fazer? Os Dominados vinham de todas as direções, invadindo a Floresta Profunda.

– Temos que chegar à árvore casca de sangue antes deles! – O

maa dos anciãos circulava em mim. Eu podia correr mais que os Dominados, mas e os outros? Eu me lembrei de como tinha reduzido com Farraclaw. Pensar nele trouxe a lembrança da caçada.

Uma só criatura, um só coração...

– Fiquem perto de mim! – ordenei. Simmi e Tao estavam ao meu lado, Haiki estava na minha frente e Siffrin, atrás de mim. Estendi meu maa como um manto prateado, envolvendo-os com seu poder.

Nossas patas pisavam em galhos partidos, as pernas passavam por cima de cogumelos amarelos. Enquanto a aurora vibrava embaixo da terra, a poeira do Mago sibilava pela Terratreva.

Cinco pares de patas, cinco caudas flutuando. Cinco pares de orelhas pontudas.

Mas éramos mais.

Éramos o poder da matilha, a respiração do Bishar. Eu os conhecia, e eles a mim. Sentia a ligação entre Simmi e Tao.

Percebia a insegurança por trás da forte vontade de Siffrin. Tocava o desespero do coração frágil de Haiki.

Não precisei perguntar qual era o caminho. Podia vê-lo claramente através dos pensamentos de Haiki.

Entre cipós pegajosos, sob samambaias e heras, por cima de raízes tortas e espinheiros, até as árvores curvas que se dividiam para revelar uma árvore gigantesca. Corremos para ela em uma velocidade tão alta que batemos em sua casca chorona e nos separamos, outra vez cinco raposas.

– Como você fez isso? – perguntou Tao, arfante.

A cauda de Simmi balançava depressa.

– Você encontrou! – exclamou Siffrin, atônito.

Haiki latiu de alegria.

Mas eu não conseguia comemorar. Minhas orelhas ouviam mais, minha visão enxergava mais fundo. Projetei os sentidos em pashanda e senti uma brisa gelada que cortava a Terratreva. *Os Dominados estão perto, ela me disse. Os Dominados vêm vindo.*

Os Dominados estão aqui.



22

– Comecem a cavar! – Minha voz era um rosnado baixo. – Agora!

Simmi e Tao olharam para mim. A cauda de Haiki caiu. Apenas Siffrin entrou em ação imediatamente, atirando-se ao chão embaixo da árvore casca de sangue. Ele removia a terra com as patas.

– Os Dominados! – lati, e me juntei a Siffrin embaixo da grande árvore. – Temos que achar o esconderijo! Muitas raposas foram subjugadas. Deve ser um grande monte de pelos.

Isso foi o suficiente para arrancar Simmi e Tao do estado de confusão. Eles correram para baixo da árvore e começaram a cavar.

Haiki continuava quieto, com a cabeça inclinada e as orelhas baixas.

– Não quer ajudar? – estourei. – Ainda não sabe de que lado está? – Chutei a terra. Não conseguia ver a expressão de Haiki, mas deduzi a aflição que passava por ela. Virei a cabeça, e nossos olhos se encontraram. – Para libertar os Dominados, precisamos desenterrar o pelo deles. Devem estar embaixo dos pelos brancos da ponta das caudas da Narral.

– É assim que ele faz isso? – Os olhos marrons de Haiki brilhavam. – Estou do seu lado – acrescentou em voz baixa.

Pisquei e voltei a cavar embaixo da árvore casca de sangue.

Haiki começou a cavar.

Regougos interromperam o silêncio da floresta. Levantei a cabeça. Havia silhuetas entre os troncos negros. Rabos compridos e orelhas pontudas.

Dei um pulo e fiquei em pé.

– Simmi, Tao, não parem! Lembrem, deve haver dois conjuntos de pelos, e o de baixo tem que ser muito maior. Quando encontrarem, sussurrem: “Corram depressa, fiquem seguros, vivam livres.” O mais depressa possível! – Eu me recusava a pensar no tamanho desse subjugo. Isso realmente podia dar certo?

O que faríamos se não funcionasse?

Simmi e Tao voltaram a trabalhar na trincheira, cavando furiosamente. Tinham perdido mãe e pai para o exército macabro do Mago... eu sabia o que isso significava para eles. Meus olhos vasculharam a floresta escura. A poeira amarela ficava mais densa.

Flutuava no ar, misturando-se à névoa.

Os Dominados seguiam em movimento. Como sombras, eles apareceram entre as árvores. Eu nunca tinha visto tantos, mesmo na

Pedra do Anciã. O contorno de muitas orelhas pontudas se desenhava na floresta. Eram uma legião, um exército, e nós éramos apenas cinco. A neblina tremulou e formou um arco, aproximando-se e dispersando em ondas aflitivas.

Embaixo do chiado sufocante da poeira do Mago, senti o chamado da aurora.

– Siffrin, me ajude a impedir que eles se aproximem.

A raposa de pelo vermelho correu para perto de mim. Ouvi o murmúrio de sua voz.

– Sou o pelo que cobre suas costas. Sou o torcer e tremer de sua cauda. Deixe-me aparecer na forma de seu corpo: ninguém vai perceber; os outros vão temer; a chegar perto não vão se atrever!

Siffrin saltou para a frente. Ainda no ar, girou o corpo, uma mancha de pelos e luz violeta. E caiu no chão da floresta na forma de um cachorro selvagem. Seus músculos se contraíram sob a pele rígida e o pelo castanho. Seu focinho estava redondo, áspero e molhado. Com um rosnado, ele mostrou os dentes enormes.

Os Dominados pararam amedrontados. Alguns ganiram e puxaram a cauda para perto do corpo.

– Cachorro! – latiu um deles, recuando. – Tem um cachorro aqui!

Siffrin correu na direção deles, e o bando dispersou. Depois, os olhos deles começaram a brilhar. Mais um momento, e os Dominados se reuniam novamente. Havia terror nas caudas baixas e nas orelhas caídas.

– O Mago está controlando as raposas – cochichei. – Não vai permitir que elas fujam. – Sempre desconfiei de que o Mago observava tudo, mas agora, cercada por raposas subjugadas, tive

certeza disso. Estávamos no território dele, como ratos correndo pelo campo de caça de um gato. Ele nunca nos deixaria escapar.

Quatro Dominados avançaram em Siffrin. Joguei a cabaça para trás e, usando karak, imitei os uivos de coiotes. As raposas apavoradas recuaram, batendo umas nas outras, e Siffrin reduziu.

Ele reapareceu embaixo de uma árvore, ainda na forma do cachorro castanho.

Mas os Dominados se aproximavam em número cada vez maior.

Dezenas de raposas de olhos vermelhos andando lado a lado. Eu me virei e avistei outras se aproximando da árvore casca de sangue, muito perto de onde Simmi e Tao cavavam feito loucos. Eu não tentava usar wa'akkir desde que imitei a grande ave... desde que mergulhei no Rio Furioso.

Tentei acalmar meu coração disparado.

– Sou o pelo que cobre suas costas. Sou o torcer e tremer de sua cauda. Deixe-me aparecer na forma de seu corpo: ninguém vai perceber; os outros vão temer; a chegar perto não vão se atrever. –

E acrescentei só para mim: – Eu sou Isla. Estou mudando. Eu sou o Rei Farraclaw Mandíbula-Valente. – Um raio de maa correu por meu corpo com tanta força que perdi o equilíbrio e quase caí no chão da floresta. Minhas patas dianteiras latejavam. Olhei para baixo... elas estavam enormes. Pelo branco salpicado de cinza. Meu corpo pulsava poderoso.

– Afastem-se! – rosnei, andando na direção das raposas subjugadas.

Elas recuaram se atropelando. Mas, um instante depois, retomaram a formação, cravando os olhos vermelhos em Simmi e Tao.

– Lá está! – gritou Haiki. Ele passou entre os dois e revelou uma bola de pelos brancos. – Isla, e agora?

A esperança me invadiu como um raio.

– Continuem cavando! – lati. – Precisam encontrar o pelo dos Dominados!

Uma das raposas subjugadas se ergueu sobre as patas traseiras e saltou sobre Haiki. Simmi estava mais perto. Ela se chocou contra o ombro da raposa e a derrubou no chão. Haiki voltou ao esconderijo e continuou cavando furiosamente. Um momento depois, Tao estava ao seu lado. Eu os perdi de vista embaixo da chuva de terra. Além dela, vi Simmi outra vez. Seus lábios se moviam recitando um encantamento, e ela começou a reduzir. Só consegui ver os limites de uma pata quando ela se jogou contra um dos atacantes assustados. A confusão explodia entre os Dominados, mas eles continuavam avançando, mais e mais raposas de olhos vermelhos. Do outro lado da árvore de casca vermelha, elas dominavam Siffrin. Vi quando ele resistiu e saltou, transformando-se em diferentes cachorros, reduzindo e usando karak, mas era uma batalha cada vez mais difícil. Havia muitos Dominados.

Uma raposa escura olhou para mim. Vi a luz tremular em seus olhos de contorno vermelho. Inesperadamente, fui invadida por um anseio muito forte. Era como se a voz de muitas raposas se erguesse com medo e confusão, penetrando em meus pensamentos.

Ajude-nos!

Liberte-nos!

Traga-nos de volta!

Então eu vi... a gigantesca bola de pelos brancos e longos entre os dentes de Haiki. Ele a depositou entre as patas.

– O cântico! – lati. – Recite em cima dos pelos, várias vezes.

A voz de Tao tremia.

– Corram depressa, fiquem seguros, vivam livres!

Haiki repetiu as palavras, parado sobre as bolas de pelo.

– Corram depressa, fiquem seguros, vivam livres!

Nada acontecia.

Ouvi Siffrin gritar, e meu coração deu um pulo. Eu não conseguia mais vê-lo no meio de tantas cabeças de Dominados. Elas se dirigiam à árvore casca de sangue com uma determinação sinistra.

A poeira amarela se ergueu na floresta. Na minha frente, ouvi dentes mordendo o ar. Um dos Dominados tinha se atrevido a chegar mais perto e se esforçava para morder minha perna. Outros o acompanhavam e mostravam os dentes. Uma parede de raposas de olhos vermelhos nos cercou.

Repeti o karak e imitei gritos de coiole. Os Dominados pararam por um instante, mas continuaram avançando em seguida. Tinham formado um círculo em torno da árvore casca de sangue.

Não desperdice maa com wa'akkir! Era a voz de Métis.

O Anciã estava certo. Meu disfarce não serviria para afastá-los.

– Eu sou o Rei Farracław Mandíbula-Valente. Estou mudando. Eu sou Isla. – Com um espasmo, voltei à minha forma original e me esquivei da pata de uma raposa.

Simmi e Tao repetiam o cântico.

– Corram depressa, fiquem seguros, vivam livres!

Em silêncio, eu repetia as palavras. *Corram depressa, fiquem seguros, vivam livres.* A voz dos anciãos se juntou ao meu pensamento. *Corram depressa, fiquem seguros, vivam livres.*

Senti a dor de um lado do corpo. Um dos Dominados havia atacado, cerrado os dentes em torno da minha perna. Outro estendia as patas para minhas costas. Girei a tempo de ver os dentes amarelos quando ela se lançou sobre minha garganta.

Fechei os olhos com força e, tomada pelo terror, senti que ela me tirava do chão.

De repente, ela me soltou, e eu caí com um baque. Criei coragem para abrir os olhos e vi que a raposa estava deitada de lado. A outra largou minha perna e recuou cambaleando. Com cuidado, fui me levantando. Os Dominados estavam em todos os lugares, uma massa de raposas, mas o contorno vermelho desaparecia de seus olhos. Algumas tremiam, caindo no chão da floresta. Outras estavam em pé e imóveis, com as orelhas levantadas em choque.

Haiki correu para mim.

– Isla, você está bem?

Atrás dele, Tao estava boquiaberto. Simmi tremulava, voltando da redução.

– Eles estão mudando – anunciei, devagar.

Olhei para o bolo de pelos embaixo da árvore casca de sangue.

Tinha desaparecido.

Alguma coisa estava acontecendo com a árvore. A casca tremia, abria-se em sulcos profundos que formavam um contorno conhecido, a marca da rosa quebrada, o mesmo sinal que os Dominados exibiam nas patas dianteiras. A seiva vermelha da árvore

escorria pelos sulcos das pétalas da rosa. A casca se moveu e engoliu todos os traços da marca. O último fio de seiva vermelha secou no tronco e desapareceu.

– Eles estão livres – falei, admirada.

Dezenas de raposas piscavam na floresta escura, olhando para as próprias patas e umas para as outras com expressão chocada.

Uma fêmea estreitou os olhos para o macho ao lado dela.

– Aril? Aril, é você?

Ele piscava para a fêmea.

– É, acho que esse é meu nome. – E sacudiu o pelo. – Eu me perdi... – Ele lambeu o focinho. – Nirap? – As duas raposas encostaram os focinhos. Caudas hesitantes começaram a se mover.

O exército de atacantes havia se transformado em uma multidão de raposas confusas. Algumas andavam em choque entre as

árvores. Outras respiravam arfantes, absorvendo grandes porções de ar.

Uma fêmea marrom e branca olhava em volta, virando a cabeça com curiosidade.

– Que lugar é este?

– É a Terratreva – respondi. – A Floresta Profunda. O Mago manteve você prisioneira, escravizada. Ele roubou sua vontade, mas agora você está livre. Pode ir para casa.

– Posso ir para casa – repetiu ela, maravilhada. Seus olhos buscaram a marca da rosa, que ainda existia em uma pata dianteira, uma lembrança permanente de tudo o que havia sofrido.

– Podemos ir para casa! – gritou outro Dominado.

O entusiasmo vibrou entre as raposas libertadas.

Elas começaram a se dispersar, a correr entre as árvores. Eu as via correr e esperava que conseguissem... que muitas delas ainda tivessem bandos para os quais voltar. Esperava que, de algum modo, juntassem os fragmentos da vida que um dia haviam conhecido.

– Mãe! – arfou Simmi. Ela passou por mim a caminho de um dos Dominados. Reconheci uma raposa de focinho pontudo e cauda fina e vermelha. Quando Simmi e Tao se jogaram contra ela e a morderam com carinho, foi como se Karo derretesse e voltasse a si, como um riacho no degelo.

– Meus filhotes – disse ela, surpresa. – Pensei que nunca mais veria vocês.

– Karo? – Flint cambaleou na direção deles. As quatro raposas se juntaram, emocionadas por estarem reunidas outra vez.

Desviei o olhar. Não era um momento meu.

Pensei em Pirie. Com os Dominados livres, era hora de entrar no Covil do Mago. Eu sentia a aurora pulsando embaixo de minhas patas, pressionando a sufocante poeira amarela.

– Siffrin? – chamei.

Ele se aproximou de mim mancando, protegendo uma pata traseira. Notei manchas de sangue.

– Está machucado!

Ele olhou para trás. A poeira amarela se aglomerava em nós cor de mostarda. A névoa branca se desdobrava, espalhando-se em faixas longas como garras. Uma coloração acinzentada tocava o céu.

– É quase crepúsculo.

Abaixei a cabeça depressa em sinal de compreensão.

– Precisa de maa-sharm?

Siffrin baixou os olhos.

– Estou bem – respondeu, tenso.

Haiki estava atrás de mim. Tinha assistido em espanto silencioso enquanto os Dominados recobravam a consciência.

– Não sabia que isso podia acontecer – resmungou, rompendo o silêncio. – Não sabia que eles podiam voltar.

– Eu voltei – comentou Siffrin, e olhou para a velha cicatriz na pata dianteira.

– Temos que ir por ali, pelas árvores? – perguntei. – Em direção à neblina?

– Sim – respondeu Haiki. – Se tem certeza de que quer ir ao covil.

– Sua voz se tornou um sussurro. – Dizem que o Mago é invencível.

Ele... – As palavras morreram em sua boca. No mesmo instante, senti o cheiro de outras raposas. Quase uma dezena.

Koch surgiu na névoa amarela, cercado pelo restante da Narral.

As raposas libertadas que ainda estavam em volta da árvore casca de sangue recuaram, aterrorizadas. Várias fugiram, outras começaram a uivar e tremer.

Koch olhou para Siffrin, que estava mais afastado. Depois, olhou para mim e para Haiki.

– Como *se atrevem* a libertar o exército do Mago? Vocês não tinham esse direito. – Os Narral atrás dele mudaram de forma, transformando-se em coiotes. Mais raposas gritaram de pavor e

fugiram. Apenas Koch mantinha sua forma, e farejava o ar com o focinho embotado. O pelo castanho e engordurado continuava liso.

De algum jeito, isso o fazia parecer ainda mais sinistro... uma raposa liderando uma matilha de coiotes.

O medo pulsava em meu peito. O grupo deles era mais numeroso. E eles também eram superiores em Foxcraft.

Perceberiam qualquer arte que eu tentasse; eles se antecipariam a qualquer movimento que eu fizesse. Mesmo com o maa dos anciãos, eu sabia que não podia vencê-los.

Koch avançou de surpresa. Abri a boca, mas não disse nada, nenhuma palavra.

Pirie! , pensei, desesperada.

Mas foi Haiki quem pulou na frente de Koch.

– Você matou minha família! – gritou. – Não vou deixar que você machuque Isla!

Os olhos de Koch cintilaram verdes.

– Ah, não vai?

Haiki tremia, as orelhas pequeninas apontadas para trás. Mas ele não recuava.

– Vão ter que me matar primeiro.

Koch atacou sem aviso, pulando em cima de Haiki. E o jogou no chão com violência. Poeira amarela os cercava. Uma confusão de

patas cinzentas. Jatos de terra. O estalar de ossos.

A Narral recuou. Tinha sangue em sua boca. Foi tudo muito rápido, um piscar de olhos.

– O plano sempre foi esse – disse ele.

Sob a sufocante poeira amarela, Haiki estava deitado de lado. A espiral de maa, o cheiro forte no ar, e ele se foi.



23

Uivei e saltei.

– Sou o pelo que cobre suas costas. Sou o torcer e tremer de sua cauda... – Quando caí em cima de Koch, minhas patas estendidas eram as de um cachorro preto. Rolamos no chão em meio à poeira.

Koch tentou morder minha orelha.

– Raposinha boba, não pode me derrotar!

O maa pulsava dentro de mim.

– Não posso? – Eu o joguei na terra com força, reduzi e pulei, caindo sobre seu peito e mordendo um ombro. Senti o gosto de sangue. Ele rosnou furioso e me jogou longe. No instante seguinte, estávamos em pé, frente a frente.

Eu consigo. Eu posso derrotá-lo.

Minha cauda estava esticada. Siffrin corria para perto de mim.

Pelo canto do olho, vi uma raposa Narral impedi-lo de passar, ainda na forma de um coiote. Eles começaram a lutar. Simmi e Tao enfrentavam outros dois atacantes, e contavam com o apoio de Flint, Karo e mais algumas raposas libertadas.

Mas outras libertadas corriam para defender o Narral. As que passaram muito tempo subjugadas, as que tinham os olhos cobertos de secreção e a boca cheia de saliva, sinais do mal que haviam sofrido. Elas se voltaram contra Simmi e Tao e as raposas que tentavam protegê-los. Embaixo dos galhos retorcidos, o caos

reinava enquanto raposas libertadas se voltavam umas contra as outras.

Coiotes se aproximavam de mim. Eles me olhavam com os olhos flamejantes da Narral.

O focinho de Koch se contorceu com desdém.

– Não esperava uma luta justa, não é? – Ele me bateu com uma pata, me derrubou e interrompeu o wa’akkir. Voltei a ser uma pequena raposa lutando contra um grupo mais numeroso e mais preparado.

Um rugido profundo ecoou na floresta. A poeira amarela se retraiu. Um eco de uivos seguiu o primeiro rugido. Cada um deles transmitia a voz poderosa de um lobo. Poderia ser mais um truque do Mago? Os lobos estavam realmente ali?

– Farraclaw! – gritei.

Um retumbar de patas, e eles apareceram, os lobos da neve liderados pelo Rei Farraclaw. Ele olhou rapidamente para a cena.

Poderoso e destemido, avançou contra a Narral. Coiotes voltaram a ser raposas, criaturas pequenas diante dos enormes lobos. Vi Norralclaw e Rattisclaw, Briarclaw e Lyrinclaw.

– Não confiem na Foxcraft! – latiu Norralclaw. – Farejem e cacem cada um deles!

Os lobos não perderam tempo: atacaram a Narral antes que as raposas tivessem tempo para usar karak ou redução, jogando-as no chão. Raposas libertadas entraram em pânico, batendo umas nas outras e correndo em círculos.

Farraclaw atacou Koch. A raposa arfou apavorada quando o lobo cerrou os dentes em sua garganta. Uma sacudida e ele estava morto, a cabeça pendendo do pescoço quebrado.

Mais um instante, e Farraclaw estava ao meu lado.

– Isla, você está machucada?

Afundi a cabeça em seu pelo desalinhado.

– Você veio! Mas é Véspera do Maha...

– Eu estava errado – disse ele com ar solene. – Coloquei a tradição acima da amizade. – E me afagou com o focinho. – Nossos ancestrais teriam entendido.

Levantei a cabeça e olhei em seus olhos de luar.

Cattisclaw e Lop correram para nós. Lop se curvou na minha frente.

– Isla! Você está bem!

Aninhada entre os lobos, absorvi sua confiança e força.

Então vi o céu entre os galhos. As nuvens se afastavam, revelando faixas cinzentas.

– A aurora está quase no auge! – lati, alarmada. Dei um pulo e fiquei em pé. – Se a Raposa Branca despertar, nunca a derrotaremos. Preciso chegar ao Covil do Mago. Só podemos deter a Raposa Branca matando o Mago.

– Por aqui! – chamou Siffrin. Ele já mancava na direção das árvores. Os lobos ainda cercavam a Narral, conduzindo-os como se fossem o bisão e jogando-os no chão. Vi Thistleclaw jogar um Narral de pelo marrom para cima e olhei para o lado, sacudida por um tremor. Algumas raposas libertadas brigavam entre elas, rolando na poeira amarela. Mas a maioria dos antigos Dominados já havia fugido.

Quando passei por Koch, vi o corpo de Haiki caído em uma poça de sangue. Tarde demais, eu me lembrei das palavras de Mika.

A ajuda vem de lugares inesperados. Reconheça a bondade pelo que é.

A tristeza me invadiu. Às vezes, boas raposas fazem más escolhas. Em um mundo perigoso, qualquer um está sujeito a isso.

Engoli o choro e falei para Simmi e Tao:

– Fiquem aqui até a batalha acabar.

Flint e Karo tinham afugentado uma das raposas libertadas que lutava pela Narral. Elas já estavam muito mais parecidas com o que eram antes. Não havia saliva no canto da boca, e seus olhos

estavam limpos e brilhantes. Olhavam assustadas para Cattisclaw, que tinha derrotado um membro da Narral.

– Não tenham medo dos lobos – pedi. – Eles estão aqui para ajudar. Vejam se as outras raposas libertadas estão bem... e se sabem como fugir da floresta. Elas não devem correr no pântano. –

Minhas orelhas apontaram para a frente. – Bem-vindas de volta –

acrescentei em voz baixa.

Enquanto corria pela Floresta Profunda, eu escutava o uivo dos lobos e os gritos de morte dos últimos membros da Narral.

Mas, na medida em que seguimos pela poeira amarela sufocante em direção às espirais de névoa branca, um silêncio sinistro se impunha. Ecos de gerra-sharm surgiam em minha mente. Pirie tinha passado por essa floresta com o coração disparado de medo.

Estou encrocado, Isla. Há sombras aqui e árvores com galhos que prendem feito garras.

Siffrin mancava ao meu lado e rangia os dentes. Eu queria dividir meu maa, mas entendia por que ele recusara a oferta. Como saber o que enfrentaríamos? Atrás de nós, Farraclaw, Lop e Cattisclaw andavam sem pressa. Mesmo com a floresta cada vez mais emaranhada à nossa volta, eu me sentia mais segura com eles.

A poeira invadia nosso caminho, subindo até a altura da minha barriga. Quando fragmentos alcançaram minha garganta, fiz um esforço para continuar respirando.

Falta pouco, disse a mim mesma.

Entre troncos escuros de árvores, vi um arco de espinheiros retorcidos. Uma nuvem de poeira saiu dele, e eu tossi, recuando alguns passos. Olhei para Siffrin.

– É a entrada do covil – sussurrou ele.

Além do arco de espinhos havia uma espiral de grandes pedras vermelhas da altura da copa das árvores. O vão sob o arco era pouco maior que eu. Andei em volta das pedras, farejando e tossindo. Não havia nenhuma fresta entre elas. A névoa branca subia bem acima de nossa cabeça. Ela crescia, tomando forma. Em

um momento, era só fiapos aleatórios. No outro vi grandes orelhas, um focinho, uma cauda. Uma luz pálida tocava os limites da floresta.

O pulsar da aurora agarrava minhas patas.

O tempo estava acabando.

Corri para perto dos outros.

– Não tem outra entrada. – Olhei para Siffrin. – Temos que ir sozinhos.

Farraclaw bateu uma grande pata no chão.

– Não podem fazer isso!

Fui tocar o focinho dos lobos com o meu.

– Não teríamos passado pela Narral sem vocês. Voltamos logo. –

E passei por baixo dos espinhos antes que Farraclaw pudesse me impedir.

Senti Siffrin logo atrás de mim, passando pelo emaranhado de galhos espinhentos. A poeira amarela nos envolveu. Senti que ela entrava nas minhas narinas. Era difícil respirar em suas garras ácidas. Meu coração começou a bater muito depressa, *cá-tump, cá-*

tump.

Sabe reduzir, não sabe? Era a voz de Métis. Ele estava certo! Eu não precisava respirar a poeira. Forcei meu coração a bater mais devagar, inspirei profundamente e prenda a respiração.

Cá-tump, cá-tump.

Eu não pensaria em quanto tempo poderia ficar sem respirar, no que o veneno da poeira amarela poderia causar... Já sentia suas garras

tentando alcançar meus pensamentos. *Seja parte de alguma coisa, Isla, alguma coisa maior que você. Ofereça seu maa pelo bem de sua espécie. Uma nova ordem está chegando. Curve-se ao domínio da Raposa Branca.*

Levantei o queixo. *Uma raposa não tem governante.*

Isso é o que nos diferencia dos coiotes de pelo castanho, dos cachorros do Grunhido que serviam aos sem-pelo. Foi o que nos fez diferentes de nossos primos lobos. Nem rei, nem escravos, nem raposa-servo. Todos iguais sob as Luzes de Canista.

As pedras vermelhas se fecharam sobre nossa cabeça formando um túnel baixo. Eu andava às cegas. A poeira do Mago ardia em meus olhos. O pulsar da aurora tinha deixado minhas patas, mas eu o sentia através dos anciãos quando o sangue pulsava atrás de minhas orelhas. A aurora estava dentro de mim.

Muito bem, disse Métis. Eu sabia que estava certo sobre você.

Não era muito, mas me deu força. Fui invadida por uma onda de sentimento pela velha raposa. Um desejo intenso de terminar o que ele havia começado.

Um gemido ecoou em meio à poeira e eu hesitei, lembrando os horrores do Vale Fantasma. Mas, além dele, senti uma atração muito fraca. Como se uma parte minha estivesse enterrada na terrível neblina amarela. Uma parte perdida havia muito tempo.

Um gemido sufocado atrás de mim.

– Siffrin?

A voz dele era entrecortada.

– Não consigo respirar!

Eu me virei desajeitada no espaço apertado. A poeira era tão densa que eu mal conseguia vê-lo. Cheguei mais perto, o suficiente para nossos focinhos se tocarem e os bigodes dele roçarem nos meus. Piscando várias vezes, consegui enxergar o contorno preto dos olhos cor de âmbar. Senti seu desespero ofegante.

Uma descarga de maa ocorreu entre nós. Uma onda de calor.

– Obrigado – murmurou ele.

Eu me virei novamente para a poeira amarela, lembrando o brilho âmbar do céu. A poeira densa sufocava meus sentidos. Mas um cheiro familiar lutava contra ela, um odor provocante e próximo. O

gemido do Mago confundia meus pensamentos, enquanto o pulsar da aurora me incentivava a seguir em frente.

De repente, a poeira amarela baixou. O túnel se abriu em uma caverna de pedra vermelha e teto arredondado. No centro, havia um buraco por onde era possível ver o céu. Névoa branca flutuava além dele, dançava e se dividia.

Sentada embaixo desse buraco havia uma raposa de olhos azuis e ácidos.

Meu focinho franziu.

– Onde está meu irmão?

A raposa se levantou. Notei que, em vez de cauda, havia um toco roído, amputado antes do começo dos pelos brancos. Uma raposa capaz de fazer aquilo a si mesma não hesitaria em aleijar outras.

Engoli o pavor.

– Seu irmão está longe.

Meu coração afundou. A poeira amarela se deslocou e eu cambaleei, tonta com o encantamento sombrio.

– É mentira – rosnou Siffrin. – Olhe ali!

Espiei além da névoa em movimento. Consegui ver a silhueta de cinco jovens raposas. Meu gerra saltou na direção delas. *Pirie, é você?*

Não tive resposta.

– Longe de todas as maneiras que importam – disse o Mago. Ele deu um passo à frente. Um raio de luz atravessou a névoa e se escondeu atrás de um manto de nuvens. A aurora pulsava em meus ouvidos.

Siffrin se aproximou dele.

– Seu terror chegou ao fim, *Keevney*. Os Dominados foram libertados, a Narral foi morta pelos lobos. Não sobrou ninguém para lutar por você. – Ele usou o nome real do Mago, o que me fez lembrar que era só uma raposa. Siffrin deu um salto impressionante, já com os dentes à mostra. Ele voou na direção do Mago, que estendeu as patas. Apesar de quase nem tocar a raposa de pelo vermelho, Siffrin parou no meio do salto, no ar, e suas pernas sofreram um espasmo violento. Como se fosse atingido por uma força imensa, ele bateu nas pedras vermelhas e caiu no chão.

– Siffrin! – gritei, e corri para ajudá-lo. Ele respirava ofegante, tossindo sangue.

Eu me virei para o Mago. Ele havia se aproximado um passo.

Mantinha o focinho baixo, e seus olhos azuis brilhavam ameaçadores.

– Os escravos ou a Narral, nada disso importa... É tarde demais para nos deter.

Névoa branca o envolvia, apagando o contorno das orelhas pontudas.

Siffrin ficou em pé.

– Eu vou lutar contra ele – sussurrou. Seus olhos estavam cravados no Mago, mas as palavras abafadas eram só para mim. –

Liberte Pirie... *vá.*

Reuni o maa dos anciãos e corri junto da parede. Siffrin avançava novamente contra o Mago. Enquanto a raposa de olhos azuis estava distraída, contornei a névoa. Ela assobiava em minhas orelhas. Ouvi Siffrin gritar, mas era um som distante. Perto da parede mais afastada, quatro jovens raposas olhavam para a frente sem realmente enxergar nada.

Ali no meio havia uma que eu tinha visto em minhas lembranças.

As manchas douradas, cinzentas, amarelas e brancas.

Meu coração batia forte contra as costelas.

– Pirie! – lati, tocando seu focinho. Ele olhava para a frente, um olhar desfocado. Sua respiração era lenta, mas a mente estava em outro lugar. Bati nele com a pata. – O que está acontecendo com você?

Pirie não respondeu. Como as outras jovens raposas, seus olhos estavam vazios. Farejei o pelo manchado, mas não encontrei nenhum ferimento.

Senti os anciãos pressionando a névoa. Ela expulsava os pensamentos deles dos meus. Com muita concentração, ouvi uma palavra.

Pakkara...

É claro! Eu tinha visto Métis usar Foxcraft em Farraclaw. O Mago tinha posto Pirie e as outras jovens raposas em transe. Isso as

deixava sem poder para resistir quando ele sugava sua fonte de vida com tu-maa-sharm.

O cântico de reversão dançava na ponta da minha língua.

Através da névoa, ouvi Siffrin latir.

– Isla, cuidado!

O Mago saltou na minha direção. Consegui desviar. Siffrin pulou nas costas dele, cravando as unhas nos ombros da raposa.

Uma unha...

É claro, era isso! Eu me concentrei em Pirie.

– Quando sentir minha unha gentil, não estará mais em transe. –

Toquei o focinho dele.

Pirie estremeceu. Seu focinho tremeu, os olhos piscaram.

– Isla! Não era um sonho, então...

Meu coração explodiu de alegria.

– Você está vivo!

Siffrin gritou:

– A luz está quase vermelha!

Destruam Keevney antes de a luz de fogo da aurora encontrar as pedras vermelhas. Se Falharem, a Raposa Branca despertará.

Eu tinha muita coisa para dizer, mas não havia tempo. Corri para as outras raposas jovens, repetindo o cântico, tocando cada uma delas com a unha. Quando todas retornaram à vida, voltei para perto de Siffrin. Era pior do que eu temia. Mesmo através da névoa, vi que ele estava gravemente ferido. O sangue jorrava de ferimentos profundos. Ele arrastava a perna machucada... talvez estivesse quebrada.

– Não consigo tocar nele! – gritou ele.

O Mago se preparava para atacar outra vez. Pelo andar cambaleante da raposa vermelha, eu sabia que Siffrin não sobreviveria a outro ataque. Cortando a névoa, saltei sobre o Mago.

Por um momento, voei livre como um pássaro. Depois me choquei contra uma força poderosa. Senti o amarelo de seu toque me empurrando de volta ao chão.

Era difícil respirar.

Levante-se, Isla! Os anciãos falavam como um só. A primeira luz está chegando. Não há mais tempo!

Olhei pra cima, e minha barriga se contraiu. Negas vermelhas cortavam o manto cinza. O sol se punha no dia mais longo.

– Leve as raposas para fora! – lati. – Leve-as para Farraclaw.

– Não vou deixar você aqui – disse Siffrin. – Temos que matar o Mago!

Você não pode. Vai morrer tentando.

A voz de Pirie em minha cabeça. Ele se movia pelas pedras vermelhas, conduzindo as outras jovens raposas.

– Por favor – implorei a Siffrin. Eu já tinha perdido demais... não o perderia também. Eu me levantei sobre as patas sentindo a força do maa. – Estou com os anciãos. Você precisa confiar em mim. – Ele havia me pedido a mesma coisa uma vez, que eu confiasse nele quando tinha perdido toda a minha fé.

Seus olhos cor de âmbar encontraram os meus. Ele hesitou por um momento, paralisado pela indecisão. Depois se virou e se afastou arrastando a perna machucada.

– Por aqui! – latiu, guiando as raposas de olhos arregalados para fora do túnel. O alívio me invadiu. Eles conseguiriam escapar? Se a Raposa Branca despertasse, estariam seguros?

Se ela despertar, nenhum de nós vai estar seguro. Era Métis se manifestando em meus pensamentos. *Você tem que deter Keevney.*

Eu sei que pode.

O Mago deu outro passo em minha direção. A névoa se movia em torno dele como um pelo mutante. Busquei a sabedoria dos anciãos.

Como o Mago podia ter um maa tão forte? Como eu poderia combater uma força tão imparável?

A voz que respondeu não era dos anciãos. *Eles agem juntos.*

– Pirie? – Olhei para trás. Ele não tinha ido com os outros. Estava atrás de mim, quase perto o bastante para eu poder tocá-lo. Mas

falava em silêncio, dentro dos meus pensamentos. Com o pakkara interrompido, não podia mais ser ouvido.

Pensei no que ele disse.

Eles agem juntos. Ele e a Raposa Branca.

Pensei no que Jana dissera a Métis na Pedra do Ancião.

Keevney é mestre do subjugo, foi atraído pela forte sedução dessa arte.

Nesse momento, eu soube o que Pirie queria dizer. O Mago tinha se subjugado à Raposa Branca.

Sim, disse Métis. Deve ser isso! Por isso não consegue tocar nele. Precisa romper o elo entre eles.

– Não posso! – gritei. Como o Mago havia se subjugado a uma coisa que nem era real? Como a Foxcraft podia ser desfeita?

Senti Pirie em meus pensamentos. *Use seu maa!*

Lá no alto, a luz escarlate cintilava pela abertura da caverna, passeando pelas pedras vermelhas. A névoa branca ganhava vida.

Apavorada, vi o Mago crescer. Seu corpo se fundiu à névoa. Juntos, eles incharam, explodindo em minha direção, transbordando pelo buraco no teto. Ergueram-se no ar feito uma raposa gigantesca.

Agora!, uma voz gritou.

A voz de Pirie. A voz de Métis. A canção dos anciãos subjugados, juntos.

Saltei sobre o Mago... a forma sólida sob a névoa. Com um tranco, fiz contato e o empurrei para fora do raio de luz. Com meu corpo, bloqueei o sol poente que tocava a terra fria. Mas não consegui impedir, não completamente... uma lâmina de luz vermelha ainda escapava. O gemido na caverna se transformou em um grito, o pulsar da aurora abafando meus sentidos.

A Raposa Branca despertava, um fantasma retorcido.

Um baque ao meu lado. O pelo mais suave. A luz desapareceu.

Um estrondo se ergueu da terra. As grandes pedras vermelhas começaram a tremer. Senti a força da Raposa Branca, a profundidade de sua ambição ávida, implacável. Ela nos atacava,

mas resistíamos com firmeza. Seu grito ecoava no pulsar de nosso coração. A voz sem corpo arfava contra nosso maa. A terra se abriu sob nós com uma explosão de calor. Projetei meu maa à nossa volta como um manto, senti a força prateada dos anciãos correndo em mim, me protegendo e guardando a raposa ao meu lado. Reunidos, nossos corações batiam como um só.

Cá-tump, cá-tump.

Flamas explodiram pela caverna. O crepitar e o chiado do fogo se sobrepunham à aurora. O Mago corria com o corpo iluminado, uma confusão de pelo vermelho e queimando. A terra balançou em sua escuridão enquanto fumaça escurecia o mundo. Cores sangravam do olho em meus pensamentos. O gemido do Mago foi varrido para longe, até que só restasse o pulsar da aurora entrando no ritmo de nosso coração.

Quando a fumaça se dissipou, a caverna estava vazia. Não restava nenhum sinal do Mago ou da Raposa Branca. Éramos apenas nós dois cobertos de cinzas.

Eu e Pirie... finalmente juntos.



Métis estava morto. Senti quando meu maa se desligou dos anciãos... o apagar de uma luz radiante. Com perseverança, ele lutou e cedeu a força que ainda tinha para repelir a Raposa Branca.

Cumpriu a promessa de me guiar até meu irmão. Não foi como ele queria, mas Métis fez sua parte. Eu esperava que, no fim, ele tivesse encontrado a paz.

Fomos nos juntar aos outros na árvore casca de sangue na Floresta Profunda. Farraclaw, Lop e Cattisclaw esperaram ali com mais alguns lobos. Siffrin estava lá com Simmi e Tao, Flint e Karo.

Algumas raposas libertadas também ficaram. Receberam os quatro que conseguiram escapar do Covil do Mago. Liro, Shri e Zilla. E

Pirie... meu irmão.

A Raposa Branca se foi. Imaginei esse nó de matéria, um emaranhado de sonhos frustrados, contorcendo-se no ar além do sol.

Não sobrou nem sinal do Mago. O fogo que explodiu na caverna o varreu da vida. Sua poeira sufocante não existia mais. O ar na floresta era mais leve. Finalmente, eu conseguia respirar direito.

Dormimos durante todo o longo dia que seguiu a aurora, encolhidos sobre a terra como filhotes ao lado da mãe, sentindo seu pulsar confortante. Os lobos cercavam as raposas e as protegiam, apesar de a ameaça da Raposa Branca ter desaparecido. Mesmo assim, dormi mais profundamente por causa da presença deles.

Na manhã seguinte, acordamos com a energia renovada.

Caminhamos juntos até o limite da Terratreva, onde as árvores ainda se atreviam a florescer. Bebemos sedentos do riacho sinuoso.

Pirie apoiou a cabeça em meu ombro.

– Eu sabia que você viria. Mesmo quando implorei para ficar longe. Você nunca foi obediente.

Mordi Pirie de leve.

– Nenhum de nós é.

Ele olhou além de mim, e suas orelhas viraram para trás.

Lamentei imediatamente minhas palavras. Pirie estava pensando em nosso tempo no Grunhido? Se ele tivesse ouvido a vovó, Karka nunca teria encontrado nossa toca. Ele estava só brincando... era apenas um filhote. Não havia criado os Dominados. Não tinha se subjugado à Raposa Branca. Métis estava certo... não era culpa dele.

Cutuquei Pirie com o focinho.

– Agora sei reduzir – contei, corajosa. Por um momento, sumi e apareci de novo.

– Exibida! – Ele me bateu com uma pata. No movimento de sua cauda manchada, vi o Pirie que conheci antes, meu irmão travesso, leal e carinhoso.

Siffrin ainda mancava, mas os ferimentos estavam cicatrizando.

Ofereci maa-sharm, e dessa vez ele não recusou. Agora era só o meu maa... o subjugo com os anciãos havia terminado... mas era o suficiente. Nunca me senti mais próxima da raposa de pelo vermelho. Enquanto Pirie descansava ao lado de Farraclaw, eu lambia o sangue seco do pelo de Siffrin. A marca da rosa quebrada ainda estava lá, meio escondida embaixo dos pelos.

Olhei para ele.

– Eu me enganei sobre você, Siffrin. Você me desculpa?

– Não tem por que se desculpar. – Ele inclinou a cabeça. –

Espero que finalmente saiba que sou seu amigo.

Toquei seu focinho.

– Talvez possa ser mais – falei, atrevida.

Seus olhos cor de âmbar brilharam iluminados.

– Eu gostaria muito, Isla. – Ele enroscou a cauda na minha e meu coração bateu mais forte.

Estudei sua expressão.

– O que você viu embaixo das árvores petrís? – Ele parecia assombrado. Que lembrança os antigos galhos compartilharam com a raposa de pelo vermelho? O que o perturbou tanto?

Siffrin balançou a cabeça lentamente.

– Senti que voltava ao meu tempo de filhote. Vi os Pântanos como eram, os tufos de grama e as poças d'água. Senti o perfume das flores flutuantes. Mas depois... – Ele balançou a cabeça. – Nada. Foi isso que me perturbou. As lembranças sumiram. O Mago as roubou quando tomou minha vontade. – Siffrin olhou para as patas. – Sou uma raposa sem passado.

Eu não suportava vê-lo triste.

– Vermelho – falei em voz baixa. E me concentrei. – O pelo de sua mãe. O vermelho mais intenso que já vi. Ela era bonita.

Como você.

Siffrin levantou a cabeça.

– Ela te amava muito – continuei. – Amava todos vocês. Os seis!

Lindos filhotinhos. Seu pai tinha morrido e ela cuidava de vocês sozinha. E conseguia. Era uma excelente caçadora.

Siffrin abiu a boca devagar.

– Seis... – Seus olhos se arregalaram com a surpresa. – Eu os sinto. Sinto o calor deles. – E olhou para mim. – Ela cuidava de nós com muita dedicação. Pegava esquilos... eu me lembro dos esquilos! – Sua cauda começou a balançar. – Isla, como você soube?

– Eu vi no maa-sharm no Grunhido. Depois da luta contra os Dominados, você me curou. Eu me perdi em visões. Na época, não entendi o que via, mas agora entendo. Vi suas lembranças...

estavam escondidas dentro de você o tempo todo.

O crepúsculo descia sobre a margem do riacho. Era ali que nos separaríamos de nossos amigos. Simmi e Tao voltariam para a antiga campina com Karo, Flint e Liro. Não seria a mesma coisa, mas, com o tempo, o bando cresceria. Imaginei a pradaria em flor, vi a área cheia de filhotes. Quase podia sentir o pelo marrom e fofo e ver os pequenos correndo perto das urtigas.

Algumas raposas libertadas voltariam às tocas abandonadas, que tomariam de volta da Terratreva. Essas terras um dia foram verdes e vibrantes. Poderiam voltar a ser. Pensar na Terrabrava Baixa me fez lembrar de Haiki, e a tristeza derrubou minha cauda. Eu não tinha raiva da raposa de pelo cinza, não agora, quando o entendia melhor.

Os lobos voltariam à Terraneve. Farraclaw se aproximou de mim acompanhado por Cattisclaw e Lop. Meu coração bateu cheio de carinho por eles.

– Sempre vai ter um lugar para você em nosso Bishar – disse Farraclaw.

– Por favor, venha – pediu Lop. – Logo vai ter muitas flores até no Vale da Tempestade, e as lebres da montanha estarão por lá saltitando. Você seria feliz com os lobos.

Eu me aninhei entre Farraclaw e Lop, me perdi por um momento em meio aos pelos densos. Sentiria saudade deles mais que de qualquer coisa.

– É hora de construirmos um novo bando – anunciei. – Longe daqui, e longe dos sem-pelo.

– Não vão voltar para a Terracinza? – perguntou Simmi.

Olhei para Pirie.

– Não tem nada lá para nós.

Ele se aproximou de mim.

– Vamos atrás do sol nascente – disse. – Meu pai falava de terras perto do mar, um lugar onde tem coelhos enormes e belos vales.

Queremos ver como é.

– Eu também vou – disse Siffrin. – E Shri e Zilla. Vamos encontrar um novo território, formar um novo bando. – Sua cauda bonita se aproximou, tocando a ponta da minha.

Lop olhou para Siffrin com uma expressão compreensiva, depois para mim. Ele balançou o rabo de um jeito curioso e desviei o olhar, subitamente acanhada.

Farraclaw suspirou.

– Vamos uivar com os outros para os nossos ancestrais. Vamos fazer os ritos para os que já partiram. – Ele baixou a cabeça. – Pela amizade. Pela honra. Para sempre.

Olhei para ele agradecida. Imaginei mamãe, papai e vovó, os corpos ágeis e os olhos brilhantes. Uma raposa não tem rituais, nem ritos nem lamentos. Mas me confortava saber que os lobos manteriam nossos mortos em seus pensamentos. Em algum lugar, em uma terra de gelo e fogo, a memória de minha família viveria.

O sol se punha em uma espiral de tons de rosa e vermelho. Sob sua luz cada vez mais fraca, nós nos despedimos. Simmi e Tao seguiram para o oeste com a mãe, o pai e Liro. As outras raposas libertadas foram para o sul. Os lobos foram para o norte. Quando eles já desapareciam de vista, ouvi os uivos. O poder de seu maa viajava entre as árvores. Tive a esperança de que, na esteira de seus passos, brotos verdes despertassem na Terratreva. Botões de flores poderiam se formar nos galhos curvos.

– Vamos – chamou Pirie. Sua cauda balançava. – Temos um longo caminho pela frente, e aqueles coelhos gigantes estão esperando!

Siffrin correu atrás dele, ainda mancando por causa da perna machucada. Mesmo assim, ele ainda era elegante. Shri e Zilla começaram a andar com animação. Éramos todos muito jovens, pouco mais que filhotes, mas filhotes que tinham visto o suficiente para o resto da vida.

Correríamos pela noite. A jornada nos levaria longe, mas não muito. Na próxima malinta, eu voltaria à Pedra do Ancião. Agora tinha um dever, um papel que nunca deixaria de cumprir.

O riacho havia lavado as cinzas do pelo de Pirie, mas o meu se transformou para sempre. Porque, quando saí das ruínas do Covil do Mago, meu pelo tinha se tingido de preto.

As outras raposas me olharam fascinadas. Os lobos se entreolharam. E eu me contorci, examinando os pelos negros que cobriam minhas costas e desciam pela cauda. Só a ponta permanecia branca.

– Você é a nova Raposa Negra – Siffrin havia anunciado, surpreso. –
Você é a raposa da lenda.

Jovem e saída do Grunhido. Quase nem fazia sentido. Mas Métis
soube antes de todos os outros... Métis tocou meu maa com o dele.

As outras raposas corriam lá na frente. Parei, ouvi a música da noite,
minhas orelhas balançaram para a frente e para trás. Ouvi o canto
das cigarras. O pio de uma coruja. O murmúrio distante da terra.

O sol deixava em seu lugar o manto negro do céu. As Luzes de
Canista brilhavam sobre a Terrabrava. Lobos e raposas, desde a
Terraneve até o Grunhido, lutavam pela sobrevivência sob as
mesmas estrelas brilhantes. Pensei em Métis, que havia acreditado
tanto em mim. Que dera a vida por nossa espécie.

– Adeus, velho amigo – sussurrei. – Corra depressa, fique seguro,
viva livre.



FOXCRAFT



GLOSSÁRIO

KARAK

Imitar o som de outras criaturas. A técnica permite que a raposa “lance” sua voz para que pareça que vem de outro lugar. Usada para atrair a presa ou confundir predadores.

REDUÇÃO

Acalmar a respiração e a mente para criar a ilusão de invisibilidade.

Presas e predadores ficam temporariamente desorientados. Usado para evitar captura.

WA'AKKIR

Transformar a forma em outra criatura. O uso equivocado de wa'akkir pode causar prejuízos ou morte. A prática é submetida a rituais e ritos que são guardados pelos anciãos.

MAA-SHARM

Maa é a energia e a essência de todas as coisas vivas. Maa-sharm transfere maa de uma raposa para outra. A magia é usada para curar raposas debilitadas ou feridas.

GERRA-SHARM



Gerra é o centro de pensamento de todas as coisas vivas – a mente. Gerra-sharm permite que raposas dividam seus pensamentos. É uma Foxcraft rara – uma arte esquecida – e pode ser realizada apenas por raposas que tenham uma intensa e intuitiva ligação.

SUBJUGAR

O entrelaçar de mentes (gerra) com outra criatura. Subjugo é para a mente o que wa'akkir é para o corpo. Sua prática é perigosa, porque o mais forte pode dominar o mais fraco.

PASHANDA

Um estado de transe em que o conhecimento é invocado dos ventos. Usado para sentir a aproximação de amigos ou inimigos.

SHAN-SHARM

A fusão de vontades para tecer o shan. Usado pelos anciãos para proteger a Pedra do Ancião durante a malinta e a aurora.

FOXCRAFTS REVERSAS

KIA-SHARM

Reversão da shan-sharm. Um poderoso campo de maa atrai vítimas e as prende. Também é chamado de tu-shan-sharm.

PAKKARA

Reversão da pashanda. Um transe é imposto que deixa o outro impotente.



TU-MAA-SHARM

Reversão do maa-sharm. O maa é sugado do corpo de uma vítima relutante.

TERMOS

BISHAR

Um título misterioso usado por lobos da neve para descrever suas alcateias. As raposas conhecem pouco sobre essas criaturas e seus modos de vida.

RAPOSA NEGRA

Mestre supremo da Foxcraft. Um título honorário dado à mais sábia raposa – existe apenas uma Raposa Negra em cada época. E ela, macho ou fêmea, tradicionalmente faz parte dos anciãos.

LUZES DE CANISTA

Uma constelação de estrelas que é a base do maa de uma raposa.

CANAL DA MORTE

Também chamado de rio da morte. São as ruas, mas para as raposas parece a mais mortal armadilha dos sem-pelo.

ANCIÃOS

Uma sociedade secreta de raposas dedicada a manter a Foxlore e a Foxcraft vivas. Cada Ancião é mestre de um tipo particular de Foxcraft – enquanto a Raposa Negra é mestre de todos eles.

FOXCRAFT

Habilidades de astúcia e esperteza conhecidas apenas pelas raposas. São usadas em caças e para escapar dos sem-pelo.

Apenas raposas especiais dominam as artes mais avançadas, como wa'akkir.





FOXLORE

O esforço antigo das raposas para sobreviver em meio aos tormentos causados pelos sem-pelo é capturado em histórias de resistência contra todos os esforços para domesticar ou destruir a raposa. Essa tradição diferencia as raposas de outros filhotes de Canista. Raposas entendem cachorros e lobos apenas em termos de traição. De um lado, cachorros são escravos dos sem-pelo; do outro, lobos são selvagens que uivam para deuses ameaçadores.

Raposas ficam no meio deles, respondendo a ninguém além delas mesmas.

GERRA

O centro de pensamento de todas as coisas vivas – a mente.

AURORA

A aurora ocorre entre o crepúsculo e o amanhecer nos dias mais longo e mais curto do ano. Um tempo de grande magia.

MAA

A energia e a essência de todas as coisas vivas.

MALINTA

A malinta acontece duas vezes por ano, quando o dia e a noite têm a mesma duração. Um tempo de magia.

LUGARES

TERRACINZA

A cidade. Também chamada de Grande Grunhido. Cheia de esmagadores, cachorros e muitos outros perigos.

TERRABRAVA



O campo, onde muitas raposas vivem, incluindo os anciãos. O pai de Isla é daqui.

TERRANEVE

Os gélidos reinos do norte onde os lobos da neve vivem caçando em alcateias conhecidas como Bishars.



AGRADECIMENTOS

Corri com as raposas por vários anos incríveis e sou grata àqueles que dividiram essa jornada comigo.

Primeiro e acima de tudo, gostaria de agradecer aos meus editores, Zachary Clark, Abigail McAden e Samantha Smith na Scholastic –

pelas descobertas, pelo incentivo e pelos melhores presentes de raposa que a internet tem para oferecer.

Obrigada ao Team Fox na Blair Partnership, inclusive (mas não só) Neil Blair, Josephine Hayes, Jessica Maslen, Georgie Mellor e minha fabulosa agente Zoe King.

Gratidão sincera à minha família: meu filho Amitai Fraser Iserles, a luz de nossas vidas, que compartilha da nossa paixão pelas histórias desde muito novo; minha alma gêmea, Peter Fraser, por sempre ter tempo; minha irmã, Tali Iserles, por ser a leitora mais entusiasmada e atenta que eu poderia ter esperado encontrar; minha mãe, Dganit Iserles, pela paciência, pelo apoio e pelos bolos maravilhosos que faz; e meu pai, Ariele Iserles, meu oráculo e conselheiro supremo para cada livro que escrevo.

Minha gratidão a Priscilla Barrett por seu olhar preciso e pela compreensão singular do comportamento canídeo; Naomi O'Higgins e Richard Mansell por estarem presentes desde o início; e ao Charlotte Street Group pela camaradagem entre escritores. Minha mais profunda gratidão a cada leitor que dedicou seu tempo a escrever, tuitar ou se fantasiar de raposa para o World Book Day – seu apoio significa tudo para mim.

Minha amiga Lee Weatherly foi minha "gêmea de trilogia" durante todo o processo de criação de Foxcraft. Lee: você me ajudou a comemorar os pontos altos e me animou nos tempos de dúvida.

Obrigada do fundo do meu coração.

Finalmente, quero agradecer às raposas de Myddleton Square.

Uma noite, durante o crepúsculo, eu saí do meu antigo apartamento em Londres e fui recebida por uma magnífica raposa vermelha. Ela olhou para mim com seus olhos cor de âmbar. *Venha*, seu olhar me

dizia. *Venha viver uma aventura...* Depois, virou-se e correu pela rua.

Eu fui atrás dela.

Inbali Iserles, outono de 2017

Título original

FOXCRAFT

THE MAGE

Book Three

Copyright do texto e ilustrações © 2017 *by* Inbali Iserles Arte do mapa *by* Jared Blando

O direito de Inabli Iserles de ser identificada como autora e ilustradora desta obra foi assegurado por ela.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada em sistema ou transmitida sob qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou de outro modo, sem autorização escrita do editor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Direitos para a língua portuguesa reservados

com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar

Passeio Corporate – Torre 1

20031-040 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

preparação de originais

JULIANA WERNECK

Coordenação digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

CECÍLIA CAVALCANTI

Edição digital: março, 2020.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

I76f

Iserles, Inbali

Foxcraft [recurso eletrônico] : o mago / Inbali Iserles ; tradução
Débora Isidoro. - 1.

ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2020.

recurso digital

Tradução de: Foxcraft : the mage

ISBN 978-85-7980-487-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil israelense. 3. Livros eletrônicos.
I. Isidoro, Débora. II. Título.

19-62149

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(569.4)

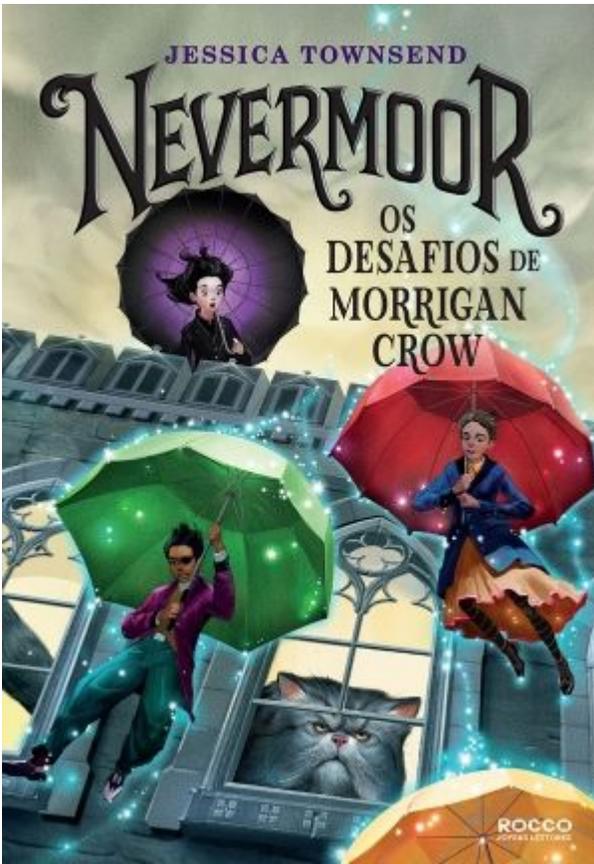
O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



A AUTORA

INBALI ISERLES é uma autora premiada e uma intensa adoradora de animais. Ela faz parte do time de autores por trás da série *Survivors*, best-seller do *The New York Times*, que escreveu sob o pseudônimo de Erin Hunter. Seu primeiro livro, *The Tygrine Cat*, venceu o prêmio Calderdale Children's Books of the Year na Inglaterra.

Inbali mora em Cambridge, Inglaterra, com sua família, incluindo seu principal mascote de escrita, Michi, que parece uma raposa-do-ártico e age como um gato, mas na verdade é um cachorro.



Nevermoor

Townsend, Jessica

9788579804687

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coleção Aventuras Encantadas

Nascida no Escurecer, o pior dia para uma criança nascer, Morrigan é considerada culpada por todos os infortúnios de sua cidade – de tempestades de granizo a ataques cardíacos – e, o que é pior, a maldição a condena a morrer à meia-noite de seu décimo primeiro aniversário.

Mas, enquanto Morrigan aguarda seu destino, um homem estranho e extraordinário chamado Jupiter North aparece. Perseguidos por cães de fumaça e sombrios caçadores montados a cavalo, ele a leva para a segurança de uma cidade secreta e mágica: Nevermoor.

É lá que ela descobre que Jupiter a escolheu para ter um lugar na mais prestigiada organização da cidade: a Sociedade Fabulosa.

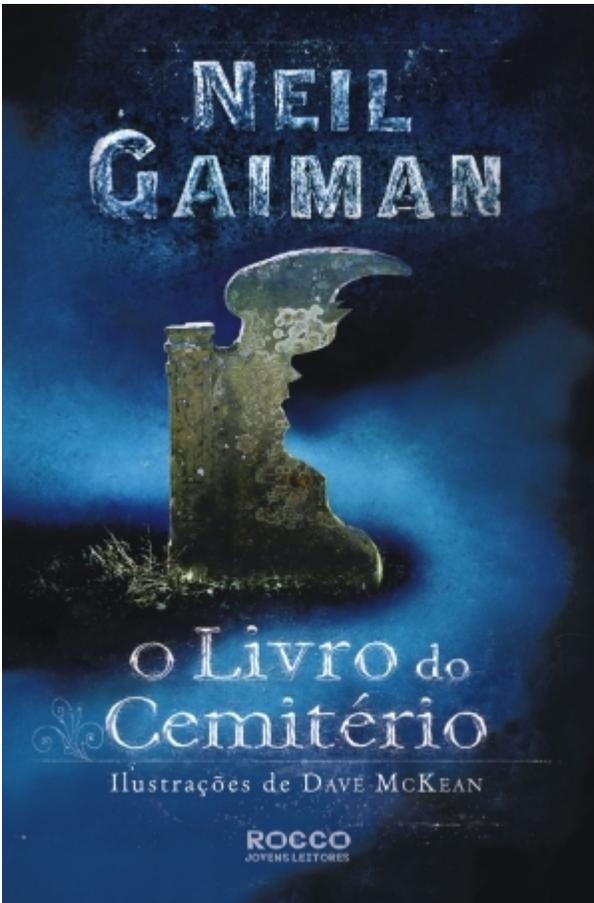
Mas, para isso acontecer e ela ficar em segurança em Nevermoor para sempre, Morrigan terá que passar por quatro difíceis e perigosos desafios contra centenas de outras crianças, cada uma com um grande e extraordinário talento. Talento esse que Morrigan insiste em acreditar que não tem.

Perfeito para fãs de Harry Potter e Neil Gaiman, essa história tem um novo olhar mágico que vai conquistar uma nova geração de leitores, um mundo que atrai da primeira até a última palavra.

Nevermoor: Os desafios de Morrigan Crow é o primeiro livro da série **Nevermoor** e está sendo adaptado para o cinema pela 20th Century

Fox.

[Compre agora e leia](#)



O livro do cemitério

Gaiman, Neil

9788579804182

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coleção Phobos

Ganhador da medalha Newbery (2009), do Prêmio Hugo de Melhor Romance (2009), do Locus Award de Melhor Romance Juvenil (2009) e da Medalha Carnegie (2010).

Enquanto seus pais e irmã são impiedosamente assassinados por um misterioso homem chamado Jack, um bebê consegue escapar de seu berço e se aventurar pelo mundo. Uma série de coincidências, aliada a uma grande dose de sorte, salva o pequeno de ter um destino tão trágico quanto o de sua família.

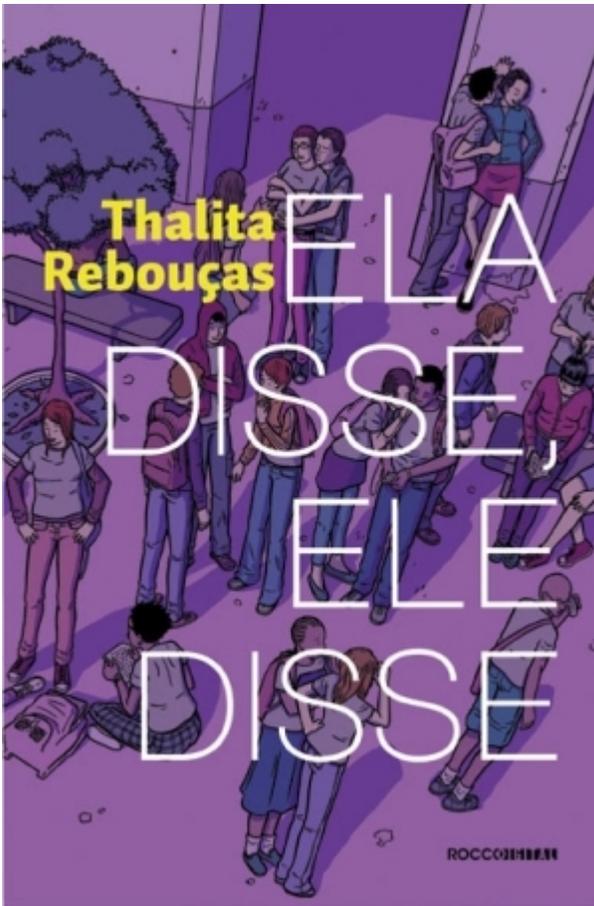
Com um começo sombrio e violento, diferente do seu habitual, o escritor inglês provoca arrepios no leitor. A história do bebê sortudo e fujão começa quando ele chega à rua e sobe a colina em direção ao velho cemitério. Ele é perseguido pelo assassino de seus familiares. Já dentro do cemitério o neném conhece os habitantes do local. Fantasmas de outras épocas que vivem em suas covas e mausoléus e que por circunstâncias do destino são forçados a adotar e batizar o bebê, agora chamado de Ninguém Owens, o Nin, para salvá-lo do seu perseguidor.

Ninguém passa a viver no cemitério da colina, adotado por um simpático casal de fantasmas e amado pelos outros moradores do lugar. Um misterioso morador, Silas, assume a responsabilidade de ser o guardião do garoto. Único vivo que mora no cemitério, apesar dos seus hábitos nortunos e habilidades fantásticas, ele é o

responsável por trazer comida, livros e tudo que o garoto precisa do mundo terreno dito "normal".

Com ternura e talento, Gaiman narra as aventuras de Ninguém pelos caminhos do cemitério, desde um pequeno bebê até um jovem adolescente. Mas mesmo depois de todo este tempo a sombra do seu perseguidor ainda paira sobre o jovem. E o destino caminha para um embate final entre os dois, quando Ninguém descobre muito mais do que esperava sobre o mundo e as pessoas.

[Compre agora e leia](#)



Ela disse, Ele disse

Rebouças, Thalita

9788564126695

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coleção Rosa-Choque. Diversão e confusões no cotidiano das meninas.

Primeiro dia numa escola nova é sempre complicado: a gente se sente um peixe fora d'água. Enquanto todos os outros alunos são (ou ao menos parecem ser) melhores amigos de infância, os novatos

ficam pelos cantos, sem jeito, pensando em qual seria a melhor tática de aproximação.

Alternando as vozes de Rosa e Leo, ambos adolescentes de 14

anos novos no mesmo colégio, *Ela disse, ele disse* é um divertido romance que mostra como meninos e meninas podem sentir as mesmas coisas, mas pensar e agir de modo muito diferente.

Mas apesar de todas as diferenças, os olhares desses dois filhos únicos de pais separados insistem em se cruzar desde o primeiro dia de aula na escola Dinâmica. Ele foi logo puxando conversa com ela, deslocada no canto da sala. "Ai, que fofo!", pensa Rosa, já certa de que Leo, além de muito educado, estava superinteressado nela; mas tão rápido e descolado quanto demonstra ser para se aproximar, não pensa duas vezes antes de dar as costas à garota e se juntar à ala masculina da turma para integrar o time de futebol na hora do recreio. "Garotos... humpf!".

Para Leo, no entanto, tudo é muito simples: "Tinha uma carteira vazia perto da janela e fui direto para lá. Para evitar ficar calado e com cara de desentrosado, puxei logo papo com uma menina que

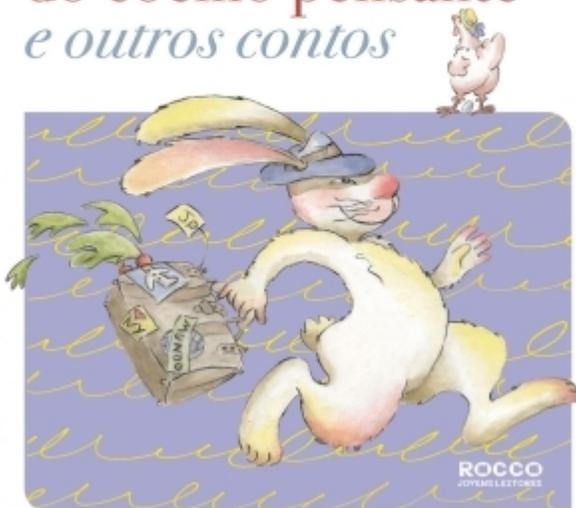
parecia estar sozinha". E quanto ao convite para o futebol, bem, existe outra resposta possível para um garoto neste caso a não ser um objetivo e certo "Tô dentro"? "No vestiário, depois da pelada, eu já me sentia parte do grupo", revela.

Abordando temas como amizade, bullying, respeito às regras e a relação entre pais e filhos, a narrativa se desenrola revelando, com ritmo e bom humor, os sonhos e angústias de meninos e meninas diante de cada situação, com direito a passagens hilárias causadas pela difícil comunicação entre os sexos.

[Compre agora e leia](#)



clarice lispector
o mistério
do coelho pensante
e outros contos



O mistério do coelho pensante e outros contos

Lispector, Clarice

9788581226071

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que têm em comum um coelho, uma galinha, um cachorro e dois peixinhos vermelhos? Protagonistas dos livros infantis de Clarice Lispector, o coelho Joãozinho, a galinha Laura, o cão Ulisses e os

"vermelhinhos", como eram conhecidos os peixes, estão agora reunidos no lançamento *O mistério do coelho pensante e outros contos*, que traz as quatro histórias escritas por Clarice

especialmente para as crianças num único volume, delicadamente ilustrado pela artista plástica Flor Opazo.

Reconhecida pela crítica literária brasileira e estrangeira como uma das maiores escritoras do século XX, Clarice Lispector deixou também um importante legado para a literatura infantil com a publicação de *A mulher que matou os peixes*, *A vida íntima de Laura*, *O mistério do coelho pensante* e *Quase de verdade*, histórias que seguem encantando gerações décadas após a sua publicação.

Narradas em tom coloquial e muito próximo do cotidiano infantil, as histórias de Clarice Lispector revelam uma autora que, além de conhecer muito de perto o imaginário dos pequenos, é alguém que sabe conversar com crianças com extrema sensibilidade e

perspicácia, tratando os sentimentos com delicadeza e falando direto ao coração.

[Compre agora e leia](#)



O mistério da estrela: Stardust Gaiman, Neil

9788579803932

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tristran ama a jovem mais bela do vilarejo de Muralha. Para ser correspondido, ele atende aos caprichos da moça e lhe faz uma promessa quase impossível de cumprir. Uma estrela cadente que ambos veem cair do céu valerá a mão de Vitória em casamento.

A determinação de trazer a estrela para o vilarejo fará com que o rapaz burle todas as regras e siga para a Terra Encantada, onde supostamente a estrela está. Então, Tristran se vê cercado por piratas voadores, gnomos guerreiros, bruxas esquisitas e sedentas

por beleza e princesas do mal. Um mundo de magia está diante dele e tem início um conto de fadas surpreendente e nada convencional.

Neste lugar, os caminhos podem ser belos e sombrios, tristes e alegres, suspeitos e óbvios, mas sempre cheios de segredos. E

todos, não só Tristran, estão em busca daquela que parece guardar a solução para todos os problemas do reino mágico. Acontece que a estrela está triste e sem esperança. O maior desafio do jovem apaixonado, então, será fazer a estrela brilhar novamente.

Eis a trama do conto de fadas moderno **O mistério da estrela -**

Stardust, do cultuado escritor e quadrinista inglês Neil Gaiman, autor do premiado juvenil *Coraline* e do infantil *Os lobos dentro das paredes*. A publicação recupera o texto em prosa que deu origem à

famosa história em quadrinhos, que chegou às telas do cinema em 2007, com estrelas como Claire Danes, Michelle Pfeiffer, Robert De Niro e Sienna Miller no elenco.

[Compre agora e leia](#)

Document Outline

- [Folha de rosto](#)
- [Dedicatória](#)
- [Sumário](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Glossário](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Créditos](#)
- [A Autora](#)

Table of Contents

Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Glossário
Agradecimentos
Créditos
A Autora